



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA-UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA- PPGH**

Lúcio Vânio Moraes

**MERCADO RELIGIOSO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS:
A Congregação de Santa Catarina no município de
Araranguá-SC (1951-1982)**

Tese submetida ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como parte dos requisitos para obtenção do título de **Doutor em História Cultural**

Orientador: Dr. Artur Cesar Isaia

Coorientador: Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma

Florianópolis (SC)
2013

**Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC**

MORAES, Lúcio Vânio

**MERCADO RELIGIOSO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS: A
Congregação de Santa Catarina no município de Araranguá-SC
(1951-1982) / Lúcio Vânio MORAES ; orientador, Artur Cesar
ISAIA ; coorientador, Marcos Fábio Freire MONTYSUMA.
Florianópolis, SC, 2013.
395 p.**

**Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa
de Pós-Graduação em História.**

Inclui referências

**1. História. 2. História da Educação. 3. Congregação de
Santa Catarina. 4. Campo Religioso. 5. Mercado Religioso.
I. ISAIA, Artur Cesar. II. MONTYSUMA, Marcos Fábio Freire
. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em História. IV. Título.**

**Mercado religioso e práticas pedagógicas:
A Congregação de Santa Catarina no município de
Araranguá - SC (1951/1982).**

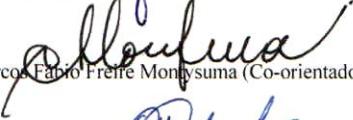
Lúcio Vânio Moraes

Esta Tese foi julgada e aprovada em sua forma final para obtenção do título de:

DOCTOR EM HISTÓRIA CULTURAL

Banca Examinadora

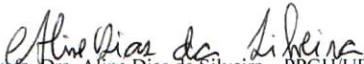

Prof. Dr. Artur Cesar Isaia (Presidente e Orientador) – PPGH/UFSC


Prof. Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma (Co-orientador) – PPGH/UFSC


Prof. Dr. Gladir da Silva Cabral – PPGE/UNESC


Prof. Dr. Gerson Machado – MASJ/FCJ


Profª. Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte – PPGE/UFSC


Profª. Dra. Aline Dias da Silveira – PPGH/UFSC


Profª. Dra. Roselane Neckel (suplente da casa) – PPGH/UFSC

Prof. Dr. José Jorge de Moraes Zacharias (suplente da fora) – UNIPAULISTANA


Profª. Dra. Eunice Sueli Nodari
Coordenadora do PPGH/UFSC
Florianópolis, 25 de junho de 2013.

Dedico este trabalho às pessoas que muito amo e que me fazem feliz: minha querida mãe Lorena, ao meu pai Lúcio, à minha especial companheira Déia, aos meus queridos irmãos Luciano (in memoriam), Ivanilso e Ivanor.

AGRADECIMENTOS

“Bendize, ó minha alma, ao Senhor, e tudo o que há em mim bendiga o seu santo nome! Não esqueço nenhuma das suas bênçãos!”

Salmos 103.1

Realizar a pesquisa e escrever a tese é um ato individual e solitário, por um lado, mas que envolve diversas pessoas que se solidarizam em admirável apoio, em todos os momentos, em especial naqueles que mais precisamos de ajuda e atenção. Confesso que sou devedor a muitas pessoas! Só cheguei aqui porque tive ajuda de pessoas às quais eu sou muito grato e para elas dedico o meu eterno agradecimento.

Ao professor Dr. Artur Cesar Isaia, um profissional excelente, competente, comprometido com a academia e que tem paixão pelo que faz, que entendeu as minhas limitações, mas que soube exigir, orientar, mostrar os erros e apresentar caminhos para corrigí-los. Muito obrigado por tudo professor Artur! Você é uma pessoa maravilhosa! Um grande homem de Deus!

Ao coorientador desta tese, professor Dr. Marcos Fábio Freire Montysuma, pelas valiosas orientações e seriedade profissional. Obrigado também pelas significativas contribuições no processo de qualificação.

Sou imensamente grato também:

À minha mãe, Lorena, mulher de coragem, pessoa especial, querida por quem sou admirador e eterno devedor. Muito obrigado pelo seu grande esforço de mãe que tem o prazer de ver seus filhos bem. Obrigado mãe!

Ao meu pai, Lúcio, que mesmo em suas limitações tem contribuído para o meu crescimento em minha trajetória.

Aos meus queridos irmãos Ivanildo e Ivanor, pessoas que tanto amo. Obrigado pelo apoio e carinho nos momentos em que mais precisei de vocês.

A todos os meus familiares que torceram de forma especial

para as minhas conquistas.

À minha companheira Déia. O seu carinho, atenção e compreensão foram fundamentais para todo o processo de pesquisa e escrita da tese. Aliás, o seu incondicional apoio perdura desde quando nos casamos, quando estava envolvido no Mestrado. Agradeço pelo amor que nos faz ser felizes. Obrigado também pelas digitações dos documentos escritos e das entrevistas.

Ao professor Dr. Gladir da Silva Cabral, pessoa pela qual possuo muito apreço e carinho. Com a sua bela orientação no mestrado em Educação abriu-me as portas para o doutorado. Sou grato de modo especial pelas considerações na banca de qualificação e defesa desta tese.

À professora Dra. Elza Daufenbach Alves, pela leitura e significativas sugestões na banca de qualificação que enriqueceram mais este trabalho.

Aos membros da banca examinadora, que aceitaram o convite para a defesa deste trabalho. Sou grato ao professor Dr. Gerson Machado, professora Dra. Cristiana de Azevedo Tramonte, professora Dra. Aline Dias da Silveira, professora Dra. Roselane Neckel e professor Dr. José Jorge de Moraes Zacharias. Com certeza, esta tese foi concluída com as valiosas contribuições desses professores.

À coordenação do Programa de Pós-Graduação em História (PPGH-UFSC), na pessoa da professora Dra. Eunice Sueli Nodari, e, em nome dela ao corpo de docentes do (PPGH-UFSC), em especial professora Dra. Cristina Scheibe Wolff e Ana Lúcia Vulfe Notzold, com as quais tive aula.

À Maria de Nazaré Wagner e Cristiane Valério de Souza, pessoas que deixaram seu belo trabalho na Secretaria do (PPGH-UFSC).

A Tiago Pires, atual secretário do PPGH-UFSC, sempre tão solícito e atencioso.

Ao secretário de estado da Educação de Santa Catarina, sr. Eduardo Deschamps. Em nome dele agradeço à coordenadora do Programa de Bolsas do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento de Educação Superior (FUMDES), professora Marlene de Oliveira, e toda a equipe do setor da Educação Superior. O auxílio financeiro do FUMDES foi imprescindível para a consecução da minha pesquisa, sem o qual teria sido ainda mais difícil concluir este trabalho.

Aos padres, pastores e demais líderes religiosos dos municípios de Maracajá (SC), Araranguá (SC), Sombrio (SC), Cocal do Sul (SC), Criciúma (SC), Tubarão (SC) e Florianópolis (SC), pela confiança por ter permitido um estranho (para alguns que não me conheciam) ter acesso a pesquisar os documentos eclesiais.

As religiosas da Casa “Lar São José”, no município de Maracajá, da Casa da Criança e do Adolescente Madre Regina em Araranguá, da Casa Provincial Sul-Brasileira, em Novo Hamburgo (RS) e Casa Madre Regina em Petrópolis (RJ). Por meio das coordenadoras, estendo meus agradecimentos às secretárias que viabilizaram contatos e acessos aos arquivos. Durante minhas pesquisas no arquivo, aprendi muito ao estar no meio das religiosas e percebi o quanto é importante também registrar a história dessas mulheres.

Aos diretores, coordenadores e técnicos em cultura, biblioteca do Centro Cultural de Araranguá, do Centro Histórico Cultural Avetti Paladini Zilli em Maracajá, Arquivo Histórico Cultural de Tubarão, Fundação Municipal de Cultura de Criciúma e da Biblioteca do Estado de Santa Catarina.

Aos secretários da Prefeitura Municipal de Araranguá (SC).

À secretária da Unidade Central de Saúde Bom Pastor, Evelyn Elias, e em nome dela aos funcionários que concederam-me muitos indícios importantes para a pesquisa.

A todas as pessoas que nos concederam entrevistas e foram essenciais para a escrita desta tese. Muito obrigado pelo tempo disponibilizado aos meus questionários.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Curso de História da UNESC, em especial Dr. Dorval do Nascimento, Dr. João Henrique Zanelatto, Dr. Carlos Renato Carola, Dra. Giani Rabelo, Dra. Marli de Oliveira Costa, Dr. Antônio Luiz Miranda, MSc. Lucy Cristina Ostetto e doutorando Paulo Sérgio Osório.

Faço um agradecimento especial aos amigos Carlos Roberto Massulo (Beto), Andréia Eli Machado (Déia) e Carlos Eduardo Massulo Machado (Dudu), que me abrigaram durante a minha presença em Florianópolis para as disciplinas do doutorado. Sou imensamente grato pela confiança. Por meio deles, agradeço à Maria Bernadete Machado (Jóia) e a todos da família Machado.

À Rosângela Calza, professora de Língua Portuguesa que

realizou um belo trabalho na correção da tese.

Finalmente, agradeço a todos os colegas da UFSC, das igrejas e demais universidades, em especial pastor Alci Almiro Sagás (Pr. Presidente da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Maracajá), MSc. Jairo Cesar, Dr. Gerson Machado, doutorando Pedro Paulo Amorim, professor Tiago Weber, Dra. Vanda Fortuna Serafim, doutorando Carlos E. Millen Grosso, professor Denner Lucas Casagrande, professora Paula Nola, sr. Wagner da Rosa e sr. Everaldo João Pereira pelas discussões, apoio e trocas de ideias na pesquisa.

A característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser 'vendida' para uma clientela que não está mais obrigada a 'comprar'. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo.

(BERGER, 1985)

RESUMO

A presente tese tem como objetivo analisar as disputas religiosas e pedagógicas, fundamentando-se na lógica de mercado, inerente à concepção de campo religioso de Pierre Bourdieu. Nessa visão, estudam-se as reelaborações pastorais e pedagógicas propostas por alguns porta-vozes religiosos. A delimitação espacial é o município de Araranguá e a temporal, os anos de 1951 a 1982. Salienta-se, nesse contexto, a presença da Congregação de Santa Catarina em Araranguá. Assim, chega-se às práticas pedagógicas instauradas pelas religiosas da Congregação, enfatizando sua ação como competição mercadológica após o surgimento de outras empresas religiosas no referido município. Nessa situação de mercado religioso, tornaram-se visíveis na pesquisa, igualmente, as práticas pedagógicas de outras agências religiosas, como o Espiritismo, a Igreja Luterana e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus.

Palavras-chave: História da Educação. Congregação de Santa Catarina. Campo Religioso.

ABSTRACT

The present thesis aims to analyse the disputes religious and pedagogical, based of the market logic, inherent in the religious field conception of Pierre Bourdieu. In this view, we study the reelaborate pastoral and pedagogical proposals by some religious spokesmen. The spatial delimitation is the municipality of Araranguá and temporal, the years 1951 to 1982. Stresses, in this context, the presence of the Congregation of Santa Catarina in the valley of Araranguá. Thus, one comes to the pedagogical practices implemented by the nuns of the congregation, emphasizing its action as market competition, after the emergence of other religious enterprises in the municipality. In this situation of religious market, became visible in the research, also the pedagogical practices of other religious agencies such as Spiritism, the Lutheran Church and the Evangelical Church Assembly of God.

Keywords: History of Education. Congregation of Santa Catarina. Religious Field.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa brasileiro	57
Figura 2- Mapa da Província Sul-Brasileira	58
Figura 3- Mapa da AMESC	61
Figura 4- Cônego João Dominoni	62
Figura 5- Madre Geral Maria Margarida Krause (sentada), sua secretária ir. Maria Alberta Jagalski com grupo de juvenistas, em Cocal	64
Figura 6- Primeira igreja matriz de Araranguá em 1864.....	69
Figura 7- Vista aérea da cidade de Araranguá (2009)	70
Figura 8- Mapa da AMESC	71
Figura 9- Segunda igreja matriz (1909)	72
Figura 10- Procissão em frente a segunda igreja matriz de Araranguá (1916)	73
Figura 11- Página do jornal A Verdade , 28/3/1929	80
Figura 12- Página do jornal Campinas , 28/6/1936	81
Figura 13- Página do jornal Campinas , 12/7/1936	83
Figura 14- Capa do jornal Campinas , 24/10/1937	87
Figura 15- Página jornal Campinas , 3/11/1937	89
Figura 16- Capa do jornal O Sul , 17/5/1964	92
Figura 17- Loja maçônica em Araranguá	108
Figura 18- Representação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus sendo queimada (1948).....	110
Figura 19- Antiga sede do hospital Bom Pastor	121
Figura 20- Pe. Antônio Luiz Dias	123
Figura 21- Imagem da Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens	126
Figura 22- Afonso Ghizzo.....	132
Figura 23- Ir. Maria Hilária Brommerschenkel (1950).....	139
Figura 24- Ir. Maria Agatônia Klingenberg	140
Figura 25- Hospital Bom Pastor	144
Figura 26- Imagem inauguração do hospital Bom Pastor	145
Figura 27- Hospital Bom Pastor	147
Figura 28- Primeira comunidade da Congregação de Santa Catarina (1951)	148
Figura 29- Regina Protmann (1552-1613)	156
Figura 30- Unidade Central de Saúde Bom Pastor	168
Figura 31- Crucifixo na Unidade Central de Saúde Bom Pastor	170

Figura 32-	Página do livro Tombo da Paróquia (1959).....	177
Figura 33-	Imagem que representa o batismo	185
Figura 34-	Imagem que representa o batismo dos protestantes (1960)	188
Figura 35-	Ícones religiosos na atual capela do Bom Pastor ..	220
Figura 36-	Ícones religiosos na atual capela do Bom Pastor ..	224
Figura 37-	Sr. Osmar Nunes (2011).....	235
Figura 38-	Digitalização livro Tombo (1966)	243
Figura 39-	Religiosas nas visitas em comunidades rurais.....	261
Figura 40-	Mulheres no curso	262
Figura 41-	Comunhão pascal dos assistidos	265
Figura 42-	Comunhão pascal dos assistidos	265
Figura 43-	Comunhão pascal dos assistidos	266
Figura 44-	Doação de alimentos (1966).....	267
Figura 45-	Doação de alimentos (1966).....	269
Figura 46-	Digitalização livro Tombo da Paróquia de Araranguá. “Dia do Catecismo” (25/8/1963).....	272
Figura 47-	Construção da casa das religiosas (1959)	278
Figura 48-	Casa das religiosas (1959)	279
Figura 49-	Casa das religiosas (2011)	279
Figura 50-	Interior da capela Casa do Menor e Adolescente ..	281
Figura 51-	Juvenistas do Colégio Madre Regina (1963)	284
Figura 52-	Padre Santos Sprícigo (1952)	290
Figura 53-	Ir. Maria Carista Gawronski	291
Figura 54-	Interior da sala de aula (1956).....	295
Figura 55-	Interior da sala de aula (1956).....	297
Figura 56-	Primeira turma da escola (1957)	298
Figura 57-	Novo prédio do Colégio Madre Regina (1959).....	300
Figura 58-	Sala de ciências (1959)	301
Figura 59-	Regimento Interno (1956).....	313
Figura 60-	Página do livro Tombo (agosto de 1956)	319
Figura 61-	Organização do projeto de mercado da Igreja Católica em Araranguá.....	320
Figura 62-	Primeira Comunhão para meninas (1956)	324
Figura 63-	Primeira Comunhão para meninos (1956)	325
Figura 64-	Álbum de Catecismo (1957)	328
Figura 65-	Álbum de Catecismo (1957)	329
Figura 66-	Projetos pastorais de mercado da Igreja Católica em Araranguá.....	331
Figura 67-	Religiosas lecionando catequese (1961).....	332
Figura 68-	Religiosas lecionando catequese (1961).....	334

Figura 69- Maria do Carmo Almirão (2011)	336
Figura 70- Capa do Catecismo (1956).....	338
Figura 71- Avaliação da disciplina Religião (1966).....	340
Figura 72- Antônio Caetano de Souza e Maria Terezinha Nunes de Souza (2011).....	343
Figura 73- Avaliação da disciplina Religião e Formação Moral do Colégio Madre Regina (16/11/1963).....	345
Figura 74- Cônego Paulo Hobold (1961)	358
Figura 75- Assembleianos em frente ao templo apedrejado em Araranguá (1960)	361
Figura 76- Digitalização “Livros Recreativos” (1959).....	366

LISTA DE TABELAS

Tabela 1- Resumo anual da Paróquia de Araranguá 1941 a 1950.....	94
Tabela 2- Panorama geral do campo religioso no município de Araranguá (1940-1950).....	96
Tabela 3- Quantidade de batizados no hospital Bom Pastor (1951-1966).....	191
Tabela 4- Número de pacientes frequentaram o hospital Bom Pastor (1955-1965)	228
Tabela 5- Levantamento das visitas domiciliares.....	250
Tabela 6- Distribuição das escolas no município de Araranguá.....	321
Tabela 7- Conteúdos do Colégio Madre Regina para Exame Final (1963)	344
Tabela 8- Relação de principais livros da biblioteca Madre Regina. Seção Recreativa (1960)	364
Tabela 9- Relação de principais livros da biblioteca Madre Regina. Seção Religião.....	365

DIAGRAMA

Diagrama 1- Empreendimentos pastorais de frei Tiago M. Coccolini (1945)	101
Diagrama 2- Atuação da maçonaria em Araranguá (1948).....	107
Diagrama 3- Práticas pedagógicas das religiosas no âmbito escolar e não escolar	152
Diagrama 4- Práticas pedagógicas das religiosas e acúmulo de capital simbólico	158
Diagrama 5- Práticas pedagógicas das religiosas no âmbito não escolar	174
Diagrama 6- Ações das religiosas e dos leigos no hospital Bom Pastor (1955).....	207
Diagrama 7- Visitas das religiosas nas residências em Araranguá.....	249
Diagrama 8- Ações nos questionários das religiosas.....	256
Diagrama 9- Campanha de evangelização da Igreja Católica no campo religioso em Araranguá	273
Diagrama 10- Cultura escolar produzida no Colégio Madre Regina (1959).....	306
Diagrama 11- Atuação da Igreja Católica nos locais públicos de Araranguá (1951/1982).....	348

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- AALF**- Arquivo da Assembleia Legislativa de Florianópolis
AEF - Arquivo Eclesiástico de Florianópolis
APUESC - Arquivo Público do Estado de Santa Catarina – Florianópolis
ACSC - Associação da Congregação de Santa Catarina
AAPPSA - Associação dos Aposentados e Pensionistas de Araranguá
AMESC - Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense
AMO - Arquivo do Museu de Orleans
ARENA - Aliança Renovadora Nacional
AMREC - Associação dos Municípios da Região Carbonífera
BPESC - Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina
CSC - V.M- Congregação de Santa Catarina, Virgem Mártir
CPI - Comissão Parlamentar de Inquérito
CNBB - Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
FUMDES – Programa de Bolsas de Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento de Educação Superior.
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ITESC - Biblioteca do Instituto Teológico de Santa Catarina – Florianópolis
MEC - Ministério de Educação e Cultura
MDB - Movimento Democrático Brasileiro
OFM - Ordem dos Franciscanos Menores
OSM - Ordem dos Servos de Maria
PSD - Partido Social Democrata
PPGE - Programa de Pós-Graduação em Educação
PPGH - Programa de Pós-Graduação em História
PPCA - Programa de Assistência social
RS - Rio Grande do Sul
RJ - Rio de Janeiro
REB - Revista Eclesiástica Brasileira
SPAS – Serviço Paroquial de Assistência Social
SATC - Sociedade de Assistência ao Trabalhador do Carvão
SESI - Serviço Social da Indústria
SC - Santa Catarina
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina
UDN - União Democrática Nacional

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
1 O MERCADO RELIGIOSO E A PRESENÇA DA CONGREGAÇÃO DE SANTA CATARINA EM ARARANGUÁ - SC (8/6/1951)	36
1.1 A Igreja Católica defensiva e a presença das congregações religiosas no Brasil nos séculos XIX e XX	36
1.2 A presença das religiosas da Congregação de Santa Catarina no Brasil (16/6/1897)	48
1.2.1 Província Madre Regina: sede em Petrópolis, no Rio de Janeiro (16/6/1897)	52
1.2.2 Província Santa Catarina Sul-Brasileira: sede em Novo Hamburgo (RS) (10/7/1900)	53
1.2.3 Congregação de Santa Catarina no sul do estado de Santa Catarina - Distrito de Cocal – Urussanga (SC) (10/2/1950-13/12/1975)	59
1.3 Predominância do catolicismo e povoamento de Araranguá: assistencialismo religioso (1816)	65
1.4 Registros de situação de mercado em Araranguá (1930-1950)	76
1.5 Situação de mercado e lutas de representações entre as empresas no município de Araranguá (1950)	97
1.5.1 Frei Tiago M. Coccolini e articulações com a política local: hospital Bom Pastor e presença das religiosas em Araranguá (8/6/1951)	116
1.5.2 Chegada das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá (8/6/1951) e inauguração do hospital Bom Pastor (2/9/1951)	139
2 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E BENS DE SALVAÇÃO: AÇÕES DAS RELIGIOSAS NO HOSPITAL BOM PASTOR, INSERÇÃO SOCIAL E JUVENATO (8/6/1951 a 15/6/1966) ..	150
2.1 Práticas pedagógicas no hospital Bom Pastor: atenção à saúde física e a cura da alma	150

2.1.1 Hospital Bom Pastor: bens de salvação católicos e trânsito religioso	170
2.1.2 Sacramento do batismo no hospital e integração à Igreja Católica.....	180
2.1.3 A missa como produto católico de “cura da alma”	194
2.1.4 Símbolos de poder no hospital Bom Pastor	215
2.2 Situação financeira do hospital Bom Pastor e sombras de acusações contra as religiosas (1965)	224
2.2.1 Acusações contra as religiosas: fase angustiante para as religiosas na história do hospital Bom Pastor e saída na direção do hospital (14/6/1966).....	231
2.3 Visita domiciliar, evangelização e Igreja Católica: inserção social das religiosas no campo religioso de Araranguá (1951-1982)	247
2.3.1 Instruir as mães para a saúde da família.....	254
2.3.2 Cursos para as mulheres e predominância católica	261
2.3.3 Envolvimento com problemas sociais e acúmulo de capital simbólico.....	263
2.3.4 Doutrina Cristã, evangelização e trânsito religioso.....	269
2.4 Memória da construção da residência das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá e a vocação ao juvenato (12/1959-11/3/1961)	278
3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM ARARANGUÁ- SC (16/12/1955 a 31/12/1981).....	285
3.1 História da fundação da Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens, Escola Técnica de Comércio Madre Regina e Ginásio Madre Regina no município de Araranguá (1955-1959)	288
3.2 Pedagogia católica no âmbito escolar: evangelização para a Igreja Católica.....	304
3.3 Catecismo e comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica.....	316
3.4 Cultura escolar e trânsito religioso.....	339
3.5 Saída das religiosas do Colégio Madre Regina (31/12/1981).....	367
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	370
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	373
FONTES CONSULTADAS	388

INTRODUÇÃO

Nas últimas duas décadas, os municípios que integram a Associação dos Municípios da Região Carbonífera (AMREC¹) e a Associação dos Municípios do Extremo Sul Catarinense (AMESC²) foram cenários de pesquisas e estudos voltados aos mais diversos aspectos, a saber: religioso, cultural, político, social e econômico. Particularmente, há, nas duas regiões, uma significativa produção de trabalhos terminais de graduação, de mestrado e de doutorado, como também publicações de artigos e ensaios em revistas especializadas, sendo, na maioria das vezes, subvencionadas pelos poderes públicos e privados, como, por exemplo, empresas, prefeituras, órgãos estaduais e federais.

Na região da AMREC, destacam-se estudos, sobretudo, ligados às questões do processo de povoamento, colonização, dinamização econômica e, principalmente, à problemática do complexo carbonífero sul catarinense, que é caracterizado pelas marcas profundas das atividades carboníferas tanto no campo cultural, político, quanto ambiental.³ Na região da AMESC, há

¹ Municípios que compõem a AMREC: Balneário Rincão, Cocal do Sul, Criciúma, Forquilha, Içara, Lauro Müller, Morro da Fumaça, Nova Veneza, Orleans, Siderópolis, Treviso e Urussanga.

² Municípios que compõem a AMESC: Araranguá, Balneário Arroio do Silva, Balneário Gaivota, Ermo, Jacinto Machado, Maracajá, Meleiro, Morro Grande, Passo de Torres, Praia Grande, Santa Rosa do Sul, São João do Sul, Sombrio, Timbé do Sul e Turvo.

³ Realizando uma breve busca de estudos, destaquei as pesquisas de ARNS, Otília (coordenação). **Criciúma 1880-1980. "A Semente deu Bons Frutos"**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985. NASCIMENTO, Dorval do. **Formação Histórica de Criciúma (1880-1930) – A Elite Dominante e a Formação da Cidade**. Monografia (Especialização em História). Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 1993. _____. **As Curvas do Trem: A Presença da Estrada de Ferro em Criciúma (1919-1975) - Cidade, Modernidade e Vida Urbana**. Criciúma: UNESC, 2004. _____. **Facetas da Urbe: Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma SC (1945/1980)**. Tese. (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2006. COSTA, Marli de Oliveira. **"Artes de Fazer". Recriando e Reiventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera - Criciúma (1945-1961)**. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 1992. _____. **O Tempo Atravessou a Vila. Memórias dos Moradores do Bairro Primeira Linha – Criciúma – SC/1892-2000**. Criciúma: Prefeitura Municipal/ Secretaria da Educação, 2001. _____. **Infâncias e "artes" das crianças: memórias, discursos e fazeres** (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950). 2009. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. CAROLA, Carlos Renato. **Dos**

também produções que discutem o processo de povoamento, arqueologia e pré-história do grande Araranguá, colonização, êxodo rural, modernização da agricultura e diversificação econômica.⁴

Subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964). Florianópolis: UFSC, 2002. _____ **Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930/1964).** (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004. BELLOLI, Mário; QUADROS, Joice; GHIDI, Ayser. **A História do Carvão em Santa Catarina.** Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002. BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza.** Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992. DAMAZIO, Ademir. **O desenvolvimento de conceitos matemáticos no contexto do processo extrativo do carvão.** 2000. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000. HEIDEMANN, Eugencia Exterkoetter. **O carvão em Santa Catarina (1918-1954).** Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981. MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga.** Prefeitura Municipal, 1980. RODRIGUES, Olinda Custódio. **A Instalação da CSN em Nova Belluno e “os respingos” da política do Estado Novo - décadas de 40 a 60.** 2001. (Monografia). (Especialização em História). Programa de Pós-Graduação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2001. BELOLLI, Mário. A colonização italiana na região de Criciúma (1880-1925). In: PIAZZA, Walter F. et al. **Italianos em Santa Catarina.** Florianópolis: Lunardelli, 2001. ALVES, Ismael Gonçalves. **As faces da Assistência social no setor carbonífero catarinense (Criciúma 1930-1960).** 2009. Universidade do Estado de Santa Catarina. (Dissertação em História). Florianópolis. GONÇALVES, Gesiel S. **O vento sopra onde quer. Primeiros anos da Igreja Assembléia de Deus em Criciúma.** Criciúma: Ed. do Autor, 2000.

⁴ Destacam-se as pesquisas de: HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930.** Porto Alegre: Palmarinca, 1994. DALL'ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá.** Gráfica Orion Editora. Araranguá 1997. _____ **Memórias do Araranguá.** Florianópolis: Lunardelli, 1987. MORAES, Lúcio Vânio; SOUZA, Odécia Almeida de. **Maracajá: outras memórias, novas histórias.** Florianópolis: Samec, 2009. REITZ, Raulino. **Paróquia do Sombrio progresso religioso e social: ensaio de uma monografia paroquial 1938-1948.** Imprimatur. Florianópolis. 1947. MORAES, Lúcio Vânio. **Memória escolar e campo religioso: identidade e imaginário católico na escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar – Maracajá (SC) (1959-1976).** Florianópolis: Insular, 2010. SOUZA, Odécia Almeida de. **Conflitos e mudanças- Os Xokleng e os imigrantes europeus no Vale do Rio Araranguá durante a segunda metade do século XIX.** 2005. Monografia de Pós-Graduação em História – UNESC, Criciúma (SC). MORAES, Lúcio Vânio. **História e Memória religiosa: Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Maracajá (SC) (1956-2006).** Maracajá: Ed. do Autor, 2008. SPRÍCIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados-entre fatos e números: a escravidão registrada na freguesia do Araranguá no século XIX.** 2003. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003. RONSANI, Gilberto. **Praia Grande: cidade dos canyons – 180 anos de história.** Ed. do Autor. Praia Grande. 1999. CAMPOS, Bernardino de Senna. **Memórias do Araranguá.** Seleção e coordenação do Padre João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1987.

Contudo, tratando-se de obras que propuseram estudos pelo viés do campo religioso e educacional, ambas as regiões, a meu ver, ainda carecem de pesquisas, principalmente, quando a temática é religião e educação tanto no âmbito escolar como no não escolar.

Tal argumento é consistente pelo fato de a maioria dos municípios que integram as regiões da AMREC e da AMESC terem presenciado, desde a primeira metade da década de 1940, até fins da década de 70, a diversificação econômica, o processo de dinamização religiosa e a situação de mercado.⁵ Isto é, nas duas regiões houve um “pipocar” de instituições religiosas que passaram a fazer parte do mosaico religioso, como os espíritas, umbandistas, protestantes, pentecostais e outros. Além dessas empresas do sagrado, as duas regiões foram, por iniciativas da Igreja Católica,⁶ palco de instalação de diversas congregações religiosas femininas e masculinas que desenvolveram suas práticas pedagógicas no campo religioso, educação e na área da saúde. Ou seja, analisando-se as congregações religiosas constituídas na AMREC e na AMESC entre os anos de 1938 e 1961, identifiquei que se instalaram na AMREC sete congregações religiosas, a saber: Irmãs Beneditinas da Divina Providência, Pequenas Irmãs da Divina Providência, Instituto Coração de Jesus, Pequenas Missionárias da Caridade, Filhas do Divino Zelo, Congregação de Santa Catarina e Instituto dos Irmãos Maristas. Na AMESC, diagnostiquei a presença de cinco congregações religiosas: Irmãs Sacramentinas de Bérnago, Irmãs Beneditinas da Divina Providência, Congregação de Santa Catarina, Congregação Josefinos de Murialdo e Ordem dos Servos de Maria.

É importante ressaltar que, pela expressiva quantidade de congregações religiosas e pela complexidade da situação de mercado que se desencadeou nas regiões da AMREC e da AMESC, há, sem dúvida, algumas pesquisas históricas que

⁵ As reflexões sobre a situação de mercado, as concorrências mercadológicas, disputas de mercado, competição mercadológica, comerciantes da religião, profissionais da religião, empresários da religião, agentes do sagrado, empresas do sagrado, empresas da salvação, consumidores dos bens do sagrado e agências religiosas possuem base nas discussões do sociólogo da religião Peter Ludwig Berger. Conforme: BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

⁶ No texto utilizarei o termo Igreja Católica para referir-se a Igreja Católica Apostólica Romana.

desdobram a temática religião e educação. No entanto, as leituras mostram que nenhuma dessas investigações abordou a temática com base no viés de Pierre Bourdieu, quer dizer, analisando a realidade empírica sob o prisma do campo religioso. Essas pesquisas demonstraram maior preocupação em produzir textos memorialísticos,⁷ os quais aqui aparecem como fontes.

Diante do exposto, dentro da temática religião, procurei trabalhar na tese com o conceito de “campo religioso” na acepção de Pierre Bourdieu, pois percebi que o aporte teórico desse pensador oferece caminhos para analisar e identificar as tensões existentes e as relações de poder entre os vários agentes sociais da Igreja Católica e de outras agências religiosas que fizeram parte do campo religioso na primeira metade da década de 50 no município de Araranguá. Pierre Bourdieu ressalta que todo o campo é marcado por lutas tensionais cuja finalidade é “conservar ou transformar”⁸ essa realidade. Segundo o autor, qualquer que seja o campo, ele é objeto de luta tanto em sua representação quanto em sua realidade.

Os agentes sociais estão inseridos na estrutura e em posições que dependem do seu capital e desenvolvem estratégias que dependem, elas próprias, em grande parte, dessas posições, nos limites de suas disposições.⁹

Para uma melhor compreensão acerca da concorrência mercadológica entre as empresas do sagrado no município de Araranguá, recorri às reflexões de Peter Ludwig Berger.¹⁰ Conforme o autor, altamente tributário de Pierre Bourdieu, ao pontuar a lógica de mercado religioso no campo da religião quanto à demanda e à oferta, efetivamente as instituições em

⁷ Exclusivamente quando se trata do processo de colonização de um município e/ou do registro da história de uma instituição religiosa. Porém, não há como descartar tais obras pelo fato de contribuir como fonte em nossas pesquisas.

⁸ BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009, p. 22. As reflexões sobre campo religioso, disputas no campo religioso, capital simbólico, acúmulo de capital simbólico, economia de forças, mercado de bens simbólicos, bens de salvação, poder simbólico, cura das almas e porta-vozes do sagrado possuem base nas discussões de Pierre Bourdieu.

⁹ Idem ibidem.

¹⁰ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op. cit.*

concorrência tendem a produzir bens simbólicos para acumular capital simbólico e, assim, impor o reconhecimento de seu monopólio, com a possibilidade de ser ouvidos e agregar público para determinada instituição religiosa. Nesse aspecto, a Igreja Católica, como as demais instituições religiosas, notando a presença de outras empresas do sagrado, que também na lógica de mercado possui o propósito de ofertar bens de salvação, procura acumular capital simbólico ao reelaborar seus planos pastorais pela mediação dos agentes do sagrado, no despertamento de ações materiais e espirituais a desenvolver na sociedade para sair vencedora em tal disputa. Dito de outra forma, tais agências religiosas almejavam que as pessoas consumissem os seus produtos. Conforme Peter Ludwig Berger,

não é difícil ver que essa situação terá conseqüências de longo alcance para a estrutura social dos diversos grupos religiosos. O que ocorre aqui, simplesmente, é que os grupos religiosos transformam-se de monopólios em competitivas agências de mercado. Anteriormente, os grupos religiosos eram organizados como convém a uma instituição que exerce um controle exclusivo sobre uma população de dependentes. Agora, os grupos religiosos têm de se organizar de forma a conquistar uma população de consumidores em competição com outros grupos que têm o mesmo propósito.¹¹

As reflexões de Pierre Bourdieu sobre poder simbólico permitem analisar as obras pastorais dos profissionais da religião e perceber que a Igreja Católica no período em estudo era detentora do poder simbólico. Nesse sentido, os bens simbólicos construídos garantem a determinadas instituições o poder e a legitimidade no campo religioso. De acordo com Pierre Bourdieu, o poder simbólico seria uma força estruturante que construiria a realidade, procurando dar sentidos que necessitariam ser reconhecidos como naturais, legítimos. Segundo ele,

¹¹ Idem.

o poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo [...] só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário.¹²

A tentativa nesta investigação não é reduzir a motivação dos agentes religiosos e o processo de reelaboração das suas práticas à dimensão meramente econômica. Mesmo porque, ao usar Pierre Bourdieu como referencial analítico, entendo que esse pensador longe está de reduzir a dinâmica do campo (e do mercado) religioso à lógica econômica. Embora mostre a similitude epistemológica entre a lógica econômico-mercantil e o mercado de bens simbólicos, Pierre Bourdieu afirma que

a teoria geral dos campos que, pouco a pouco se foi assim elaborando, nada deve, ao contrário do que possa parecer, à transferência mais ou menos repensada do molde de pensamento econômico, embora, ao reinterpretar numa perspectiva relacional à análise de Weber, que aplicava à religião um certo número de conceitos retirados da economia (como concorrência, monopólio, oferta, procura etc.), me achei de repente de propriedades gerais, válidas nos diferentes campos que a teoria econômica tinha assinalado sem delas possuir o adequado fundamento teórico.¹³

Examinando pesquisas acadêmicas que investigaram faces da Igreja Católica e das congregações religiosas na região da AMREC, e que atentaram sobre as práticas pedagógicas das religiosas¹⁴ no âmbito escolar e no não escolar, resalto as

¹² BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1999, p. 14.

¹³ BOURDIEU, Pierre. 2009. *Op. cit.*, p. 68.

¹⁴ No corpo deste trabalho, utilizarei as denominações “religiosas”, “freiras” e “irmãs” conforme consta nas fontes escritas e nos depoimentos orais.

pesquisas de Carlos Renato Carola,¹⁵ Marli de Oliveira Costa¹⁶ e Giani Rabelo.¹⁷ Particularmente, o que esses historiadores possuem em comum em suas investigações é o estudo da memória e cultura do carvão na região carbonífera de Santa Catarina, explorando as vilas operárias e o envolvimento das congregações religiosas em/nos programas de assistências sociais às famílias dos mineiros; isso pois, ainda que cada pesquisa possuísse seu problema central, esses historiadores acabavam estudando também as ações das religiosas em suas pesquisas.

Contudo, o estudo de doutoramento da pesquisadora Giani Rabelo é o que trata especificamente das congregações religiosas na região carbonífera em Santa Catarina, nos municípios de Criciúma, Nova Veneza, Urussanga, Braço do Norte, Içara, Lauro Müller e Siderópolis. Em seu objeto de estudo, a autora discorreu sobre as influências das religiosas e da Igreja Católica na educação das crianças e, respectivamente, no mundo do trabalho, abordando com evidência o trabalho social das religiosas, no afã de oferecer melhores condições de sobrevivência aos operários das minas de carvão. Nesse caso, o que difere a presente pesquisa com o estudo de Giani Rabelo é a perspectiva temática adotada pela autora em sua pesquisa histórica. Ou seja, o foco central é a análise da presença das religiosas em Araranguá, ressaltando a questão da situação de mercado e as reelaborações de evangelização da Igreja Católica. Por sua vez, a abordagem de Giani Rabelo é da temática religião por investigar as congregações religiosas; porém, a autora pressupõe que as cinco congregações religiosas que se instalaram na região da AMREC entre os anos de 1953 e 1982 foram solicitadas pelas empresas Serviço Social da Indústria (SESI) e Sociedade de Assistência ao Trabalhador do Carvão (SATC) para empreenderem trabalhos sociais, educativos e religiosos com as famílias nas vilas operárias de Criciúma. Em outras palavras, a preocupação da autora naquele momento não foi incorporar a situação de mercado em sua investigação.

Na região da AMESC, há do mesmo modo estudos em

¹⁵ CAROLA, Carlos Renato. *Op. cit.*

¹⁶ COSTA, Marli de Oliveira. *Op. cit.*

¹⁷ RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX.** 2007. Tese de Doutorado em Educação – UFRGS, Porto Alegre (RS).

diferentes perspectivas sobre o fenômeno religioso, que analisaram o envolvimento da Igreja Católica no processo de povoamento e estruturação dos municípios, como também as funções desempenhadas pelas congregações religiosas nas áreas da educação, saúde e inserção social. Assim, no município de Maracajá, há uma pesquisa de minha autoria,¹⁸ quando realizei o mestrado no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em que atentei à compreensão da presença da Congregação de Santa Catarina e das influências da Igreja Católica, baseando-se na noção de campo, na acepção de Pierre Bourdieu,¹⁹ intimamente relacionada com a situação de mercado, estudada por Peter Ludwig Berger.²⁰

No município de Sombrio, há também a dissertação da historiadora Vera Regina Alves Valerim, que contextualizou a biografia do pároco João Reitz, com questões provenientes do campo cultural, da economia e da política. A pesquisadora abordou as ações de evangelização desenvolvidas pelo pároco em Sombrio, com o envolvimento de duas congregações religiosas na paróquia que atuaram na educação e na saúde.²¹ De modo geral, a autora centralizou sua pesquisa em descrever a trajetória do pároco, apontando momentos em que o padre João Reitz teve boa aceitação da população sombriense e outras situações em que ele foi alvo de críticas por suas duras posições doutrinárias e teológicas.

Destaco ainda outras produções sobre o município de Sombrio, discorrendo os fatos, de forma cronológica, sem ater-se às devidas interpretações. Nesse sentido, há o livro do padre Raulino Reitz que visava enaltecer a imagem do seu irmão, padre João Reitz, baseando-se em diversos documentos oficiais da paróquia do período de 1938 a 1948.²² José Juventino

¹⁸ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op.cit.* Há também a pesquisa de FARIAS, Cristina. **O poder da Igreja Católica sobre a população maracajaense e a influência de frei Eusébio Ferreto (1956 a 1973)**. 2005. Monografia de Pós-Graduação em História – UNESC, Criciúma (SC).

¹⁹ BOURDIEU, Pierre. 2009. *Op.cit.*, p. 29.

²⁰ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*

²¹ VALERIM, Vera Regina Alves. **A cura das almas: Padre João Reitz e a comunidade da paróquia de Sombrio (1938/1963)**. Mestrado em História. UFSC: Florianópolis, 1996. Programa de Pós-Graduação em História.

²² REITZ, Raulino. **Paróquia de Sombrio**. Edição comemorativa do 10º aniversário da paróquia de Sombrio. Brusque. ed. do Autor: 1948.

Ferreira também produziu um livro nessa mesma perspectiva, focando questões econômicas, políticas, ambientais e religiosas de Sombrio.²³

Esse diagnóstico inicial das produções dos pesquisadores que estudaram, mesmo que indiretamente, o fenômeno religioso nas regiões da AMREC e AMESC, conquanto panorâmico e abrangente, justifica um dos motivos que instigou a desenvolver esta pesquisa.

Sendo assim, esta investigação tem exatamente o propósito de analisar as disputas religiosas tomando por fundamento/base a lógica do mercado, inerente à concepção de campo, no município de Araranguá entre as décadas de 1951 e 1982, objetivando identificar reelaborações pastorais desenvolvidas pelos profissionais da religião da Igreja Católica. Para explorar esse problema, foi necessário historicizar a presença da Congregação de Santa Catarina em Araranguá, a fim de visualizar as práticas pedagógicas instauradas pelas religiosas como competição mercadológica, após o surgimento de outras agências do sagrado no referido município.

Neste trabalho, a religião será encarada como um empreendimento humano, apresentada com uma aura de facticidade pelo discurso religioso, com o objetivo de impedir a percepção deste mesmo empreendimento. Desse modo, conforme Pierre Bourdieu,

[...] a religião contribui para a imposição (dissimulada) dos princípios de estruturação da percepção e do pensamento do mundo e, em particular, do mundo social, na medida em que impõe um sistema de práticas e representações cuja estrutura objetivamente fundada em um princípio de divisão política apresenta-se como a estrutura natural-sobrenatural do cosmos.²⁴

Ao se trabalhar com a temática religião, o pensamento de

²³ FERREIRA, José Juventino. **Sombrio: sua origem, seu povo e tradições**. Canoas: La Salle, 1972. Sobre Sombrio há também a obra de FARIAS, Vilson Francisco. **Sombrio. 85 anos. Natureza, história e cultura**. Sombrio: ed. do Autor, 2000.

²⁴ BOURDIEU, Pierre. 1999. *Op.cit.*, p. 33-34.

Peter Ludwig Berger é imprescindível ao alertar que o estudioso da religiosidade não deve se debruçar, para entender a religião, em sua “essência” ou “verdade”. A rigor, a religião deve ser investigada como fenômeno cultural dentro de uma perspectiva histórica e problematizada com a realidade sociocultural como construção humana.²⁵ Artur Cesar Isaia, dialoga com Peter Ludwig Berger, complementa essa ideia e igualmente salienta qual o posicionamento epistemológico ao pesquisar o fenômeno religioso. Segundo ele, a religião deve ser entendida

como um empreendimento construído dialeticamente pelos homens em seu relacionamento com o meio, tal qual se manifesta na realidade como fenômeno empírico. Encarada no âmbito da pesquisa histórica como atividade e da consciência humana, descarta-se aqui qualquer preocupação valorativa quanto à realidade ontológica do fenômeno religioso. Adota-se uma postura epistemológica na qual a religião é vista a partir unicamente de sua realidade empírica. A sua mensagem soteriológica e escatológica é encarada como um dado desta realidade.²⁶

Ainda com Artur Cesar Isaia, tal opção epistemológica remete a uma visão da ciência histórica como completamente separada dos estudos teológicos. Tal postura relaciona-se ao que denomina Peter Ludwig Berger de “ateísmo metodológico”. Ou seja, o historiador ou o cientista social deve encarar a religião apenas como projeção humana, deixando de lado a pretensão de poder chegar a algo diferente do ser que a projeta.²⁷

Seguindo esse pensamento, os estudos de Emile Poulat em “Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesial da História” alertam para os cuidados que o pesquisador deve ter ao desenvolver o estudo da religião, procurando manter o distanciamento do olhar teológico e assumir uma perspectiva

²⁵ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*, p. 21.

²⁶ ISAIA, Artur Cesar. **O cajado da ordem** – Catolicismo e projeto político no Rio Grande do Sul: D. João Becker e o autoritarismo. 1992. Tese Doutorado em História – USP, São Paulo, p. 10.

²⁷ Idem, p. 10-11.

laica, para ser histórica.²⁸ Nessa linha de pesquisa, Artur Cesar Isaia indica que a separação da religião “dos estudos teológicos e sua distância com um comprometimento *intra institutionis* apontam para a possibilidade de um êxito maior na tarefa de esclarecer os contornos de sua própria identidade e dos nexos que articulam a Igreja Católica à sociedade”.²⁹

O recorte temporal desta investigação se estende da primeira metade da década de 1951 até a primeira metade da década de 1982, não seguindo, obviamente, uma demarcação temporal e espacial de forma fixa ou rígida. A escolha da década de 1950 se justifica pela dinamização do campo religioso no município de Araranguá. Por outro lado, 1982, escolhida como delimitação final na pesquisa, demarca o término das práticas pedagógicas das religiosas da Congregação de Santa Catarina no Colégio Madre Regina.

A organização do *corpus* empírico somente foi possível por meio de um intenso trabalho nos arquivos de alguns municípios dos estados de Santa Catarina (SC), Rio Grande do Sul (RS) e Rio de Janeiro (RJ), que se estendeu ao longo dos quatro anos do doutoramento. Em Santa Catarina, pesquisei em Maracajá, Araranguá, Sombrio, Urussanga, Cocal do Sul, Criciúma, Tubarão, Laguna e Florianópolis. No Rio Grande do Sul, consultei os arquivos da Casa Provincial Sul-Brasileira, em Novo Hamburgo. Já no estado do Rio de Janeiro, pesquisei no arquivo da Casa Madre Regina em Petrópolis e na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro. O *corpus* empírico é composto por documentos textuais, orais e iconográficos. Os dados foram analisados e cotejados paralelamente com as definições teóricas por mim elegidas. Dentre os documentos textuais, analisei os livros Tombo das paróquias, livro Ata das igrejas protestantes e pentecostais, cadernos de rascunhos paroquiais, cartas, jornais, ofícios, decretos de leis, relatórios, livro Crônica, questionário ambulatório, recortes de jornais, jornalecos, panfletos, informativos, revistas, literaturas, diários de escola, certificados, telegramas, fichas escolares, livro de inspetor escolar, regimentos internos, fichas de visitas domiciliares e inventário.

Quanto à coleta de depoimentos, colhi as lembranças de

²⁸ POULAT, Emile. Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da História. *Revista Concilium*, Rio de Janeiro, n. 67, p. 811-24, 1971, p. 819.

²⁹ ISAIA, Artur Cesar. 1992. *Op. cit.*, p. 11.

43 entrevistados na faixa etária entre 47 a 94 anos de idade. Algumas entrevistas foram gravadas, sendo feita, posteriormente, a transcrição. Entre os entrevistados, quinze pessoas professam e/ou professaram a fé evangélica (protestante histórico e pentecostalismo), dezoito pertencentes ao catolicismo romano, quatro pessoas pertencentes à fé espírita e duas da religião Umbanda. Além disso, mesmo não se tratando de uma religião *stricto sensu*, foram entrevistados três maçons, já que a maçonaria possui uma relação direta com o campo religioso. Neste sentido, pode-se ler no documento que estrutura a franco-maçonaria, **As Constituições de Anderson**, datadas da primeira metade do século XVIII, que os maçons têm o livre exercício religioso garantido, exigindo-se que o adepto não seja um “estúpido ateu ou um irreligioso libertino”.³⁰ Ressalto também que no campo religioso brasileiro, como no europeu, a maçonaria tendeu à defesa do estado laico, portanto contrário às prerrogativas reclamadas pelo catolicismo. Um exemplo disso foi a comum aliança entre maçons, espíritas e protestantes contra as tentativas de institucionalização do ensino religioso nas escolas públicas.³¹

No tratamento das entrevistas, examinei alguns autores³² que discutem sobre o uso da fonte oral, história oral e memória. Assim, busquei fortalecer teoricamente em Paul Thompson,³³ Alistair Thompson,³⁴ Joan del Alcazar I. Garrido,³⁵ Antônio Torres Montenegro,³⁶ Marieta de Moraes Ferreira,³⁷ José Carlos Sebe

³⁰ ANDERSON, Jacob. **As constituições de Anderson**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7304299/Constituicao-de-anderson>>. Acesso em: 30/3/2012.

³¹ Ver neste sentido: ISAIA, Artur Cesar. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998, p. 103.

³² As reflexões de alguns desses autores não aparecem diretamente no corpo do texto, porém, foram fundamentais para orientar-me na realização das entrevistas e na análise dos depoimentos.

³³ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

³⁴ THOMPSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**, PUC – Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 1-29, abril 1997.

³⁵ ALCAZAR I GARRIDO, João. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/FAPE SP/ ANPUH/CNPq, v. 13, n. 25/26, p. 38-56, set. 1992/ago. 1993.

³⁶ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória**. São Paulo: Contexto, 1994. _____. História Oral: caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/FAPESP/ANPUH/CNPq, v. 13, n. 25/26, p. 7-15, set.

Bom Meihy,³⁸ Ecléa Bosi,³⁹ Pierre Nora,⁴⁰ Pedro de Abreu Funari,⁴¹ Edgar Salvadori de Decca,⁴² Maurice Halbwachs,⁴³ Jacy Alves de Seixas⁴⁴ e Sandra Jatahy Pesavento.⁴⁵

Na coleta dos testemunhos, fiquei atento quanto às representações que são feitas do passado com os olhos do presente, pois, como lembra a psicóloga social Ecléa Bosi, “na maior parte das vezes, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com as imagens e idéias (sic) de hoje, as experiências do passado”⁴⁶. Nesse sentido, compreendi e interpretei as narrativas históricas e discursos dos evangélicos, dos católicos, dos espíritas e dos adeptos da umbanda, pois, na qualidade de fiéis e líderes espirituais, produziram, transmitiram e reforçaram práticas, crenças e símbolos religiosos cuja importância reside no fato de perpetuarem convicções e valores dentro e fora do templo. Sendo assim, tive de estar atento ao proselitismo e vitimização dos narradores, como também aos silêncios, algumas falas de tolerâncias existentes nos testemunhos colhidos.

Sandra Jatahy Pesavento lembra que há relação direta entre a memória individual e social, relação esta que se tem

1992/ago. 1993.

³⁷ FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

³⁸ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral**. 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

³⁹ BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

⁴⁰ NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo: PUC/SP, Projeto História, n. 10, dez./1993.

⁴¹ FUNARI, Pedro de Abreu. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de História: memória, história e historiografia**. São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1993, p. 17-31.

⁴² DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e cidadania. In: DEPARTAMENTO do Patrimônio Histórico de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. **O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania**. São Paulo: DPH, 1992.

⁴³ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

⁴⁴ SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia (Org.). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

⁴⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

⁴⁶ BOSI, Ecléa. *Op. cit.*, p.14.

sempre em mente ao se trabalhar com as fontes orais. Assim, segundo a historiadora,

em primeiro lugar, o *gap* da temporalidade transcorrida entre a época em que teve lugar o acontecimento evocado e o momento em que se dá a evocação, ou seja, entre o tempo do vivido e o tempo do lembrado e narrado. O indivíduo que rememora amadureceu durante esse intervalo, ele reelabora o que viveu a partir do tempo transcorrido, no qual absorveu as decorrências da situação outrora experimentada. Aquele que lembra não é mais o que viveu. No seu relato já há reflexão, julgamento, ressignificação do fato rememorado. Ele incorpora não só o relebrado no plano da memória pessoal, mas também o que foi preservado ao nível de uma memória social, partilhada, ressignificada, fruto de uma sanção e de um trabalho coletivo. Ou seja, a memória individual se mescla com a presença de uma memória social, pois aquele que lembra, rememora em um contexto dado, já marcado por um jogo de lembrar e esquecer.⁴⁷

O trabalho está estruturado em três capítulos, cuja descrição faz-se a seguir: no primeiro capítulo, “O mercado religioso e a presença da Congregação de Santa Catarina em Araranguá – SC (8/6/1951)”, contextualizei inicialmente o universo da pesquisa, discorrendo a situação de mercado no Brasil, apresentando a problemática da Igreja Católica defensiva e o itinerário de instalação das congregações religiosas masculinas e femininas nos séculos XIX e XX em solo brasileiro. Descrevi a chegada da Congregação de Santa Catarina, no Brasil, em 16 de junho de 1897, especificando a constituição das províncias nos estados do Rio de Janeiro (RJ), Rio Grande do Sul (RS) e Santa Catarina (SC). No caso do estado catarinense, detive-me a apresentar o processo histórico de instalação e saída da Congregação de Santa Catarina no distrito de Cocal, em

⁴⁷ PESAVENTO, Sandra Jatahy. 2003. *Op. cit.*, p. 95.

município de Urussanga, entre 10 de fevereiro de 1950 e 13 de dezembro de 1975. Posteriormente, procurei oferecer visibilidade ao processo de instalação da Congregação de Santa Catarina no município de Araranguá em 8 de junho de 1951. A fim de compreender melhor esse processo, investiguei o povoamento de Araranguá, o assistencialismo religioso e a predominância do catolicismo. Enfatizei ainda, no primeiro capítulo, a situação de mercado, as lutas de representações entre a Igreja Católica e outras agências religiosas em Araranguá circunscrito de 1930 a 1950, atendo-se também ao posicionamento do frei Tiago M. Coccolini e às suas articulações com a política local. O objetivo do frei era trazer religiosas da Congregação de Santa Catarina para atuarem no hospital Bom Pastor.

No segundo capítulo, “Práticas pedagógicas e bens de salvação: ações das religiosas no hospital Bom Pastor, inserção social e juvenato (8/6/1951 a 15/6/1966)”, tive como foco principal problematizar a vinda da Congregação de Santa Catarina para o município de Araranguá, as investidas pastorais dos párocos e das religiosas na estruturação pastoral da paróquia, transformando o hospital Bom Pastor em um canal de mediação com o sagrado ao comercializarem os produtos católicos aos doentes e, de forma geral, aos funcionários. Ressaltei também as práticas pedagógicas protagonizadas pelas religiosas nas famílias carentes economicamente em Araranguá, como os cursos ministrados às mulheres, as visitas domiciliares, a preparação de meninas e moças no juvenato para a vocação religiosa. A preocupação central é verificar se tais empreendimentos foram meios de o pároco e as religiosas manterem o monopólio da Igreja Católica no mercado e impedir o trânsito religioso para outras empresas de salvação. Discorri, ainda, a respeito das situações econômicas do hospital Bom Pastor, os mexericos e acusações contra as religiosas e o processo de saída da Congregação da direção do hospital em 15 de junho de 1966.

No terceiro e último capítulo, “Práticas pedagógicas no campo da educação em Araranguá-SC (16/12/1955 a 31/12/1981)”, descrevi, primeiramente, o histórico de fundação da Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens, Escola Técnica de Comércio Madre Regina e Colégio Madre Regina, no município de Araranguá (1955/1959), com a finalidade de compreender o empenho do pároco Santos Sprícigo e do prefeito

municipal Walter Belinzone em trazerem as religiosas para atuar na educação. Em seguida, atentei às práticas pedagógicas no âmbito escolar, visibilizando o ensino catequético perpetrado pela Igreja Católica e pelas religiosas como um canal vantajoso de “evangelização para o catolicismo” e de combate às outras empresas de salvação. Evidenciei a cultura escolar do período em estudo, elegendo, para análise, o Catecismo, as literaturas, os relatórios de escola, o currículo, o Regimento Interno, as avaliações escolares, fotografias e outros documentos. O objetivo é identificar os desejos das religiosas e do pároco de comercializar aos estudantes os bens de salvação da Igreja Católica a fim de se manter predominante no mercado, conquistar mais adeptos para o catolicismo e, concomitantemente, impedir o trânsito de católicos para outras agências religiosas instaladas em Araranguá.

1 O MERCADO RELIGIOSO E A PRESENÇA DA CONGREGAÇÃO DE SANTA CATARINA EM ARARANGUÁ (SC) (8/6/1951)

1.1 A Igreja Católica defensiva e a presença das congregações religiosas no Brasil nos séculos XIX e XX

Para melhor entender a presença das congregações religiosas vindas para o Brasil no século XIX, e especialmente a Congregação de Santa Catarina em Araranguá, na segunda metade da década de 1950, inicialmente, devo levar em consideração o que estava ocorrendo com a Igreja Católica em fins do século XIX e na primeira metade do século XX. Ou seja, a chegada das congregações não pode ser compreendida à parte de movimentos históricos, econômicos, políticos, sociais e religiosos vividos no Brasil.

Desejo expressar, ainda, que não há intenção nesta subseção de abordar a história da Igreja Católica no período delimitado, até porque alguns historiadores e outros estudiosos do fenômeno religioso já desenvolveram pesquisas sobre o tema.⁴⁸

⁴⁸ OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. *Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro*, *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 36, fasc. 141, março de 1976, p. 131. MICELE, Sérgio. *A elite eclesiástica brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988. MANOEL, Ivan Aparecido. *O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)*. Maringá: Eduem, 2004. ISAIA, Artur Cesar. 1998. *Op. cit.* ARAÚJO, José Carlos Souza. *Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica*. São Paulo: Paulinas, 1986. AZZI, Riolando. *O estado leigo e o projeto ultramontano*. São Paulo: Paulus, 1994. v. 4. (História do pensamento católico no Brasil). _____. *O movimento brasileiro de Reforma Católica durante o século XIX*. In: *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis, v. 34, n. 135, p. 648, set./1974. CASALI, Alípio. *Elite intelectual e restauração da Igreja*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995. KREUTZ, Lúcio. *O professor paroquial: magistério e imigração alemã*. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991. LIMA, Maurílio César de. *Breve história da Igreja no Brasil*. Rio de Janeiro: RestauRO, 2001. LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. *A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso: 1889-1989*. São Paulo: Paulinas, 1991. SERPA, Élio Cantalício. *Igreja e poder em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997. WERNET, Augustin. *A Igreja Paulista no século XIX: a reforma de Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861)*. São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 120). ALGRANTI, Leila Mezan. *Honradas e devotas- mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750 - 1822*. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Edunb, 1993. BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a*

Neste trabalho, parto da ideia de que a Igreja Católica, nesse período, estava em uma posição defensiva, pois, ao sentir-se ameaçada, buscava consolidar o seu reconhecimento perante as propostas republicanas e, respectivamente, manter a predominância diante da expansão de outras instituições religiosas no campo religioso brasileiro. Desse modo, percebi que a chegada das congregações religiosas ao Brasil foi, sem dúvida, trazer profissionais da religião para suprir a carência de padres e contribuir no processo de restauração da Igreja Católica. Por isso, notei o grande investimento dos padres e bispos na solicitação de congregações, principalmente europeias, para atuarem em solo brasileiro.

Percebi, por meio da reflexão de alguns historiadores, que um dos grandes fatores que justificava a presença de congregações religiosas no Brasil foi o movimento denominado como romanização do catolicismo,⁴⁹ assim conhecido em razão de sua dependência direta da Cúria Romana. Esse

vontade: história da imigração italiana no Brasil: os Vênetsos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999. BESEN, José Artulino. Igreja e política em Santa Catarina. In: Revista Encontros Teológicos. Florianópolis, n. 19, p. 68-69, 1995. KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina.** Florianópolis: Papa-Livro, 1984.

⁴⁹ Um exame da historiografia recente, da qual só podem-se registrar algumas breves indicações, vem mostrar o conceito de romanização. Conforme Pedro A. Ribeiro, “o conceito de Romanização do catolicismo foi, em um primeiro momento, sugerido por Roger Batisde, e é com Ralph Della Cava, no livro **Miracle at Joazeiro**, que começam a ser discutidos os principais objetivos da Romanização. No caso, o autor afirma que partia do intento da Igreja restaurar o prestígio da religião e da ortodoxia dos fiéis, assim como formar um clero zeloso e exemplar, pelo qual as crenças e práticas religiosas no Brasil moldassem à fé católica, apostólica e romana da qual a Europa era porta-estandarte”. (OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. **Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro, Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 36, fasc. 141, março de 1976, p. 131). Convém ressaltar ainda o levantamento feito por Emanuela Souza Ribeiro, ao analisar que foram principalmente os historiadores ligados à Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA) que, a partir dos anos 1970, difundiram o conceito de romanização (RIBEIRO, Emanuela Souza. **Igreja e modernidade no Maranhão (1889-1922)**. 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003). Por sua vez, Jérry Roberto Marin chama a atenção para a tendência historiográfica de considerar a romanização “como um processo deliberado, intencional e racional, a partir de estratégias precisas, calculadas e homogêneas” (MARIN, Jérry Roberto. **História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. Revista de Ciências Humanas**, n. 30, out. 2001, p. 323). Segundo o autor, deve-se levar em conta que a romanização ocorreu de forma desigual no Brasil e que a pretendida homogeneidade eclesiástica nunca se configurou no real. Contudo, imagino ser possível, pelo menos no plano das metas definidas pela Santa Sé, que apostava num “projeto romanizador”.

reconhecimento religioso do poder espiritual do Pontífice Romano passou a ser denominado também como fé ultramontana.

O episcopado brasileiro fortaleceu esse movimento de reforma da Igreja Católica a partir das orientações da Sé Romana, pois, como a Europa já vivenciava o desejo de construção de uma igreja universal e centralizadora e, diante das transformações políticas europeias, produziu discursos em oposição ao liberalismo e ao cientificismo, representados pela Igreja Católica como destruidores da ordem e da harmonia estabelecidas.⁵⁰

Parafraseando o historiador Ivan Aparecido Manoel, a rejeição à modernidade se explicitou cabalmente nos escritos de papas como Gregório XVI, Pio IX, Leão XIII, Pio X, Pio XI e se realizou através de uma política de âmbito mundial, que a historiografia batizou de Ultramontanismo ou Romanização.⁵¹ Segundo o autor, entende-se por ultramontanismo “a política católica entre 1800 e 1960, assentada nos seguintes fundamentos, a saber: (1) condenação do mundo moderno; (2) centralização política e doutrinária na Cúria Romana e (3) adoção da medievalidade como paradigma sócio-político”.⁵²

De acordo com Sérgio Miceli, Pio IX (1846-1878) fundou o Pontifício Colégio Latino Americano em Roma (1858) com o propósito de incutir nos padres a mentalidade ultramontana e convocou os bispos para a realização do Concílio Vaticano I (1869-1870), ocasião em que, nas palavras de Sérgio Miceli e de Artur Cesar Isaia, chega ao extremo de afirmar o dogma da infalibilidade do Papa⁵³ e reforçar, do mesmo modo, a autoridade do bispo sobre sua diocese e a autoridade do padre sobre sua paróquia.⁵⁴

Maria José Rosado Nunes reforça ao dizer que, a partir da metade do século XIX, alguns bispos se esforçaram no sentido de “colocar ordem” na Igreja Católica do Brasil. No entanto, é apenas depois de 1889, com a Proclamação da República e a

⁵⁰ MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1988, p. 12-17.

⁵¹ MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: Eduem, 2004, p. 45.

⁵² Idem, p. 9.

⁵³ MICELI, Sérgio. 1998. *Op. cit.*, p. 12.

⁵⁴ ISAIA, Artur Cesar. 1998. *Op. cit.*, p. 17.

separação legal da Igreja Católica e do Estado, que o processo de recomposição institucional tem lugar. Um dos elementos fundamentais dessa reforma é o processo de “clericalização” do catolicismo brasileiro.⁵⁵

Foi em tal contexto que o episcopado brasileiro aderiu à romanização, assumindo traços conservadores com o intuito de manter o seu poder espiritual sobre os fiéis. Entre outros aspectos, a figura do padre se tornou indispensável, e a ação religiosa centrou-se em torno dos sacramentos, pois havia necessidade de formar um público mais dócil, retirando das irmandades, comandadas por leigos, seu peso político e religioso. Nessa linha de pensamento, concordo com Norberto Dallabrida ao afirmar que

[...] este modo mais austero e conservador do catolicismo procurava produzir fiéis disciplinados, piedosos, ordeiros, submissos à hierarquia clerical e civil, e praticantes dos sacramentos, que deveriam ser ministrados exclusivamente pelo clero.⁵⁶

Para que o processo de romanização no Brasil ocorresse de maneira harmoniosa, o episcopado brasileiro lançou mão, além da política da construção institucional,⁵⁷ da importação de ordens e congregações religiosas estrangeiras e de padres vinculados a congregações tradicionais, cuja formação deveria ser, obviamente, compatível com os interesses do projeto de romanização da Igreja Católica. De acordo com o historiador Sérgio Miceli, nesse investimento, a Igreja Católica é favorecida pelo fato de ocorrerem, nesse período, perseguições religiosas

⁵⁵ NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI, Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997, p. 491.

⁵⁶ DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o Ginásio catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001. p. 64.

⁵⁷ Sérgio Miceli estudou a expansão organizacional da Igreja Católica e afirma que a política de construção institucional levou a uma estadualização do poder eclesiástico, com a criação de pelo menos uma diocese em cada estado. Notei ainda que houve, no corpo eclesiástico da Igreja, a nomeação de bispos que já haviam inculcido a ideia do catolicismo ultramontano para as dioceses recém-criadas. Verifiquei também a nomeação de bispos ligados a importantes grupos oligárquicos regionais, demonstrando uma progressiva aliança com as elites políticas locais (MICELI, Sérgio. A expansão organizacional da Igreja e a “estadualização” do poder eclesiástico. In: MICELI, Sérgio. 1998. *Op. cit.*, p. 59-79).

em países como a Alemanha, França e Portugal; por outro lado, a reabertura de conventos, mosteiros e residências das ordens religiosas facilitou o recrutamento e a formação de uma nova geração de quadros para o clero.⁵⁸

Como já mencionado, a vinda de congregações religiosas para o Brasil foi um dos meios importantes da Igreja Católica na tentativa de romper com o catolicismo luso-brasileiro, como também de impedir o trânsito religioso e lutar contra o ateísmo nas escolas. Por tais motivos, as congregações religiosas, influenciadas pelas políticas da Sé Romana, foram orientadas a empreender ações pastorais em algumas áreas específicas, merecendo destaque no campo da saúde, da família e, principalmente, no campo da educação.

Nesse sentido, a Igreja Católica investia na constituição de uma grande rede de escolas católicas para meninos e meninas administradas por congregações religiosas. Além disso, quando ela não criava escolas confessionais, utilizava-se de escolas públicas para divulgar suas doutrinas.⁵⁹

Para melhor compreender as ações da Igreja Católica, quanto ao uso do espaço escolar com o intento de inculcar a doutrina católica no período em foco, cabe analisar que ela almejava reproduzir seu saber institucional e combater a “ignorância religiosa do povo”. Percebi aí uma problemática ainda maior, relativamente à primeira Constituição republicana de 1891, pois, como já verificado, a Igreja Católica tentava combater o Estado laico e, dessa maneira, impor um projeto educacional, sobrepondo-se aos ideais liberais, positivistas e laicos da nascente República. Como se sabe, após a instauração desse regime, o ensino da Igreja Católica nas escolas públicas foi vedado, e o ensino leigo, que na visão da Igreja Católica era considerado uma forma de ateísmo, passou a ser gradualmente introduzido no país.

No processo de reorganização da Igreja Católica no Brasil, foi depositado um papel especial na área da educação. Conscientes

⁵⁸ Idem, p. 53.

⁵⁹ Como já exposto, na pesquisa de Mestrado, estudei a história de uma escola pública, a EEB Manoel Gomes Baltazar em Maracajá (SC) e identifiquei que a Igreja Católica utilizou-se da referida escola para divulgar os seus ensinamentos aos estudantes (MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*)

da necessidade de influenciar em todos os aspectos da sociedade, o Episcopado Brasileiro partiu para a criação de Escolas Paroquiais.

Nesta perspectiva, o Episcopado encara a educação como uma forma privilegiada de combater o estado laico, a “ignorância religiosa do povo” e paralelamente assegura seu “status quo”.

Praticamente todos os documentos episcopais de 1890 a 1930 enfatizam a necessidade de uma atenção prioritária neste setor.⁶⁰

Reporto-me outra vez ao historiador Norberto Dallabrida ao estudar as ações dos agentes católicos vinculados à Companhia de Jesus, no Ginásio Catarinense, de Florianópolis. A partir da perda da condição de religião oficial e da supressão do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja Católica passou a reinventar a sua ação pastoral, procurando disseminar a ortodoxia romana. Com a finalidade de conquistar o seu rebanho espiritual, o clero católico brasileiro priorizou o investimento na infância, por meio da implantação do catecismo regular às crianças e do estabelecimento de instituições escolares católicas.⁶¹

Do mesmo modo, o historiador Frank Antônio Mezzomo, ao tentar compreender o projeto eclesiástico na diocese de Toledo (PR) e suas ações no campo da educação, analisou a produção eclesiástica no período republicano brasileiro, no que concerne às prioridades e objetivos a serem atingidos no campo educacional, e identificou entre os bispos uma disputa acirrada no sentido de fazer desse meio um locus por excelência com objetivos de consolidação do projeto católico de “restauração do mundo em Cristo” e afirmação de uma verdade absoluta.⁶² Evidentemente, o projeto romano e brasileiro de “restauração do mundo em Cristo” surgiu da estrutura maior da Igreja Católica e

⁶⁰ HEERDT, Moacir. **As escolas paroquiais em Santa Catarina 1890-1930**. Florianópolis : UFSC, 1992. (Dissertação de mestrado), p. 70.

⁶¹ DALLABRIDA, Norberto. 2001. *Op. cit.*, p. 17.

⁶² MEZZONO, Antônio Frank. **Religião, nomos e utopia: o catolicismo na colonização da região de Toledo (Paraná, 1940-1970)**. 2000. Dissertação de Mestrado em História – UFSC, Florianópolis (SC), p. 125.

foi sendo divulgado para as dioceses do Brasil, chegando às paróquias de alguns municípios, como, por exemplo, Laguna, Tubarão, Criciúma, Maracajá, Araranguá e Sombrio. Entretanto, não se deve generalizar que o projeto romano e brasileiro de “restauração do mundo em Cristo” atingiu realmente todas as dioceses e paróquias do Brasil.

Diversas reformulações internas da Igreja Católica tinham ocorrido, para que ela continuasse a se representar como a instituição redentora da humanidade. Mezzomo evidencia que já anteriormente à Constituição Republicana, sabendo da possível exclusão do ensino religioso nas escolas públicas, os bispos divulgaram a reclamação do episcopado Brasileiro ao Exmo. Chefe do Governo Provisório, em 6 de agosto de 1890, contestando veementemente a medida descabida e prejudicial ao desenvolvimento da Pátria.⁶³ Isto é, o ensino laico possibilitaria o desgaste da moral cristã e, conseqüentemente, o desmantelamento da vida familiar e dos “valores humanos”. A carta apontada no trabalho de Arthur Rabuske apresenta ainda tal preocupação pela “irreligião na escola”:

Não é sem o mais vivo horror que repercute nas profundezas de nossa alma o anátema evangélico, fulminando contra os que escandalizavam os pequeninos! Que maior pedra de escândalo do que a irreligião na escola? Eduque-se no ateísmo a geração que desponta, e bem depressa, diante dos vossos olhos contristados, aparecerão estiolados pelo vício esses corações juvenis, em que a Religião e a Pátria depositavam as suas fagueiras esperanças! Que tremendas maldições cairão sobre o nosso caro Brasil, se ele se tornar réu de tão enorme crime!⁶⁴

Nas palavras de Mezzomo, outras reações da estrutura clerical são levantadas, como, por exemplo, o Concílio Plenário Latino-Americano, realizado em Roma entre 28 de maio e 9 de julho de 1899 e a Pastoral Coletiva de 1915,

⁶³ Idem, p. 125 e 126,

⁶⁴ RABUSKE, Arthur. **Os inícios da república brasileira e a Igreja Católica**. São Leopoldo: UNISINOS, 1989, p. 23.

elaborada pelo episcopado brasileiro, apontando, desde a necessidade educacional nos moldes de um ensino catequético-pastoral, com pregações dominicais, até a sistematização de proposições e resoluções que revelam o caráter organizado e estruturado de uma educação católica. Deve aqui ser acrescentada, ainda, a realização do Concílio Plenário Brasileiro, em 1939.⁶⁵

Pablo Richard, em seu trabalho **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**, apresenta o nascimento de uma nova cristandade conservadora depois do período de crise da cristandade colonial (1808-1889), que ele distingue em duas etapas, a saber: uma conservadora antiliberal e outra populista, nacionalista e desenvolvimentista. Segundo o autor, a formação dessa nova cristandade coincide com a Primeira República (1889-1930).⁶⁶

Ainda de acordo com Richard, os fatores que possibilitaram a formação dessa nova cristandade são a separação entre Igreja Católica e Estado, a imigração do período de 1890 a 1940, a expansão do protestantismo e outras problemáticas que fizeram nascer uma igreja defensiva.

A 7 de janeiro de 1890 é publicado o decreto de separação da Igreja e do Estado. Neste período chega ao Brasil um contingente importante de imigrantes [...]. Há nesta época também uma expansão importante do protestantismo. É neste contexto que se realiza a restauração da Igreja brasileira: de um lado ela participa da expansão e da euforia da oligarquia, provocada pelo surto do café, mas, por outro lado, ela se defronta vigorosamente com o liberalismo e com o positivismo desta mesma oligarquia. É assim que nasce uma Igreja na defensiva, que se sente ameaçada pelo liberalismo e pelo

⁶⁵ MEZZOMO, Antônio Frank. *Op. cit.*, p. 126-127.

⁶⁶ RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 138.

protestantismo, em uma situação de separação entre a Igreja e o Estado, situação com a qual a Igreja não estava habituada.⁶⁷

Oscar Lustosa também comenta que a Igreja Católica temia a influência do positivismo e das ideologias secularizantes agnósticas sobre a nova constitucionalidade do regime republicano.

Assim, começou desde cedo a se mover em diversas frentes, procurando influenciar os meios pensantes, os escalões governamentais e as elites por intermédio da criação de colégios católicos.⁶⁸

O historiador Riolando Azzi, ao estudar a atuação das congregações religiosas masculinas no campo da educação, destacou que o catolicismo romanizado esboçou-se no Brasil em meados do século XIX, quando institutos religiosos europeus se estabeleceram no país, com o escopo de promoção educacional da juventude masculina, a saber: o Colégio do Caraça, em Minas Gerais, assumido em 1849 pelos lazaristas franceses; o Colégio São Luiz, de Itu, fundado em 1867 pelos jesuítas italianos; e o Colégio Santa Rosa, fundado pelos salesianos de Dom Bosco, na cidade de Niterói em 1883. Tais escolas eram os chamados “colégios de padres”.⁶⁹

É possível inferir na tese que algumas congregações religiosas que vieram para o Brasil foram peças fundamentais para a perpetuação do monopólio religioso da Igreja Católica na sociedade. Desse modo, analisando as reflexões do historiador Riolando Azzi sobre os papéis desenvolvidos pelas congregações religiosas, compreendi o quanto elas foram presentes até mesmo no processo de concorrência com outras empresas do sagrado no campo religioso. Para o autor, na Assembleia Episcopal realizada em São Paulo, em agosto de

⁶⁷ Idem ibidem.

⁶⁸ LUSTOSA, Oscar F. **A Igreja Católica no Brasil República**. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 45-47.

⁶⁹ AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade brasileira e a formação das dioceses no período republicano. In: OTTO, Clárcia; SOUZA, Rogério Luiz de Souza (Org.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008, p. 18-19. Ver também em: WERNET, Augustin. **A igreja paulista no século XIX**. São Paulo: Ática, 1987, p. 96.

1890, o presidente Dom Macedo Costa informava que diversos preladados já estavam convidando religiosos para atuarem na esfera educativa de suas dioceses. “Havia nisso uma razão marcadamente apologética: contrapor-se à expansão dos colégios protestantes.”⁷⁰

No contexto da presença de congregações no Brasil, existiu um número significativo igualmente das congregações religiosas femininas, que se enraizaram principalmente na área da educação e na saúde, assumindo hospitais e obras de caridade, pois, como assinala Maria José Rosado Nunes, deixaram de ter uma vida contemplativa nos mosteiros, para uma vida ativa de convivência com a comunidade. Ou seja, “diferentemente das freiras enclausuradas do período colonial, elas têm em seu projeto alguma forma de atuação social”.⁷¹

Importa mencionar que o número de congregações femininas no Brasil foi bem maior do que a presença de congregações masculinas. Nos dados levantados pelo historiador Oscar Beozzo, entre 1890 e 1930,

são fundadas no país ou chegam aqui dos vários países da Europa e mesmo de alguns países situados fora do continente europeu, 93 congregações femininas. Seu número é quase o triplo das 32 congregações masculinas do período republicano.⁷²

Essa disparidade é refletida ainda por Beozzo, ao afirmar que o envolvimento das congregações femininas não foi somente com a questão espiritual, mas também no social, como, por exemplo, ações nos serviços hospitalares e no ensino.

Dessa forma, como nesse período as mulheres enfrentavam um futuro profissional bastante limitado, passaram a perceber que na congregação haveria outras oportunidades, como estudar, por exemplo. Ou seja, as moças encontraram na vocação religiosa um caminho de realização não apenas

⁷⁰ AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade brasileira e a formação das dioceses no período republicano. In: OTTO, Clarícia; SOUZA, Rogério Luiz de Souza (Org.). **Faces do catolicismo**. *Op. cit.*, p. 19.

⁷¹ NUNES, Maria José Rosado. *Op. cit.*, p. 492.

⁷² BEOZZO, Oscar. História dos religiosos no Brasil. In: AZZI, Riolando (Org.). **A vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos. São Paulo: Ed. Paulinas, 1983, p. 127.

espiritual, mas também humana.

Isto explica talvez o rápido crescimento dos efetivos recrutados diretamente no Brasil. Pode explicar também a fundação de tantas congregações religiosas femininas no Brasil.⁷³

Outros motivos que Beozzo aponta para o crescimento das congregações femininas no Brasil entre a segunda metade do século XIX até 1930 são as ações sociais que alguns grupos repassaram aos cuidados das congregações, pois

[...] a falta de um seguro contra enfermidades e acidentes de trabalhos, são as Santas Casas que irão acolher as crianças órfãs e abandonadas. Na falta de uma Previdência Social que assegurasse uma aposentadoria aqueles, que apesar de tudo, alcançam uma velhice sem amparo, multiplicavam-se os asilos, naturalmente com religiosas para cuidar dos velhos. Assim, para velhos, doentes, crianças abandonadas, leprosos, cegos, acidentados, para toda esta humanidade colocada à margem e esquecida, inútil para a produção capitalista e ignorada pelo clássico Estado liberal não intervencionista, desabrochou a solicitude e misericórdia da alma feminina consagrada na religião.⁷⁴

Nessa mesma linha de pensamento, concordo com as reflexões da antropóloga Mirian Pillar Grossi, ao afirmar que as religiosas foram bem recebidas pelas autoridades brasileiras pelo fato de preencherem uma ausência no campo da saúde e da educação, áreas que naquele período estavam necessitadas e que foram abandonadas por alguns setores públicos.⁷⁵

Em linhas gerais, a vinda de congregações religiosas e de

⁷³ Idem, p. 124.

⁷⁴ Idem, p. 103-104.

⁷⁵ GROSSI, Mirian Pillar. **Conventos e celibato feminino entre camponesas do sul do Brasil**. Horizontes Antropológicos, n. 1, 1995, p. 50.

padres estrangeiros afinados às propostas do projeto de romanização do catolicismo para o Sul do Brasil ocorreu também pelo processo de criação dos núcleos coloniais de imigração italiana, alemã e polonesa. Mirian Pillar Grossi reforça essa ideia quando diz que

as congregações religiosas apostólicas se desenvolveram no Sul do Brasil paralelamente à imigração européia, que se inicia em 1822 com a chegada dos primeiros imigrantes alemães e continuará a crescer com a vinda de imigrantes italianos, poloneses e de outros grupos étnicos, no desenrolar dos séculos XIX, XX.⁷⁶

Quanto à presença das congregações religiosas em Santa Catarina, Artulino Besen ressalta que padres da Companhia de Jesus desempenharam, inicialmente, o papel de propagadores do catolicismo romanizado, mediante a organização de missões religiosas populares. Quando da restauração da Ordem Jesuítica, a Província Espanhola abriu uma casa no Desterro, em 1842, que durou até 1855 e cujos membros,

marcados pela experiência da supressão da ordem, mantiveram-se mais unidos ainda ao Papa e contrários à interferência do Governo na vida interna da Igreja. E, posteriormente, tivemos a experiência missionária Apostólica da Província Romana em Santa Catarina de 1865 a 1911.⁷⁷

De forma geral, a atuação das religiosas em áreas da educação, saúde e nas questões sociais/religiosas nos municípios não é uma peculiaridade da região Sul do Brasil ou dessa época. Ou seja, Michel Foucault, por exemplo, ao estudar os processos de disciplinarização nas fábricas do século XIX na Europa, analisou como a presença das congregações religiosas contribuiu para habituar os operários ao ritmo da fábrica. Segundo ele, em sua obra **Vigiar e punir**,

⁷⁶ Idem ibidem.

⁷⁷ BESEN, José Artulino. **Dois formas de catolicismo**: o processo de romanização. 1992. p. 2. (Mimeografado).

quando se quiser utilizar populações rurais nas indústrias, será necessário apelar para as congregações, para acostamá-las ao trabalho de oficina; os operários são enquadrados 'em fábricas conventos', pois, durante séculos, as ordens religiosas foram mestras de disciplina; eram os especialistas do tempo, grandes técnicos do ritmo e das atividades regulares.⁷⁸

A fim de situar melhor os leitores na escrita deste primeiro capítulo, no próximo subtítulo apresentarei, a propósito, um panorama geral da chegada da Congregação de Santa Catarina no Brasil. Abordarei, além disso, as práticas pedagógicas protagonizadas pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina na Província de Petrópolis no estado do Rio de Janeiro e na Província Sul-brasileira em 1908, no estado do Rio Grande do Sul.

1.2 A presença das religiosas da Congregação de Santa Catarina no Brasil (16/6/1897)

Para o desenvolvimento desta subseção, foi necessário buscar informações em obras de autores vinculados à Congregação de Santa Catarina, como Madre ir.⁷⁹ Maria Josefina Thiel,⁸⁰ ir. Maria Cecília Alice Petry⁸¹ e ir. Berenice Ziviane⁸² em virtude da escassez de produções sobre o assunto. De modo geral, verifiquei, nas três obras, que a presença das religiosas no Brasil está associada à ideia apresentada por Pablo Richard de

⁷⁸ FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis (RJ): Vozes, 1996, p. 137.

⁷⁹ No corpo do trabalho estarei abreviando a palavra irmã por "ir." ao referir-me às irmãs da Congregação de Santa Catarina.

⁸⁰ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. **Na força da semente...** Tradução de ir. Maria Amanda Luft e ir. Maria Áurea Endlich. Petrópolis: Vozes, 1966.

⁸¹ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. **A Nova e brilhante estrela**. História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 1º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

⁸² ZIVIANE, Ir. Berenice. **Regina conta sua História**. 4. ed. Petrópolis (RJ): Éditions du Signe, 1997, p. 25.

que a Igreja Católica, nesse contexto, encontrava-se em uma posição defensiva por possuir alguns inimigos,⁸³ o Estado e as diversas empresas do sagrado no campo religioso.

O livro de Ir. Madre Maria Josefina Thiel, produzido para a comemoração dos 60 anos das religiosas de Santa Catarina no Brasil, apresenta a situação religiosa e a educação da nação brasileira como um caos, desmantelada, em virtude dos resquícios da Proclamação da República e também pela infiltração de outras agências religiosas. As seguintes palavras da Madre refletem a situação daquele momento:

Vejamos a situação religiosa do Brasil, um pouco mais de perto! Lamentável e funesta é, entre os brasileiros, a ignorância nas verdades fundamentais da Religião. Por ocasião da Proclamação da República, em 1889, Igreja e Estado se tornaram independentes, e o ensino religioso excluído das escolas públicas, motivo também a que se atribui a posterior escassez de sacerdotes.

A fé católica, herança de seus antecessores portugueses, criou raízes profundas no povo brasileiro, mas, aos poucos, foi em parte obscurecida ou desfigurada, e conservou-se somente ainda um sentimento religioso indefinido, ligado a certas devoções, manifestações religiosas públicas, romarias, procissões, enquanto a consciência do dever religioso, que se traduz na participação dominical da Missa, confissão e comunhão pascal, começou a desaparecer.

Um grande perigo à verdadeira fé tornou-se o espiritismo que, infelizmente ainda hoje, sempre mais se alastra no Brasil. O povo brasileiro facilmente acredita em magias e forças ocultas, procura comunicar-se com os mortos, e isto que esperam encontrar no espiritismo. Também o povo, sem formação,

⁸³ RICHARD, Pablo. *Op. cit.*, p. 138.

não é capaz de distinguir uma mistura de descrença com as práticas católicas, sobretudo quando procuram persuadí-lo de que, mesmo freqüentando o espiritismo, pode receber os sacramentos e pertencer a associações religiosas.

Comunismo, maçonaria e seitas norteamericanas, que desenvolvem no Brasil uma múltipla atividade, contribuem, por sua vez, para extinguir a fé e a vivência católica.⁸⁴

As religiosas da Congregação de Santa Catarina Virgem Mártir chegaram ao Brasil em 16 de junho de 1897, solicitadas pelos frades franciscanos de Petrópolis, no estado do Rio de Janeiro. Quatro religiosas, provenientes de Braunsberg, Polônia, constituíram a primeira comunidade da referida congregação.

Ir. Berenice Ziviane descreve também como que as religiosas deram início às práticas pedagógicas no âmbito escolar, apresentando o momento inicial dos trabalhos com as crianças até o processo de construção de escolas.

A instrução era privilégio das classes ricas.

Os filhos dos pobres começavam a trabalhar desde pequenos e cresciam sem instrução. Então passamos a admitir crianças e meninas em nosso Convento para educá-las em honestidade e disciplina. Fundamos a escola. As crianças aprendiam o temor de Deus, as virtudes, a ler e a escrever; e o que era mais útil para a vida.

Era inédito para aquele tempo: Colégio para meninas! Outras cidades começaram a pedir Irmãs. Assim fomos abrindo novos conventos e escolas. O número de Irmãs crescia! Nossa moradia se tornara pequena.⁸⁵

Ir. Madre Maria Josefina Thiel salienta que desenvolver as práticas pedagógicas no campo da educação e na saúde foi um

⁸⁴ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. *Op. cit.*, p. 238.

⁸⁵ ZIVIANE, Ir. Maria Berenice. *Op. cit.*, p. 25.

dos principais fatores da vinda da congregação ao Brasil. Notei que as religiosas, ao chegarem ao solo brasileiro, fundaram uma escola para educar os filhos dos colonos alemães, em Petrópolis.

Também as Irmãs de Santa Catarina, desde sua chegada ao Brasil, reconheceram sua grande e sublime missão de ensinar as verdades da religião católica a crianças e adultos e de ajudar-lhes no cumprimento de seus deveres religiosos. Seria longo demais relatar, mesmo que fosse apenas um fragmento do que as Irmãs fizeram para instruir os ignorantes em seu mais importante e derradeiro momento. O que as Irmãs enfermeiras realizaram, neste sentido, está registrado no livro da vida e será um dia manifestado a todos.⁸⁶

Segundo Madre ir. Maria Josefina Thiel, em fins de 1897 chegaram ao Rio de Janeiro mais oito irmãs, que vieram para contribuir na execução dos projetos evangelísticos.⁸⁷

No início de 1898, estabeleceram-se também religiosas em Juiz de Fora (MG) para atender os doentes na Santa Casa de Misericórdia. Alguns anos mais tarde, fundaram, nessa cidade, a escola Santa Catarina, as quais desenvolveram diversos planos pastorais juntamente com o pároco local.⁸⁸

Em poucos anos, a congregação se expandiu no Brasil, chegando até ao estado do Rio Grande do Sul, na cidade de Porto Alegre, e ao Estado de São Paulo, constituindo uma única Província.⁸⁹

Analisando os registros de ir. Maria Cecília Alice Petry, percebi que o crescimento de religiosas deu-se pelo grande número de moças que se candidatavam ao juvenato.

As pioneiras da congregação exerceram um trabalho dinâmico e sempre foram animadas pela espiritualidade e pelo carisma da congregação, cujo vigor atraiu muitas jovens

⁸⁶ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. *Op.cit.*, p. 238.

⁸⁷ Idem, p. 239.

⁸⁸ Idem, p. 241.

⁸⁹ Idem, p. 236.

brasileiras sendo admitidas como membros da congregação.⁹⁰

Outro item importante ressaltado por Ir. Maria Cecília Alice Petry foram as valiosas colaborações financeiras da Casa Mãe, da Alemanha, as doações de benfeitores alemães e brasileiros, como, por exemplo, dos franciscanos de Petrópolis e dos monges beneditinos de São Paulo, sendo possível às religiosas adquirirem propriedades e construírem hospitais e escolas para exercerem seus serviços sociais.⁹¹

Ir. Maria Cecília Alice Petry resalta também que, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965), atendendo às solicitações de diversas igrejas no Brasil, as religiosas de Santa Catarina se estabelecem em diversas outras dioceses, em pequenas cidades do interior, em outros estados.⁹²

No Brasil, a Congregação de Santa Catarina possui duas províncias: a província Madre Regina, com sede em Petrópolis, no Rio de Janeiro e a província Santa Catarina Sul-Brasileira, com sede em Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul.

1.2.1 Província Madre Regina: sede em Petrópolis, no Rio de Janeiro (16/6/1987)

Atualmente, a província de Petrópolis (RJ) tem 138 religiosas, distribuídas em 23 comunidades nas arquidioceses do Rio de Janeiro, São Paulo, Juiz de Fora, Goiânia, Curitiba e nas dioceses de Petrópolis, Guarulhos, Anápolis, Aparecida, São Mateus, Colatina, Jequié e Santo Amaro.

Para o exercício de suas atividades, a congregação instituiu duas pessoas jurídicas: A Associação Congregação de Santa Catarina (ACS), entidade filantrópica de utilidade pública que congrega todas as obras sociais, e a Província Madre Regina, sociedade civil sem fins lucrativos que congrega todas as religiosas.

Na Associação da Congregação de Santa Catarina

⁹⁰ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice Petry. 2003. *Op. cit.*, p. 32.

⁹¹ Idem, p. 35.

⁹² Idem, p. 34.

trabalham muitos colaboradores leigos nas diversas casas mantidas, exercendo as mais variadas profissões de acordo com as necessidades.

Dentre as principais ações sociais desenvolvidas pela congregação, destacam-se as do campo da educação e da saúde. Das escolas que estão sob a administração das religiosas, cito o Colégio Santa Catarina, Juiz de Fora (MG); o Colégio Santa Catarina, São Paulo (SP); o Colégio Santa Catarina, Petrolina de Goiás (GO); e a Escola Santa Catarina, Santa Teresa (ES). Dos hospitais que são patrimônio e estão sob os cuidados da Congregação, há o Hospital Santa Catarina, São Paulo (SP); Hospital Santa Teresa, Petrópolis (RJ); Casa de Saúde São José, Rio de Janeiro (RJ); Hospital São José, Teresópolis (RJ); Hospital Madre Regina Protmann, Santa Teresa (ES); Hospital São Luiz, Cáceres (MT); Hospital Geral de Pedreira (SP); e Hospital de Clínicas Nossa Senhora da Conceição, Três Rios (RJ). Além dessas áreas de atuação, a Congregação ampliou suas ações nas obras sociais com a educação das crianças, atendimento aos idosos e o ensino de enfermagem disponível para a profissionalização dos jovens. Assim, a Congregação atua na Creche Santa Catarina – São Paulo (SP); Creche Sagrada Família, também em São Paulo (SP); na Creche Santa Catarina – Petrópolis (RJ); no Centro de Convivência e Creche Madre Regina, Fortaleza (CE); Lar de Idosos Madre Regina, Guarulhos (SP); Casa de Oração Regina Protmann, Guarulhos (SP); Escola de Enfermagem, nível técnico em São Paulo (SP); Escola de Enfermagem e Centro Social, Petrópolis (RJ); e na Escola de Enfermagem, Teresópolis (RJ).⁹³

1.2.2 Província Santa Catarina Sul-Brasileira: sede em Novo Hamburgo (RS) (10/7/1900)

A Província Santa Catarina Sul-Brasileira, no Rio Grande do Sul, foi fundada em 1908. Sua instalação deu-se em virtude das solicitações de vigários que desejavam ter a Congregação de Santa Catarina no distrito de Hamburgo Velho (RS) em 10 de

⁹³ Disponível em: <<http://madreregina.sites.uol.com.br/carisma.html>>. Acesso em: 15/1/2010.

julho de 1900.

Verificando o documento sobre a história da Congregação da Santa Catarina, no Rio Grande do Sul, compreendi que os motivos que levaram os párocos Benedito Meienhofer e Norbert Bloes a solicitar à congregação para desenvolver trabalhos nas escolas estão vinculados às disputas no campo religioso que a Igreja Católica estava vivenciando naquele período. Ou seja, os párocos demonstraram preocupações quanto à perda de adeptos do catolicismo para outras igrejas instaladas no referido município. Tais inquietações são visíveis ao analisar uma das cartas que fora enviada pelo padre jesuíta Benedito Meienhofer, vigário de Hamburgo Velho, à superiora da Congregação de Santa Catarina, na qual apresentava a necessidade de uma congregação naquele município pelo fato de existirem maçons e também escolas dirigidas por protestantes, que acabavam desvirtuando os adeptos da Igreja Católica. Como se vê, nas representações discursivas do vigário, a instalação da congregação na região seria para a glória de uma boa educação, para a maior glória de Deus e para a salvação das almas em uma região de colonização alemã.

Hamburgo Velho, 24/4/1900

Revma. Superiora Eustáquia!

Escrevo-lhes esta carta com o máximo júbilo de meu coração e a senhora compreenderá, quando souber quem eu sou e quais são as minhas preocupações. Como vigário de Hamburgo Velho, me está confiada uma comunidade, em que devo me dedicar o meu principal cuidado à escola, pois aqui os protestantes e os maçons predominam. Nos anos em que estou aqui, muitas vezes entristeci-me muito ao constatar que a maioria da juventude se perde, após a primeira comunhão. O que começar e, precisamente, em primeiro lugar, para a juventude feminina? Uma escola, em que as alunas não aprendam apenas a ler, escrever e calcular, mas também como dirigir uma casa, de modo católico. Assim o meu plano foi, não fundar uma escola para crianças

pequenas, mas uma escola para jovens, onde as alunas, ao lado da piedade, recebessem formação para os diversos trabalhos domésticos. Meu desejo, porém, apesar de meus esforços, não passou de um desejo não cumprido, até que me chamaram a atenção para as Revmas. Irmãs no Belo Vista.

Eu apresentei toda a situação a alguns membros mais importantes da comunidade e todos eles acolheram a proposta com ardoroso e entusiástico interesse, e, agora, Revma. Superiora, estou na feliz possibilidade de poder comunicar-lhe que o próprio Bispo deu a aprovação e a benção, para que as Revmas. Irmãs de Santa Catarina trabalhem em Hamburgo Velho, pela educação da juventude, para a maior glória de Deus e a salvação das almas [...]

[...] Hamburgo é o lugar mais lindo e mais saudável das colônias alemãs do Rio Grande do Sul; em 2 horas, chega-se de trem a Porto Alegre; com a ampliação da rede ferroviária abre-se para Hamburgo uma região nova, imensamente grande. O povo de Hamburgo é bom, disposto para o sacrifício e, há mais de vinte e cinco anos, tem fome de boas escolas [...].⁹⁴

Conforme a carta expedida pela superiora Eutásquia ao vigário de Hamburgo Velho, notei que, após três meses da sua solicitação, houve a aprovação para a instalação da Congregação de Santa Catarina em Hamburgo Velho, em 10 de julho de 1900.⁹⁵

Analisando, ainda, a carta, percebi que as religiosas ir. Julita Schwark e ir. Valentina Thiel, que foram enviadas para Hamburgo Velho, dentro de pouco tempo fundaram a Escola

⁹⁴ Carta de solicitação à Congregação de Santa Catarina, 24/4/1900. Arquivo Província Santa Catarina Sul-Brasileira, Novo Hamburgo (RS).

⁹⁵ Carta de aprovação da instalação da Congregação de Santa Catarina, 10/7/1900. Arquivo Província Santa Catarina Sul-Brasileira, Novo Hamburgo (RS).

Santa Catarina, dando origem ao atual Colégio Santa Catarina, que passou a atender estudantes do sexo masculino e feminino.⁹⁶

Conforme o registro no livro *Crônica da Província*, em 3 de fevereiro de 1908 foi criada a Província de Novo Hamburgo, no Rio Grande do Sul, composta já com oito comunidades existentes nesse estado.⁹⁷

Atualmente, a província é constituída por 204 religiosas, distribuídas em 36 comunidades, nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Bahia e Amazonas. Respaladas pelo carisma⁹⁸ e pela espiritualidade da fundadora Regina Protmann, continuaram instaurando as práticas pedagógicas aos mais necessitados, nas áreas da saúde, da educação, de outras formas socioassistencial e, respectivamente, de ação pastoral.⁹⁹

Nessa rede social, a congregação administra cinco colégios: Colégio Santa Catarina, em Novo Hamburgo (RS); Colégio Divino Coração, em Alegrete (RS); Colégio Imaculada Conceição, em Cachoeira do Sul (RS); Escola N. Sra. do Perpétuo Socorro, em São Gabriel (RS); Escola Imaculado Coração de Maria, em Sapiranga (RS); três hospitais: Hospital Regina, em Novo Hamburgo (RS); Hospital São José, em Ivoti (RS); Hospital Sagrada Família, em São Sebastião do Caí (RS); dois residenciais de Terceira Idade, Regina Comunidade, em Novo Hamburgo (RS); Residencial N. S. da Saúde, em Porto Alegre (RS); três unidades sociais: Centro Social Madre Regina, em Novo Hamburgo (RS); Casa Madre Regina, em Araranguá (SC); N. Sra. do Bom Conselho, em Campina das Missões (RS) e dezesseis outros projetos, como os Programas de Assistência Social (PPCA – Criança e adolescente): Tocantins (AM); Araranguá (SC); Barra (BA); Alegrete (RS); Campina das Missões (RS); Novo Hamburgo (RS); PAIF Família: Fonte Boa (AM); Novo Hamburgo (RS); São Gabriel (RS); Ivoti (RS); PAOC

⁹⁶ Relatório dos primeiros anos em Hamburgo Velho. 15/8/1902. Arquivo Província Santa Catarina Sul-Brasileira, Novo Hamburgo (RS). Alguns dados poderão ser analisados no livro produzido por Petry. PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003. *Op. cit.*, p. 123.

⁹⁷ Livro *Crônica*, 3/2/1908. Criação da Província Santa Catarina Sul-Brasileira, Novo Hamburgo (RS). Arquivo Província Santa Catarina Sul-Brasileira. Novo Hamburgo (RS).

⁹⁸ De modo geral, carisma são as qualidades e exemplos deixados pelo fundador de uma congregação.

⁹⁹ Disponível em: < <http://acsc.com.br/>>. Acesso em: 16/1/2009.

– Org. Comunitária: Fonte Boa e Tefé (AM); PAI – Idoso – Ibotirama (BA); Ivoti (RS) e Campina das Missões (RS).¹⁰⁰



Figura 1– Mapa brasileiro. Presença das religiosas na Província Madre Regina¹⁰¹

Fonte: <http://acsc.com.br/historia-de-madre-regina/>¹⁰²

Existem outras obras sociais que as religiosas da Congregação de Santa Catarina desenvolvem e cujos patrimônios não lhes pertencem, a saber: o Lar Santa Ana, em Novo Hamburgo (RS); Asilo Padre Cacique, em Porto Alegre (RS); Santa Casa de Caridade, em São Gabriel (RS); Lar São

¹⁰⁰ Disponível em: < <http://acsc.com.br/>>. Acesso em: 16/1/2009.

¹⁰¹ A Província Madre Regina, com sede em Petrópolis (RJ), tem, aproximadamente, 138 religiosas. As comunidades estão situadas no estado do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo, Goiás, Espírito Santo, Bahia, Ceará e Mato Grosso.

¹⁰² Disponível em: <<http://acsc.com.br/historia-de-madre-regina/>> Acesso em: 18/1/2010.

Vicente de Paula, em Alegrete (RS) e em Alagoínhas (BA).¹⁰³

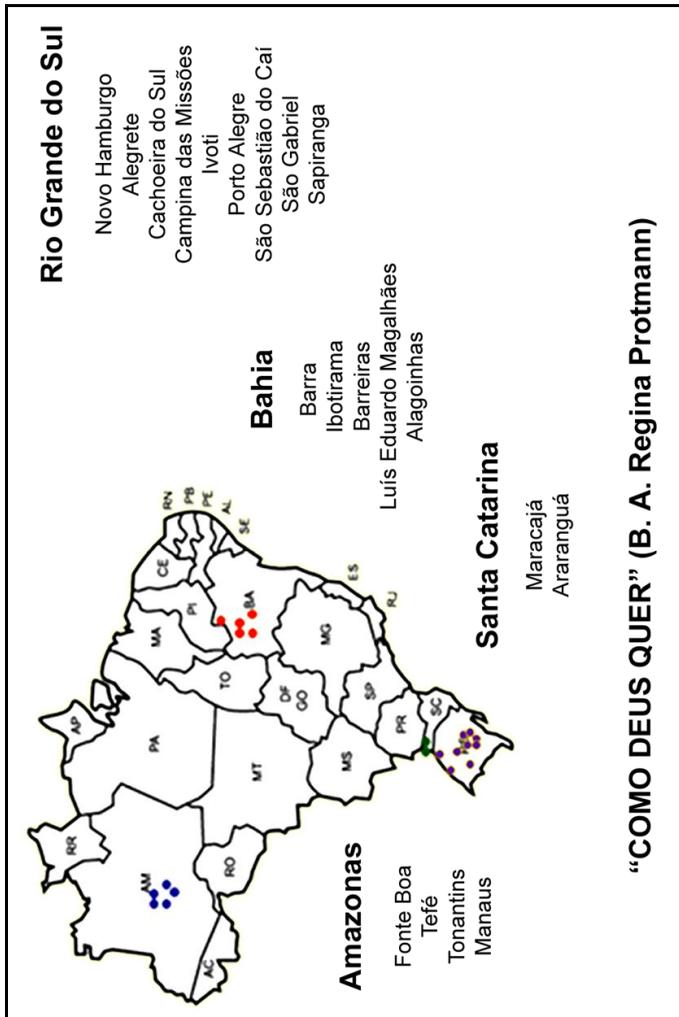


Figura 2 – Mapa da Província Sul-Brasileira

Fonte: <http://acsc.com.br/>¹⁰⁴

¹⁰³ Disponível em: < <http://acsc.com.br/>>. Acesso em: 16/1/2009.

¹⁰⁴ Disponível em: < <http://acsc.com.br/>>. Acesso em: 16/1/2009.

Depois desta explanação histórica sobre a presença da Congregação de Santa Catarina no Brasil e suas divisões, foi possível compreender que um dos principais fatores que possibilitou a vinda das religiosas ao Brasil foi a problemática da carência de profissionais da religião da Igreja Católica para trabalhar em questões de evangelizações nos municípios. Compreendi, assim, que os párcos foram os principais responsáveis por solicitar a vinda das congregações, porque contavam com as práticas pedagógicas das religiosas para manter a hegemonia e o monopólio religioso da Igreja Católica no mercado.

Tal fator não foi diferente entre os agentes da Igreja Católica no estado de Santa Catarina. No próximo subtítulo, descreverei como se deu a vinda da Congregação de Santa Catarina para alguns municípios do sul do Estado de Santa Catarina depois da segunda metade do século XX.

1.2.3 Congregação de Santa Catarina no sul do Estado de Santa Catarina – Distrito de Cocal – Urussanga (SC) (10/2/1950 a 13/12/1975)

Nesta subseção, delinearei a presença da Congregação de Santa Catarina em Cocal do Sul, distrito que em 1950 ainda pertencia ao município de Urussanga.

Julgo importante elaborar este pequeno histórico, pois foi a partir do surgimento dessa congregação na paróquia de Cocal do Sul que outros párcos, como frei Eusébio Ferreto (Paróquia de Maracajá) e frei Tiago M. Coccolini (Paróquia de Araranguá), também vieram solicitar a presença da Congregação de Santa Catarina para desenvolverem as práticas pedagógicas no campo da educação, saúde e, de modo geral, em todas as áreas da sociedade.

Analisando a Ata da reunião provincial de 16 de março de 1949, percebi que havia entre as lideranças superiores da Congregação de Santa Catarina pensamentos de instalar no estado de Santa Catarina uma comunidade para ampliar as ações missionárias da congregação. Segundo esse documento, o desejo surgiu quando o arcebispo de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira, no início de 1949, entrou em

contato com o Governo Provincial da Congregação de Santa Catarina, em São Paulo, solicitando a vinda das religiosas para atuarem na arquidiocese, oferecendo-lhes casas beneficentes nos municípios de Turvo (SC) e Orleans (SC). Estudando tal proposta, a coordenadora provincial da congregação, ir. Maria Hildegardis Tresp, propôs, então, ao arcebispo ficar em Florianópolis e em Cocal do Sul, pelo fato de esses dois municípios, na visão da coordenadora, serem favoráveis ao florescimento de novas vocações e igualmente pela presença de muitas “seitas acatólicas”.¹⁰⁵

Verificando a carta que fora enviada pelo pároco do distrito de Cocal, o Cônego João Dominoni¹⁰⁶ à coordenadora provincial da Congregação de Santa Catarina de São Paulo, que reclamava a presença da congregação na paróquia, compreendi que ele abordou a problemática de concorrência no mercado religioso. No documento, constam preocupações do pároco com os fiéis católicos após a infiltração de outras agências religiosas no campo religioso.¹⁰⁷ Tais instituições foram representadas na carta pelo Cônego João Dominoni como “seitas” que estavam ameaçando as verdades da Igreja Católica. Segundo ele, era imprescindível e urgente que Dom Joaquim Domingues de Oliveira fizesse uma parceria com a Congregação de Santa Catarina para impedir a propagação das seitas no distrito de Cocal do Sul e, de maneira ampla, em toda a Urussanga, pois as feitiçarias, o espiritismo e as seitas protestantes queriam roubar e devorar como lobos as ovelhas do aprisco da “Igreja do Senhor”.¹⁰⁸

Analisando-se ainda a carta, percebi que o pároco João Dominoni disponibilizou um vasto campo missionário para a atuação das religiosas na região, por exemplo: fez propostas de criação do juvenato; acesso para lecionar e administrar em escolas; trabalhar na igreja, na saúde e de forma geral em toda a comunidade. Notei, ainda, que o pároco até chegou a fazer promessas às religiosas, a de que assumiriam a direção da

¹⁰⁵ Conforme Ata da Reunião do Conselho Provincial. 16/3/1949. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

¹⁰⁶ Cônego João Dominoni foi pároco de Cocal do período de 14/3/1932 a 12/1/1958. Nasceu em Florianópolis em 5/2/1903 e faleceu em 29/1/1974.

¹⁰⁷ Espiritismo, protestantismo e pentecostalismo.

¹⁰⁸ Carta enviada à coordenadora da Congregação de Santa Catarina em 15 de abril de 1949. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

escola da rede pública estadual ao virem para a localidade de Cocal do Sul. De acordo com ele, atuar no campo educacional seria um vantajoso empreendimento religioso.¹⁰⁹



Figura 3 – Mapa da AMESC

Fonte: <http://www.movendomontanhas.com.br>¹¹⁰

O pároco João Dominoni, ao saber da aprovação de sua solicitação, enviou um telegrama à coordenadora provincial de São Paulo expressando sua alegria e gratidão pela vinda da congregação ao distrito. Nesse documento, de 15 de janeiro de 1950, o pároco reforçou outra vez a importância da congregação no distrito, solicitando, assim, três freiras para dar início aos trabalhos. Duas religiosas atuaram no magistério no grupo escolar e uma dedicou-se aos trabalhos de evangelização na paróquia local. A Madre Provincial da Congregação de Santa Catarina atendeu ao pedido do pároco e enviou para Cocal a ir. Maria Agatônia Klingenberg, com a função de ser a organista na Igreja Católica, ir. Maria Júlia Schmitz e ir. Maria Leonis Coimbra,

¹⁰⁹ Carta enviada à coordenadora da congregação de Santa Catarina em 15/4/1949. Arquivo da Congregação de Santa Catarina. Arquivo da Casa Madre Regina – Rio de Janeiro.

¹¹⁰ Disponível em: <<http://www.movendomontanhas.com.br>>. Acesso em: 12/1/2008.

para atuarem como professoras na escola da rede pública estadual de ensino, denominado Grupo Escolar Padre Schuler.¹¹¹



Figura 4 – Cônego João Dominoni

Fonte: <http://paroquiasaoroque-mf.blogspot.com.br/>¹¹²

Pesquisando no **histórico das religiosas da comunidade de Cocal**, há registros de que a ereção da comunidade da Congregação de Santa Catarina ocorreu em 10 de fevereiro de 1950, sendo a congregação composta inicialmente por três religiosas. Como ainda não havia residência própria para as religiosas, o pároco João Dominoni cedeu sua casa, indo morar em outro lugar. As religiosas, então, destinaram parte dessa residência para as jovens que desejassem candidatar-se à

¹¹¹ Conforme Ata da Reunião do Conselho Provincial. 15/1/1950. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

¹¹² Disponível em: <<http://paroquiasaoroque-mf.blogspot.com.br/>>. Acesso em: 12/1/2009.

vocação religiosa, conhecida como juvenato.¹¹³

Cada religiosa desenvolveu suas práticas pedagógicas no distrito de Cocal do Sul. Ir. Maria Agatônia assumiu a direção do canto na Igreja Católica e era enfermeira. E como na região não havia ainda hospital, nem posto de saúde, nem médico, nem farmácia, instalou um pequeno ambulatório, no qual, diariamente, atendia em média dez pacientes de Cocal e distritos vizinhos. De acordo ainda com o histórico, o trabalho de ir. Maria Agatônia na enfermaria era facilitado pela grande quantidade de amostras grátis que o hospital da Congregação de Santa Catarina, do estado de São Paulo e alguns laboratórios lhe enviavam. Ir. Maria Júlia e ir. Maria Leonis foram nomeadas pelo estado para lecionarem na escola pública Padre Schuler. Em meados de abril de 1950, a promessa do Cônego João Dominoni foi cumprida, ou seja, o Grupo Escolar de Cocal foi entregue para ser administrado pelas religiosas da congregação.

É perceptível nas fontes que isso veio a ocorrer somente pelo fato de o pároco ter forte influência na política local e estadual, ser detentor de um poder religioso a ponto de articular com algumas autoridades políticas ligadas ao governo para que interferissem na Secretaria da Educação Estadual, para fazer a remoção do diretor do Grupo Escolar e colocar ir. Maria Júlia, como diretora durante treze anos, até o seu falecimento em 21 de agosto de 1963.¹¹⁴

O campo educacional era, ao mesmo tempo, o foco de atuação das religiosas. Assim, em 1951 elas criaram o Curso Normal Regional, destinado a formar professoras para as escolas isoladas rurais. Como nesse período a administração Municipal de Cocal não teve condições de subvencionar o curso, a congregação deu cobertura financeira no primeiro ano. No segundo ano, a prefeitura passou a ser parceira com a congregação, destinando recursos econômicos para o Curso Normal Regional. O principal objetivo do referido curso era atender inclusive às juvenistas que estavam preparando-se para seguir a vocação religiosa.

De forma geral, as religiosas no distrito de Cocal do Sul

¹¹³ Histórico da Presença das Irmãs de Santa Catarina em Cocal (SC). 29/3/1950. Arquivo da Casa Madre Regina (RJ).

¹¹⁴ Breve histórico da Presença das Irmãs de Santa Catarina na filial Cocal (SC). 29/3/1950. Arquivo da Casa Madre Regina (RJ). Pasta: Crônicas.

trabalharam arduamente no campo da educação, da saúde, na criação de um ambulatório, nas questões sociais e na preparação de juvenistas. “O testemunho das Irmãs e a sua pedagogia criava um ambiente evangelizador. A Paróquia pôde ver diversos jovens optarem pela vida sacerdotal e pela vida religiosa”¹¹⁵.

Em um documento intitulado **Breve histórico das irmãs em Cocal**, identifiquei números significativos de moças que decidiram seguir o juvenato. Em 1950, por exemplo, existia o número de três juvenistas; em 1951, sete; em 1952 e 1953 havia doze juvenistas e em 1959 existiam 31 juvenistas.¹¹⁶



Figura 5 – Ir. Madre Geral Maria Margarida Krause (sentada), sua secretária ir. Maria Alberta Jagalski com grupo de juvenistas, em Cocal

Fonte: Maria Cecília Alice Petry¹¹⁷

¹¹⁵ Livro Crônica, 1950, p. 16. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

¹¹⁶ “Breve Histórico das Irmãs em Cocal”. Arquivo da Casa Madre Regina, Rio de Janeiro (RJ). Estes dados poderão ser identificados em PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. **A Nova e brilhante estrela.** História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 3º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 60 e 61.

¹¹⁷ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2007. *Op. cit.*, p. 62.

É oportuno mencionar que no período de 25 anos em que as religiosas estiveram em Cocal do Sul, constituíram uma estrutura patrimonial de atuação no distrito. Assim, elas obtiveram a residência própria com internato para as juvenistas, organizaram pensionato para os operários das cerâmicas, construíram escolas, desenvolvendo diversas práticas pedagógicas.¹¹⁸

A saída da Congregação de Santa Catarina de Cocal do Sul ocorreu em treze de dezembro de 1975. Os motivos principais foram a grande presença de professores leigos para atuarem na escola pública, a falta de religiosas para dar prosseguimento às atividades e também o desejo da congregação em ampliar suas ações em outros estados que apresentavam mais necessidades sociais, econômicas e religiosas.

No tópico a seguir, abordarei a predominância do catolicismo no processo do povoamento de Araranguá na primeira metade do século XIX, objetivando compreender o assistencialismo religioso aos adeptos da Igreja Católica.

Julgo importante recorrer ao histórico do povoamento de Araranguá a fim de entender melhor a hegemonia religiosa da qual a Igreja Católica era detentora. Descreverei, ainda, a dinamização econômica após a presença da estrada de Ferro Dona Tereza Cristina, para realçar a situação de mercado por volta da década de 1930 no município de Araranguá.

1.3 Predominância do catolicismo e povoamento de Araranguá: assistencialismo religioso (1816)

Nesta parte do trabalho, inicialmente, apresento um breve histórico do processo de povoamento de Araranguá, oferecendo elementos para entender as ações de evangelizações desenvolvidas pela Igreja Católica nas primeiras décadas do século XIX no município de Araranguá.

Ao considerar o estudo da presença da Igreja Católica no

¹¹⁸ Conforme: “Breve Histórico das Irmãs em Cocal”. Arquivo da Casa Madre Regina, Rio de Janeiro (RJ).

processo de povoamento e emancipação política e administrativa em Araranguá, foi necessário buscar indícios por meio da historiografia oficial e da memória oral para entender como se originou o respectivo município, a forte relação que as localidades possuíam com o catolicismo durante o processo de sua ocupação e o desmembramento político-administrativo. Quais os fatores que possibilitaram que a Igreja Católica, até a década de 40, fosse predominante em Araranguá? De que forma a Igreja Católica esteve presente no processo de povoamento do município? Quais as ações pastorais desenvolvidas pelos porta-vozes enquanto a Igreja Católica era a única instituição presente nesse município?

No estudo que desenvolvi no mestrado, compreendi que as famílias que povoaram Araranguá influenciaram significativamente tanto na configuração religiosa cultural, quanto na propagação do catolicismo, a saber, na participação e envolvimento na construção do cemitério católico, de capelas e no processo de criação da paróquia.¹¹⁹

O levantamento historiográfico oficial do município de Araranguá permite melhor compreensão do envolvimento dos agentes do sagrado em todos os setores da localidade e apresenta a Igreja Católica como a primeira instituição eclesial no município.

Os agentes do sagrado são, portanto, representados segundo as perspectivas de Peter Ludwig Berger, pois são os responsáveis por articular suas ações pastorais com todos os setores da sociedade, relacionando-os com o sagrado, como estratégias para afirmar uma verdade institucional, demarcar e construir uma identidade católica no município.¹²⁰

Além das ações materiais, também incentivam os adeptos católicos “a viverem em um mundo no qual o sagrado é mediado por uma série de canais – os sacramentos da Igreja Católica, a intercessão dos santos, a erupção recorrente do ‘sobrenatural’ em milagres – uma vasta continuidade de ser entre o que se vê e

¹¹⁹ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op.cit.*, p.34.

¹²⁰ Idem *ibidem*.

o que não se vê”.¹²¹ Nesse sentido, as reflexões de Peter Ludwig Berger são significativas para compreender que tais ações pelo corpo sacerdotal tornam-se canais de mediação com o sagrado.

Na pesquisa do mestrado identifiquei ainda que o processo de povoamento de Araranguá originou-se em 1727, quando a estrada que ligava o Rio Grande do Sul a Laguna, por meio da praia, teve um desvio na localidade de Morro dos Conventos, em direção do rio Araranguá acima, atingindo o planalto da Serra do Mar, rumo à então Vila de Curitiba, aproximando assim o Rio Grande ao centro do país por meio dessa nova via. Tal caminho aberto possibilitou nascer, à beira do rio Araranguá, uma nucleação de moradores, aglomerado de casas, que foi denominada Capão da Espera.¹²²

Analisei ainda que o processo de ocupação de Capão da Espera foi liderado por famílias¹²³ com formação católica que, em razão da escassez de padres para oferecer assistência religiosa, passaram a receber atendimento religioso do catolicismo, após os anos de 1730, por intermédio de párocos vinculados à paróquia de Santo Antônio dos Anjos, do município de Laguna.¹²⁴

Em razão do crescimento da população católica em Capão da Espera, houve a necessidade da construção de uma capela de madeira, edificada pelos católicos, precisamente, segundo Cônego Paulo Hobold, em 11 de janeiro de 1816, na região denominada de Canjicas (Hercílio Luz, localidade hoje pertencente a Araranguá).¹²⁵

Os moradores de Capão da Espera ficaram por alguns anos realizando viagens até a freguesia de Laguna, para obterem seus registros. Somente tiveram seus registros e documentos na localidade quando houve o desmembramento de Capão da Espera da freguesia de Laguna por volta de 1848. Tal

¹²¹ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op. cit.*, p. 124.

¹²² MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 35.

¹²³ Para a historiografia oficial local, a colonização foi feita por alemães, italianos e açorianos. Conferir: DALL’ALBA, João Leonir. **Histórias do Grande Araranguá**. Araranguá. Gráfica Orion Editora: 1997. _____. **Laguna antes de 1880**. Florianópolis: Lunardelli/UDESC, 1979. _____. **Memórias do Araranguá**. Florianópolis: Lunardelli, 1987. HOBOLD, Paulo. **A História de Araranguá: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930**. Porto Alegre: Palmarinca/Est, 1994. REITZ, Raulino. **Paróquia do Sombrio progresso religioso e social: ensaio de uma monografia paroquial 1938-1948**. Florianópolis: Imprimatur. 1948.

¹²⁴ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op.cit.*, p. 35.

¹²⁵ Idem ibidem.

acontecimento se deu em virtude do crescimento populacional e econômico da localidade.¹²⁶

Enquanto os responsáveis da Igreja Católica se organizavam para a aquisição de terreno e construção da igreja matriz, os católicos exercitavam a fé na capela de Canjicas. Praticamente todas as cerimônias religiosas eram feitas nessa localidade de Araranguá.

O terreno para a construção da igreja matriz foi doado em 18 de julho de 1856 pelo casal de católicos Albino Pereira de Souza e sua esposa Delfina Maria de Jesus, que eram proprietários de muitas terras. Na época, o intendente de Araranguá Alcebiades Seara fez as articulações para a efetivação de tal doação. Albino doou o terreno medindo 50 braças por 30, na medida da época.¹²⁷

Posteriormente à aquisição do terreno, as autoridades eclesiásticas, políticas, agricultores, pequenos comerciantes e grande número de católicos iniciaram a construção da matriz, no ano de 1859. Em 10 de agosto, o padre Antônio Nunes Barreto deu benção ao local da futura capela e a inauguração ocorreu em 1864 na gestão de outro pároco, o padre João M. da Cunha.

A Igreja Católica foi edificada com o envolvimento de muitos católicos. Com doações de materiais e mão de obra voluntária dos adeptos é que a primeira sede paroquial de Araranguá foi tomando forma nas mãos dos carpinteiros da época. Como se vê na Figura 6, a capela foi feita de tábuas toscas medindo 10,3 de comprimento e 6 m de largura, possuía uma porta na frente e uma janela nas laterais e tinha ao lado uma pequena torre de sino. Ao lado dessa igreja se encontrava ainda o cemitério municipal.

Com o aumento populacional e econômico de Araranguá, surgiu o desejo, por parte de autoridades eclesiásticas e políticas, do desmembramento político e administrativo da freguesia, que até então era distrito de Laguna.

¹²⁶ Idem *ibidem*.

¹²⁷ Em entrevista ao padre João Leonir Dalla' Alba no ano de 1986, o Sr. Pedro Vieira Maciel comentou sobre o espaço da praça. "Do jardim eu lembro que era um prado grande, com o cemitério velho cercado. Foi o Coronel João Fernandes que decidiu transferir o cemitério para o local atual. O terreno lá era do meu tio José Maciel. Os mortos não foram arrancados dali. Até o padre Júlio está ainda ali. Foi no tempo do Seara que se fez daquilo um jardim" (DALL'ALBA, João Leonir. **Histórias do grande Araranguá**. 1997. *Op. cit.*, p. 88).

Tal acontecimento ocorreu por meio da Lei nº 901, de 3 de abril de 1880, que elevava a Freguesia de Nossa Senhora Mãe dos Homens à categoria de município próprio, cuja instalação se deu em 3 de fevereiro de 1883. Logo, com a criação do município, os habitantes dessa área passaram a contar com o poder do Estado mais próximo a si, não necessitando mais se dirigirem a Laguna ou Tubarão, o que era sempre difícil de ser feito.¹²⁸



Figura 6 – Primeira igreja matriz de Araranguá inaugurada em 1864

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá (SC)

Com a emancipação político e administrativa de Araranguá, houve um grande crescimento territorial do município, com as delimitações que lhe foram concedidas. Suas terras estendiam-se desde o rio Urussanga, ao norte, até o rio Mampituba, ao sul, na fronteira com Rio Grande do Sul. A oeste fazia divisa com a Serra Geral e a leste com o Oceano Atlântico,¹²⁹ que incluía a

¹²⁸ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op.cit.*, p. 39.

¹²⁹ Possuía uma área de cinco mil Km².

Araranguá sete distritos, a saber: Meleiro, Morretes (hoje Maracajá), Passo do Sertão (hoje São João do Sul), Sombrio, Turvo, Volta Grande (hoje Jacinto Machado) e Criciúma. De acordo com Cônego Paulo Hobold, “o efetivo populacional, na época da emancipação, andava ao redor de 10.730 habitantes”.¹³⁰



Figura 7 – Vista aérea do município de Araranguá (2009)
Fonte: Arquivo digital da Casa da Cultura de Araranguá
(Foto de Ênio Frassetto)

Araranguá está situada no extremo sul do estado de Santa Catarina, entre os municípios de Sombrio e Maracajá, faz parte da microrregião do extremo sul catarinense, composta por quinze municípios, entre os quais é a cidade polo e sedia a Associação dos Municípios do Extremo Sul de Santa Catarina (AMESC). Com uma área total de 298,42 Km² de superfície, faz limites territoriais ao sul com município de Sombrio, a leste com o município de Balneário Arroio do Silva e Oceano Atlântico, a Oeste com os municípios de Turvo, Meleiro e Ermo, e ao Norte

¹³⁰ HOBOLD, Paulo. *Op. cit.*, p. 64. Nesses números são contabilizados todos os habitantes do grande Araranguá, incluindo os distritos e comunidades interioranas destes.

com Maracajá, Criciúma e Içara. Conforme o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), referente ao ano de 2010, sua população estimada é de 61.339 habitantes.

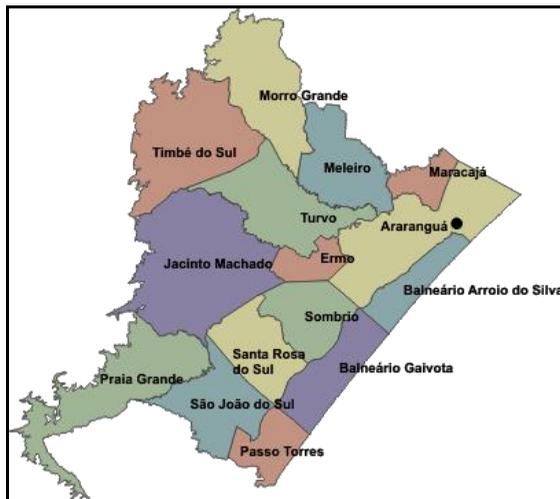


Figura 8 – Mapa dos quinze municípios que pertencem à Associação dos Municípios do Extremo Sul de Santa Catarina (AMESC)

Fonte: Arquivo digital do Centro Histórico Avetti Paladini Zilli

Com o aumento populacional, o templo católico não comportava mais os fiéis, sendo necessária, então, a edificação de uma igreja maior. Assim, em 29 de novembro de 1901, o pároco local recebeu ordens para a demolição do templo de madeira e reverter o valor da venda dos materiais aproveitáveis para os acabamentos da nova igreja matriz, que era de alvenaria e estava em processo de construção no outro lado da Avenida 7 de Setembro, onde hoje se situa o estacionamento da atual Igreja Católica. Foi em 1º de janeiro de 1909 que o padre Ludovico Cóccolo deu benção à matriz. Ela possuía 20 metros de comprimento, 9 de largura e 7 de altura, com uma torre de 15 metros de altura. Seu construtor foi Germano Becker.



Figura 9 – Segunda igreja matriz de Araranguá inaugurada em 1º de janeiro de 1909

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá (SC)

Nesse período, o pároco local, além atender aos serviços burocráticos na matriz, como expedir certificados de batizados, registros de casamentos e atestados de óbito, ofertava bens de salvação em todas as localidades dos distritos do município de Araranguá. Isto é, diversas ações religiosas eram desenvolvidas aos católicos a fim de atendê-los no âmbito espiritual. Como se vê nas figuras 9 e 10 que compõem este subtítulo, a festa da padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens, a realização da festa do Divino Espírito Santo, festa dos padroeiros das localidades, as procissões, a catequese, os terços, as missas, a realização das visitas pastorais e outras ações espirituais. Em suma, a Igreja Católica, no período em questão, pretendia apresentar a assistência religiosa aos adeptos como um projeto evangelizador, a fim de imprimir os saberes do catolicismo para salvar a alma deles. Ela manifestava o interesse de oferecer bens de salvação e manutenção da espiritualidade para uma localidade que estava almejando assistência. Ora, a Igreja Católica justificava suas ações por ser considerada legítima e possuir autoridade ao oferecer amparo espiritual à população.



Figura 10 – Procissão em frente à segunda igreja matriz de Araranguá (1916)

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá (SC)

Observei nos registros oficiais, na iconografia e nos depoimentos orais que, entre os anos oitocentos até 1910, a maioria dos habitantes do município de Araranguá pertencia à Igreja Católica. Se existissem algumas famílias que pertencessem a outras agências religiosas, eram tão poucas que passavam despercebidos pelos párocos e por outros católicos. Vale dizer, não despertavam preocupações dos porta-vozes do catolicismo e nem se tornavam como uma ameaça para a Igreja Católica no mercado religioso. Entretanto, com o passar dos anos, surgiram, em algumas localidades dos distritos de Araranguá, famílias que pertenciam a outras instituições religiosas. Em virtude do processo de migração, da diversificação econômica, do aumento populacional, das mudanças sociais, políticas e culturais é que se deu uma nova situação de mercado religioso em Araranguá. Foi a partir daí que houve, então, entre os profissionais da Igreja Católica e entre as demais agências do sagrado, o despertar de um conjunto de reelaborações pastorais, com o intento de manterem legitimidade no campo religioso.

Dessa forma, objetivando entender melhor a situação de mercado e as concorrências mercadológicas que foram instauradas em Araranguá entre as empresas do sagrado, faz-se indispensável, primeiramente, direcionar a atenção para algumas transformações que ocorreram em Araranguá.

Na segunda metade da década de 1920, Araranguá passa por diversos processos de diversificação econômica, e um deles assinala-se pela presença da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina em 1928.¹³¹ No estudo que desenvolvi sobre essa ferrovia em Maracajá,¹³² identifiquei que a construção do ramal ferroviário do município de Tubarão a Criciúma, com 56,5 quilômetros de extensão, foi iniciada em 1918. O tráfego provisório foi aberto em 1º de janeiro de 1919. Em 1923, deu-se a inauguração do tráfego aos passageiros.¹³³ O trecho de

¹³¹ Segundo Paulo Hobold, “o transporte ferroviário veio substituir o pluvial (pelo rio Araranguá), que não oferecia mais condições de navegabilidade. E por quarenta anos, esse foi o principal meio de transporte que ligava Araranguá às demais cidade” (HOBOLD, Paulo. *Op. cit.*, p. 72).

¹³² MORAES, Lúcio Vânio. **Estradas retilíneas: A presença da Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina em Maracajá (1920/1967). Memória, Cidade e Vida urbana.** Monografia de História. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) – Criciúma (SC), 2004.

¹³³ O jornal **A Imprensa** traz a matéria da inauguração do tráfego em 1/1/1923. Ano: III,

Criciúma em direção a Araranguá, com 35 quilômetros, chegou a Morretes, em 1920. Os trilhos seguiram do centro de Criciúma, passaram pela localidade de Pinheirinho e de Sangão, indo em direção à localidade de Verdinho.

Chegando à localidade de Cedro, como Morretes era chamado, os trilhos foram assentados até na entrada para quem vai à localidade de Garajuva com continuidade até a localidade de Barranca, bairro de Araranguá.

O término do assentamento do trecho Morretes–Araranguá ocorreu nos anos de 1926 e 1927. Logo após a ferrovia começou a funcionar com o *trem de carga*. Uma matéria no jornal **A Verdade**,¹³⁴ de Araranguá, informa que o tráfego com *trem de carga* na via férrea do trecho Morretes – Araranguá estava já em funcionamento em 1928.¹³⁵

Diante dessa situação, ressalto que a ferrovia foi também um dos elementos modernos que possibilitaram a dinamização econômica e, concomitantemente, a situação de mercado em todo o Araranguá.¹³⁶

Isso porque, em seguida à sua chegada, despertou-se um conjunto de representações vinculadas ao progresso e ao crescimento da região. Foi visível nos documentos que as pessoas acreditaram que a ferrovia desencadearia oportunidades para estabelecimento de comércios, para emprego, casas familiares, etc. Esse imaginário social oportunizou o deslocamento de pessoas de outros lugares, fluxo migratório, contribuindo, assim, na dinamização no campo cultural, econômico, político, social e religioso.¹³⁷

n. 145, Tubarão, 24/12/1922, p. 1. Título: Ramal de Tubarão e Cresciúma. Conferir: NASCIMENTO, Dorval do. *Op. cit.*, p. 36.

¹³⁴ Jornal **A Verdade**. Araranguá/SC, 1º de outubro de 1928. Ano: I, n. 16, p. 1. Título: A Nova Variante da Estrada de Ferro Tubarão-Araranguá.

¹³⁵ MORAES, Lúcio Vânio. 2004. *Op. cit.*, p. 19-25.

¹³⁶ Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1921 Araranguá possuía 40.180 habitantes.

¹³⁷ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 59.

A rigor, não se pode compreender que a presença de outras empresas religiosas em Araranguá está vinculada meramente à dinamização econômica, como, por exemplo, a chegada da Ferrovia Dona Tereza Cristina. Mas, como verei a seguir, há também uma série de outras questões que despontaram, como o processo de povoamento, que a meu ver acabou somando para que se instaurasse também a situação de mercado em Araranguá.

1.4 Registros de situação de mercado em Araranguá (1930-1950)

Pesquisando nos documentos da Paróquia Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens no período de 1930 a 1950, visualizei alguns indícios de ímpar importância para o melhor entendimento da situação de mercado em Araranguá. Ao analisar os relatórios pastorais elaborados pelo pároco Antônio Luiz Dias,¹³⁸ averigui a situação de mercado em Araranguá já por volta da segunda metade da década de 1930 aproximadamente, pelo fato de algumas famílias que migraram para Araranguá¹³⁹ pertencerem a outras instituições religiosas. Assim, no relatório produzido por Antônio Luiz Dias no caderno intitulado “Caderno de Rascunhos” referente ao ano de 1931 consta que:

Em minhas visitas mensais¹⁴⁰ nas capelas das comunidades do interior da Paróquia possuí algumas poucas famílias antigas de alemães que são da seita Luterana. Outros

¹³⁸ Sua posse como pároco na paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens ocorreu em 14/2/1915; ele atuou até 19/1/1938, permanecendo por um período de 25 anos em Araranguá. Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Tomo 1, p. 9v.

¹³⁹ Algumas famílias migraram para Araranguá durante o processo de povoamento e depois dele. Dentre esses grupos ou famílias, identifiquei negros, açorianos, italianos e alemães que contribuíram para a situação pluralista de Araranguá.

¹⁴⁰ Com base no livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens, nas visitas mensais realizadas pelos párocos nas treze capelas existentes em Araranguá, eram realizados casamentos, batismos, comunhões, práticas de missas, encomendações, visitas às casas de pessoas doentes, confissões, crismas e outras atividades. O deslocamento dos padres, na maioria das vezes, era feito a cavalo, a carroça, de trem e poucas vezes de Jipe. Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, 1920-1980, Tomo 1.

ainda são Espíritas. Esses vomitam os santos ensinamentos da verdadeira Igreja (sic) de Cristo.¹⁴¹

A família de alemães que é citada pelo pároco Antônio Luiz Dias residia na localidade de Itoupava. Ao contrastar os escritos do pároco com os depoimentos do senhor Oscar Peplau, que concedeu entrevista ao escritor João Leonir Dalla'Alba, em 8 de fevereiro de 1987, notei que a presença desse grupo deu-se por volta de 1922 e que somavam umas dez famílias. O senhor Oscar, também residente em Itoupava, lembrou que

havia um bom grupo de alemães em Itoupava. Os Hahn, os Steckert, Gustavo Blum, o Pindermann, o Bittner, o Schwartz e outros mais. Era toda uma linha de alemães luteranos. Entre eles havia um católico, o Paulo Pietsch [...].¹⁴²

No relatório de 1932, o pároco Antônio Luiz Dias também registrou a presença de famílias de etnia italiana na localidade de Sanga da Toca, que eram adeptos do Espiritismo, o que acabara se tornando uma ameaça à Igreja Católica. É visível, no fragmento, que o pároco abordou a questão da concorrência mercadológica no campo religioso ao afirmar que os membros dessa família buscavam influenciar outros católicos com os ensinamentos espíritas. Consequentemente, para impedir o crescimento dessa empresa, o pároco passou a combater tais ensinamentos, pois transformaram-se como um produto de competitividade no mercado.

É difícil entender a rejeição de famílias de origem italiana aos ensinamentos e costumes da Igreja (sic). Na capela de Sanga da Toca, logarejo (sic) do interior da nossa Paróquia, há uma família de italianos que se alimentam e bebem dos venenos do Espiritismo. Além disso, querem influenciar outros católicos com os seus falsos ensinamentos. Tive que

¹⁴¹ **Caderno de Rascunhos.** Paróquia de Araranguá, dezembro de 1931.

¹⁴² Oscar Peplau. Entrevista em 8/2/1987. In: DALL'ALBA, João Leonir. 1997. *Op. cit.*, p. 63-64.

impedir que essa Heresia progredisse e durante o mês vizitei (sic) mais vezes aquela capela para combater o falso ensinamento daquela família que faz reuniões na própria casa.¹⁴³

Ainda nos registros de padre Antônio Luiz Dias, verifiquei, em Araranguá, as disputas no mercado religioso entre a Igreja Católica e a Umbanda por volta do ano de 1934, na localidade conhecida por Urussanguinha. Segundo o pároco, os membros dessa empresa religiosa foram intitulados como “espíritas”, confundidos assim com o Espiritismo, doutrina de cunho filosófico e religioso que fora estudada por Allan Kardec.¹⁴⁴ Em suas representações discursivas, as práticas religiosas dos membros da Umbanda possuíam vínculos fortemente com cultos satânicos, pelo fato de serem da etnia negra e por fazerem oferendas às entidades. Verifiquei, ainda, nas escritas do pároco, que em nome da ortodoxia da fé e mediante a observância de um conjunto de normas da Igreja Católica e por medo de perder adeptos para a Umbanda, o pároco proibiu as relações dos seus membros com os chamados “acatólicos e hereges”, categorias nas quais os umbandistas e demais adeptos de outras instituições religiosas eram enquadrados.

Aumenta o número de praticantes Espíritas em Nossa Paróquia. Em Urussanguinha existe um grupo de homens e mulheres da cor negra que fazem oferendas diabólicas em seus terrenos de Macumba. Tenho feito visitas naquela (sic) localidade e até alguns Católicos têm atacado a Seita, mas parece que estão crescendo. O Católico que é fraco frequenta as sessões ao serem por eles convidados. Na Capela dessa localidade proibi na Missa para que nenhum fiél da Paróquia converse e nem frequente as residências desses acatólicos, Hereges. Eles poderão jogar o veneno Espírita enganando as almas do aprisco do Senhor.¹⁴⁵

¹⁴³ **Caderno de Rascunhos.** Paróquia de Araranguá, novembro de 1932.

¹⁴⁴ Hippolyte Léon Denizard Rivail.

¹⁴⁵ **Caderno de Rascunhos.** Paróquia de Araranguá, 12/5/1934.

Com base no **Código de Direito Canônico**, qualquer católico que, depois de haver recebido o batismo, negasse pertinazmente ou pusesse em dúvida as verdades da Igreja Católica receberia a titulação de herege.

Cânion 751 - Diz-se heresia a negação pertinaz, depois de recebido o batismo (sic), de alguma verdade que se deve crer com fé divina e católica, ou ainda a dúvida pertinaz acerca da mesma; apostasia, o repúdio total da fé cristã; cisma, a recusa da sujeição ao Sumo Pontífice ou da comunhão com os membros da Igreja que lhe estão sujeitos.¹⁴⁶

Objetivando conhecer como a imprensa local abordava a situação de mercado e as lutas de representações entre as empresas do sagrado em Araranguá, pesquisei alguns jornais que eram produzidos e que circulavam em Araranguá entre 1930 e 1970. Assim, analisei os únicos três periódicos existentes no referido período em Araranguá, a saber: o jornal **Campinas**,¹⁴⁷ **Tribuna do Sul**¹⁴⁸ e **O Sul**.¹⁴⁹

O jornal **Campinas** era de propriedade de Durval Mattos. Esse cidadão nasceu em São Joaquim em 5 de novembro de 1881. Quando solteiro, transferiu-se para a localidade de Passo do Sertão. Casou-se em 1928 e transferiu-se para Araranguá, montando sua tipografia no prédio onde hoje funciona o 1º Tabelionato, fundando o primeiro jornal de Araranguá – **A Verdade**.¹⁵⁰

Desde a fundação do seu primeiro jornal, Durval Mattos disponibilizara espaço no periódico para defender e divulgar as ações sociais promovidas pela Igreja Católica, refutava as práticas religiosas de outras agências do sagrado e enaltecia a

¹⁴⁶ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-juriscanonic/portuguese/codex-iur>>. Acesso em: 12/1/2010.

¹⁴⁷ Proprietário Durval Mattos. No livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 26 diz que, em 1935, Durval Mattos era congregado mariano e foi um dos padrinhos da festa de Nossa Senhora Mãe dos Homens.

¹⁴⁸ Proprietário Athaulpa César Machado. Fundou o jornal em 23/4/1955. Trabalhou como radialista na Rádio Tubá de Tubarão (SC) por um período de dez anos e teve contato com o bispo diocesano Dom Anselmo de Pietrulla.

¹⁴⁹ Proprietário Osmar Nunes. Fundou o jornal em 31/1/1964.

¹⁵⁰ Em 1932, ele mudou o nome do jornal **A Verdade** para **Campinas**.

imagem de alguns porta-vozes católicos. Na edição do dia 28 de março de 1929, percebi que Durval Mattos fez elogios apreciativos ao pároco Antônio Luiz Dias ao trazer melhorias para a cidade.¹⁵¹

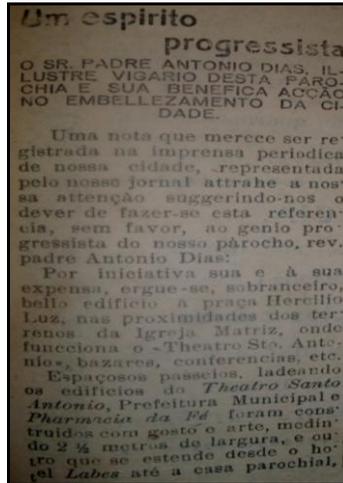


Figura 11 – Página do jornal **A Verdade**, 28/3/1929¹⁵²

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Segundo o jornal **Campinas**, em 1936 Durval Mattos apoiou a iniciativa da Igreja Católica, divulgando, no jornal, um anúncio que convidava os araranguenses a participarem de uma peça teatral organizada pelos estudantes da escola pública “Grupo Escolar David do Amaral”, cujo objetivo seria angariar fundos para a aquisição de um crucifixo a ser afixado no gabinete da instituição de ensino. Como se vê, as peças teatrais tinham como base a preocupação de inculcar nos fiéis os saberes católicos.

¹⁵¹ Em 28/3/1929, Durval Mattos publicou uma coluna enaltecendo a imagem do padre Antônio Luiz Dias na primeira página do jornal. **Jornal A Verdade**. Araranguá, 28/3/1929, p. 1, n. 9, Ano 2. Título: Um espírito Progressista. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

¹⁵² **Jornal A Verdade**. Araranguá, 28/3/1929, p. 1, n. 9, ano 2. Título: Um espírito Progressista. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

ho 1936 CAMPINAS

Hoje! Hoje!

HOJE, às 19 horas, haverá, no "Club Fronteira" uma representação teatral por alunos da Esco'a Normal Primária, em benefício do Crucifixo a ser entronizado no gabinete do Grupo Escolar "Professor Davi do Amaral". A Imagem méde um metro de comprimento e a cruz um metro e secenta e cinco. Contamos com o comparecimento de todos, pois alem de nos prestar um auxilio, irão passar algumas horas divertidas.

PROGRAMA

1^o - Quadro vivo - O Anjo da Guarda
 2^o - Fúrias ao vento - canção - Leonil Wendhausen
 3^o - O mocho representador - comedia - Maria Garcia, Herondina Nunes, Isaura Nunes, Zilda Machado.
 4^o - Monólogo - Dinarte Campos
 5^o - Ave Maria - canção - Leonil Wendhausen
 6^o - Escola na roça - comedia - Professor: Manoel Coelho

ALUNOS

(Zé Duro! * José Trevioli
 Macup! da Patá Grande * Davino Fraga
 Zé Perinho * Munir Bacha
 Quinquinhas * Eladio Garcia
 Sebastião da Sirva Pinto * Joel Batista
 Joao Pijaveira * Orivaldino Teixeira)

7^o - Sento Chinez, canto, por um grupo de alunos
 8^o - "Como é háo visé no mato" comedia, José Maniel, Munir Bacha, Maria Conceição Melo, Nair Grechi.
 9^o - Dialogo, Flavio Leharbenchon e Munir Bacha
 10 - Diabruras de Joquinha, comedia, Manoel Coelho, Dinarte Campos, Eladio Garcia, Orivaldino Teixeira.
 11 - A Canção de Margarida, bailado por um grupo de alunos.
 12 - Samba

TODOS AO TEATRO - Rir, rir, e só rir.

Figura 12 – Página jornal **Campinas**, 28/6/1936¹⁵³

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

HOJE, às 19 horas, haverá, no "Club Fronteira" uma representação teatral por alunos da escola Normal Primária, em benefício do Crucifixo a ser entronizado no gabinete do Grupo Escolar "Professor David do Amaral". A Imagem méde (sic) um metro de comprimento e a cruz um metro e secenta (sic) e cinco. Contamos com o comparecimento de todos, pois alem (sic) de

¹⁵³ Jornal **Campinas**, Araranguá. 28/6/1936, p. 3, ano 3. Título: Peças teatrais. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

nos prestar um auxílio, irão passar algumas horas divertidas.

Programa: O Anjo da Guarda, Ave Maria, Ser Católico, Folhas ao Vento, [...].¹⁵⁴

Contudo, importa salientar que esse anúncio que convidava as pessoas para o teatro rendeu uma longa disputa entre três cidadãos araranguenses que entraram em conflito por questões religiosas e utilizaram o jornal **Campinas** como espaço para um invalidar a ideia do outro.

O problema central da discussão no jornal iniciou quando o cidadão “Y”,¹⁵⁵ que se dizia católico, escreveu no jornal **Campinas** no dia 5 de julho de 1936 um texto na coluna “Nota de um católico” criticando a realização do teatro unicamente para a aquisição de um crucifixo para ser afixado no “Grupo Escolar David do Amaral”. Segundo o cidadão “Y”, seria melhor adquirir dicionários, globo terrestre e outros materiais didáticos à escola do que uma imagem que seria pouco usada pelos estudantes e professores. Tal crítica irritou o responsável que organizou o teatro para a aquisição do crucifixo e, também, o diretor da escola Manoel Coelho.

Na edição do dia 12 de julho de 1936 ainda no jornal **Campinas**, o senhor “X” escreveu na página 2 uma coluna, “Nota de um cristão”, retrucando as críticas do senhor “Y”, justificando a importância da aquisição do crucifixo para os estudantes e afirmando que o grupo escolar possui os melhores dicionários e materiais didáticos.¹⁵⁶ Nessa mesma edição, na página 3, o diretor do “Grupo Escolar David do Amaral” Manoel Coelho também refutou as críticas do senhor “Y”, reforçando a identidade católica na escola e apresentando os diversos materiais didáticos pedagógicos que a escola possuía naquele momento. Conforme o diretor, o crucifixo de Cristo na escola ensinaria os estudantes para as questões voltadas à humanidade.

Ora, para que Dicionario (sic) mais vivo e

¹⁵⁴ Idem.

¹⁵⁵ Conforme consta no jornal.

¹⁵⁶ Jornal **Campinas**, Araranguá. 12/6/1936, p. 2, ano 3. Título: “Nota de um Cristão”. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

emocionante que o Cristo Crucificado pelo mundo selvagem e bárbaro? É um globo, não só geográfico, mais, científico, cheio de imagens vivas e expressivas, ensinando aos homens, o amor mútuo e a caridade comum.¹⁵⁷



Figura 13 – Página jornal **Campinas**, 12/7/1936
Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

O que chama atenção nas representações discursivas do diretor da escola e do senhor “X” é a persistência de afirmar em quase todos os textos que o cidadão “Y” não pertencia à Igreja Católica pelo fato de ter feito tal questionamento. Contudo, é visível também nos textos que o senhor “Y” procurava se afirmar enquanto católico.

Diante dessa situação, compreendi que o que está em pauta nessa disputa simbólica é a aquisição ou não do crucifixo.

¹⁵⁷ Jornal Campinas, Araranguá. 12/7/1936, p. 3, ano 3. Título: “Ao Exmo. Sr. Y”. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

Por tais motivos, percebi a necessidade dos três cidadãos em afirmar que são católicos, pois nesse período não pertencer à Igreja Católica significava ser inimigo de Jesus Cristo, dos párocos, dos adeptos católicos, bem como da comunidade e de toda a organização eclesiástica do catolicismo.

O texto do jornal **Campinas** de 1936 é relevante para compreender nesse período o poderio da Igreja Católica em Araranguá e a sua economia de forças para tomar decisões em algumas áreas da sociedade. No texto do senhor Manoel Coelho identifiquei a supremacia da Igreja Católica em relação às outras agências religiosas por se achar no direito de falar e decidir por todos, somente por terem um número maior de adeptos no campo religioso. Nesse caso, apesar das críticas e/ou sugestões de um não católico ou até mesmo católico, o crucifixo foi afixado no “Grupo Escolar David do Amaral” porque “temos em nosso estabelecimento de ensino: 382 alunos dos quais 376 são católicos. Logo a maioria vence”.¹⁵⁸

Investigando as anotações do padre Antônio Luiz Dias, ainda no seu “Caderno de Rascunhos”, a fim de conhecer os motivos pelos quais Durval Mattos publicava assuntos vinculados à Igreja Católica, a razão que o pároco e Durval eram amicíssimos e visitavam-se frequentemente.

Tais relações são visíveis quando o pároco registrou que durante o mês de setembro de 1937 visitou o estabelecimento comercial de Durval Mattos para tratar acerca de um Centro Espírita existente em uma localidade pertencente a Araranguá, conhecida por Urussanguinha. O pároco escreveu que esse Centro Espírita estava instalado nessa localidade há mais de dois anos e que se deveriam tomar providências urgentemente para impedir a proliferação, como salienta padre Antônio Luiz Dias, dessa “seita demoníaca”. Verifiquei, inclusive, nas anotações do pároco que, durante as conversas com Durval Mattos, este concordou em escrever uma matéria em seu periódico para desqualificar tal agência. Durval Mattos prontificou-se, além disso, em conhecer melhor tal agência para eliminá-la do campo religioso. Dessa maneira, identifiquei no fragmento, que a Igreja Católica soube escolher seus aliados e beneficiou-se das boas relações que mantinha com alguns grupos de prestígio e capital

¹⁵⁸ Idem.

simbólico reconhecido em Araranguá, como foi no caso do proprietário do jornal.

DIA 13 DO MÊS DE SETEMBRO - ANO 1937
Visitei nesta Cidade há mais de duaz (sic) semanas o estabelecimento tippográfico do comerciante Durval Mattos para tratar de uma Família de Seita Espírita de Urussanguinha que estão lá instalados há (sic) dois anos convidando os fiéis da nossa Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens a frequentar aquelle (sic) logar (sic) que ensina práticas diabólicas. O proprietário colocou o seu Semanário para atacar tal seita que vai servir como aviso aos Católicos da Nossa Paróquia não irem comer e beber daquelle (sic) veneno mortal. Primeiro tem que conhecer o representante daquelle (sic) casebre Espírita para depois noticiar o fim dessa seita demoníaca.

[...]

Aquelle (sic) logar (sic) já foi atacado por várias vezes por Católicos durante a noite mas elles (sic) não desistem dos rituaes (sic).¹⁵⁹

O texto que o pároco Antônio Luiz Dias havia solicitado para pôr em descrédito o Centro Espírita da localidade de Urussanguinha foi matéria de capa do periódico de Durval Mattos, em 24 de outubro de 1937. Entendi que o proprietário teve de buscar motivos para refutar a empresa do sagrado no mercado religioso e, ao saber que no Centro Espírita havia ocorrido a celebração de um casamento que envolvia uma cidadã de menor, foi o ponto-chave para o proprietário elaborar representações depreciativas dessa agência religiosa. No texto, notei que o redator teve de dar ênfase ao casamento da menor com o soldado do maior idade, que era “macumbeiro”, para que os policiais fossem até ao Centro Espírita para tomar as providências imediatas, ou seja, fechar as portas dessa agência,

¹⁵⁹ Livro Tombo de Anotações Gerais da Paróquia de Araranguá, p. 18, 13/9/1937.

pois futuramente poderia vir a incomodar a polícia. No título “Um casamento sui generis”, verifiquei, ainda, os termos pejorativos remetidos à empresa do sagrado que estava distribuindo seus bens de salvação em Araranguá.

A dias (sic), um macumbeiro que existe lá para as bandas de Urussanguinha, fez um casamento até agora inédito neste Município. Este indivíduo que de muito tempo está precisando de uma “olhadela” da polícia, tem lá seu “centro” onde faz sessões, receita remédios, faz passes, doutrinações etc.

Agora deu em fazer casamentos: Tinha em seu poder uma menor, e entendeu de fazê-la casar com um soldado do Regimento que achava-se em Crescuma, mesmo ao contrário da vontade da menor. A mãe da menor foi encarregada de ir buscar o soldado, que dizem também ser macumbeiro – aqui chegado o soldado tratou-se logo de realizar-se o casamento, mas este não deveria ser: nem civil, nem pelo Padre, deveria ser tão somente pela sua religião (a do macumbeiro).

Assim é, que em sessão solene, foi incorporado (sic) em uma senhora, o espírito de um Padre, e este realizou o dito casamento [...] E lá se foi o soldado para Crescuma com a menor.

Será que a polícia não soube disso?

Pois se não tomar providências sérias e imediata, teremos muito em breve um grupo igual ao do Rio Negro, que muito encomoda (sic) a polícia.

Aqui fica o aviso.¹⁶⁰

¹⁶⁰ Jornal **Campinas**, Araranguá. 24/10/1937, p. 1, ano 4. Título: Um casamento sui generis. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).



Figura 14 – Capa do jornal **Campinas**, 24/10/1937¹⁶¹

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

A notícia veiculada no periódico **Campinas**, que denunciava o Centro Espírita, foi representação que realmente intimidou os membros representantes e os fiéis de tal agência no mercado. Até porque, posteriormente à veiculação da matéria, houve uma panfletagem organizada pela Igreja Católica. O proprietário Durval Mattos doou uma quantidade de exemplares

¹⁶¹ Idem.

do periódico ao padre Antônio Luiz Dias para que os distribuísse em todas as capelas no início de cada missa. Dessa feita, o pároco utilizou-se dos conteúdos em seus sermões, combatendo os ensinamentos do Centro Espírita a fim de que a Igreja Católica saísse vencedora nessa disputa no campo religioso.¹⁶²

De acordo com o pároco, a notícia até fez os policiais investigarem tal episódio no Centro Espírita; porém, os representantes haviam abandonado o local e acabado com as sessões espíritas.¹⁶³ Diante dessa situação, verifiquei o capital simbólico da qual os especialistas da Igreja Católica eram portadores a ponto de fechar as portas¹⁶⁴ de uma concorrente no campo mercadológico.

Diante do exposto, importa mencionar que, nas disputas no campo religioso, a força das palavras de ordem e a legitimação que delas pode advir estão intimamente relacionadas com a autoridade e a credibilidade de quem as enuncia, nesse caso, a voz do padre Antônio Luiz Dias. Até porque as palavras não significam por si mesmas, mas por quem as diz. Ou seja, pela posição que o pároco ocupa e pelo acúmulo de capital que possui. Por esse motivo, dar-se-á entre os especialistas do sagrado a construção constante de imagens e representações que diferenciam o “nós” (católicos) do “outro” (espíritas ou demais agências), e que nessa oposição confirmam legitimidade aos projetos do seu grupo e desqualifiquem o adversário.

Depois da publicação da matéria que desqualificou o Centro Espírita em Araranguá, o proprietário Durval Mattos usou novamente o seu periódico para combater outra vez o Espiritismo que estava se propagando na localidade. Contudo, nessa matéria específica, percebi que o conteúdo não fazia referência ao Espiritismo especificamente em Araranguá, mas reportava-se a “um bárbaro crime” cometido em Las Palmas, que fora perpetrado por dirigentes das “crenças espíritas” e induzia os leitores a representar o Espiritismo como uma esfera do mal,

¹⁶² Livro Tombo de Anotações Gerais da Paróquia de Araranguá, p. 20. Outubro de 1937.

¹⁶³ Livro Tombo de Anotações Gerais da Paróquia de Araranguá, p. 21. Outubro de 1937.

¹⁶⁴ Notei, nos registros de padre Antônio Luiz Dias, que o Centro Espírita na localidade de Urussanguinha veio a fechar em virtude dos combates da Igreja Católica e do jornal **Campinas**, mas, os mesmos membros abriram outro Centro Espírita na localidade de Mato Alto após dois meses do episódio.

uma religião contrária a Deus e que, por isso, deveria ser prontamente repelida.

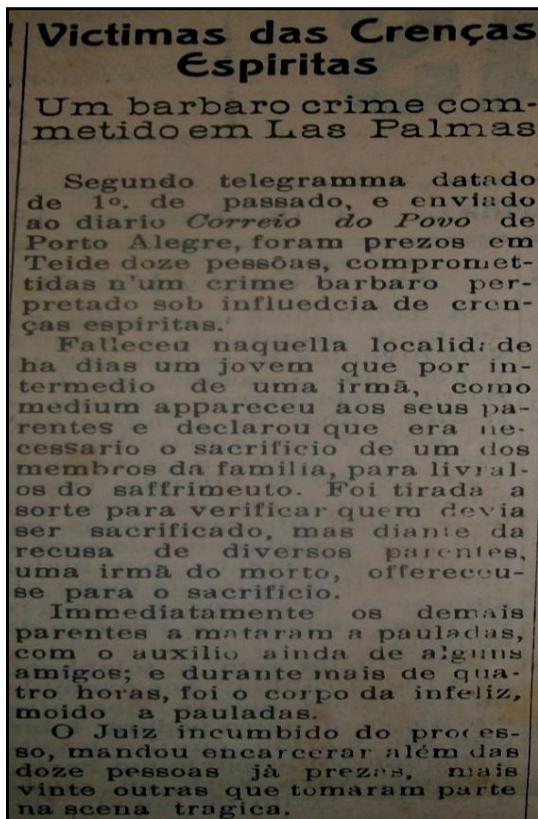


Figura 15 – Página jornal **Campinas**, 3/11/1937¹⁶⁵

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Ou seja, a matéria intitulada “Victimas da Crenças Espiritas” reproduziu o imaginário social de que o Espiritismo possuía vínculo com o homicídio, a barbárie e com a imoralidade. Nesse sentido, compreendi que as publicações nos jornais do período em análise não possuíam discursos neutros, mas encontravam-se em um campo de competição em meio às

¹⁶⁵ Jornal **Campinas**, Araranguá. 3/11/1937, p. 3, ano 4. Título: “Victimas das Crenças Espiritas”. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

relações de poder e violência simbólica com capacidade de produzir práticas, estratégias e constituir imaginários.

A historiadora Nelly de Carvalho leva-me a pensar que os discursos acerca do passado são entendidos como construções e reconstruções de acordo com as motivações e interesses de determinada pessoa ou grupo. A autora salienta que a linguagem publicitária geralmente “utiliza-se da manipulação e que o mesmo se pode dizer da linguagem jornalística, dos discursos políticos [...] há uma base informativa que, manipulada, serve aos objetivos do emissor”.¹⁶⁶

Sendo assim, por intermédio dos diversos conteúdos católicos publicados nas edições desses jornais e considerando a invisibilidade de informações das demais empresas do sagrado de Araranguá, verifiquei que os proprietários dos periódicos possuíam fortes vínculos com os porta-vozes da Igreja Católica. Logo, compreendi que a imprensa local serviu como um instrumento de grande importância nas mãos da Igreja Católica para inculcar nas pessoas as suas ideias, manter a sua hegemonia e revelar aos adversários o seu monopólio no campo religioso.

Mapeando outros jornais que circulavam em Araranguá, encontrei o periódico **Tribuna do Sul**, do diretor Athaulpa César Machado. Percebi nesse jornal que, além de existirem diversas publicações da Igreja Católica em quase todas as suas páginas, o proprietário disponibilizou ainda uma coluna dedicada à Igreja Católica intitulada “Notícias Religiosas”, cujo objetivo principal era divulgar conteúdos com base evangelística, como, por exemplo, as notícias sobre a catequese escolar, das visitas de autoridades religiosas na região, convites para festividades religiosas, promoções para angariar fundos para a construção da nova matriz, entre outros. Por exemplo, em 5 de junho de 1955, verifiquei a relação dos nomes dos “benfeitores da igreja matriz dessa cidade”.¹⁶⁷ Ainda em 17 de julho de 1955, no título

¹⁶⁶ CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1998, p. 9. Obviamente não se pode generalizar e afirmar que toda a linguagem jornalística é em si manipuladora. A reflexão da historiadora contribuiu para a minha análise nesse momento da tese.

¹⁶⁷ Jornal **Tribuna do Sul**, Ano 1, n. 7, p. 5. Título: “Notícias Religiosas”. “Benfeitores da nova matriz: contribuíram com Cr\$ 100,00 em prol da nova matriz os senhores Arioaldo Pereira [...]. Que a Nossa Senhora Mãe dos Homens se digne abençoar a cem por um nesta vida e na eternidade aos benfeitores de sua matriz. Esse mês dedicado ao Coração de Jesus: Todas as noites, durante o mês de junho, haverá

“Atenção católico!”, encontrei o aviso de que “o espetáculo de hoje do Circo Cumparsita reverterá em benefício das obras da igreja matriz. Dê sua contribuição”.¹⁶⁸ Consta ainda que no dia 2 de outubro de 1955 haveria a presença do bispo da diocese de Tubarão Dom Anselmo Pietrulla que viria pela primeira vez à paróquia de Araranguá no dia 8 de outubro daquele ano. No texto, observei toda a programação festiva para a recepção do bispo em Araranguá, como os respectivos locais e horários em que ele estaria, além de outros informes. Conforme o fragmento, além de todos os fiéis serem convidados para ir à matriz prestigiar a vinda do bispo, os professores das escolas foram convidados para organizar, juntamente com os estudantes, saudações de boas-vindas ao bispo.

Anunciamos, para regozijo de tôda (sic) a paróquia, que no próximo dia 8 de outubro, Sua Excia. Revma. Dom Anselmo Pietrulla, nosso primeiro e amado bispo da Diocese de Tubarão, estará visitando as associações religiosas e todo o povo desta paróquia, pela primeira vez. Convidamos as autoridades, fiéis, e associações para receber festivamente, diante da Matriz, Sua Excia. Rvma., que chegará o mais tardar às 17,30 horas. Após a recepção, seguir-se-à uma novena festiva pregada por sua Excia. Rvma. Dia 9, domingo, sua Excia. visitará as seguintes capelas: 9,15 hs. – Volta Curta; 10 hs. – Rio Negro; 10,30 – Cangicas; 11 hs. – Ilhas; – 11,30 Rio dos Porcos, 12 hs. – Espigão da Pedra; 14 hs. – Itopava; 14,30 – Sanga do Veado; 15,30 hs – Soares; 16,30 – Praça do ermo e, às 17 hs. – Morro do ermo. Pede-se às professoras das respectivas localidades prepararem uma breve saudação.¹⁶⁹

missa na igreja Matriz, as 19 horas.”

¹⁶⁸ **Tribuna do Sul**, n. 13, p. 3. Título: “Atenção Católico”.

¹⁶⁹ **Jornal Tribuna do Sul**. Araranguá. 20/10/1955, p. 3, ano 1, n. 21. Título: Notícias Religiosas. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).



Figura 16 – Capa do jornal O Sul, 17/5/1964¹⁷⁰

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Os objetivos em trazer para análise as representações discursivas de alguns jornais do estado de Santa Catarina, e em especial aqueles que eram registrados e circularam em Araranguá, são problematizar como os fiéis católicos e profissionais da Igreja Católica eram portadores de um capital simbólico que lhes possibilitaram utilizar a mídia local para inculcar nas pessoas as suas ideias, manter a sua hegemonia e revelar aos adversários o seu monopólio no campo religioso.

A fim de contrastar os indícios dos jornais com os documentos paroquiais acerca das agências do sagrado presentes no campo religioso em Araranguá entre as décadas de

¹⁷⁰ **O Sul**. Araranguá. 17/5/1964. Capa. Ano: 1. Título: "Grande e imponente festa da padroeira". Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

1930 e 1950, retomo as consultas no livro Tombo da Paróquia de Araranguá. No resumo anual elaborado por frei Tiago M. Coccolli, entre 1941 e 1950, é possível elaborar um levantamento de dados para identificar o aumento gradativo de “católicos e acatólicos”¹⁷¹ e também conhecer quais as instituições que estavam em competitividade em todo o Araranguá.

Para melhor visualizar os números, elaborei a Tabela 1 especificando o ano, a quantidade de católicos existentes em toda a paróquia, a quantidade das demais agências no mercado e o nome das agências que iam surgindo com os passar dos anos, com base no Relatório Anual da Paróquia de Araranguá (1941 -1950).

Conforme mencionado, um dos elementos que provocou a dinamização do campo religioso foi a presença da Ferrovia Dona Tereza Cristina, que atraiu habitantes próximo à estação ferroviária e também para as diversas localidades interiorana dos distritos de Araranguá. Como se vê no relatório anual citado, a partir de 1943 havia mais habitantes nas localidades distritais do que no centro de Araranguá, que também estava estruturando-se próximo à Estação Ferroviária e à igreja matriz.

¹⁷¹ Segui a escrita conforme consta no documento. O termo “acatólico” é utilizado para designar cristãos não católicos, referindo-se, mais especificamente, a adeptos de igrejas protestantes. Os acatólicos constituem “seitas”, possuem ministros e são passíveis de retorno ao grêmio da Igreja Católica depois de abjurar suas “heresias”.

Tabela 1 – Resumo anual da Paróquia de Araranguá do período entre 1941 a 1950¹⁷²

ANO	QUANTIDADE DE CATÓLICOS	QUANTIDADE AGÊNCIAS NO MERCADO	RELAÇÃO DAS AGÊNCIAS NO MERCADO
1941 ¹⁷³	17.000	300 acatólicos	Não mencionado
1942 ¹⁷⁴	20.000	Alguns acatólicos	Não mencionado
1943 ¹⁷⁵	20.000	Alguns distribuídos	Não mencionado
1944 ¹⁷⁶	21.000	Alguns habitantes	Espíritas, maçons e luteranos.
1945 ¹⁷⁷	20.000	Alguns habitantes	Espiritismo e maçonaria
1946 ¹⁷⁸	22.000	Poucas de outras religiões	Não mencionado
1947 ¹⁷⁹	23.000	Alguns habitantes	Luteranos e espíritas
1948 ¹⁸⁰	23.000	Quase todos católicos	Não mencionado
1949 ¹⁸¹	23.000	Alguns acatólicos	Espíritas, protestantes, maçons, comunistas ¹⁸² e ateus.
1950 ¹⁸³	23.000	Alguns acatólicos	Não mencionado

Fonte: Elaborado pelo autor com dados extraídos do livro Tombo da Paróquia de Araranguá

¹⁷² Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 119 até 133v.

¹⁷³ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 119. Todas as escritas seguirão de acordo como consta no relatório desse documento.

¹⁷⁴ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 115.

¹⁷⁵ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 116.

¹⁷⁶ Idem, p. 119.

¹⁷⁷ Idem, p. 120 v.

¹⁷⁸ Idem, p. 121 v.

¹⁷⁹ Idem, p. 127.

¹⁸⁰ Idem, p. 128 v.

¹⁸¹ Idem, p. 132 v.

¹⁸² A preocupação do pároco de Araranguá frei Tiago M. Coccolini é que no período em questão a Igreja Católica no Brasil representava o comunismo como um conteúdo mais religioso do que político, a ponto ser contrário a Deus, assumindo o mesmo valorativo de uma seita.

¹⁸³ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 133 v.

Contrastando os valores registrados pela Igreja Católica de 1941 até 1950 com os dados do IBGE, verifiquei uma enorme diferença na quantidade de habitantes. Enquanto nos registros da Igreja Católica no ano de 1941 havia dezessete mil habitantes, o IBGE apontava 50.273 habitantes.¹⁸⁴ Isso equivale a uma diferença de 42.273 habitantes.

A diferença ainda é visível nos dados da Igreja Católica referentes ao ano de 1950 que apresentava 23 mil habitantes em todo o Araranguá, enquanto o IBGE indicava a quantidade de 38.923,¹⁸⁵ o que representa uma diferença de 15.923 habitantes.

Importa ressaltar que as diferenças numéricas apontadas pelos registros da Igreja Católica com os do IBGE não comprometem os desdobramentos desta pesquisa, pelo contrário, desafiam a aprofundar mais o estudo para compreender melhor a dinamização do campo religioso, pois os dados levam a pensar que talvez possa haver outras empresas do sagrado no campo religioso em Araranguá a serem estudadas.

Na segunda metade da década de 1950, Araranguá ainda possuía uma grande extensão territorial e também numerosa população que se distribuía nos distritos de Meleiro, Maracajá, Passo do Sertão e Volta Grande. E, como nesse período as capelas das localidades dos distritos não haviam ainda constituído a sua paróquia, recebiam então o atendimento espiritual e burocrático da paróquia de Araranguá. Nesse caso, como já mencionado no subtítulo 1.3 deste capítulo, o pároco e o seu coadjutor, mesmo obtendo apoio com os trabalhos voluntários dos leigos, percorriam mensalmente todas as capelas para fazer as visitas paroquiais aos adeptos católicos. Para outras empresas do sagrado, o funcionamento eclesiástico se dava de modo um pouco diferente e mais vantajoso em relação à Igreja Católica. Por exemplo: na Casa Espírita, na Umbanda, no Candomblé, na Quimbanda ou em outras religiões afro-

¹⁸⁴ Conforme dados do IBGE, Censo Demográfico 1940. Desses números 5.049 é população urbana e 54.224 população rural.

¹⁸⁵ Conforme dados do IBGE, Censo Demográfico 1950. Desses números 5.663 é população urbana e 33.260 população rural. Durante esse período, Araranguá sofreu diversos desmembramentos de seu território, ocasionando um declínio populacional e também alterações econômicas. Houve o desmembramento da localidade de Turvo (1948), que apresentava, já em 1940, uma população de 6.005 habitantes. Em 1953, ocorreu a emancipação de Sombrio, o que explica o considerável declínio populacional, pois, em 1950, este distrito possuía 11.205 habitantes.

brasileiras, os próprios representantes eram fixos na localidade e frequentemente distribuíam os bens de salvação aos frequentadores. Da mesma forma, são as instituições protestantes históricas e as pentecostais: conquanto os dirigentes e membros pertencessem a um templo matriz (igreja sede), possuíam autonomia para distribuírem também os bens de salvação aos fiéis com o corpo de obreiros disponíveis que realizavam trabalhos voluntários, a saber: os auxiliares, diáconos, presbíteros, evangelistas e pastores.

Para ter um panorama geral de todas as empresas do sagrado instituídas em Araranguá a partir da década de 1950, organizei, com base nos números extraídos do livro Tombo da Paróquia de Araranguá, do IBGE, dos relatórios das escolas municipais e literaturas, a Tabela 2, que apresenta alguns dados informativos relevantes para a compreensão das ações de evangelização desenvolvidas pelos empresários da religião no período em estudo delimitado.

Tabela 2 – Panorama geral do campo religioso em Araranguá (1940-1950)

MUNICÍPIO E DISTRITOS	Nº DE HABITANTES		AGÊNCIAS RELIGIOSAS NO MERCADO		Nº DE LOCALIDADES	
	Ano 1940	Ano 1950	Ano 1940	Ano 1950	Ano 1940	Ano 1950
ARARANGUA	31.565	24.436	Igreja Católica, Casa Espírita, maçonaria e Igreja Luterana	Igreja Católica, Casa Espírita, Umbanda, maçonaria, Igreja Luterana, Igreja Presbiteriana, Igreja Batista e Igreja Evangélica Assembleia de Deus	43	28
MELEIRO	4.983	4.725	Igreja Católica, Casa Espírita, Igreja Presbiteriana	Igreja Católica, Casa Espírita e Igreja Evangélica Assembleia de Deus	25	17

MARACAJÁ	2.969	2.832	Igreja Católica, Casa Espírita e Umbanda	Igreja Católica, Casa Espírita, Umbanda, Igreja Batista e Igreja Evangélica Assembleia de Deus	15	14
VOLTA GRANDE	5.782	4.425	Igreja Católica, Casa Espírita, maçonaria e Igreja Luterana	Igreja Católica, Casa Espírita, maçonaria, Igreja Luterana, e Igreja Evangélica Assembleia de Deus	12	9
PASSO DO SERTÃO	4.974	2.505	Igreja Católica, Candomblé, maçonaria e Igreja Presbiteriana	Igreja Católica, Casa Espírita, Umbanda, maçonaria e Igreja Presbiteriana	17	11

Fonte: Tabela elaborada por Lúcio Vânio Moraes conforme dados extraídos do livro Tombo da paróquia de Araranguá e informações do IBGE

1.5 Situação de mercado e lutas de representações entre as empresas no município de Araranguá (1950)

Como já dito, o recorte temporal nesta investigação, inicia-se na primeira metade da década de 1950 pelo fato de, nesse período, ter aumentado o número de empresas da religião em Araranguá. Conforme as Tabelas 1 e 2, apresentadas nesse capítulo, notei que foi nessa década que ocorreu paulatinamente o trânsito de adeptos católicos para outras empresas do sagrado. Assim, os porta-vozes da Igreja Católica sentiram-se ameaçados em perder membros e passaram a reelaborar estratégias pastorais com foco central em atingir todas as áreas da sociedade, a fim de garantir presença e delimitar seu espaço de atuação. Em outras palavras, o catolicismo, na disputa mercadológica com outras agências no mercado, buscava vender bens de salvação cujo objetivo era sair vencedor nessa competição, com desejo em manter sua hegemonia,

predominância e legitimidade no município.

Contudo, convém frisar que as transformações no campo religioso em Araranguá não ocorreram a partir de uma ruptura premeditada e, sim, como um processo gradual e paulatino que só pode ser percebido mediante uma análise que considere tempos mais longos. Sendo assim, as mudanças nas ações dos empresários da religião ocorreram lentamente, e longe de ser o resultado de uma “formatação” sistemática pensada e/ou calculada. Conforme o exposto, as reflexões de Dominique Julia nos ajudam a compreender o processo de dinamização no campo religioso ao afirmar que

as mudanças religiosas só se explicam, se admitirmos que as mudanças sociais produzem, nos fiéis, modificações de ideias e desejos tais que os obrigam a modificar as diversas partes de seu sistema religioso. Há uma continuidade de ida e volta, uma infinidade de reações entre os fenômenos religiosos, a posição dos indivíduos no interior da sociedade e os sentimentos religiosos desses indivíduos. A densidade de população, as comunicações mais ou menos extensas, a mistura de raças, as oposições de textos, de gerações, de classes, de nações, de invenções científicas e técnicas, tudo isso age sobre o sentimento religioso individual e transforma, assim, a religião [...].¹⁸⁶

O foco principal desta pesquisa é problematizar as reelaborações pastorais articuladas pela Igreja Católica a partir da década de 1950 em uma perspectiva de disputas no mercado religioso, como, por exemplo, as ações do frei Tiago M. Coccolini, ao solicitar a vinda das religiosas da Congregação de Santa Catarina para administrar o hospital Bom Pastor e também fundar o Colégio Madre Regina em 1955.

Ressalto, ainda, que nesta pesquisa não se tem a

¹⁸⁶ JULIA, Dominique. A religião: história religiosa. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. **História**: novas abordagens. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986, p. 106.

intenção de estudar a história da Igreja Católica, da Congregação de Santa Catarina nem das outras empresas do sagrado que estavam presentes no campo religioso em Araranguá já na década de 1930. Ou seja, o problema central é analisar os projetos de comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica e algumas práticas pedagógicas também dos empresários da religião das outras agências religiosas como forma de concorrência mercadológica em Araranguá.¹⁸⁷

A abordagem de Pierre Bourdieu quanto ao mercado de bens simbólicos permite compreender a concorrência entre a Igreja Católica e as demais empresas do sagrado em Araranguá a partir da primeira metade da década de 1950. Assim sendo, percebi que os diversos projetos de evangelização e socioassistencial desenvolvidos pela Igreja Católica possuíam propósito de conservar seu monopólio no campo religioso. Da mesma forma, as ações de evangelismo pelas demais empresas do sagrado objetivavam conquistar espaço no mercado, ter legitimidade social e tinham o propósito de avançar no campo religioso.

Essa proposta de trabalho tem por base as reflexões de Peter Ludwig Berger ao colocar que somente a partir da criação de uma situação de mercado é que surge um sistema de mercado de bens simbólicos perceptível entre as agências religiosas, que procuram credibilidade para a sustentação das suas representações.¹⁸⁸ Nesse sentido, a Igreja Católica articulou um programa eclesialístico de comercialização dos bens simbólicos cujo objetivo principal era ajustar-se à lei da oferta e da procura de bens religiosos. De modo geral, respondendo às práticas religiosas de outras empresas da religião, que estavam em busca de mais adeptos no município, a Igreja Católica cria as estratégias de evangelização a fim de equilibrar e/ou eliminar as ofertas de tais agências com o lançamento de novos produtos

¹⁸⁷ Conforme MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op.cit.*, p.75, "Não obstante a historiografia revelar que, em uma perspectiva macroexplicativa da história, a Igreja Católica já esteja em disputa no mercado religioso desde o século XVI com a Reforma Protestante, e sem descartar esses acontecimentos históricos, a pretensão é entender como isso chegou a se desenrolar em Araranguá. A rigor, é visível na pesquisa que não é mais a questão da Igreja Católica combatendo o Estado laico, os ideais liberais, mas há outra dinâmica de disputa que estava surgindo e possibilitando talvez maior preocupação dos agentes em conquistar território para o catolicismo na sociedade: a problemática da concorrência mercadológica".

¹⁸⁸ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op. cit.*, p. 149.

religiosos no mercado. Ou seja, os porta-vozes autorizados dessa empresa, como os párocos e as religiosas, construíam estrategicamente sua interferência no espaço público e privado, recolocando seus posicionamentos e defendendo seus interesses no campo, atuando no hospital Bom Pastor, nas escolas e de modo geral em outros setores da sociedade.

Nos documentos paroquiais de Araranguá, há indícios de empreendimentos significativos que foram reelaborados por frei Tiago M. Coccolini, no período em que esteve como pároco responsável, gerando um florescimento de instituições religiosas, instigando-o a desenvolver projetos e planos pastorais (bens simbólicos) para impedir o trânsito de adeptos para outras confissões, garantindo, desse modo, a predominância da Igreja Católica no mercado religioso.¹⁸⁹

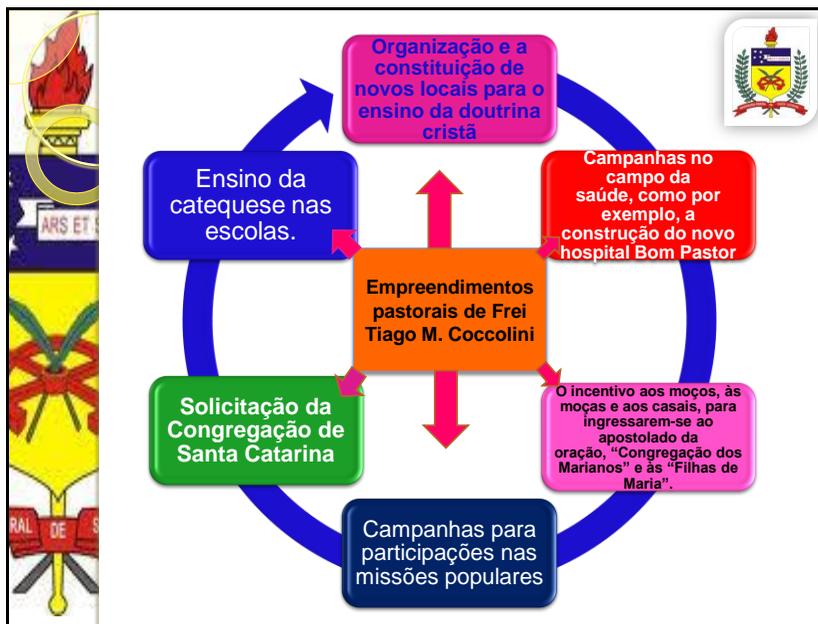
Conforme o Diagrama 1, dentre os diversos projetos reelaborados por frei Tiago M. Coccolini a fim de alcançar o maior número possível de pessoas em Araranguá, tanto católicos quanto adeptos de outras agências, destacam-se: (a) organização e a constituição de novos locais para o ensino da Doutrina Cristã; (b) campanhas no campo da saúde, como por exemplo, a construção do novo hospital Bom Pastor; (c) o incentivo aos moços, às moças e aos casais, para ingressarem-se ao apostolado da oração, “Congregação dos Marianos” e às “Filhas de Maria”; (d) campanhas para participações nas missões populares; (e) incentivo constante à frequência às missas e à participação nos terços¹⁹⁰ realizados nas capelas dos distritos e na sede do município de Araranguá e (f) a solicitação da Congregação de Santa Catarina.¹⁹¹

¹⁸⁹ “[...] A catequese nas capelas e escola não estava definitiva e eficientemente organizada. [...] aos domingos não havia terço nas capelas, nem doutrina, a não ser em poucos, menos ainda santa missa. As festas eram mais profanas do que religiosas, consistindo mais, e quase exclusivamente, em músicas, jogos, danças, carreiras, que muitas vezes degeneravam em brigas e crimes”. **Livro Tombo** da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 124v.

¹⁹⁰ Oração do rosário de forma coletiva na capela.

¹⁹¹ **Livro Tombo** da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC). Tomo I, 1945, p. 15-23.

Diagrama 1- Empreendimentos pastorais de frei Tiago M. Coccolini (1945)



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)¹⁹²

É oportuno lembrar que esse fragmento remete à abordagem de Peter Ludwig Berger e Thomas Luckmann, que analisaram o poder das instituições religiosas em controlar um conjunto de normas e condutas na sociedade, pois

pele simples fato de existirem, controlam a conduta humana, estabelecendo padrões previamente definidos de conduta, que a canalizam em uma direção por oposição às muitas outras direções que seriam teoricamente possíveis.¹⁹³

¹⁹² Diagrama elaborado com dados extraídos do **Livro Tombo** da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC). Tomo I, 1945, p. 15-23.

¹⁹³ BERGER, Peter Ludwig.; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Floriano de Souza

É visível, nos registros paroquiais e nos depoimentos orais, que frei Tiago M. Coccolini foi um pároco que travou muitas batalhas no campo religioso com outras igrejas. Ele encetou diversos planos pastorais, objetivando rejeitar e invalidar os trabalhos de outras empresas de salvação em Araranguá. Dito de outro modo, nos seus discursos representados no livro Tombo e nas pregações durante as missas, é perceptível o combate de forma nítida aos trabalhos de evangelização do Espiritismo, da maçonaria e das demais instituições protestantes, como a Igreja Luterana, Presbiteriana e, com o passar dos anos, também as igrejas pentecostais. Em seus relatórios anuais ele intitulava os adeptos que não pertenciam à Igreja Católica de “acatólicos”, “hereges”, “ateus” e “sem religião”.¹⁹⁴

No mestrado analisei um texto enviado para a Cúria Metropolitana de Florianópolis por frei Tiago M. Coccolini, que trata sobre o relatório das santas missões em 1947 e percebi indícios de como a Igreja Católica no período se representava na sociedade e identificava o “outro” como seu principal inimigo.¹⁹⁵

A renovação das Santas Missões fez um grande bem ao povo da sede da paróquia em modo particular. O Sr. Prefeito municipal Afonso Guizzo, congregado mariano fervoroso, contribuiu muito com sua presença e autoridade para os bons resultados das Santas Missões. [...] lastimamos a grande e ridícula oposição por parte de inimigos da Religião (como o diretor do Grupo Escolar e Sr. delegado de polícia) que em vão lutaram para impedirem a freguesia das Santas Missões às crianças e aos povos do interior [...].

A palavra franca, sincera e popular dos zelosos Padres missionários, abençoada e corroborada pela graça do Todo Poderoso, triunfou e paralisou os esforços dos adeptos

Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 80.

¹⁹⁴ Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC). Tomo I, 1945, p. 15-23.

¹⁹⁵ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 90.

maçônicos.¹⁹⁶

Sobre esse ocorrido, os depoimentos do senhor H. L. P,¹⁹⁷ hoje com 77 anos, são válidos para conhecer algumas práticas pedagógicas da maçonaria e o melhor entendimento das disputas no campo religioso em Araranguá. Ele explicou que seu pai fez parte dos primeiros agrupamentos secretos em moldes maçônicos em Araranguá¹⁹⁸ e se lembrou de alguns conflitos existentes entre frei Tiago e alguns adeptos da maçonaria durante a realização das Santas Missões em 1947. Segundo ele, naquele período a Igreja Católica contestava fortemente quem fosse maçom, sendo então necessário esconder tal opção filosófica aos católicos para evitar críticas e, principalmente, o abandono dos familiares. “Maçon era considerado um herege, um ateu, principal inimigo da Igreja Católica. Quando era criança eu nunca entendia o motivo dessa reação”.¹⁹⁹

Quando ocorreram as missões populares em Araranguá, eu lembro, estava com uns 11, 12 anos de idade. Meu pai falava muito que não era para eu dizer aos meus colegas de escola que éramos maçons, porque o padre não gostava da maçonaria. Como eu era ainda criança, não entendia os motivos de esconder mais esse segredo aos outros. Fui obrigado a esconder por um bom tempo até que um dia eu contei à professora [...].

Então, durante as missões populares, os freis capuchinhos de Caxias do Sul é que rezaram as missas nas capelas e na igreja matriz e começaram a atacar com voracidade os ensinamentos da verdadeira doutrina maçônica e a chamar os membros da Loja de

¹⁹⁶ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 127v.

¹⁹⁷ Por solicitação do entrevistado, colocarei apenas as suas iniciais. A entrevista não foi gravada. O entrevistado pediu ainda que o seu depoimento passasse por correção ortográfica, retirando ainda vícios de linguagens.

¹⁹⁸ A Loja maçônica “Perseverança e Fidelidade” com rito escocês antigo e aceito foi fundada em Araranguá no dia 10/2/1957. Atualmente está situado na Av. Engenheiro Mesquita, s/n, no Jardim das Avenidas. Maiores informações: <http://www.gob-sc.org.br/lojas.php>

¹⁹⁹ H. L. P, 77 anos. Entrevista não gravada concedida a Lúcio Vânio Moraes em 3/10/2011.

hereges, inimigos da Igreja, de ateus e outras difamações. Isso porque o frei Tiago disse aos capuchinhos que esse delegado e o diretor do grupo,²⁰⁰ que eram amigos de meu pai e que os conhecia, não haviam permitido que os alunos das escolas participassem das missas durante o horário das aulas.

Isso porque todas as vezes que tinha as missões populares, havia o envolvimento dos diretores e professores das escolas e os alunos participavam. Aí, naquele ano, então, o diretor de uma escola de renome em Araranguá não aceitou isso; tirar alunos de uma sala de aula que estão aprendendo somente para participar da missa. O padre Tiago ficou sabendo disso e foi até ao grupo. Chegando lá, o diretor firmou o pé que não iria liberar os mestres e nem os alunos em horário de aula para ir às missas. O padre, então, ameaçou o diretor de maçônico, que iria excomungá-lo, chamando-o de inimigo da Igreja, de Jesus e de Maria, dizendo que iria ao delegado para prendê-lo caso o diretor não aceitasse que os alunos saíssem da escola.

Ao falar com o delegado, o frei Tiago teve uma surpresa (risos). O delegado também era um dos membros que estava frequentando a Loja que fora improvisada em

²⁰⁰ Quando fui fazer entrevista com o senhor H. L. P, fiz leituras do texto do Livro Tombo que apresentava o episódio das missões populares de 1947 (Conforme: Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 127v). A leitura desse documento despertou no entrevistado muitas outras memórias que estavam soterradas no esquecimento. Essa foi uma técnica em que realizei ao desenvolver as entrevistas com as pessoas. Levava fotografias, recortes de jornais e outros textos para que os narradores fossem estimulados a narrar histórias do campo religioso em Araranguá, assim como Marcel Proust ao comer o doce Madalena e ao tomar o chá foi estimulado a lembrar a cidade onde passou parte de sua infância, unicamente tendo a taça de chá e os doces como evocadores da memória. Dessa forma, os narradores com as imagens e textos oportunizaram uma viagem significativa por todos os cantos de Araranguá, trabalhando com questões religiosas, políticas, econômicas, sociais e culturais (PROUST, Marcel. **No caminho de Swann**. Tradução de Mário Quintana. 9. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2000. p. 44-47).

Araranguá. A partir daí o padre foi falar com o prefeito, o Afonso Ghizzo. Também não adiantou, até porque o Afonso Ghizzo também estava misturado com a maçonaria. Frei Tiago viu que não tinha mais o que fazer, então aceitou que aqueles e outros alunos de alguns grupos escolares não participassem das missas.

O padre ficou mais irritado ainda porque o delegado e o diretor conseguiram ir a outras escolas para que os diretores não aceitassem a saída de alunos para as missas.²⁰¹

Convém salientar que o embate ocorrido no período das santas missões populares entre frei Tiago, o diretor do grupo escolar e o delegado, contribuiu para o fortalecimento do grupo de maçons distribuídos em todo o município de Araranguá, pois, compreendi que os dois cidadãos não economizaram forças para divulgar os pensamentos da maçonaria nas escolas, comércios e demais espaços da sociedade.

Outros diretores, comerciantes e até professores que eram catequistas da Doutrina Cristã, ao saberem que existia delegado, industriais, políticos e diretor de escola, quiseram participar das sessões na Loja maçônica para conhecer. Alguns desses permaneceram e outros saíram porque o padre ameaçava a ponto de fazer a pessoa parar de frequentar a Loja.

Nas missas, meu Deus, o padre Tiago desenhava os maçons como verdadeiros monstros. Eu e mamãe íamos às missas e sentíamos mal pelas palavras proferidas pelo frei. Ele dizia que não era para aceitar e nem conversar com os maçons em nossas casas, porque eles eram de uma seita contrária à Igreja, que ensinavam a ser ateus, contra os padres, papa e toda a Igreja. Nós

²⁰¹ H. L. P, 77 anos. Entrevista não gravada concedida a Lúcio Vânio Moraes em 3/10/2011.

chegávamos em casa e contávamos ao pai! Ele, então, passou a saber o que o padre dizia nas missas e passava ao grupo dele. Aí ele sempre pedia para irmos à missa. Só que, de tanto o padre falar dos maçons, eu acabei ficando sem amigo e a minha mãe sem ninguém para conversar. Na missa, as amigas dela que sabiam que nós éramos maçônicos nem nos cumprimentava.²⁰²

É perceptível no fragmento citado que a maçonaria passou a ter alguns privilégios e referência no mercado religioso em virtude da existência de adeptos com forte representatividade em Araranguá. Em outras palavras, o capital simbólico, do qual o delegado e o diretor eram detentores, possibilitava a comercialização dos bens de salvação às demais pessoas na sociedade, pois, embora os porta-vozes da Igreja Católica combatessem o trânsito religioso, “sempre houve católicos que se tornavam maçônicos por influências de outros maçons com reconhecimento profissional e econômico”.²⁰³

Analisando ainda os depoimentos do senhor H. L. P, observei que a primeira forma de realização das sessões maçônicas ocorria em agrupamentos secretos, ou seja, em moldes mais ou menos maçônicos, como em clubes e, raras vezes, em garagens de residências e em galpões. Até porque o grupo nesse período era pequeno e distribuído em Araranguá, não tendo um local fixo para as sessões. Como consta nos depoimentos, tais formas de organização vieram a contribuir com a disseminação dos ensinamentos maçônicos no referido município e também municípios circunvizinhos.

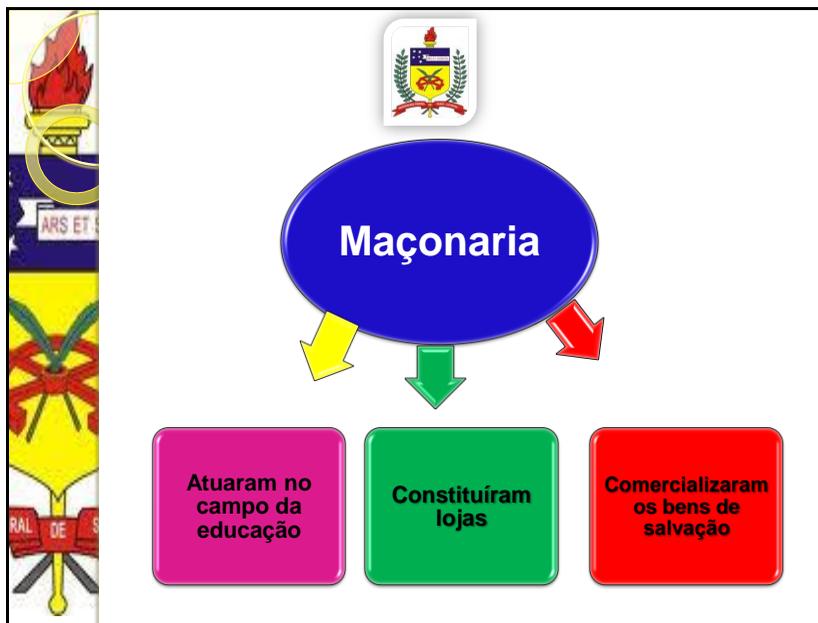
As sessões ocorriam em Sombrio, em Turvo, Meleiro, Praia Grande e aqui em Araranguá. Aí então tinha os dias de encontro nesses distritos que se faziam os estudos iniciais dessa filosofia. Isso fez a maçonaria crescer porque as pessoas passaram a conhecer o que era ser maçom bem diferente do que o padre dizia nos sermões das missas.²⁰⁴

²⁰² Idem.

²⁰³ Idem.

²⁰⁴ Idem.

Diagrama 2- Atuação da maçonaria em Araranguá (1948)



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

Alguns meios elaborados pelos maçons em Araranguá foram significativos para driblar os ataques físicos e verbais protagonizados por frei Tiago no período em estudo. Quando os fiéis católicos a mando do pároco começaram a “atacar” os locais em que se realizavam as sessões, como, por exemplo, jogando pedras nas janelas e nas telhas, os maçons

se combinaram, então, de manter em secreto os dias e locais de encontro. Assim, por um bom tempo os maçônicos tiveram suas sessões sem ser atacados por católicos. Teve muita gente maçônica aí nesse Araranguá que o padre Tiago e padre Paulo nunca imaginaram que eram maçons.²⁰⁵

²⁰⁵ Idem.

A propagação da maçonaria em Araranguá deu-se por meio de um trabalho desenvolvido pelos seus adeptos de forma silenciosa. Enquanto para os católicos, protestantes, pentecostais e espíritas, a comercialização dos bens de salvação era escancarada na sociedade, os maçons desenvolviam suas práticas pedagógicas no mercado religioso secretamente.

Os maçons não gostam de divulgar o que são e o que fazem. Eles costumam agir no silêncio. Assim, eles conseguem progredir muito mais do que talvez outras religiões que mostram a sua grandiosidade. A maçonaria em Araranguá conquistou e ganhou muitos adeptos sem ao menos combater de frente com a Igreja Católica, principalmente.²⁰⁶



Figura 17 – Loja maçônica em Araranguá (SC)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes. Fotografia tirada em 4/11/2011

Verifiquei, ainda, que frei Tiago M. Coccolini travou igualmente disputas no mercado religioso com adeptos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, no distrito de Morretes, hoje Maracajá, em 1947, em virtude da perda do monopólio da cura das almas.

Em um trabalho desenvolvido sobre a história da Igreja

²⁰⁶ Idem.

Evangélica Assembleia de Deus em Maracajá²⁰⁷ entre os anos de 1947 e 1963,²⁰⁸ percebi, por meio dos depoimentos dos adeptos evangélicos e de fiéis católicos, que frei Tiago Coccolini instigou também práticas de rejeição a outras agências religiosas, pelo fato de a Igreja Católica se achar predominante e desenvolver ações de evangelização no distrito desde a primeira década do século XX; sendo assim, não aceitava dividir o mesmo espaço. Identifiquei, portanto, que frei Tiago foi um dos que incentivou para que os fiéis católicos pusessem fogo no templo de madeira da Assembleia de Deus, que fora construído na localidade de Garajuva por volta de 1946/47. De acordo com os depoimentos, ele instigava nas missas que a “igreja dos evangelistas era uma seita”, que as pessoas dessa instituição eram hereges e que deveria ser extinta. Desse modo, verifiquei que tal discurso repercutia nos fiéis católicos mensagens de intolerância religiosa a ponto de estes atacarem fisicamente membros assembleianos: jogavam pedras nas casas onde se realizava os cultos dos evangélicos e agrediam as crianças evangélicas nas escolas.

Quanto à queima do templo, o senhor Francisco Teodoro Machado, que até hoje professa a fé pentecostal, lembra que

o frei Tiago de Araranguá, dizia assim em seus sermões na Igreja Católica, nas missas aqui no Morretes: ‘Vão lá, coloquem fogo na igreja dos evangelistas, que lá é uma seita e isso tem que se terminar, porque lá não tem salvação. A Igreja Católica é que tem a salvação. Coloquem fogo e depois venham à missa que, se for pecado, eu perdôo vocês’.²⁰⁹

²⁰⁷ Na época, Maracajá era distrito de Araranguá e também pertencia à Paróquia dessa cidade. Por isso, os padres de Araranguá faziam atendimento espiritual aos católicos em Maracajá.

²⁰⁸ MORAES, Lúcio Vânio; COSTA, Marli de Oliveira. Histórias e silêncios: lembranças dos evangélicos da cidade de Maracajá – SC (1947-1963). **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 2, n. 2, p. 199-230, UNESC: Criciúma, 2004. MORAES, Lúcio Vânio. Resistências e Perseguições no Cotidiano da Fé: O Ataque ao Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Maracajá (SC) (1947/1948). Mídia e Cidadania, 2006, Florianópolis. XI Encontro Estadual de História: Mídia e Cidadania (Anpuh), **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006.

²⁰⁹ Francisco Teodoro Machado, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 11/7/2002.



Figura 18 – Representação da Igreja Assembleia de Deus sendo queimada (1948)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes²¹⁰

Conforme o depoimento, notei que a situação de mercado em Araranguá contribuiu para a afirmação do exclusivismo da Igreja Católica, sintetizado da fórmula *Extra Ecclesiam nulla salus*: fora da Igreja não há salvação.²¹¹ Desse modo, as outras instituições religiosas passaram ser representadas como “seitas” e os adeptos, “inimigos da religião”, “hereges”, “comunistas”, “traidores de Maria”, e, por isso, deveriam ser exterminadas, pois, ameaçavam à Igreja por ofertarem bens de salvação para a clientela da Igreja Católica.

Todavia, convém sublinhar que esse mesmo exclusivismo da Igreja Católica é reproduzido igualmente nas representações discursivas dos membros da Igreja Evangélica Assembleia de

²¹⁰ Figura pintada em aquarela pela artista Kelly Cristina Potrikus em 2003. A artista usou os depoimentos para construir esta figura.

²¹¹ Dogma promulgado pelo IV Concílio de Latrão, em 1215.

Deus e de forma geral é visível em outras agências do sagrado. Assim, analisando, ainda, os depoimentos do senhor Francisco Teodoro Machado, percebi que os adeptos do catolicismo só teriam salvação da sua alma ao converterem-se a Jesus Cristo, que é “pregado pelos crentes”.²¹² Desse modo, notei na visão do entrevistado que, embora sendo o mesmo Jesus Cristo que consta na Bíblia, porém, por ser venerado e divulgado pela Igreja Católica, Este não perdoaria e não salvaria a alma do pecador. Nesse caso, a salvação é possível somente na igreja dos assembleianos, que, aos olhos do entrevistado, seria a única a possuir legitimidade no mercado religioso, e quem não pertencesse a tal denominação religiosa receberia várias outras identificações, a saber: “inimigos de Jesus”, “hereges”, “idólatras” e “ímpios”.

Para um católico ímpio, idólatra alcançar a salvação deve reconhecer os seus pecados e aceitar a Jesus como o seu único e suficiente salvador. Ele tem que se converter na nossa igreja e ser um evangélico para, aí sim ter salvação da alma. Eles, os padres, os católicos, essa gente toda aí, falam que a igreja deles tem Jesus! Tem nada! Eles adoram a Maria, aqueles santos todos, e Jesus fica de lado. Agora a nossa igreja segue a Bíblia. Nós somos os escolhidos de Jesus e anunciamos o verdadeiro Cristo, porque a nossa igreja é a verdadeira e nós pregamos a salvação que é Jesus. Para ter salvação tem que aceitar a Jesus em nossa igreja, se não ser assim meu filho,²¹³ sabe, as outras igrejas e essa igreja aí que se criamos,²¹⁴ é só heresia.²¹⁵

Com base nas análises de Bronislaw Baczko, é possível compreender por quais motivos os empresários da religião do período em estudo imaginavam que sua empresa seria a única a

²¹² Francisco Teodoro Machado, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 11/7/2002.

²¹³ Referindo-se a mim.

²¹⁴ O entrevistado referiu-se a Igreja Católica.

²¹⁵ Francisco Teodoro Machado, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 11/7/2002.

ofertar salvação à humanidade e ser a infalível. Esse autor faz reflexões pertinentes sobre as representações elaboradas pelos grupos sociais e conclui que o imaginário seria um conjunto de representações que oferece a um determinado grupo identidade, valor e reconhecimento.

O imaginário é um esquema de interpretação, mas também de valorização, o dispositivo imaginário suscita a adesão a um sistema de valores e intervém eficazmente nos processos da sua interiorização pelos indivíduos [...].²¹⁶

Ou seja, um determinado grupo, “através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa a sua identidade; elabora uma certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e posições sociais [...]”.²¹⁷

Nessa mesma linha de pensamento, a historiadora Nilda Teves conceitua o imaginário como

conjunto coordenado de representações, uma estrutura de sentidos, de significados que circulam entre seus membros, mediante diferentes formas de linguagem, como uma matriz de ‘produção imaginativa’ e reguladora dos comportamentos recíprocos.²¹⁸

Recorrendo as escriturações do livro Tombo da Paróquia de Araranguá, é visível ainda nos registros que os párocos encetaram diversas lutas de representação entre a Igreja Católica e as demais empresas do sagrado, pelo fato de eles se considerarem a única instituição religiosa com legitimidade para atuar no mercado, qualificando o “Outro”, conforme Lucian Boia, para além dos limites da humanidade, em uma zona próxima da animalidade ou do divino.²¹⁹

²¹⁶ BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. I. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e casa da Moeda, 1984, p. 310.

²¹⁷ Idem, p. 309.

²¹⁸ TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Coord.). **Imaginário social e educação**. Rio de Janeiro: Gryphus/Faculdade de Educação da UFRJ, 1992, p. 17-18.

²¹⁹ BOIA, Lucian. **Pour une Histoire de l'imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998,

Verifiquei, no livro Tombo da Paróquia em Araranguá, que o pároco coadjutor, Raimundo Guizoni, em 1952, organizou uma procissão das “Filhas de Maria” com a imagem da Imaculada, com intuito de mostrar aos adeptos de outras agências no mercado que a mãe Maria era amada por todos os brasileiros. Notei, no texto intitulado “Festa da Imaculada”, como a Igreja Católica se comportou diante das infiltrações de outras empresas da religião em Araranguá.

No dia da festa da Imaculada, promoveu-se uma concentração Mariana paroquial, com a comunhão geral de todos os congregados e filhas de Maria [...]. No dia 8 de maio, Araranguá foi surpreendida por uma falange de 850 marianas fortes, entusiasmadas e vivas a enaltecer a Virgindade da mãe de Deus, atacada pelos hereges.

[...] a tarde, realizou-se uma procissão em desagravo a Imaculada, passando sua imagem aclamado pelas ruas num percurso diferente, para amostrar aos hereges que Ela é mãe Virgem amada de todos os bons brasileiros. Só não acompanharam os protestantes de má fé, os de boa fé se sentiram obrigados a segui-la. Esta solenidade calou na memória de todos, e os inimigos desrespeitados começaram a vomitar calúnias não já contra a Virgem e sim contra os padres. Mas, estes sabem que a defesa da mãe não admite derrota.²²⁰

Na acepção de Lucian Boia, o imaginário é essencial para entender a criação dos pares antitéticos “Nós” católicos versus os “Outros” – maçons, espíritas, protestantes e pentecostais. Da mesma forma “Nós” maçons, espíritas, protestantes, pentecostais versus o “Outro” - católicos. Segundo Lucian Boia, a criação dos pares antitéticos é uma forma de manutenção do imaginário; em outras palavras, o imaginário é criado e mantido por meio “da luta

p. 33.

²²⁰ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 139, v. e 140. Esse mesmo documento foi analisado também por mim no mestrado em Educação na UNESC.

e complementaridade dos contrários”. Ou seja,

chacune de ses figures dispose d un correspondant antithétique: le jour et la nuit, le blanc et le noir, le Bien et le Mal, la Terre et le Ciel, l eau et le feu, esprit et matière, sainteté et bestialité, Christ et Antéchrist, construction et destruction, ascension et chute, progrès et décadence, masculin et féminin, ying et yang... (chaque principe suscitant à son tour des attitudes contradictoires de désir et de rejet). Cette disposition prouve une forte tendance à simplifier, à dramatiser et à investir les phénomènes d un haut degré de signification. La dialectique des contraires est caractéristique des religions [...] et, généralement, des interprétations courantes du monde, de l homme et de l'histoire.²²¹

Identifiquei, ainda, no ocorrido de 1952 com o Pe. Guizoni, como as manifestações religiosas, seus símbolos, imagens, discursos, são representações da Igreja Católica que desejava inferiorizar a memória dos protestantes, pentecostais e demais empresas da religião, de qualificá-los como inimigos. Concomitantemente, há o desejo de estabelecer a identidade católica na memória do município, no sentido de que as ruas fossem ocupadas por um único grupo religioso, remetendo, portanto, à predominância e ao poder desse grupo que detinha maior aceitação religiosa no período em foco.

Na acepção de Pierre Bourdieu, tais representações são constituídas segundo os interesses de grupos (clero, religiosas e leigos católicos) que buscam construir identidades e encontrar o

²²¹ BOIA, Lucian. **Pour une Histoire de l imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998. p. 35. Tradução: “Cada uma das figuras tem um correspondente antitética: dia e noite, branco e preto, bem e mal, céu e terra, água e fogo, o espírito de santidade e matéria, e bestialidade, e Cristo Anticristo, construção e destruição, ascensão e queda de progresso e declínio do sexo masculino e do sexo feminino, yin e yang ... (Cada princípio por sua vez, provocando atitudes contraditórias de desejo e rejeição). Essa disposição demonstra uma forte tendência para simplificar, dramatizar e investir os fenômenos de um alto grau de importância. A dialética dos opostos é uma característica das religiões [...] e, em geral, as interpretações atuais do mundo do homem e da história.”

reconhecimento de autoridade no espaço social. Em outras palavras, as articulações dos empresários da religião revelam o seu poder simbólico nas ruas objetivando inculcar a “verdade do mundo social”²²² em uma peleja a fim de construir uma visão absoluta,²²³ tendo assim, o monopólio da verdade católica no campo religioso. Nesse sentido, todo espaço, ao ser “definido e delimitado por e a partir de relações de poder, é um território”.²²⁴

A problemática da apropriação do espaço e do território²²⁵ é discutida por Pierre Bourdieu e ajuda a entender que as ações dos agentes em Araranguá, em travar uma luta simbólica pelo estabelecimento de uma identidade no espaço material, se dá na busca pelo reconhecimento institucional, credibilidade e de manter ainda o monopólio religioso da Igreja Católica. Segundo o autor,

os agentes estão envolvidos quer individualmente e em estado de dispersão, quer coletivamente ou em estado de organização, e em que está em jogo a conservação ou a transformação das relações de forças simbólicas e das vantagens correlativas, tanto econômicas como simbólicas.²²⁶

Como já analisado, o imaginário é por excelência polarizado.²²⁷ A rigor, as oposições são situadas após o estabelecimento das identidades do eu e do outro e, com base nessa definição, surgem oposições que legitimam/invalidam, acusam/justificam, incluem/excluem, etc., sempre tendo o outro como referência.

²²² Pierre Bourdieu afirma que “é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo” (BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002, p. 113).

²²³ BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 159-163.

²²⁴ BOURDIEU, Pierre. 1999. *Op. cit.*, p. 296.

²²⁵ Conferir: SOUZA, Marcelo José Lopes de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de; GOMES, Paulo César da Costa; CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

²²⁶ BOURDIEU, Pierre. 2002. *Op.cit.*, p. 124.

²²⁷ BOIA, Lucian. 1998. *Op.cit.*, p. 33.

Assim sendo, como forma de acumular capital simbólico e consentir a perpetuação do monopólio da Igreja Católica no campo religioso em Araranguá, frei Tiago M. Coccolini utilizou-se do poder simbólico da Igreja Católica para envolver-se em diversas áreas sociais a fim de oferecer bens de salvação aos araranguaenses e ter visibilidade no campo religioso. Como já dito, um dos empreendimentos do frei, que viabilizou a inserção da Igreja Católica no campo da saúde e da educação, foi a solicitação das religiosas da Congregação de Santa Catarina para coordenarem o hospital Bom Pastor e fundarem o Colégio Madre Regina. De modo geral, a Igreja Católica soube transformar esses espaços públicos em um canal de mediação com o sagrado e também em um campo “fértil” para inculcar nas pessoas a doutrina católica, mantendo, desse modo, a manipulação legítima da cura das almas.

Conforme o exposto, percebi nos documentos que nesse período a Igreja Católica gozava de alguns privilégios na sociedade, o que veio a contribuir para que frei Tiago M. Coccolini fosse um porta-voz bem articulado com empresários e, principalmente, com as autoridades políticas locais. Dessa forma, o capital simbólico do pároco, somado com os poderes econômico e político, foi o que possibilitou a presença da Congregação de Santa Catarina na Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens em Araranguá.

1.5.1 Frei Tiago M. Coccolini e articulações com a política local: hospital Bom Pastor e presença das religiosas em Araranguá (8/6/1951)

Como já dito neste capítulo, a Igreja Católica foi a primeira instituição religiosa a se envolver com diversas questões da sociedade. Desde o processo de povoamento do município de Araranguá em fins do século XIX, mesmo com a presença indireta do Estado, o serviço de saúde na região, diagnóstico e cura de doenças, esteve também sob a responsabilidade dos porta-vozes da Igreja Católica, que, em decorrência de suas funções, atuavam tanto como evangelizadores na freguesia, como “médicos”, diagnosticando, distribuindo os medicamentos e receitando ervas medicinais aos moradores de Araranguá.

Dentre os porta-vozes do catolicismo que receitavam ervas medicinais em Araranguá desde a década 1920, destaca-se o padre Antônio Luiz Dias. Além de suas funções eclesiásticas na paróquia, em decorrência da inexistência de médicos em Araranguá, auxiliava a população pobre, fornecendo medicamentos para as mais diversas enfermidades, sendo as mais comuns a verminose, a incidência de furúnculos (lesão inflamatória que ocorre na pele), panariz (inflamação que compromete os tecidos em torno da unha), apostemas (acúmulo de pus em cavidade em consequência de processo inflamatório) e outras.

Diante do crescimento progressivo de inúmeras moléstias, principalmente de doenças parasitárias, que afetavam a população araranguense por volta da primeira metade do século XX, padre Antônio Luiz Dias e autoridades políticas locais iniciam discussão visando à construção de um hospital público.

No livro Tombo da Paróquia de Araranguá consta que ocorreram cinco reuniões, entre o poder público municipal, o pároco, as autoridades políticas e a população geral. As reuniões foram anunciadas pelo pároco Antônio Luiz Dias em todas as capelas do campo eclesiástico de Araranguá. A primeira ocorreu em 2 de fevereiro de 1926, a segunda em 19 de abril de 1926, a terceira em 13 de novembro de 1926, a quarta em 11 de março de 1927 e a quinta reunião em maio de 1928.²²⁸

A respeito da primeira reunião, Cônego Paulo Hobold colocou que diversas pessoas haviam se reunido na casa do juiz Aprígio Gomes para debater a necessidade urgente de construir um hospital na cidade. “Da prolongada reunião surgiu uma comissão encarregada de levar o assunto adiante, ampliar os trabalhos, e começar a angariar recursos necessários para a

²²⁸ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo I, p. 4 v. Conforme Paulo Hobold “na reunião de Maio de 1928, foi lido e aprovado o estatuto do hospital, que, se não possuía ainda uma sede própria, já possuía um nome: “Hospital do Bom Pastor”, depois “Hospital Bom Pastor”. O Artigo 1º dizia: “[...], o hospital será destinado ao tratamento de doentes pobres [...]”. A comissão que criou o Hospital do Bom Pastor, trabalhava, então, com o firme propósito de dotar a cidade com uma casa de saúde pública, com ações dirigidas a todos os cidadãos, mas principalmente aos mais carentes, e que não conheciam o atendimento médico regular, ou ao menos o urgente, nos momentos mais difíceis. Isto deixa claro que a camada mais abastada da população, até então, não havendo hospital na cidade, poderia, por dispor de recursos, resolver os seus problemas de saúde em outros centros (HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá**. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: Ed. Do autor, 2005, p. 207.

edificação da mais importante obra até então imaginada por autoridades e população”.²²⁹

A urgência da construção de um hospital é visível em virtude do deslocamento progressivo do fluxo populacional das áreas rurais para a urbana de Araranguá, que passou a pressionar o poder público local em investimentos infraestruturais, como a abertura e pavimentação de ruas, a construção de sistemas de redes de água e esgoto, escolas e, principalmente, um sistema de saúde voltado ao combate de moléstias parasitárias bastante presentes no município.

Há também de se considerar que a necessidade da implantação de um hospital no município nesse período estava vinculada às políticas públicas de âmbito federal, cuja premissa era a higienização da própria sociedade, adequando-a às necessidades do novo sistema de produção capitalista, que passa a ter, como base produtiva, a indústria, concentrada nas áreas urbanas.

Pesquisando nos jornais do período, encontrei, em uma matéria no jornal **A Verdade** referente ao ano de 1928, alguns dos responsáveis pela ideia da construção do hospital. Verifiquei que a construção teve a participação de padre Antônio Luiz Dias, de algumas autoridades políticas e de forma geral de uma pequena parcela da população. O redator e proprietário do jornal Durval Mattos comenta sobre a importância dessa construção para a população araranguense e sublinha os envolvidos na comissão para a construção do hospital Bom Pastor.

O espírito caridoso desta população aliado (sic) ao esforço titânico dos Drs. Aprígio Gomes, Manoel Pinho, Padre Antônio Luiz Dias e virtuosas senhoras de melhor sociedade desta cidade, criou e instalou (sic), há algum tempo, o Hospital do Bom Pastor, que a muitas pessoas, até do vizinho estado do Rio Grande do Sul, está minorando dores.

Grande é o movimento que se vê pela manhã no hospital, e entre o número de pessoas que vão procurar alívio (sic) aos seus sofrimentos (sic) vimos o Cel. João

²²⁹ Idem, p. 206.

Fernandes, Dr. Aprígio Gomes, e sua esposa, Santi Vaccari e sua consorte, Dr. Chacon, o promotor desta comarca cidadão Herculano Furtado, José Martins negociante em Sombrio e [...].²³⁰

De acordo com Cônego Paulo Hobold, a primeira comissão do hospital Bom Pastor foi formada em novembro de 1927 e era composta por presidente, Aprígio Gomes; vice-presidente, padre Antônio Luiz Dias; tesoureiro, Santi Vaccari; secretário, Mário Santos; Felipe Bacha, secretário de obras.²³¹

Uma semana depois, a diretoria já marcaria uma concorrida solenidade, com o objetivo de assentar a pedra fundamental do hospital. Concluídos os discursos iniciais, tomou a palavra o padre, cumprindo o ritual da benção, cujo gesto também significava gotejar a realidade de tão esperada obra. Estavam presentes no ato, toda a comissão de autoridades, grande número de moradores, e Alcebíades Seara, que seria o próximo prefeito. Entretanto, conforme Cônego Paulo Hobold, a pedra fundamental permaneceria adormecida por bastante tempo, em função das sérias dificuldades de levar à prática todos os esforços e planejamentos de tantas reuniões.²³²

Ainda por meio de depoimento oral, é possível conhecer outros personagens também responsáveis por articular a construção do hospital em Araranguá. Em entrevista concedida ao padre João Leonir Dall'Alba em 1985, o senhor Artur Bertoncini lembrou da construção do antigo Bom Pastor e descreveu também os responsáveis pela ideia de construir o hospital. De acordo com ele,

[...] o antigo Bom Pastor, foi iniciativa do Padre Antônio Luiz Dias, de meu pai, Antônio Bertoncini, do Procópio Caetano da Silva, do meu sogro Prezalino Januário de Souza. Santi Vaccari, Severino Mello, Jorge e Felipe Bacha, João Bento de Souza, Tomaz Luz, que era de Orleans, Manuel Larroyd, pernambucano. Houve mais gente

²³⁰ Jornal **A Verdade**. Araranguá, 17/3/1928, p. 1. n. 4, ano I. Título: Hospital Bom Pastor. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

²³¹ HOBOLD, Paulo. 2005. *Op.cit.*, p. 207.

²³² Idem *ibidem*.

colaborando.²³³

Como já apresentado no corpo deste capítulo, ter um hospital no município nesse período era necessário. Por isso, ainda que existindo alguns repasses de verbas da administração municipal e estadual para a construção do hospital, houve empresas e grupos de pessoas que sentiam a necessidade de contribuir voluntariamente com recursos econômicos para acelerar a construção. Assim, um dos comerciantes que possuía objetivos de investir nesse empreendimento foi o diretor proprietário do jornal **A Verdade** de Araranguá, Durval Mattos.²³⁴ Além de veicular notícias sobre os andamentos do hospital, o diretor incentivava a população a apoiar a ideia da construção. Durval Mattos reverteu primeiramente 10% de cada assinatura do jornal à construção do hospital. Contudo, ao perceber que o valor era insuficiente, resolveu doar todo o dinheiro das pessoas que assinavam o jornal de algumas cidades vizinhas de Araranguá. Segundo ele,

os estatutos da sociedade que mantem esta folha, manda dar ao Hospital desta cidade, que acha-se em construção (sic), 10% das vendas liquidas da mesma, porem, o gerente deste jornal, achando que ésta (sic) porcentagem fora insignificante, resolveu dispensar em benefício do mesmo hospital, à parte que lhe coube em assignaturas (sic) à cobrar, das seguintes localidades: Cresciuma (sic), Tubarão, Orleans, Florianópolis, Ouro Verde e Lages. Por isso, pedimos a todos os srs. dessas localidades que estão em atraso com esta folha, o obséquio de entenderem com à Diretoria do Hospital Bom Pastor nesta cidade.²³⁵

Verifiquei também no livro Tombo da Paróquia de

²³³ DALL'ALBA, Pe. João Leonir. 1994. *Op. cit.*, p. 107.

²³⁴ No subtítulo 1.4 deste capítulo, apresentei as aproximações que existia entre o jornalista Durval Matos e o padre Antônio Luiz Dias. Compreendi que Durval Matos acampou ainda a ideia da construção do hospital Bom Pastor pelo seu envolvimento com a Igreja Católica e também por ter influências no meio político em Araranguá.

²³⁵ Jornal **A Verdade**. Araranguá, 20/8/1929, p. 1, n. 32, ano 2. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

Araranguá que o pároco Antônio Luiz Dias elaborou uma campanha de maio a setembro de 1927, em todas as capelas em Araranguá para a construção do hospital. Nessa campanha, pediam-se todos os materiais necessários para a construção, como tijolos, ferragens, cimento, areia, pregos, telhas e outros. Quem não podia ajudar com os materiais, ajudava com uma oferta em dinheiro e até mesmo fazendo doações em animais e outros alimentos, como peru, porcos, bois, galinhas, ovos, sacos de farinha e outros, que, ao serem vendidos, reverteriam em fundos para a construção.²³⁶



Figura 19 – Antiga sede do hospital Bom Pastor - Araranguá (1956)

Fonte: Arquivo do Centro Histórico Cultural de Araranguá

A imagem acima (Figura 19) é o prédio que abrigou as primeiras instalações do hospital Bom Pastor. Situava-se na Rua Cel. Apolinário João Pereira e, posteriormente, abrilhantado com uma esforçada curva do prolongamento da Av. Engenheiro Mesquita, passou a ser esquina. Nessa pesquisa não tive

²³⁶ **Livro Tombo** da Paróquia de Araranguá, 1927. Tomo I, p. 5 v e 6.

informações do ano da demolição. Como será analisado no capítulo 3, esse prédio serviu de salas de aula para a primeira turma do Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens que foi administrado pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina em 1956. Na imagem, vêem as religiosas nas janelas do prédio que fora reformado para servir como escola.

O término da construção do primeiro hospital Bom Pastor ocorreu em 1931, que passou a atender à população apenas com medicações para algumas enfermidades mais comuns na região. Pela ausência de médicos, o hospital funcionou como uma espécie de posto de saúde, com auxiliares na área de enfermagem que receitavam algumas medicações.

O pároco Antônio Luiz Dias, por ter experiência na área da medicina, por receitar erva medicinal e também por ser uma autoridade religiosa que gozava de muitos prestígios na cidade, foi nomeado pelo interventor municipal, Israel Fernandes (1930 até 1935), como chefe da saúde no hospital em 1931 e também eleito para a função de conselheiro na cidade.²³⁷

Com a função de chefe da saúde, o pároco distribuía praticamente todos os medicamentos em suas visitas pastorais que realizava às capelas de Araranguá. Na mesma visita às capelas, rezava missas, realizava batizados, casamentos, visitava idosos, enfermos, fazia confissões e ainda organizava um espaço para atender a todas as pessoas enfermas. Esse projeto de evangelização do pároco em Araranguá, de atender à população nas questões espirituais como também nas necessidades físicas, fazia com que fosse reconhecido como um bom pastor de ovelhas e gozasse do respeito e do carinho da população, principalmente por aquelas pessoas mais assistidas por ele.

²³⁷ Livro de Registros da Prefeitura de Araranguá. Ata de nomeação do padre Antônio Luiz Dias como chefe de saúde do Hospital Bom Pastor, 1931. Arquivo da Prefeitura Municipal de Araranguá.



Figura 20 – Pe. Antônio Luiz Dias - Araranguá (1932)

Fonte: Arquivo do Centro Histórico Cultural de Araranguá

Em início de 1934, muitos moradores dos distritos de Araranguá foram atacados pela anemia produzida pelo ancilóstomo, vulgarmente chamada amarelão ou opilação, e a prefeitura de Araranguá autorizou o fornecimento de medicamentos a todos os infectados. O trabalho desenvolvido pelo pároco foi tão eficiente que, em apenas dez dias, os infectados pelo amarelão foram curados. As notícias do pároco Antônio Luiz Dias se espalharam rapidamente como um benfeitor da população araranguense.²³⁸

Com o passar dos anos, o hospital Bom Pastor não conseguia mais atender às necessidades da população araranguense em razão do aumento populacional. Assim, somente após dezoito anos, o poder público municipal de Araranguá, em virtude das solicitações da população, viu-se na responsabilidade da ampliação do hospital. Foi em fins de 1948, no primeiro mandato de Afonso Ghizzo (1947-1951), que se deu início à construção de um novo hospital.

Frei Tiago M. Coccolini,²³⁹ sucessor de padre Antônio Luiz Dias, em 1947, deixou registradas no livro Tombo da paróquia de Araranguá inúmeras deficiências do hospital de Araranguá antes que Afonso Ghizzo tivesse assumido a prefeitura de Araranguá, como estrutura ultrapassada, espaço pequeno para acomodar os enfermos, ausência de equipamentos modernos e poucos medicamentos para distribuição conforme as necessidades do povo.²⁴⁰

Contudo, as representações discursivas do pároco

²³⁸ Livro Tombo da paróquia de Araranguá. Tomo I, p. 6v. Antônio Luiz Dias nasceu em Vila del Rei, Portugal, em 10 de fevereiro de 1883, filho de Joaquim Luiz Dias e de Maria Joaquina Dias. Foi ordenado presbítero da diocese de Porto Alegre em 1/11/1910. Chegou ao Brasil pelo “Itatinga”, em 3/3/1912. Jovem nos seus 29 anos, em 1912 foi vigário paroquial de Santo Antônio dos Anjos de Laguna e, no ano seguinte, de São Ludgero e Araranguá. A paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá foi sua seara de 1914 a 1939.

²³⁹ De acordo com o livro Tombo da Paróquia Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens, frei Tiago Coccolini, da Ordem dos Servos de Maria (OSM), foi nomeado pároco de Araranguá em 18/2/1941. Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC). Tomo I, 1941, p. 112v. Sua saída da paróquia deu-se em 12/1/1952. Possuía como coadjutor frei José M. Carneiro de Lima. Era natural de Caxias do Sul e faleceu no Rio de Janeiro em 1968. Foi um pároco fiel às ordens vindas do arcebispo da cidade de Florianópolis (SC) que obedecia às recomendações, às leis canônicas e demais regras diocesanas (Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC). Tomo I, 1945, p. 162).

²⁴⁰ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, 1947. Tomo I, p. 19 v.

começaram a mudar quando o Afonso Ghizzo passou a ser prefeito e deu início à construção do hospital Bom Pastor e também por ter proximidade com a Igreja Católica. Como se vê no **Livro de Rascunho**, o pároco elaborou discursos apreciativos ao prefeito Afonso Ghizzo “porque em seus primeiros anos frente ao nosso município deu início à obra na saúde da Nossa Paróquia, sendo ainda um fiel Cristão, exemplar por ser ligado a nós aqui na Paróquia.”²⁴¹

É perceptível nos documentos que a ligação de Afonso Ghizzo com o frei Tiago M. Coccolini já existia antes mesmo dele ser prefeito de Araranguá.²⁴² O pároco convidava Afonso Ghizzo para ser padrinho das festas religiosas. Pela Figura 21, por exemplo, percebi que Afonso Ghizzo foi o padrinho²⁴³ por cinco anos consecutivos de uma das maiores festas da padroeira no município, a Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens, que ocorria no dia 4 de maio de cada ano. Geralmente, os preparativos desse evento iniciavam-se quatro meses antes da festa para a melhor organização dos festeiros e dos padrinhos que buscavam angariar fundos econômicos por meio de campanhas em prol de reformas, restaurações e/ou construções nas capelas pertencentes à igreja matriz.

²⁴¹ **Caderno de Rascunhos** da Paróquia de Araranguá, 1947.

²⁴² No **Caderno de Rascunhos**, notei que o pároco frei Tiago costumava convidar o Afonso Ghizzo para ser o padrinho da festa da padroeira. Vê-se que, de 1944 até 1949, Afonso Ghizzo fora padrinho dessa festa em homenagem à padroeira da cidade. **Caderno de Rascunho**, 1944 até 1949. Paróquia de Araranguá.

²⁴³ Ainda hoje ocorre em alguns municípios catarinenses de casais serem os padrinhos/festeiros das festividades da Igreja Católica, como, por exemplo, “Festa em Honra São Pedro”, “Festa em Honra a São Cristóvão” e outros. Os padrinhos devem trabalhar voluntariamente na festa, possuem liberdade do pároco do município em organizar as novenas e se envolver em todo o processo de divulgação da festa religiosa, angariar fundos para custear com as despesas da festa. Além disso, o casal festeiro deve financiar a festa com um valor em dinheiro para o caixa da comunidade onde se realiza a festa.



Figura 21 – Imagem da Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens – ²⁴⁴ Araranguá. (4/5/1946)²⁴⁵

Fonte: Arquivo digital da Casa da Cultura de Araranguá

²⁴⁴ Em 1872 foi a chegada da imagem da Padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens em Araranguá. A altura era de 1,60 metros, possuía braços móveis e foi feita de um só tronco de árvore em Salvador, Bahia.

²⁴⁵ Os documentos indicam que Afonso Ghizzo sempre esteve vinculado às atividades religiosas e sociais da Igreja Católica em Araranguá. Como se vê nas anotações da foto, desde 1946 era padrinho das festas organizadas pela Igreja Católica.

Após a realização de cada festividade, como exigências da Diocese, o pároco tinha de fazer um relatório que representasse os resultados religiosos, parecido com uma contabilidade espiritual da festa, como, por exemplo, o número de pessoas que frequentaram a missa na parte da manhã, a quantidade de pessoas que fizeram a confissão, quantos foram batizados e quantas comunhões foram feitas. Também deveria elaborar um balanço econômico aos coordenadores da festa.

Verificando o relatório referente à festa da padroeira do ano de 1950, analisei nos registros de frei Tiago M. Coccolini que ele teceu elogios e enalteceu a imagem dos dois padrinhos da festa, Affonso Ghizzo e Walter Bellinzone, pelas consideráveis contribuições econômicas que doaram para a manutenção da festa. Além disso, o pároco destacou a importância de esses dois padrinhos serem devotos da padroeira Nossa Senhora Mãe dos Homens, prestigiarem a “Santa Missa” e por permanecerem o tempo todo na festa.²⁴⁶

Durante todo o período em que frei Tiago M. Coccolini liderou a paróquia de Araranguá, aproximou-se principalmente do prefeito Afonso Ghizzo (1946-1951) e do candidato a prefeito Walter Belinzone (1951). Contudo, os documentos indicam que tal relação intensificou-se precisamente entre os anos de 1948 e 1950, pois o frei Tiago M. Coccolini era convocado a participar de encontros e reuniões com o prefeito da época, Affonso Guizzo, da União Democrática Nacional (UDN). Obviamente, o prefeito possuía interesses políticos nessa relação com a Igreja Católica, até porque 1950 era ano de eleições²⁴⁷ para a escolha do novo prefeito no município e contava com o apoio do pároco, mesmo de forma discreta, para fazer “campanha eleitoral” ao seu candidato (Walter Bellinzone) que estava concorrendo às eleições municipais.

Como analisei nos documentos, o frei não defendia o partido publicamente, mas, pelo fato de usar o altar da Igreja Católica para comentar sobre os benefícios e doações disponibilizadas à Igreja, tecer elogios a Afonso Ghizzo e a Walter Belinzone como exemplares congregados marianos,²⁴⁸

²⁴⁶ Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá. Tomo 1, 1950, p. 23 v.

²⁴⁷ As eleições municipais seriam no dia 3/11/1950.

²⁴⁸ Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá. Tomo 1, p. 23 a 127v.

sugere-se que frei Tiago foi um religioso que contribuiu de forma significativa para a campanha política de Walter Bellinzone. Ou seja, o capital simbólico do qual o frei era portador, a sua fluidez na oratória, a capacidade de formar opinião e o poder de convencimento entre a população, sem sombra de dúvida, fizeram com que muitos adeptos católicos e lideranças religiosas votassem no candidato da UDN, no caso, em Walter Bellinzone.

Durante as Santas Missas na Matriz e nas capelas do interior tenho falado aos Católicos que os Srs. políticos Afonso Ghizzo (sic) e Walter Bellinzone tem sido fiéis católicos que ajudam voluntariamente a Nossa Igreja.

Desde ha tempo Afonso (sic) Ghizzo esteve junto da Nossa Paróquia trazendo ajuda financeira e sendo Padrinho das nossas Festas.

Tenho ainda gratidão ao Congregado Mariano Afonso Ghizzo que o Hospital que esta a concluir será entregue para ser cuidado por Nossa Paróquia.²⁴⁹

Conforme o fragmento supracitado é possível cogitar que houve, então, entre frei Tiago e Afonso Ghizzo “acordos políticos” durante as eleições municipais (1950) que oportunizaram favorecimentos tanto ao pároco quanto ao prefeito. E, dentre essas negociações, notei a entrega de um órgão público municipal, o hospital Bom Pastor, que, após ter a construção concluída, passaria aos cuidados da Igreja Católica.

Dessa forma, verifiquei que frei Tiago M. Coccolini, como porta-voz autorizado, para manter a hegemonia da Igreja Católica no mercado, soube aproveitar muito bem as alianças e acordos, principalmente com as autoridades políticas locais a fim de acumular capital simbólico e ter reconhecimento social no campo religioso. Diante dessa situação, as reflexões de Pierre Bourdieu ao estudar o campo político, o espaço social e gênese das classes, são pertinentes ao afirmar que “a política é o lugar, por

²⁴⁹ Livro de Rascunho Eclesiástico, 15/3/1950, p. 16. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá.

excelência, da eficácia simbólica, ação que se exerce por sinais capazes de produzir coisas sociais e, sobretudo, grupos.”²⁵⁰ Assim, a aproximação da Igreja Católica com o poder político foi um dos meios mais vantajosos do pároco para obter resultados favoráveis perante as outras empresas da religião em Araranguá, pois o “campo político” é também um dos espaços que se produz o poder. René Rémond assegura que a origem do poder vem da eleição.

O fenômeno eleitoral tinha ainda outro atributo para reter a atenção dos historiadores: sua antiguidade e continuidade. Há duzentos anos a eleição é reconhecida na França como a origem legítima do poder, e em todo este tempo a prática não teve nenhuma interrupção, a não ser imposta pela guerra: [...].²⁵¹

A problemática da relação entre a religião e a política²⁵² é discutida também pela historiadora Aline Coutrot, ao afirmar o distanciamento por muito tempo entre as duas áreas, em virtude do desprezo pela história do político. Não obstante, como se sabe, atualmente existe um número considerado de trabalhos produzidos pelos historiadores que vêm refletindo sobre a questão do político de forma renovada por meio do estudo dos partidos políticos, das eleições, das ideias, dos intelectuais, da mídia e da opinião pública. Quer dizer, “as forças religiosas são levadas em consideração como fator de explicação, parte do próprio tecido político”.²⁵³

Parafraseando o historiador Diogo Cunha, ao dialogar com Aline Coutrot, a crença religiosa manifesta-se em igrejas que são corpos sociais dotados de uma organização que possui muitas características em comum com a sociedade política. Sendo

²⁵⁰ BOURDIEU, Pierre. 2009, *Op.cit.*, p. 159.

²⁵¹ RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, p. 38.

²⁵² O fortalecimento de bancadas evangélicas, por exemplo, no nível municipal, estadual e federal é outro fenômeno que tem sido temática de estudos, como, por exemplo: FRESTON, Paul. *Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política*. Viçosa, MG: **Ultimato**, 2006, p. 36.

²⁵³ COUTROT, Aline. *Religião e Política*. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. *Op. cit.*, p. 331.

corpos sociais, as igrejas não se limitam ao ensinamento do sagrado, “mas sempre pregaram uma moral individual e coletiva, proferiram julgamentos em relação à sociedade, advertências e interdições”.²⁵⁴ Nesse sentido, Aline Coutrot afirma que

o religioso informa em grande medida o político, e também o político estrutura o religioso. Colocando questões que não se pode evitar, apresentando alternativas, ele força as Igrejas a formularem expectativas latentes em termos de escolha que excluem toda a possibilidade de fugir do problema. A política não para de impor, de questionar, de provocar as Igrejas e os cristãos, a título individual ou coletivo, obrigando-os a admitir atos que os comprometem perante si mesmos e perante a sociedade. Os desafios do mundo moderno que provocaram muitas recusas e conflitos, se contribuem para marginalizar as Igrejas, não servem apenas para precipitar o seu declínio. Um aprofundamento do pensamento religioso engendra novos modos de presença na sociedade, sem contar as remanescências e as permanências. A religião continua a manter relações com a política, amplia mesmo o seu campo de intervenção e diversifica suas formas de ação.²⁵⁵

Analisando ainda os registros do frei Tiago M. Coccolini, verifiquei que a entrega do hospital Bom Pastor para ser administrado pela Igreja Católica não teve aceitação por alguns líderes políticos ligados ao partido de Afonso Ghizzo, porque possuíam outros interesses em usar o referido órgão público. Entretanto, as articulações e pressões desses agentes políticos, que na visão do pároco eram “acatólicos” e “sem religião”, não tiveram força, pois, “Afonso Ghizzo como verdadeiro católico, demonstrou outra vez mais, a sua devoção a Mãe Maria e a sua

²⁵⁴ CUNHA, Diogo. Violência sob a máscara de cuidado: o caso do Padre Henrique em Recife (1969). In: PASSOS, Mauro (Org.). **Dialógos Cruzados**: religião, história e construção social. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010, p. 335.

²⁵⁵ COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. *Op. cit.*, p. 335.

fiel lealdade ao Pároco da Santa Igreja Católica (sic)”.²⁵⁶

Hum (sic) grupo de maçônicos que por infeliz que sejam, ainda são amigos de política de Afonso Ghizzo, não querem que o novo Hospital Bom Pastor venha ser dirigido por nossa Paróquia.

Alegam esses hereges e sem Religião, que o nosocômio melhor fosse estar nas mãos da Prefeitura para dar empregos aos pobres da redondeza do município.

Mentira deles, que não querem o crescimento da Santa Igreja Católica nessa cidade. Eles (sic) vomitam palavras nas sessões em secreto contra a Igreja de Cristo e são contra os Santos Párcos.

Esse nosocômio vai ser dirigido por freiras, [...].²⁵⁷

Foi promessa feita ao Pároco que fez o Prefeito Afonso (sic) Ghizzo.

Ele também deu total apoio na carta endereçada para a Reverenda Madre da Congregação de Santa Catarina para conseguirmos irmãs para cuidar de nosso novo Hospital.²⁵⁸

²⁵⁶ **Caderno de Rascunho**, 23/5/1950, p. 19. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá.

²⁵⁷ Palavra ilegível no documento.

²⁵⁸ **Caderno de Rascunho**, 4/6/1950, p. 22. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá.



Figura 22 – Afonso Ghizzo (Prefeito Municipal de Araranguá entre os anos de 1947-1951; 1956-1959)

Fonte: www.ararangua.net²⁵⁹

Vale ressaltar que, nessa troca de favores, a administração municipal de Araranguá saiu no lucro econômico, pois a construção do hospital Bom Pastor estava sendo concluída e o poder público não possuía, naquele período, uma equipe de profissionais com formação na área da saúde para exercer as atividades no hospital, sendo isso confiado à Igreja Católica, que entregaria o encargo aos cuidados de congregações religiosas.

²⁵⁹ Disponível em: < www.ararangua.net >. Acessado em: 22/1/2009.

Particularmente, já em uma perspectiva de disputas no campo religioso, a entrega do hospital à Igreja Católica foi sem dúvida muito bem aceita pelo frei Tiago, pelo fato de ele considerar um empreendimento vantajoso. A rigor, os documentos paroquiais²⁶⁰ indicam que ele almejava ter a direção do hospital, por reconhecer espaço útil para a divulgação da identidade católica e comercializar os produtos do catolicismo na sociedade. Ou seja, na visão do pároco, o hospital seria uma “seara” para a manipulação legítima da cura das almas em Araranguá.

Ao pesquisar nos arquivos da paróquia de Araranguá, encontrei uma carta de 16 de março de 1950, enviada pelo frei Tiago M. Coccolini à Madre Provincial da Congregação de Santa Catarina, em nome do povo de Araranguá e do prefeito municipal Afonso Ghizzo, solicitando uma visita a Araranguá, cujo objetivo seria para que as religiosas viessem trabalhar na direção no hospital Bom Pastor, desenvolver trabalhos na paróquia, fundar trabalhos no jardim de infância, trabalhar com escolas e fortalecer as vocações femininas em todo o Araranguá.

É oportuno salientar que a carta, como texto, representa, antes de qualquer coisa, uma comunicação, um dizer algo a alguém, mas também se apresenta como um universo de trocas e atribuição de sentidos. Ao tratar da correspondência como uma escrita, Michel Foucault afirma que escrever [cartas] é, pois, “mostrar-se”, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio junto ao outro.

E deve-se entender por tal que a carta é simultaneamente um olhar que se volta para o destinatário (por meio da missiva que recebe, ele sente-se olhado) e uma maneira de o remetente se oferecer ao seu olhar pelo que de si mesmo lhe diz. De certo modo a carta proporciona um face-a-face.²⁶¹

Assim, nessa carta, é possível compreender que o pároco abordou a questão da concorrência mercadológica no campo

²⁶⁰ Conforme: Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá/SC. Tomo I, 1947. p. 25; Livro Tombo, Tomo I, 1948, p. 39; Livro Tombo, Tomo I, 1949, p. 43; Livro Tombo, Tomo I, 1950. p. 41.

²⁶¹ FOUCAULT, Michel. 1992. *Op.cit.*, p. 150.

religioso em Araranguá, ao expressar que a presença das religiosas no município contribuiria de forma significativa para eliminar outras empresas do sagrado que também estavam distribuindo seus bens de salvação.

Araranguá, 16/3/1950

Rev. Madre Provincial das irmãs de Santa Catarina

Louvado Jesus Cristo.

É com sumo prazer e nosso grande interessamento, que, em nome do povo da cidade de Araranguá e do Sr. Prefeito da mesma, me dirijo a Reverenda Madre para conseguirmos irmãs para cuidar de nosso novo Hospital, que deverá atender aos doentes de nossa cidade e município, e mais municípios.

É o único hospital no município agrícola de Araranguá, cidade que fica apenas a 9 Km do Oceano Atlântico, no sul de Santa Catarina.

O nosso meio é composto de lusos, italianos (alemães, polacos poucos). O clima é ótimo, pois fica beirando o mar quasi (sic). Zona de agricultores médios, mas bons. Ótimas plantações. O hospital é grande e moderno.

A cidade de Araranguá é ponto e centro de todo movimento de viagens entre Florianópolis e Porto Alegre (Rio Grande do Sul).

Linhas diárias de ônibus - de trem - e ótima linha de aviões da grande companhia sulina da Varig.

Ponto inexplorado quanto às vocações religiosas femininas. Nós, Padres Servistas, ou Servos de Maria, fundamos o nosso

seminário aqui no município e já estamos com o mesmo lotado de vocações.

Teriam as Reverendas Irmãs, com o tempo, a oportunidade de se dedicar a mais obras de apostolado, como jardim de infância, colégio, colaborando diretamente também com as obras paroquiais, etc, visto haver número de outras religiões, seitas distorcendo as verdades da Igreja e precisam ser diminuídas urgentemente.

Venho pois pedir as Reverendas Irmãs que se interessem de nos honrar com uma visita o mais breve possível, para ver in loco o que poderia ser uma porta aberta para o maior desenvolvimento dessa estimada congregação de religiosas.

Desejaríamos saber em tempo a época de vossa desejada visita.

Abençoando e desejando todo bem, subscrevo.

Pe. Frei Tiago M. Coccolini, OSM.

Vigário Forâneo de Araranguá.²⁶²

Entendi que as articulações do frei Tiago M. Coccolini junto ao poder político local em conseguir o hospital Bom Pastor, como também as suas solicitações de vir uma congregação religiosa para o Araranguá, instiga a compreender o desejo que a Igreja Católica almejava em acumular capital simbólico, a fim de perpetuar sua predominância e credibilidade no campo religioso.

Sendo assim, na acepção de Peter Ludwig Berger, a noção de acúmulo de capital simbólico no campo da religião remete à análise da situação de mercado em Araranguá. Desse modo, Peter Ludwig Berger sugere que

a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes

²⁶² Carta enviada à Madre Provincial das irmãs de Santa Catarina em 16/3/1950. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC).

de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações. A submissão é voluntária e, assim por definição, não é segura. Resulta daí que a tradição religiosa, que antigamente podia ser imposta pela autoridade, agora tem que ser colocada no mercado. Ela tem que ser “vendida” para uma clientela que não está mais obrigada a “comprar”. A situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado. Nela as instituições religiosas tornam-se agências de mercado e as tradições religiosas tornam-se comodidades de consumo.²⁶³

Sobre as solicitações que frei Tiago M. Coccolini fizera para a vinda da Congregação de Santa Catarina para Araranguá, é visível que somente após cinco meses do envio da carta do pároco, a Madre Superiora da Congregação de Santa Catarina veio a concordar efetivamente para a constituição de uma comunidade no hospital Bom Pastor. Entretanto, durante esse período de cinco meses de espera ao retorno da Madre Superiora, ocorreram entre frei Tiago e a Superiora da Congregação, respectivamente quatro reuniões em Araranguá. A primeira reunião ocorreu em 22/8/1950, a segunda em 18/11/1950 e a terceira em 10/1/1951. Vale lembrar que foi na última reunião em 30/4/1951 que a Madre Superiora confirmou que, em fins de maio de 1951, “duas Irmãs poderiam iniciar a missão no hospital Bom Pastor.”²⁶⁴

Em uma carta/ofício enviada em 11 de janeiro de 1951 pela Superiora Provincial das irmãs de Santa Catarina Madre Hildegards, endereçada ao frei Tiago M. Coccolini, apresenta-se a confirmação da instalação da comunidade em Araranguá. Percebi ainda, nesse ofício, alguns dados concernentes à administração eclesiástica e econômica da congregação, como, por exemplo, o contrato entre a congregação e a Prefeitura Municipal de Araranguá.

²⁶³ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*, p. 149.

²⁶⁴ Atas das reuniões e relatório das visitas na cidade de Araranguá para a instalação da comunidade, 1950. Arquivo da Casa Madre Regina. Rio de Janeiro (RJ).

Florianópolis, 11 de janeiro de 1951.

M. Revda Madre Hildegardis
Superiora Provincial das Irmãs de Santa
Catarina
São Paulo

Laudetur Jesus Christus

Muito feliz a idéia (sic) de abrir uma nova residência na Arquidiocese, recaindo a escolha no hospital Bom Pastor da cidade de Araranguá. Louvamos e abençoamos esse projeto por todos os motivos, e em particular, pelos motivos expostos na carta de 04 do corrente, de V. C., a que respondo.

Em Cocal, as Irmãs estão trabalhando com grande edificação e eficiência. O mesmo seguramente farão em Araranguá.

Segue incluso o projeto de contrato entre essa Congregação e o Hospital. Vai em três vias nas quais deverão vir especificados os vencimentos das Irmãs e assinadas pelo provedor como representante do Hospital, e por V. Revcia. ou sua representante; e deverão antes de entrar em execução, transitar pela Cúria, para o necessário visto da mesma.

Retribuo os votos de Feliz Ano Novo, repleto de escolhidas bênçãos, e com prazer me subscrevo, recomendando as santas orações.

De V. Revcia.

Serva em Jesus Cristo.²⁶⁵

O contrato firmado entre a Congregação de Santa Catarina com a Prefeitura Municipal de Araranguá ocorreu em 22 de abril

²⁶⁵ Carta em 11/1/1951. Arquivo da Cúria Metropolitana de Florianópolis.

de 1951. Ele possui dezessete cláusulas e estava assinado pela coordenadora Provincial, ir. Hildegardis Tresp, e pelo prefeito municipal em exercício, Afonso Ghizzo. O contrato, válido por dois anos, traz ainda o visto e aprovação da Cúria Metropolitana de Florianópolis.²⁶⁶

De modo geral, as religiosas da Congregação de Santa Catarina foram solicitadas por frei Tiago M. Coccolini para Araranguá, como profissionais da religião, para que contribuíssem no processo de reelaboração dos planos pastorais da Igreja Católica. De todo modo, as religiosas conseguiram difundir no hospital, nas escolas e de forma geral na sociedade o seu **dossel sagrado**,²⁶⁷ concentrando capital simbólico e credibilidade à Igreja Católica nos domínios político, social e cultural.

A metáfora do **dossel sagrado** é foco de estudo de Peter Ludwig Berger, e a historiadora Gizele Zanotto apropriou-se desse conceito no doutorado para analisar o tema **Tradição, Família e Propriedade (TFP)**.²⁶⁸ Baseando-se em Peter Ludwig Berger, a autora expressou que o termo dossel (que nomeia uma armação de maneira ornamentada utilizada sobre altares, tronos, leitos, liteiras, etc., visando à proteção e/ou ostentação), estava sendo utilizado em sua pesquisa em sentido figurado. Aproprio-me também desse conceito na tese porque o dossel sagrado que as religiosas estavam oferecendo garantiria aos adeptos a sensação de proteção às explicações religiosas, políticas, econômicas e culturais da realidade.

Na subseção a seguir, descreverei como as religiosas da Congregação de Santa Catarina foram recepcionadas ao chegarem em Araranguá e como se deu a inauguração do hospital Bom Pastor em 1951, a fim de perceber as articulações da Igreja Católica na pessoa do frei Tiago M. Coccolini com a política local e estadual.

²⁶⁶ Contrato da Congregação de Santa Catarina com o Hospital Bom Pastor de Araranguá, 1951. Arquivo da Prefeitura Municipal em Araranguá.

²⁶⁷ Ver: BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*

²⁶⁸ ZANOTTO, Gizele. **Tradição, família e propriedade (TFP)**: as idiosincrasias de um movimento católico (1960-1995). Florianópolis: UFSC, 2007, p. 10. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História.

1.5.2 Chegada das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá (8/6/1951) e inauguração do hospital Bom Pastor (2/9/1951)

Por meio do histórico da fundação do hospital Bom Pastor, anexo ao livro *Crônicas*, verifiquei que a chegada das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá ocorreu às 15 horas do dia 8 de junho do ano de 1951. As primeiras religiosas, ir. Maria Agatônia Klingenberg e ir. Maria Hilária Brommerschenkel, vieram em uma camionete particular do município de Cocal do Sul (SC) e grande foi a decepção com a recepção,²⁶⁹ pois nem o pároco frei Tiago M. Coccolini, nem o prefeito Afonso Ghizzo e muito menos a população aguardavam a chegada das religiosas.²⁷⁰



Figura 23 – Ir. Maria Hilária Brommerschenkel (1950)

Fonte: Ir. Maria Cecília Alice Petry²⁷¹

²⁶⁹ Ir. Madre Maria Josefina Thiel colocou em sua obra que o diretor do hospital Bom Pastor prometeu em divulgar pela rádio convidando o povo para a chegada das religiosas em Araranguá no dia 8 de junho de 1951. THIEL, Ir. Maria Josefina. 1996. *Op. cit.*, p. 219.

²⁷⁰ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às *Crônicas*. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁷¹ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. **A Nova e brilhante estrela**. História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 3º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 54.



Figura 24 – Ir. Maria Agatônia Klingenberg

Fonte: Ir. Maria Cecília Alice Petry²⁷²

Examinei nos registros do livro *Crônica* que as religiosas ficaram decepcionadas pelo fato de a comissão do hospital Bom Pastor ter prometido a elas que um grupo de pessoas, como também autoridades religiosas e políticas do município, estaria em frente ao hospital aguardando-lhes para honrar a chegada da primeira congregação feminina em Araranguá.²⁷³

As religiosas da congregação esperavam ótima receptividade em Araranguá, até porque eram conhecedoras das cartas que o pároco e as autoridades políticas de Araranguá enviavam à superiora, solicitando a vinda da congregação para o município. Conforme o exposto, as religiosas vieram para Araranguá não por conta própria. Não foram elas que imploraram para vir para o referido município a fim de trabalhar no hospital, nas escolas e na paróquia. Pelo contrário, elas foram convidadas e, por isso, perceberam a falta de reconhecimento na sua chegada.

No período analisado, era comum a chegada de muitas congregações religiosas para atuarem no campo da evangelização nos municípios do sul do Estado de Santa Catarina e, na maioria dos municípios em que houve a chegada de congregações, ocorreram festas com a presença significativa de pessoas que vieram prestigiar a chegada das religiosas. Giani

²⁷² Idem, p. 64.

²⁷³ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às *Crônicas*. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Rabelo, por exemplo, apresentou em sua Tese que no distrito de Içara, na chegada da Congregação das Filhas do Divino Zelo em 1960, até estudantes foram recepcionar as religiosas e que por onde elas passavam eram recebidas com pétalas de rosas.²⁷⁴

Conforme o histórico de fundação do hospital Bom Pastor referente ao ano de 1951, a maior decepção mesmo foi ao perceber que a porta principal do prédio estava fechada com chave e, segundo as religiosas, “tudo dava a impressão de abandono”. Após algumas tentativas para entrar no prédio, apareceu o presidente do hospital, senhor Artur Campos, que abriu a porta do prédio.

A decepção das irmãs aumentou ao verem a imundícia, a ausência de móveis e de qualquer equipamento. Joca (Sr. Artur) informou que a clausura ficava em cima. As irmãs subiram e encontraram três quartos, cada um com uma cama e um colchão velhos.²⁷⁵

Em entrevista ao padre João Leonir Dall’Alba, senhor Walter Belinzoni, que foi prefeito municipal provisório de Araranguá entre os anos de 1951-1956, período esse que demarca a chegada da congregação, confirmou as escriturações da Crônica quando narrou que

no meu tempo de prefeito (1951 a 1956) eu peguei o Hospital Bom Pastor ainda incompleto. Faltava a ala da cozinha, a clausura das irmãs, os móveis estavam comprados, mas não estavam pagos, faltava roupa de cama... Conseguimos concluir a obra e inaugurá-la. Começou a funcionar. Vieram as irmãs. Havia muitas dívidas, mas as irmãs equilibraram as finanças e a chegavam a ter sobras. Quando foram mandadas embora tinham 500 mil cruzeiros em caixa.

²⁷⁴ RABELO, Giani. *Op.cit.*, p. 225.

²⁷⁵ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às Crônicas. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Vieram dizer-me o que poderiam fazer com ele. O que é que seria preciso para melhorar o hospital? Uma lavanderia? Pois então comprem uma lavanderia! A irmã Agatônia assim o fez.²⁷⁶

Apavoradas com a situação que encontraram o hospital, sem ter condições de residirem nele, as duas religiosas, primeiramente, foram procurar Afonso Ghizzo, mas não o encontraram. Tentaram falar com frei Tiago M. Coccolini na igreja matriz e também não o encontraram. Retornaram, então, ao hospital, aflitas e sem resposta. Entretanto, mesmo com sentimentos de abandono das principais autoridades do município, as religiosas deram início ao processo de limpeza e organização do novo hospital.²⁷⁷

De acordo com o histórico do hospital, quando já estava anoitecendo, o prefeito municipal titular Afonso Ghizzo apareceu no prédio. Ao escutar as reclamações das religiosas, informou que elas poderiam pernoitar na residência de seu amigo, de Artur Campos. Assim, as religiosas aí pernoitaram, nas camas dos filhos de Artur que estavam no colégio. Por ser uma noite que fazia muito frio, as religiosas registraram no livro Crônica que a nova missão que estavam a cumprir em Araranguá iniciava-se com sacrifícios, dificuldades e companheirismo.

Era pleno inverno. Geada e um frio de rachar. Irmã M. Agatônia trouxera um acolchoado de penas e um cobertor de algodão. Deu generosamente o acolchoado a Irmã M. Hilária, e ela cobriu-se com o cobertor fino, sofrendo muito frio a noite toda.²⁷⁸

No dia seguinte, 9 de junho, as religiosas retornaram ao hospital para dar continuidade nas limpezas, arrumação dos quartos, costura e o preparo de tudo o que era necessário para o

²⁷⁶ Walter Belinzone, 65 anos. Entrevistado em 19/11/1986. In: DALL'ALBA, Pe. João. **Histórias do grande Araranguá**. 1997, p. 459.

²⁷⁷ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às Crônicas. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁷⁸ Idem.

funcionamento do hospital.²⁷⁹

Após duas semanas de trabalho forçado na limpeza no hospital, as religiosas sentiram-se mais encorajadas, quando receberam uma carta do arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Mons. Frederico Hobold, valorizando a presença das religiosas em Araranguá. Além disso, ele parabenizou a população araranguaense por obterem as beneméritos religiosas que iriam desenvolver excelentes trabalhos sociais junto à pobreza. Nas representações discursivas do arcebispo, as práticas pedagógicas das religiosas viabilizariam crescimento na área material e moral das pessoas em Araranguá.

Florianópolis, 22 de junho de 1951.

Revda. Irmã M. Agatônia
Hospital Bom Pastor
Araranguá

Laudetur Jesus Christus

Em nome de Sua Excia. Revma. aprez-me acusar em mão a carta de V. Revcia. de 15 do corrente datada. O sr. Arcebispo fica ciente, e abençoa todos esses trabalhos de organização em instalação interna a que se está entregando.

Como se vê, há um grande progresso material nesse Hospital. E muito mais do que o material, o moral e religioso, com a aquisição das Irmãs. Estão, pois, todos de parabéns, até mesmo os doentes, pelos (sic) maior conforto, e assistência técnica por parte de médicos e dedicadas enfermeiras. Com as bênçãos de Sua Excia. Revma. o Sr. Arcebispo Metropolitano, com prazer me professo.

Servo em J. C.

Mons. Frederico Hobold
Vigário Geral²⁸⁰

²⁷⁹ Idem.

²⁸⁰ Carta da Cúria Metropolitana de Florianópolis, 22/6/1951. Arquivo da Cúria

Ainda analisando o livro *Crônica*, identifiquei que as duas religiosas trabalharam exaustivamente na organização do hospital por quase três meses. E, como não havia ainda mobílias na cozinha do hospital, o almoço das religiosas era no Hotel do Comércio, que ficava no centro de Araranguá. Elas solicitaram ao proprietário para que fizessem as refeições em um quartinho à parte. Já as refeições do café eram feitas no próprio hospital em pé por falta de cadeiras.²⁸¹

Completados quase três meses de trabalho das religiosas no hospital Bom Pastor, elas resolveram marcar a data de inauguração. De acordo com o registro na *Crônica*, Ir. Maria Agatônia havia marcado a inauguração para o dia 2 de agosto de 1951, pois, segundo as religiosas, o hospital já estava relativamente bem organizado. Entretanto, o presidente do hospital, que aos olhos das religiosas foi “supersticioso”, discordou dizendo: “De modo algum, mês de agosto é mês de desgosto, não vamos começar assim!”²⁸² Em virtude disso, a data da inauguração foi alterada para o próximo mês, marcada para 2 de setembro de 1951.²⁸³



Figura 25 – Hospital Bom Pastor (1952)
Fonte: THIEL, Ir. Maria Josefina²⁸⁴

Metropolitana de Florianópolis.

²⁸¹ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às *Crônicas*. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁸² Idem.

²⁸³ Idem.

²⁸⁴ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. 1996. *Op.cit.*, p. 220.

Na celebração de inauguração do hospital Bom Pastor, houve a presença de algumas autoridades políticas de prestígio estadual, como a visita do governador do Estado de Santa Catarina senhor Irineu Bornhausen, como também de deputados, autoridades políticas municipais e, como se vê na Figura 26, uma significativa parcela da população.²⁸⁵

Analisando os registros do frei Tiago M. Coccolini sobre o dia da inauguração do hospital Bom Pastor, notei que primeiramente houve a missa campal em frente ao estabelecimento, rezada pelo frei Tiago M. Coccolini por volta das nove horas da manhã.²⁸⁶ Após a missa, o pároco benzeu os compartimentos do estabelecimento.



Figura 26 – Inauguração do hospital Bom Pastor
Da esquerda, deputado Antônio de Barros Lemos, Artur Campos,
Governador Irineu Bornhausen, Ramiro Ulysséa e Prefeito
Afonso Ghizzo. 2/9/1951

Fonte: Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá

²⁸⁵ Histórico da Fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Anexo às Crônicas. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁸⁶ **Caderno de Rascunho**, 1951. Arquivo da Paróquia de Araranguá.

Durante a missa, o pároco comentou sobre as dificuldades que teve para trazer a congregação para Araranguá e agradeceu de modo especial o apoio do então prefeito Afonso Ghizzo:

[...]

por ter confiado à Igreja a responsabilidade para trazer congregações religiosas para assumirem a administração do novo hospital na cidade. O cidadão Afonso Ghizzo, novamente comprovou seu espírito de verdadeiro Católico e um fervoroso congregado Mariano por esta atitude. Com a inauguração desse nosocômio, Afonso Ghizzo pela Graça de Deus cumpriu o que havia prometido à Igreja e a toda (sic) população de Araranguá.²⁸⁷

Frei Tiago não deixou também de fazer referência quanto à importância da presença das religiosas para os paroquianos de Araranguá, no sentido de contribuírem no processo de evangelização no município, reforçando, assim, a ideia de que os objetivos principais na solicitação das religiosas foi da ausência de profissionais da religião na paróquia para a comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica em Araranguá. De forma geral, as religiosas iriam contribuir para que as “ovelhas desraigadas da Igreja voltassem para o redil”.

[...]

as religiosas da Congregação de Santa Catarina vieram para somar no campo espiritual de Araranguá. Atualmente, apenas um pároco vigário não consegue mais atender todos os fiéis paroquianos. As capelas nas comunidades são muitas e era urgente de ajuda humana para o Reino de Deus. Muitos católicos estão fora do redil da Santa Igreja Católica que precisam ser resgatados e vivem fora do aprisco do

²⁸⁷ Idem.

Senhor.²⁸⁸

Na sequência dos pronunciamentos, foi a vez do governador Irineu Bornhausen para fazer suas considerações, o qual enalteceu a administração municipal na pessoa de Afonso Ghizzo, por ter direcionado sua atenção para a saúde dos araranguenses. Fez elogios pelas brilhantes ações do pároco Tiago M. Coccolini, por ter articulado a vinda das religiosas da Congregação de Santa Catarina para atuarem no novo hospital.²⁸⁹



Figura 27 – Hospital Bom Pastor (1952)

Fonte: Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá

O hospital Bom Pastor iniciou seu funcionamento com doze quartos, duas enfermarias, cada uma com quatro camas para os pobres, duas salas para cirurgia, duas salas para consultas, um

²⁸⁸ Idem.

²⁸⁹ Inauguração do hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Livro Crônica. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ). Os discursos nesta inauguração se estenderam, até porque nesse período da inauguração restavam apenas dois meses para ocorrer as eleições municipais em Araranguá e, obviamente, as autoridades políticas aproveitaram o momento e fazer propagandas políticas.

aparelho de Raios X, farmácia e diatermia. Possuía dez funcionários que colaboravam nos serviços básicos e de enfermagem.²⁹⁰

Com o passar dos anos, houve a necessidade de mais técnicas em enfermagem e outras religiosas vieram trabalhar no hospital. Identifiquei no livro *Crônica* a presença da religiosa ir. Maria de Lourdes Brommerschenkel em 1955, que assumiu os serviços da cozinha e da horta, oferecendo também grande contribuição para a economia da casa e que permaneceu em sua missão até a retirada das religiosas em 1966. Já a religiosa ir. Maria Camila Hoffmann durante dez anos prestou serviços na enfermagem, dedicando-se particularmente aos pobres.²⁹¹

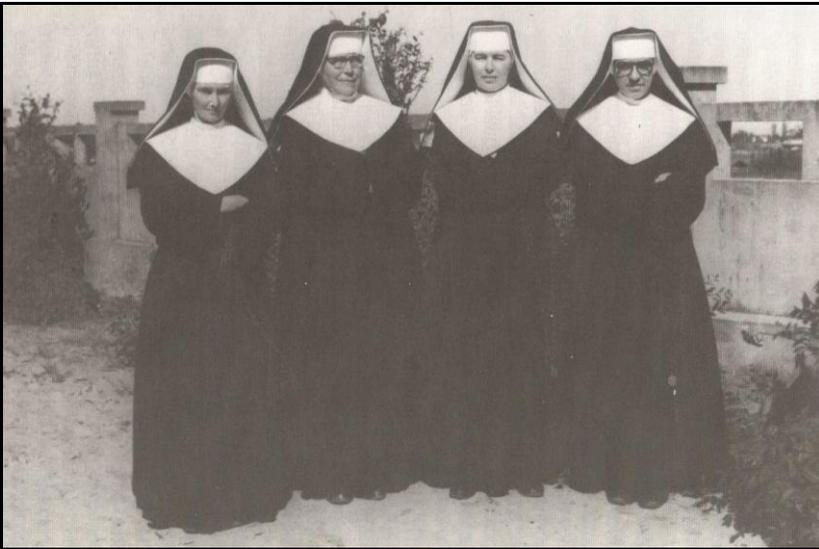


Figura 28 – Primeira comunidade da Congregação de Santa Catarina em Araranguá (1951). Ir. Agatônia, ir. Maria Hilária, ir. Camila Hoffmann e ir. Maria Lourdes Bromerschenkel

Fonte: THIEL, Ir. Madre Maria Josefina²⁹²

²⁹⁰ Inauguração do hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951. Livro *Crônica*. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁹¹ Livro *Crônica*, 1955. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

²⁹² THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. 1996. *Op. cit.*, p. 221.

Outras religiosas prestaram serviços na área da enfermagem e de forma geral nos demais serviços da congregação, deixando, assim, suas valiosas contribuições no hospital Bom Pastor, a saber: ir. Maria Sebastiana Lobert, ir. Maria Flávia Assmann, ir. Maria Leonarda Piesz, ir. Maria Aloísia Bremm, ir. Maria Irene Ludwig, ir. Maria Antonia Kern, ir. Maria Suzana Benincá, ir. Maria Verônica Zott, ir. Maria Agatônia (foi superiora durante nove anos no hospital Bom Pastor) e ir. Maria Norberta Berwian (foi a superiora da comunidade após a saída de ir. Maria Agatônia).²⁹³

Este capítulo teve a intenção de entender que o principal motivo que levou o frei Tiago M. Coccolini a solicitar a Congregação de Santa Catarina foi pela concorrência mercadológica entre a Igreja Católica e as demais agências do sagrado no campo religioso em Araranguá. Feito isso, no capítulo seguinte abordarei as práticas pedagógicas das religiosas no hospital Bom Pastor e a inserção social delas em diversos espaços no âmbito no não escolar em Araranguá.

²⁹³ Análise do livro *Crônica, 1955 até 1966*. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

CAPÍTULO 2

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E BENS DE SALVAÇÃO: AÇÕES DAS RELIGIOSAS NO HOSPITAL BOM PASTOR, INSERÇÃO SOCIAL E JUVENATO (8/6/1951 A 15/6/1966)

Ó meu Senhor e meu Deus, nós te louvamos e agradecemos pelo teu grande amor com que agraciaste Madre Regina e pelo amor à Igreja e ao próximo que nela infundiste.

Impelida pelo amor esponsal a Ti, dedica-se aos pobres e necessitados; visita e assiste os doentes; educa as crianças e os jovens; permanece atenta e sensível aos apelos da Igreja e às necessidades de seu povo e do mundo.

Senhor nosso Deus, tocados pelo exemplo da radicalidade evangélica e do testemunho da sua vida, suplicamos, por sua intercessão, a graça da conversão, do amor profundo a Ti, da generosidade no serviço humilde e gratuito ao irmão.

Isto te pedimos por Jesus Cristo, na unidade do Espírito Santo. Amém.

Oração à Madre Regina.²⁹⁴

2.1 Práticas pedagógicas no hospital Bom Pastor: atenção à saúde física e a cura da alma

[...]

Por lugares aonde nem o vigário chega para evangelizar, as Irmãs têm no hospital o privilégio de curar o físico e a alma dos que

²⁹⁴ Panfleto: REGINA. Publicado por Convento Madre Regina. Rua Bingen, 73. Petrópolis (RJ). Brasil. A oração e biografia de Regina encontram-se também no site: <http://www.madreregina.com.br>

chegam sedentos de Salvação.²⁹⁵

Mesmo naquele tempo no hospital Bom Pastor não existir tanta tecnologia como hoje, mas as irmãs tratavam os pacientes muito bem.

Elas eram carinhosas e dedicadas. Quando eu fiquei doente, acabei parando no hospital, e mesmo com aquele hospital sempre cheio de pessoas doentes, elas conseguiam dar atenção aos pacientes. Elas transmitiam uma paz e segurança aos doentes. Vestidas com as roupas de freiras, para mim me deixava mais tranquila. Então elas perguntavam se eu tinha condições para assistir à missa na capela, porque segundo elas eu até poderia sair curada. As irmãs queriam que mesmo doente praticassem a religião católica.²⁹⁶

A ideia de práticas pedagógicas no âmbito escolar e não escolar que está sendo trabalhada nesta tese, está baseada na proposta analisada pelas historiadoras da educação Eliane Marta Teixeira Lopes e Ana Maria de Oliveira Galvão, ao afirmar que o processo educativo pedagógico extrapola os muros de uma instituição escolar. Para as autoras, a materialidade de uma cidade e os diversos ambientes sociais são fecundos de potencialidades educativas que têm ocorrido

ao longo do tempo, fora dessa instituição [escola]²⁹⁷ e, às vezes, com maior força do que se considera, principalmente para certos grupos sociais e em determinadas épocas. A cidade, o trabalho, o lazer, os movimentos sociais, a família, a Igreja foram, e continuam sendo poderosas forças nos processos de inserção de homens e de mulheres em mundos culturais específicos.²⁹⁸

²⁹⁵ Livro Crônica, 1957, p. 46. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

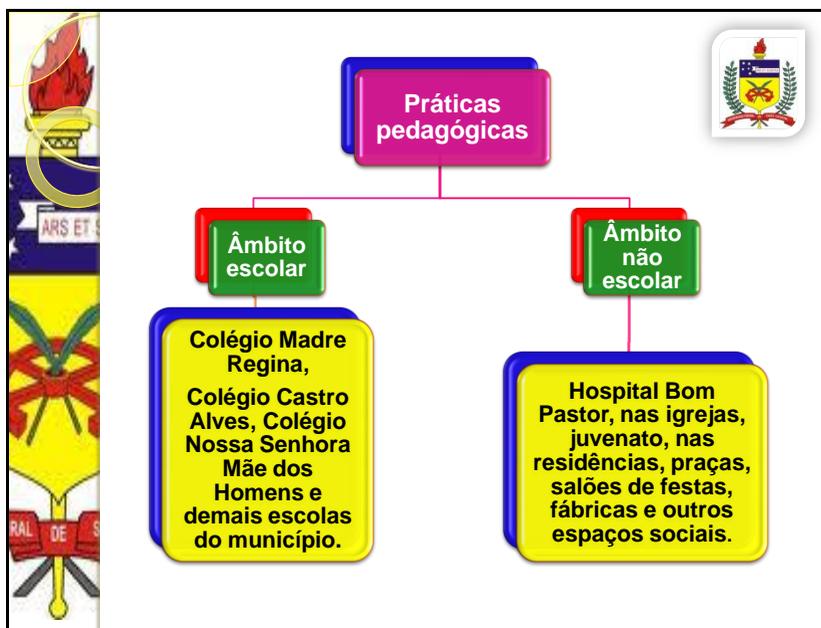
²⁹⁶ Dona Eliza Savi, 83 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 10/2/2008.

²⁹⁷ As palavras entre os colchetes serão minhas interpolações explicativas.

²⁹⁸ LOPES, Eliane Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 53. Giani Rabelo também analisou em

Nesse sentido, conforme o Diagrama 3, entendi as práticas pedagógicas no âmbito escolar a atuação das religiosas no Colégio Madre Regina, no Colégio Castro Alves, no Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens e nas demais escolas do município. As práticas pedagógicas no âmbito não escolar relaciona-se à comercialização de bens de salvação no hospital Bom Pastor, nas capelas, juvenato, nas residências, nas praças, salões de festas, fábricas e em outros espaços sociais.

Diagrama 3- Práticas pedagógicas das religiosas no âmbito escolar e não escolar



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

sua Tese as práticas discursivas e institucionais das cinco congregações religiosas femininas em vilas operárias no complexo carbonífero do sul de Santa Catarina entre os anos de 1950 e 1980 nessa perspectiva. Ver: RABELO, Giani. *Op. cit.*

Este trabalho não possui a pretensão de estudar particularmente a Congregação de Santa Catarina em Araranguá, porém, considero significativo discorrer de forma geral sobre a filosofia e a história dessa congregação para, assim, entender as práticas pedagógicas que se refletiram especificamente em todo o processo pedagógico no âmbito escolar e no não escolar.

As religiosas da Congregação de Santa Catarina possuem como regra de fé e prática o carisma da congregação. Nesse sentido, discorrerei sobre a filosofia e a história dessa congregação para, assim, entender as práticas pedagógicas das religiosas, no hospital Bom Pastor, no Colégio Madre Regina e nos trabalhos sociassistenciais junto às famílias carentes do ponto de vista econômico em Araranguá.

Em virtude da história de vida que teve Santa Catarina “Virgem e Mártir que nasceu pelo fim do século III e morreu em 307”,²⁹⁹ e de madre Regina³⁰⁰ ter sido a fundadora da Congregação de Santa Catarina, elas inspiram ou norteiam a filosofia das religiosas dessa congregação. Por isso, o trabalho dessas religiosas não se estendia apenas ao campo educacional, mas também a um projeto social extensivo à sociedade. Como Regina e outras mulheres se dedicaram e doaram-se à vida religiosa, desenvolvendo trabalhos missionários como enfermeiras, professoras, assistentes sociais, paroquiais, animadoras de comunidades, catequistas, costureiras, dietistas e outras, elas haviam se tornado um exemplo para as religiosas da congregação.³⁰¹

As literaturas produzidas pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina, como a de ir. Berenice Ziviane,³⁰² ir. Maria Josefina Thiel,³⁰³ ir. Maria Cecília Alice Petry³⁰⁴ e o panfleto³⁰⁵

²⁹⁹ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003, *Op.cit.*, p. 15 a 23.

³⁰⁰ O Papa João Paulo II beatificou-a, em Varsóvia, em 13/6/1999. PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003, *Op.cit.*, p. 15 a 23.

³⁰¹ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 169.

³⁰² ZIVIANE, Ir. Berenice. 1979, *Op.cit.*, p. 13.

³⁰³ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. 1996, *Op.cit.*

³⁰⁴ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003. *Op.cit.*, p. 15 a 23.

publicado pelo convento Madre Regina em Petrópolis (RJ) trazem a biografia de Santa Catarina e de Regina Prothmann, e possibilitam entender um pouco do pensamento norteador das religiosas que trabalharam em Araranguá. Regina foi a fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, na Polônia. Ao fundar a congregação, pôs o nome de Santa Catarina por ser a padroeira da cidade de Bransberg, na Polônia.

Regina é filha de Peter Protmann e Regina Tingels. Nasceu em 1552, em Braunsberg, hoje Braniewo, e faleceu em 18 de janeiro de 1613.³⁰⁶

Aos 19 anos de idade, ao ser “tocada” por Jesus, passou a rejeitar a luxúria e o escolheu como seu “esposo”. Deixou seu lar e com duas companheiras foi morar numa casa em ruínas, na pobreza. No passar do tempo outras jovens se associaram a elas. Como coloca o panfleto: “viviam tudo em comum: juntas no levantar, na oração, no trabalho e no repouso”.³⁰⁷

Nas ações sociais desenvolvidas por Regina destaca-se o preparo de remédios, chás, sopas que distribuía às pessoas doentes e pobres. Também recebia em sua casa meninas para ensinar a ler e escrever com fundo religioso cristão.³⁰⁸

Regina voltou-se para as pessoas sofredoras e marginalizadas de sua cidade. Fez uma opção consciente e decidida pelos doentes, pelos pobres e pelas meninas abandonadas e sem instrução. Regina fundou escolas e, com suas companheiras, começou a tratar dos doentes em seus domicílios e em hospitais.³⁰⁹

A história de vida de Regina levou um artista do século XVIII a representá-la em pintura em tela que até hoje é reproduzida pela congregação e divulgada em todo o país. O autor da pintura é desconhecido, era natural Bransberg, Polônia,

³⁰⁵ Panfleto: REGINA. *Op.cit.*

³⁰⁶ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003. *Op.cit.*, p. 16.

³⁰⁷ Idem *ibidem*.

³⁰⁸ MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 170.

³⁰⁹ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003. *Op.cit.*, p. 16.

um estudioso e/ou admirador de madre Regina. O pintor teve contatos com a história de Regina por meio do jesuíta Engelbert Kerlert, primeiro biógrafo da beata.

Há um pequeno grupo da Congregação de Santa Catarina que critica o luxo das vestes com que Regina foi representada, ventilando dúvidas acerca das informações que o artista possuía acerca de Regina. Entretanto, para a maior parte das religiosas da congregação, a imagem possui indícios que comprovam o conhecimento do artista, como, por exemplo, a igreja da cidade de Bransberg que Regina frequentava, o crucifixo e o livro, símbolos que representam a religião cristã, educação, saúde e relacionam-se com a vida de Regina.

Nesse sentido, seguindo os exemplos de Regina, as religiosas da Congregação de Santa Catarina são orientadas a seguir o carisma da fundadora, elas fizeram do hospital Bom Pastor um campo significativo de evangelização, pois, nas práticas cotidianas, buscavam testemunhar de Cristo tanto em ações como em palavras. Entre outras coisas, as religiosas no hospital “aplicavam-se, em todas as circunstâncias, a ensinar o próximo, por palavras e pelo exemplo, o caminho da salvação”.³¹⁰

³¹⁰ Livro Crônica, 1962. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

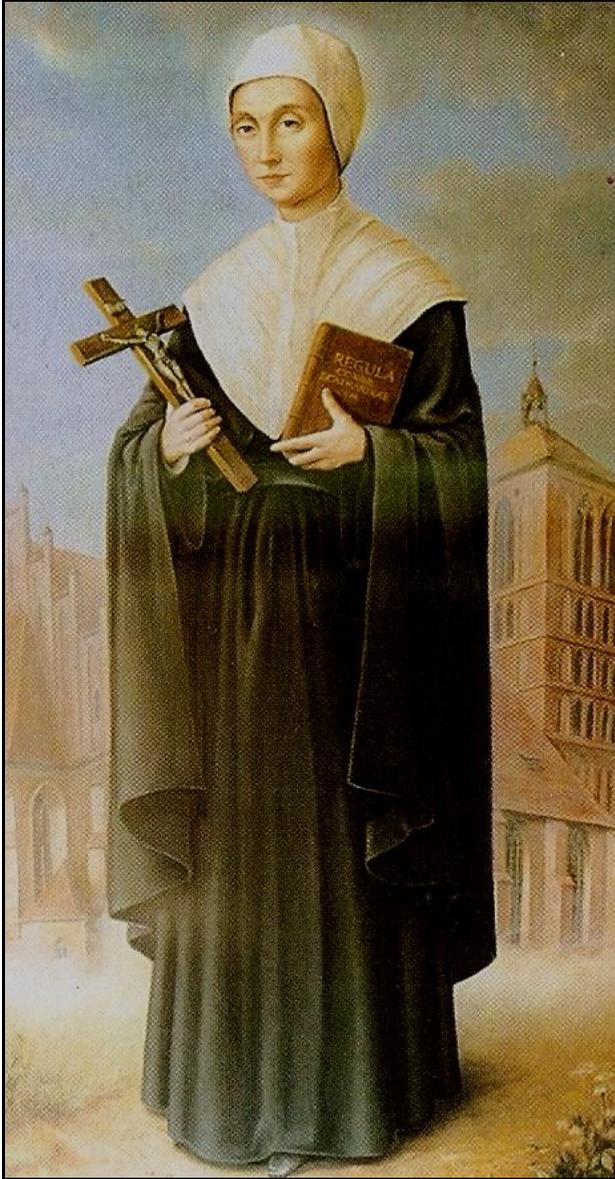


Figura 29- Representação de Regina Protmann (1552-1613), fundadora da Congregação das Irmãs de Santa Catarina
Fonte: Arquivo Panfleto Convento Madre Regina

Em virtude do acúmulo de capital simbólico do qual eram portadoras, as religiosas possuíam credibilidade em seu discurso e eram ouvidas e respeitadas por uma parcela significativa da população. Ou seja, pelo fato de fazerem parte do corpo eclesial de uma congregação religiosa, vinculada à Igreja Católica (que é portadora de um discurso institucionalizado e que organiza e reproduz a crença), elas, em conformidade com a definição de Pierre Bourdieu, passaram a ter “participação no quinhão de autoridade institucional”³¹¹.

Há que se destacar também que uma vez que as religiosas fazem parte do campo religioso, passam a ser também portadoras de uma série de bens simbólicos referentes ao seu campo específico, pois o reconhecimento da posse de tais bens depende da passagem delas por um processo de formação que é composto por fases distintas nas quais se aprende a ser religiosa. Introjetam-se hábitos e costumes, ou melhor, nas afirmações de Mirian Pillar Grossi, incorporam os sistemas e o jeito de freiras.³¹²

Na Congregação de Santa Catarina, há várias etapas até que a aspirante se torne uma religiosa em formação, começando pelo juvenato, local de preparação das moças que desejassem seguir a vocação. Ao concluir as fases que concede experiências sociais e religiosas à juvenista, finalmente consagra e outorga, a mulher o título de religiosa. Nas perspectivas de Pierre Bourdieu, é o ritual da instituição que concede à religiosa a posse dos bens de salvação³¹³ e a partir daí legitimidade para falar e atuar em nome da instituição em diversas áreas, especialmente em educação, assistência social e saúde. Além desses poderes simbólicos atribuídos às religiosas, elas assumem funções de empresárias da religião, tornando-se como os párocos, canais de mediações com o sagrado.³¹⁴

Os discursos que sustentavam as práticas pedagógicas das religiosas estavam apoiados na trajetória histórica da Igreja Católica e na legitimação da instituição na qual estavam inseridas. Sendo assim, os documentos indicaram que, nesse

³¹¹ BOURDIEU, Pierre. 1996. *Op.cit.*, p. 87.

³¹² GROSSI, Mirian Pillar. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, n. 73, maio de 1990, p. 52 e 53.

³¹³ BOURDIEU, Pierre. 1996. *Op.cit.*, p. 87.

³¹⁴ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op. cit.*, p. 124.

período, existia uma forte aproximação e desejo de unidade entre Igreja Católica e a comunidade das religiosas. Quer dizer, baseando-se na assertiva de Alcir Lenharo, o pároco e as religiosas compactuavam e comungavam do mesmo imaginário do magistério da Igreja Católica, corroborando, assim, com o modelo de igreja sociedade-perfeita: pois “ela [a Igreja Católica] se rege pela imagem de um corpo constituído sem divisão, relacionada consigo mesma em todas as suas partes, soldada por uma aliança de identificação com o poder que a rege”.³¹⁵

Diagrama 4- Práticas pedagógicas das religiosas e acúmulo de capital simbólico



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

Com base no Diagrama 4, as religiosas enquanto profissionais da religião conquistaram prestígios sociais, acumulação simbólica e os reconhecimentos no campo religioso,

³¹⁵ LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. São Paulo: Papyrus, 1986, p. 202.

não somente porque faziam parte de uma instituição religiosa revestida de poder simbólico, mas porque também desenvolveram diversas práticas pedagógicas beneficiando às pessoas em seu cotidiano. Obviamente, não há como negar que elas utilizaram-se do seu capital simbólico para a comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica, para conquistar mais adeptos e impedir o trânsito religioso.

Na acepção de Pierre Bourdieu, os bens de salvação comercializados pelas religiosas no hospital Bom Pastor, possibilitavam à Igreja Católica acumulação simbólica, considerada uma das economias indispensáveis em uma competição no mercado, onde se constitui a violência simbólica. Segundo o autor, a violência simbólica produz mecanismos de crenças que fazem com que os indivíduos percebam as representações dominantes como “naturais”, de forma a dissimular as forças que estão na sua base, ou seja, na base destas relações de forças. De forma geral, a violência simbólica é criada pelas instituições e pelos seus agentes sobre a qual se apoia o exercício consentido de autoridade, ou seja, do poder simbólico.³¹⁶

Os depoimentos orais indicam que as religiosas transmitiam aos funcionários, auxiliares de enfermagem e juvenistas do hospital Bom Pastor respeito, segurança e seriedade profissional. Desenvolviavam um trabalho que era baseado nos princípios religiosos cristãos e também na medicina. Por obterem domínio teórico e técnico em dois campos de trabalho (campo religioso e campo científico), as religiosas captavam acúmulo de capital simbólico, possuindo credibilidade, legitimidade nas práticas e nas enunciações, granjeando, assim, segundo Pierre Bourdieu o ato de “investidura”.

A investidura exerce uma eficácia simbólica inteiramente real pelo fato de transformar efetivamente a pessoa consagrada: de início, logra tal efeito ao transformar a representação que os demais agentes possuem dessa pessoa e ao modificar sobretudo os comportamentos que adotam em relação a ela (a mais visível de todas essas mudanças é o fato de lhe conceder

³¹⁶BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. 1992. *Op.cit.*, p. 19-25.

títulos de respeito e o respeito realmente associado a tal enunciação); em seguida, porque a investidura transforma ao mesmo tempo a representação que a pessoa investida faz de si mesma, bem como os comportamentos que ela acredita estar obrigada a adotar para se ajustar a tal representação.³¹⁷

Albertina Resende da Silva, auxiliar de enfermagem por um período de seis anos no hospital Bom Pastor, lembra como as religiosas eram representadas pelos funcionários, justamente pela forma de trabalho desenvolvido no hospital. As religiosas gozavam “do ato de investidura” e concomitantemente de uma autoridade simbólica profissional e religiosa não desprezível, pois eram técnicas em enfermagem e, ainda, possuíam vasta experiência na área de assistência religiosa.

Elas, as freiras, tinham experiências na área técnica de enfermagem e, por isso, trabalhavam muito bem. Até porque as irmãs estudavam muito, mesmo. Dedicavam-se aos estudos, cursos e adquiriam conhecimento técnico nos grandes hospitais que elas também administravam, como em São Paulo e no Rio de Janeiro. Até porque a formação teórica das religiosas foi nos grandes colégios e a formação prática foi nos hospitais desses dois Estados. Então, tinha equipamentos hospitalares que não existia no Bom Pastor, mas que elas já sabiam dominar.

As freiras sabiam muita teoria e prática da medicina. Isso foi bom porque nós aprendíamos muito com elas, até porque nenhuma possuía problema de ensinar. Pelo contrário, a irmã Maria Agatônia [superiora do hospital] incentivava-nos sempre à busca do conhecimento e passava-nos suas experiências.

³¹⁷ BOURDIEU, Pierre. 1998. *Op. cit.*, p. 99.

Em se tratando de respeito, olha! Meu Deus! Como eu tinha respeito pelas freiras! Não somente eu como as minhas outras colegas de trabalho! Era um respeito misturado com medo, sabe. Respeitava-se porque elas sabiam mesmo trabalhar com os doentes, dominando práticas complexas de hospitais junto com os médicos, como o Dr. Medonça e Sabino.

E também que elas eram mais rigorosas em questão de atenção com os pacientes do que os próprios médicos. Elas exigiam muito das auxiliares, nossa atenção nas medicações. Não se podia dar um comprimido fora do horário que o médico receitava.

Outra coisa também é que algumas delas no hospital e fora do hospital eram sempre sérias, não se via risos nelas. Poucas riam conosco, como, por exemplo, a irmã cozinheira e outra dos serviços gerais. Agora, a superiora mesmo, sempre com a cara fechada. Talvez né, para transmitir respeito no local de trabalho.³¹⁸

Ainda nos depoimentos de dona Albertina Resende da Silva, identifiquei credibilidade e legitimidade nas ações das religiosas no hospital Bom Pastor, por serem também portadoras de um discurso religioso e possuidoras de uma auréola de poderes sobrenaturais. Para a entrevistada, “as freiras eram consideradas santas, mulheres escolhidas por Deus para a vocação religiosa, dotadas de poder e com o dom da cura”.³¹⁹ Segundo ela, por tais motivos as religiosas possuíam prestígio, transmitindo respeito e segurança aos funcionários e, especialmente, aos enfermos, porque diagnosticavam as doenças e concomitantemente assistência espiritual aos doentes. Isso possibilitava ao hospital ser reconhecido pelas pessoas como um dos melhores estabelecimentos de saúde de Araranguá.

³¹⁸ Albertina Resende da Silva, 75 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 10/2/2010.

³¹⁹ Idem.

Quando eu fui funcionária, obedecia às freiras e também tinha muito respeito por elas. Às vezes elas eram mais novas que nós, mas mesmo assim, se dava respeito.

Elas eram muito boas para os doentes e para os funcionários. Tinham aquelas funcionárias que às vezes reclamavam pela exigência que diziam ser demasiado.

Eu tinha muita fé nos trabalhos delas. Sabe, assim, elas vestiam o hábito branco! Era tão bonito! Isso transmitia muitas coisas boas para os doentes e para nós também.

A presença delas como religiosas transmitia tranquilidade ao paciente. Muitas pessoas confiavam nelas porque acreditavam que elas haviam recebido de Jesus o dom de curar as pessoas pela medicina.

Muitas vezes eu escutava elas dizerem aos pacientes em estado grave de saúde e até mesmo para confortar aos familiares: “Crê somente, que nós estamos aqui! Jesus, Maria e a Madre Regina irão te ajudar”.

Então, o hospital Bom Pastor dirigido pelas irmãs era famoso, muito procurado pela população, porque elas curavam as doenças dos enfermos e também confortavam com palavras bíblicas, orações de Madre Regina, de outra padroeira delas, a Santa Catarina, e de outros santos também. Elas tratavam o corpo né, e também queriam curar a alma.

As freiras não ficavam só rezando pelos doentes? Não! Aí, no passado, até teve alguém que comentava isso né! Elas primeiro, eu falo porque convivi com elas, primeiro atendiam o doente que chegava, faziam o que se devia fazer. Jamais colocaram um paciente na cama e ficaram somente fazendo preces por ele! Isso não

aconteciam! Agora, enquanto estavam fazendo uma cirurgia muito difícil junto com o médico, elas estavam ali ajudando também, mas sempre mexendo os lábios. Elas rezavam muito o Pai Nosso e a oração da padroeira delas, a madre Regina, bem baixinho.

Com o tempo, de tanto elas pedirem para todas fazerem o mesmo que elas, acabamos pegando esse costume tão bonito de rezar a Deus, do silêncio e meditação.³²⁰

Embora uma parcela significativa da população elabore representações positivas dos trabalhos das religiosas no hospital Bom Pastor, há uma minoria que, ao evocar os trabalhos das religiosas no hospital, traz lembranças depreciativas daquele tempo. Sobre o exposto, aos olhos da entrevistada, as representações que procuram colocar em descrédito o trabalho que aquelas “santas mulheres” fizeram aqui em Araranguá são “[...] calúnias, fofocas, questões religiosas e até por perseguições políticas, pessoas mal agradecidas”.³²¹ Segundo ela,

sobre os pacientes, existiam aqueles que reclamavam também porque não queriam pagar nem uma taxa no hospital e eram pessoas que podiam pagar.

No hospital, os pobres eram atendidos da mesma forma que os ricos.

E sobre os funcionários, sempre existe aquele funcionário que não se agradava das irmãs. Diziam que elas eram exigentes demais, porque não riam, diziam que eram bravas e que colocavam muitas regras. Até porque as disciplinas delas foram muito boas, porque se fazia o trabalho direito. Então as irmãs eram rigorosas na chegada do horário de cada funcionário, na entrega dos medicamentos no horário correto, higiene pessoal e a higiene das roupas hospitalares.

³²⁰ Idem.

³²¹ Idem.

Como no hospital tinha uma capela, as freiras pediam que nós fôssemos rezar quase todos os dias, e às vezes até fazer parte da liturgia da missa junto com o vigário que vinha. Então, algumas funcionárias não gostavam de ir tanto à capela, não queriam comungar. Achavam isso tudo como uma obrigação e que as irmãs exigiam. Elas diziam que os funcionários deveriam viver a religião, a católica. Lá no hospital nós tínhamos até que saber o Catecismo, as orações de madre Regina e de Santa Catarina.

Nós éramos treinadas a viver como elas e aí éramos convocadas muitas das vezes a participar de cursos religiosos dados pelas irmãs.

O hospital era igual a uma igreja, sabe. Era um lugar de doença, mas de muitas preces também.³²²

Enquanto as religiosas atuavam no hospital Bom Pastor, possuíam também poder em seu discurso ao proferir mensagens em nome de Deus. Além disso, por intermédio do seu aparato institucional e das práticas pedagógicas, difundiam verdades que exerciam uma forma de poder e produção de crença sobre os que frequentavam o hospital. Na perspectiva de Michel Foucault, a verdade não significa

o conjunto das coisas verdadeiras, mas, o conjunto das regras segundo as quais se distingue o verdadeiro do falso e se atribui ao verdadeiro efeitos específicos de poder; entendendo-se também que não se trata de um combate 'em favor' da verdade, mas em torno do estatuto da verdade e do papel econômico-político que ela desempenha.³²³

³²² Idem.

³²³ FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Tradução: Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990, p. 13.

Na acepção de Michel de Certau, a crença deve ser compreendida como o

investimento das pessoas em uma proposição, como o ato de enunciá-la considerando-a verdadeira, como uma modalidade de afirmação, e não como o objeto do crer (um dogma, programa, profecia, etc.), o que poderia nos parecer incompreensível em certas circunstâncias.³²⁴

Ou seja, as pessoas que foram assistidas pelas religiosas acatavam os conselhos e orientações, tornando-as ícones simbólicos de crença.

As pessoas entrevistadas sugerem, ainda, a ideia de que o hospital Bom Pastor, por ser dirigido por religiosas, possuía um modelo de convento, espaço onde se exigia dos funcionários meditação, orações, silêncios e incentivo para a vocação religiosa. Embora sendo um estabelecimento público de saúde, que segundo a lei deveria ser laico, era semelhante a uma filial da igreja matriz.

De acordo com o livro *Crônica* referente ao ano de 1962, as religiosas desenvolveram as práticas pedagógicas de modo que funcionários, juvenistas e, principalmente, os pacientes viessem a consumir os bens de salvação da Igreja Católica. No referido documento, há indícios de que as religiosas fizeram do hospital uma continuidade das atividades pastorais da Igreja Católica. Na acepção de Peter Ludwig Berger, as religiosas transformaram o hospital em um canal de mediação com o sagrado.³²⁵

As Irmãs zelavam para que os doentes e funcionários encontrassem os caminhos do Senhor. Eram frequentes os batizados, casamentos, recepção dos sacramentos da Eucaristia e da Reconciliação, nos quartos e enfermarias. Juvenistas e funcionárias

³²⁴ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 278.

³²⁵ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*, p. 124.

recebiam, às terças-feiras, instrução catequética de Irmã M. Arcângela, da Comunidade do Educandário Madre Regina e auxiliava as Irmãs do Hospital na evangelização dos doentes.³²⁶

Conforme o exposto, os depoimentos de Albertina Resende da Silva e de Matilde Caetano Felisberto reforçam a ideia de que as religiosas instruíam os funcionários e juvenistas, cuja finalidade central era adquirir maturidade teológica para, a partir daí, comercializar aos enfermos os bens de salvação da Igreja Católica.

De modo geral, as religiosas desejavam que os funcionários desenvolvessem o dom da evangelização e fossem autênticos missionários, “obedecendo ao ide de Jesus Cristo”.³²⁷ Em entrevista, Matilde Caetano Felisberto, que foi funcionária do hospital Bom Pastor, lembra que as religiosas ensinavam os funcionários e tinham por base o carisma da fundadora da Congregação de Santa Catarina.

As irmãs pediam para que nós atendêssemos bem os doentes e tivéssemos muita atenção para dar as medicações certas. Lembro também que a irmã Agatônia exigia que nós participássemos dos encontros à noite para aprendermos algumas regras da congregação, saber rezar o rosário e outras coisas.

O livro que utilizávamos muitas das vezes era sobre a vida da fundadora da congregação e também o Catecismo, onde nos ensinava assuntos da Igreja Católica, sobre a alma, céu.

Tínhamos que conhecer um pouco da vida da madre Regina, que as irmãs diziam ser a pessoa que devíamos nos espelhar. Elas queriam fazer o mesmo que Regina.

³²⁶ Livro Crônica, 1962. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

³²⁷ Matilde Caetano Felisberto, 79 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 14/3/2009.

[...] no hospital todas nós éramos católicas, né. Então todas as semanas tínhamos por obrigação de nos confessar no próprio hospital com o padre Santos Spricigo, para estar preparadas ao trabalho.

Tinha momentos que eu até parecia uma freira, igual a elas, assim de rezar pelos enfermos e até participar na liturgia da missa que acontecia diariamente em uma capela no interior do hospital.³²⁸

Além dessas práticas pedagógicas instauradas no hospital, as religiosas implantaram também algumas materialidades de identidade católica, como, por exemplo, as imagens de santos, exposição da Bíblia nos corredores e nos quartos dos pacientes, os crucifixos anexados nas paredes e a construção de uma capela no interior do hospital que sinalizam a pertença institucional. As discussões de Pierre Bourdieu indicam que estes elementos representam palavras a quem observa tais símbolos, pois eles compõem as chamadas

condições litúrgicas, ou seja, um conjunto das prescrições que regem a forma de manifestação pública da autoridade, a etiqueta das cerimônias, o código dos gestos e o ordenamento oficial dos ritos, constituem apenas o elemento mais visível de um sistema de condições, as mais importantes e insubstituíveis das quais são as que produzem disposição ao reconhecimento como crença e desconhecimento, vale dizer, a delegação de autoridade ao discurso autorizado.³²⁹

Tais materialidades são analisadas nesse trabalho como suporte da memória e dos imaginários religiosos de um contexto, em que a Igreja Católica no município de Araranguá desejava inculcar nas pessoas suas doutrinas a fim de manter seu monopólio no mercado religioso. Como lembra Bronislaw

³²⁸ Idem.

³²⁹ BOURDIEU, Pierre. 1996. *Op. cit.*, p. 91.

Baczko, “todas as materialidades são, entre outras coisas, uma projeção dos imaginários sociais no espaço”.³³⁰



Figura 30 - Unidade Central de Saúde Bom Pastor - Araranguá (2012)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Analisando a parte externa do atual prédio, o da Unidade Central de Saúde Bom Pastor, notei em sua materialidade elementos que remetem à memória católica quando o hospital teve a construção concluída em 1950. Na parede da frente do hospital, percebi acima da porta uma grande cruz de cimento, sem o Jesus crucificado, medindo 1,5 metros de comprimento e 1 metro de largura.

³³⁰ BACZKO, Bronislaw. **Imaginação social**. Enciclopedia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985, p. 313.

Embora a cruz seja um símbolo da religião cristã usada por muitas agências religiosas, tal símbolo leva-me a compreender que o imaginário religioso que se desejou incutir nas pessoas foi o católico, pelo fato de o hospital naquele momento ser dirigido por religiosas que possuíam vínculos com a Igreja Católica.

Há, ainda, fixado nas paredes interna do prédio, alguns crucifixos que foram colocados pelas religiosas após a construção. Conforme o livro *Crônica*, os crucifixos e quadros de madre Regina foram fixados em todos quartos e na capela do hospital em junho de 1952 como objetivo de curar o físico e a alma do paciente.

Há dias estamos pendurando cruces com Jesus crucificado e quadros da fundadora da Congregação nos quartos do nosso nosocômio. O Senhor Jesus fará companhia e consolará as dores dos enfermos que aqui chegarem. Regina orientará também as Irmãs na missão de cuidar dos pobres doentes; trazer a cura para o físico e para a alma.³³¹

Com base nas informações dos profissionais da Unidade Central de Saúde Bom Pastor, pelo fato de o prédio ter passado por reformas e ampliações, como ocorreu em 2000, muitos crucifixos de madeira e gesso, os quadros que estavam fixados na parede aos poucos foram sendo retirados.

Tais ícones representavam aos pacientes e funcionários que o hospital era um ambiente religioso que exigia disciplina e meditação. Também induzia, a quem frequentasse o hospital, que exercitasse a fé, preferencialmente com os símbolos da Igreja Católica.

³³¹ Livro *Crônica*, 1952. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).



Figura 31 - Crucifixo nas paredes da Unidade Central de Saúde Bom Pastor- Araranguá (2012)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

2.1.1 Hospital Bom Pastor: bens de salvação católicos e trânsito religioso

As religiosas e o pároco em Araranguá possuíam parcerias de trabalho em toda a paróquia; aliás, elas estavam, posso assim afirmar, “sob a guarda” do pároco que as havia solicitado para o referido município. Nesse caso, o pároco coordenava todas as ações de evangelização na região e tinha as religiosas como estandarte do catolicismo.

Nesse sentido, as religiosas passaram a fazer parte do corpo de produtores especializados da Igreja Católica e contribuíram significativamente na execução dos planos pastorais do pároco no mercado. A exemplo disso, no caderno

da paróquia, vê-se que o pároco Tiago M. Coccolini, em 1952, reconheceu a importância das religiosas no combate às outras agências do sagrado e elogiou o lucro religioso obtido em Araranguá.

A vinda das Irmãs da Congregação de Santa Catarina para trabalharem na paróquia foi lucrativa. Agora elas ajudam nas atividades sociais, serviços da paróquia, no novo nosocômio, nas escolas, na catequese e demais serviços da Paróquia.

Enquanto que antes era apenas um vigário para atendimento espiritual nas capelas, hoje as Irmãs trabalham juntas há (sic) Paróquia e próximas na população contribuindo para a Salvação das Almas.

A atenção das caridosas Irmãs da Congregação no novo nosocômio será ainda para a salvação da Alma dos que foram para outras Seitas e também impedir a progresso delas em Nossa Paróquia.³³²

Para compreender os elogios do pároco, verifiquei no livro Tombo da paróquia que no ano de 1957 existiam em Araranguá oito distritos que pertenciam à jurisdição do referido município e 36 capelas em toda a paróquia, que era assistida apenas por dois sacerdotes (um pároco responsável e um coadjutor).³³³ Daí, então, entendi os motivos dos elogios do pároco às práticas pedagógicas das religiosas, até porque a dinâmica delas para a comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica acabava atraindo a atenção de muitas pessoas.

As práticas pedagógicas instauradas pelas religiosas no hospital Bom Pastor, tinham como objetivos a conversão e, o trânsito religioso de adeptos de outras agências religiosas. Nesse caso, na visão do pároco e religiosas, convencer um adepto de uma outra agência a consumir os bens de salvação da Igreja Católica representaria predominância e legitimidade no mercado. Sendo assim, conforme o livro Crônica de 1957,

³³² Caderno Rascunho da Paróquia de Araranguá. 1952. Tomo 1, p. 16.

³³³ Idem, 1957. Tomo 1, p. 38.

o pároco Santos Spricigo tem elogiado nas missas os trabalhos espirituais e hospitalares das Irmãs no Hospital Bom Pastor. A nossa missão em Araranguá tem sido valorizada por atendermos pessoas da religião Católica que não estavam vivenciando como verdadeiro cristão e indo para as seitas protestantes.

Oh! Quantas seitas querem devorar as pobres almas indefesas com os seus ensinamentos! Ainda esta semana mais uma família aqui no hospital abjurou o protestantismo e voltaram para os Braços da Igreja. Descobrimos em nosso questionário ambulatório do hospital que eram da seita Batista Betel, e após serem atendidos, não deixamos ir embora sem convencê-los de que estavam em pecado, desobedecendo ao Santo Papa e o pároco, por negarem o santo Batismo de Nascimento. Foram obrigados a negarem a seita que os enganavam.

Sôbre (sic) isso o vigário tem vindo várias vezes no Hospital para nos orientar de como conquistar aquele católico que foi devorado pelos falsos lobos. Não poderemos aceitar que as seitas protestantes, os espíritas, maçons roubem as Almas da Igreja Católica. Por isso as Irmãs do Educandário Madre Regina tem nos auxiliado nos cursos de instrução catequética, com o ensino do Catecismo para a conversão das almas.³³⁴

As religiosas vieram para Araranguá como profissionais da religião para auxiliar os padres que não estavam conseguindo oferecer assistência espiritual aos fiéis da paróquia. Assim, elas assumiram funções no mercado que até então eram desempenhadas apenas pelos padres, a saber: fazer visitas nas residências dos adeptos da Igreja Católica, instruir as famílias, aconselhar, dar a benção familiar, benzer os animais e as

³³⁴ Livro Crônica, 1957, p. 46. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

plantações e, em algumas ocasiões, até organizando missas nas capelas no interior das comunidades.

O trabalho das Caridosas Irmãs de Santa Catarina muito nos alegra pela grande missão em Nossa Paróquia.

No nosocômio dessa Paróquia, elas atendem adeptos da Nossa Igreja, [...].

Neste mês, (sic) elas conseguiram livrar uma pobre Alma que estava indo a desfalecer nas Seitas Heréticas (sic).

Ellas tem andado em lugares (sic) interioranos e distantes junto as Família da paróquia, alimentando a crêça dos fiéis da Igreja.³³⁵

Segundo o livro Crônica de 1962, as religiosas preocupavam-se em oferecer bens de salvação, primeiramente, aos adeptos que exerciam atividades religiosas na paróquia, como, por exemplo, as catequistas, Filhas de Maria, Congregados Marianos, integrantes do Sagrado Coração de Jesus, cursilhistas e outras lideranças.³³⁶ Elas defendiam a ideia de que se deveria oferecer assistência religiosa a esses grupos de leigos que desempenhavam funções importantes no campo religioso em Araranguá. Estes tornaram-se também empresários da religião e vendedores dos produtos católicos no mercado.

[...], antes de qualquer coisa, enquanto filhas de Deus, devemos dar o Pão para o povo de Deus; para os fiéis da Igreja Católica. É preciso saciar a fome e a sede dos que estão firmes na caminhada do Senhor. Estes, devem ser atendidos para ajudar os que estão a beira do desânimo na Igreja.³³⁷

³³⁵ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. 1953. Tomo 1, p. 26.

³³⁶ Após o Concílio Vaticano II (1962-1965), os leigos passaram a atuar em diversas atividades internas da Igreja Católica.

³³⁷ Livro Crônica, 1962, p. 36. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Diagrama 5- Práticas pedagógicas das religiosas no âmbito não escolar



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

Depois de comercializar os bens de salvação para os leigos que estavam à frente de alguns trabalhos de evangelização em Araranguá, as religiosas ofereciam atenção ao grupo de católicos que encontravam-se mais “debilitados espiritualmente”. Estes necessitavam de uma maior atenção, com persistência, pelo fato de há muito tempo não terem consumido os produtos da Igreja Católica. Para esse adepto,

[...] que poquíssimas vezes recebia a visita do nosso vigário, que não comungava, não participava da Santa Missa e dos terços nas capelas, é que as Irmãs do Hospital e do Colégio Madre Regina, estendiam a Mão para o evangelho.³³⁸

³³⁸ Livro Crônica, 1961, p. 33. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Analisando o livro *Crônica* e o livro *Tombo*, compreendi que no período em estudo os agentes do sagrado da Igreja Católica não aceitavam perder adeptos para outras agências religiosas. Nesse sentido, o pároco, as religiosas e os leigos teriam que criar meios para chegar-se até aquele católico que não estava exercitando a fé com os símbolos do catolicismo. Na visão desses agentes da Igreja Católica, esses adeptos tornavam-se alvo de outras empresas do sagrado, correndo o risco de consumir os produtos de outras igrejas, vindo a ocorrer o trânsito religioso.

Nossa preocupação também é com aquelas Almas que o vigário paroquial não instruiu ainda. Eles (sic) chegam no Hospital Bom Pastor doentes do corpo e também da alma. São ignorantes e sequer sabem rezar o rosário; nem frequentam terços, missas e não comungam. Por isso, fizemos visitas às famílias aonde o vigário não chega, para levar a Salvação e o verdadeiro caminho do Senhor.

[...] o maior perigo são as seitas que lançam seus venenos e tentam tirar os fiéis da Igreja do Senhor para levar ao aprisco das heresias, pecado e da morte espiritual.³³⁹

Convém mencionar que nas últimas décadas os estudos sobre conversão ganharam importância considerada no campo da história e da sociologia das religiões. Dentre os estudiosos, alude-se aos trabalhos da socióloga da religião Paula Montero. No texto “Trânsito Religioso no Brasil”, Montero e Ronaldo, dialogando com Max Weber, reforçam a ideia de conversão, afirmando que

o conceito weberiano de conversão, que até muito recentemente explicava o complexo processo subjetivo de adesão a um novo credo, não parece mais capaz de elucidar essas rápidas idas e vindas entre religiões

³³⁹ Idem, 1960, p. 32.

aparentemente tão díspares entre si: um processo interior em que a consciência religiosa não acusa, pelo menos à primeira vista, incongruências cognitivas. O que, com certeza, podemos afirmar é que a conversão implica necessariamente uma significativa transformação do indivíduo na maneira de se perceber enquanto ator social, verificada através da mudança de seus comportamentos, crenças, valores, identidade e lealdades interpessoais.³⁴⁰

Sendo assim, entendi neste trabalho a ideia de conversão como um processo pelo qual o indivíduo passa a partir do momento em que entra em contato com uma nova religião e/ou instituição religiosa e aceita a visão de mundo que ela lhe oferece ou impõe, introjetando e/ou reproduzindo seu sistema de crenças e valores.

Ainda nessa linha de pensamento, com base no livro Tombo da paróquia de Araranguá (conforme Figura 32), o pároco local, Cônego Paulo Hobold, elaborou um relatório geral descrevendo a forma que ele e sua equipe (religiosas e leigos) ofereceram aos indivíduos, os bens de salvação que foram comercializados pela Igreja Católica entre 1959 e 1960. No documento, percebi que o padre registrou diversos empreendimentos religiosos ao visitar as capelas e a matriz, a saber: as missas celebradas, comunhões distribuídas, batizados e outros serviços paroquiais. Nesse sentido, verifiquei que o pároco apresentou os produtos simbólicos no mercado de forma tão eficaz, que apenas em um ano, contabilizou para a Igreja Católica o trânsito de vinte adeptos do protestantismo e da maçonaria, que se converteram ao catolicismo.

Não desejamos fechar a resenha de votos do ano de 1960 sem que façamos um apontamento, embora resumido, das conversões que houve desde meados de 1959, até fins de 1960.

³⁴⁰ MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo de. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**. v. 15, 3, 2001, p. 93. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>> Acesso em: 3/2/2010.

A conclusão a que chegamos é que de fato o que imensamente nos humilha,³⁴¹ Nosso Senhor está abençoando nosso trabalho. Isso nos obriga às mais profundas ações de graças para com Ele pois tudo é obra gratuita de sua infinita bondade.

Conversões que temos à mão no momento:

a) Do protestantismo:³⁴² Serena Rosalina Luigi, Elza Nichaluit, Ilma H., Vanilda Mister, Jones Mister, Waldemar H. Luiz Carlos e Pilann, Roberto H. , toda família de Ademar Busler (pais e filhos, Nilsa Erica T., Ivia Nagel, etc.).

b) Da maçonaria: Telesforo Machado (fora da morte), Andreas Wübbe, Assis Elias, O. C.³⁴³

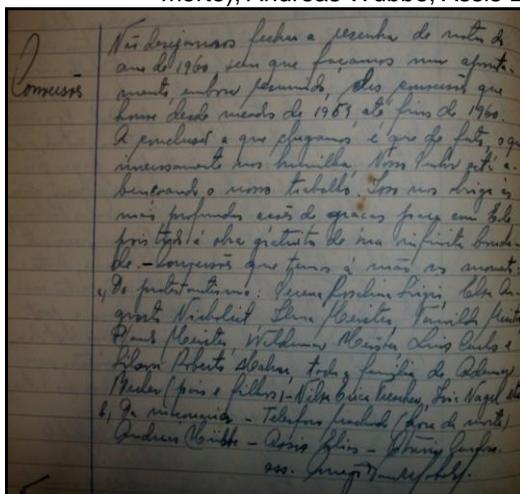


Figura 32 - Página do livro Tombo da Paróquia (1959)
Fonte: Paróquia de Araranguá

³⁴¹ Conforme as colocações da professora Dra. Elza Daufenbach, que foi membro da banca de qualificação desta tese em setembro de 2011, o termo “humilhação” usado por Paulo Hobold é uma expressão comum aos padres da época para o significado “humildade”. Ou seja, o dever de humilhar-se perante Deus em reconhecimento a uma graça. Logo, humilhar é render graças a Deus.

³⁴² Todos os nomes das pessoas desse relatório foram de difícil entendimento, pois, como se vê na figura 32, a letra do pároco padre Paulo Hobold às vezes é ilegível.

³⁴³ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Conversões, 1960, Tomo I.

Para entender melhor as ações dos empresários da religião (padres, religiosas, leigos, pastores e líderes do espiritismo), no mercado religioso em Araranguá, faz-se necessário debruçar nas reflexões de Peter Ludwig Berger.³⁴⁴ Ao tratar sobre a situação de mercado, compreendi que os empreendimentos instaurados pelos profissionais da religião no campo religioso contabilizam um retorno positivo para as empresas de salvação. Isso porque, segundo o autor, os indivíduos na sociedade que não são mais obrigados a consumirem os produtos apenas de uma única empresa do sagrado escolhem aquilo que lhe é mais atrativo para ser consumido. Nessa lógica, as agências devem se adequar à algumas orientações do mercado religioso, como: (1) investir no aperfeiçoamento teológico aos empresários da religião a fim que conheçam e defendam o produto que comercializam; (2) diagnosticar quais os produtos mais aceitos no mercado, com o intuito de lançar novidades dos bens de salvação; (3) mapear onde estão localizados os clientes consumidores, ou melhor, o público alvo; (4) conhecer os produtos que a empresa concorrente está comercializando para propor qualidade nos seus produtos e, concomitantemente combatê-lo e (5) buscar diversas alternativas de divulgação para que se alcance o maior número de consumidores religiosos nos diversos espaços do município.

Desse modo, as agências que souberam se adaptar à nova realidade de mercado religioso, ofertando mais e melhores serviços, alcançaram mais sucesso e provocando trânsito religioso, contabilizando para o crescimento da sua empresa de salvação.

As religiosas, enquanto empresárias da religião no campo religioso de Araranguá, souberam utilizar o espaço que estavam atuando para o desenvolvimento das suas práticas pedagógicas. Como forma de conhecer o público que frequentava o hospital, elas organizaram um questionário ambulatorio contendo 25 itens que eram respondidos pelo paciente e/ou pelos familiares antes de ser atendido.

Tal questionário é compreendido como um documento. Ao analisá-lo, notei que as religiosas continham informações pessoais do paciente, da vida econômica e principalmente da

³⁴⁴ BERGER, Peter Ludwig. 1985, *Op. cit.*, p. 149.

religiosa. Dentre as principais informações, destacam-se as seguintes: (a) dados pessoais do paciente; (b) idade; (c) situação econômica; (e) profissão; (f) distrito em que residia; (g) endereço; (h) quantidade de filhos; (i) nome do cônjuge; (j) se havia doenças crônicas na família; (k) a religião que professava; (l) era frequente/assíduo na Igreja Católica; (m) o paciente deseja receber visita das freiras (pároco) na residência.³⁴⁵

Esse mesmo questionário era aplicado também ao público infantil, de adolescentes e jovens trazidos ao hospital e/ou acompanhados a maioria das vezes pelos pais. Faziam-se as mesmas perguntas de um adulto; porém, acrescentavam-se, os seguintes itens: (n) a criança é batizada; (o) se o adolescente ou o jovem frequenta catequese, as congregações religiosas, como por exemplo, “As Filhas de Maria”, “Os Marianos” e outros.³⁴⁶

Tal questionário possuía peso valorativo, pois continha informações que as religiosas utilizavam para facilitar o trabalho e melhor atender ao paciente. Ele era usado no momento em que o paciente chegasse no hospital e preenchido pelas próprias religiosas. Elas faziam as perguntas e o paciente respondia os itens que lhe cabiam.

Por meio desse questionário, conhecia-se a situação econômica do doente, se poderia ou não custear com as suas despesas hospitalares, a situação espiritual do seu público. Sendo assim, conforme a Crônica de 1953,

[...] muitas das vezes nossa missão no Hospital não era somente tratar os doentes físicos, as enfermidades humanas, mas também se interessar com a doença espiritual que muitos eram acometidos por não praticarem a verdadeira Religião.

Nosso questionário ajuda a conhecer a miséria espiritual da população. Quantas Almas vivem na ignorância sendo presas pelas seitas heréticas.³⁴⁷

³⁴⁵ Questionário Ambulatório do hospital Bom Pastor de Araranguá, 16/2/1952. Arquivo da Prefeitura Municipal de Araranguá.

³⁴⁶ Idem.

³⁴⁷ Livro Crônica, 1952. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Conforme o questionário ambulatorio e o fragmento da Crônica, consegui entender as mobilizações de evangelização desenvolvidas pelas religiosas no hospital. E como já dito, os objetivos centrais delas no campo religioso eram: (1) possibilitar a conversão do indivíduo ao catolicismo; (2) instruir e motivar a fé do católico (não praticante) que por não consumir os bens de salvação da Igreja Católica estava fracassando espiritualmente; (3) reforçar mais a fé do indivíduo que já frequentava a Igreja Católica.

No item 1, que trata da conversão no hospital, há que se ressaltar duas ações que as religiosas desenvolviam para obterem resultados. A primeira forma de conversão e/ou integração ao catolicismo no hospital ocorria quando existia a realização do Sacramento do Batismo. A segunda seria quando o paciente e familiares abjurassem da crença anterior à qual pertenciam e passassem a ser ávidos consumidores dos bens de salvação da Igreja Católica.

2.1.2 Sacramento do batismo no hospital e integração à Igreja Católica

Segundo a doutrina católica,³⁴⁸ o sacramento que integra o indivíduo ao catolicismo é o batismo. Assim, as religiosas, conhecedoras de que o local em que atuavam era propício para a realização desse sacramento aos recém-nascidos e às crianças de outras idades, utilizaram-se do poder simbólico da qual eram portadoras para instruir principalmente, às mães, cujo objetivo era convencê-las da importância do batismo da criança.

Como se vê, na aceção das religiosas que eram orientadas pelo Catecismo, o batismo autorizava o indivíduo a ser incorporado à Igreja Católica e delegava poder para nela comungar.

Receber o Sacramento do Batismo é o fundamento para toda a vida cristã. Pelo batismo crê-se que a pessoa é liberta dos

³⁴⁸ Baseando-se no Catecismo de POLL, Fr. Boaventura. **Catecismo Maior da Doutrina Cristã**. 9. ed. Bahia: Mensageiro da Fé, 1962.

pecados e regenerada, como Filhos de Deus, como também se torna membro do corpo de Cristo e incorporados à Igreja, passando assim a participar da sua missão. Por isso, que as Irmãs no Hospital do Bom Pastor têm orientado as mães antes e após os partos para que batizem já em seguida seus bebês. Na capela do Hospital, alguns batizados são realizados pelo vigário paroquial e por nós também.³⁴⁹

De acordo com os documentos do hospital, nesse período muitas crianças entre a idade de seis meses e dois anos adoeciam e eram levadas pela família ao hospital. Ao fazerem o fichário ambulatorio do paciente, as religiosas detectavam se elas foram batizadas ou não. Caso a criança não houvesse sido batizada, as religiosas aconselhavam que a batizassem na própria capela do hospital, pois ali elas ajudavam o pároco nos batismos. O diploma de batizado seria confeccionado pela Igreja Católica e entregue à mãe e/ou familiares da criança.³⁵⁰

Com base no Catecismo, o batismo é o primeiro e mais necessário de todos os sacramentos, no qual, pela ablução exterior e a invocação da Santíssima Trindade, o indivíduo é purificado de todos os seus pecados. Ele produz os seguintes efeitos:

(1) às crianças, lava-as da culpa original, e aos adultos perdoa-lhes também os pecados atuais que tiveram cometido até então e a pena que lhes é devida; (2) faz-nos filhos de Deus por adoção; (3) faz-nos membros da Igreja e (4) dá-nos direito à herança celestial.³⁵¹

Seguindo, ainda, as orientações do Catecismo concernente ao batismo, é oportuno destacar que, sem esse sacramento, não há condições de obter a salvação da alma. Por esse motivo as

³⁴⁹ Livro de Crônica, 1963, p. 16. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ). Acredito que as religiosas fizeram cópias de algumas partes do Catecismo no livro Crônica.

³⁵⁰ Idem, 1962, p. 14.

³⁵¹ POLL, Fr. Boaventura. *Op.cit.*, p. 121.

religiosas orientavam os pais que não demorasse em batizar o filho, principalmente aquela criança que nascesse com graves problemas de saúde. Caso viesse a falecer sem o batismo, a criança morreria pagã, pelo fato de ainda ter sido portadora do pecado praticado por Adão e Eva no jardim do Éden, o pecado original.

314. O que é o Batismo?

O Batismo é o Sacramento que nos purifica do pecado original e nos faz filhos de Deus e da Santa Igreja.

316. Por que o Batismo é o Sacramento mais necessário?

O Batismo é o Sacramento mais necessário, porque sem êle (sic) ninguém pode salvar-se.³⁵²

Diante do exposto, os depoimentos orais apresentam, ainda, pistas de que as religiosas, no período em estudo, acreditavam que, se uma criança não houvesse sido batizada, possuía mais facilidade para adoecer fisicamente do que outra criança que havia recebido o sacramento do batismo. Significa dizer que o batismo era associado à proteção espiritual que impediria, de certo modo, algum mal que viesse a atacar a criança. Assim, em entrevista com Maria de Souza da Silva, ela comentou que seu filho de dois anos de idade, por volta do ano de 1959, foi levado ao hospital Bom Pastor com fortes dores de estômago. Quando as religiosas detectaram que tal criança não havia sido ainda batizada, buscaram convencer a mãe da importância do batismo, aconselhando-a a não deixar a criança crescer pagã e sem religião.

Um dia levei meu filho ao hospital aos gritos de tanta dor. As freiras pegaram ele e já levaram assim para uma salinha e eu fiquei na sala de espera.

³⁵² Idem, p. 119.

Dentro de alguns instantes eu observei que meu filho parou de chorar e foi se acalmando. Eu comecei a ficar apavorada pensando que meu filho tinha partido, né, pensei que havia falecido.

Depois veio, assim, uma irmã e me explicou que meu filho possuía muitos vermes e que precisava ser tratado com medicações. Aí uma delas me perguntou por que eu não havia ainda levado o meu filho para ser batizado na Igreja. Aí a outra disse assim para mim: “Você sabia que seu filho é um pagão?”

Como eu já havia escutado essa palavra com alguém da minha família e não sabia o significado, perguntei a elas o que significava ser pagão. Elas me responderam que o meu filho não tinha religião, era um ateu e eu era a responsável por isso. Eu disse a elas que ia às missas, aos terços na localidade e que levava ele. Daí a outra disse também que, se eu não levasse o meu filho para batizar, ele poderá ficar sempre doente. Explicaram-me a importância do batismo na Igreja e me convidaram para trazer o Elizeu na Igreja que o padre estaria realizando batizados.

Fiz como elas me aconselharam e foi o certo mesmo! O Elizeu nunca mais reclamou das dores que sempre sentia e passou a dormir bem também. Olha, porque como ele era inticado³⁵³ pelas bruxas.³⁵⁴

Conforme o fragmento acima, é possível afirmar que o conhecimento teológico que as religiosas possuíam, e possuem até os dias atuais, está fundamentado nas doutrinas da Igreja Católica e da congregação da qual são membros. Por isso as

³⁵³ Nesse período, as pessoas acreditavam na existência de bruxas que faziam mal às crianças por não terem defesas espirituais para combater os tormentos instigados por elas. Nesse sentido, ser inticado seria ser incomodado a ponto de não deixar as crianças dormirem em paz.

³⁵⁴ Maria de Souza da Silva, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 19/3/2010.

instruções sobre o batismo que as religiosas transmitiam as pessoas estava em conformidade com os documentos (encíclicas) norteadores da Igreja Católica.

Na edição de 1962 do Catecismo, há uma figura que representa o primeiro sacramento, o batismo. Na Figura 33, identifiquei quatro momentos da vida batismal de Jesus Cristo, que é baseada na narrativa da Bíblia e nos demais textos eclesiásticos da Igreja Católica.

No item 1, a imagem procura representar o nascimento de Jesus Cristo na manjedoura. Próximo a Jesus, vê-se uma pessoa que pode ser Maria, sua mãe, rogando aos anjos que guardassem Jesus. Acredito que esse pedido seria porque Jesus ainda não havia sido batizado, sendo portador ainda do pecado original. Acredito ainda que tivesse o pecado original, Jesus poderia ser atacado pelo mal, Malígnio, cefeiro da morte ou pelo anjo da morte, que na representação ocidental, aparece com um corpo esquelético, manto sob o corpo e segurando uma foice. Nessa imagem, vê-se o tal anjo da morte, rondando a manjedoura, furioso para ceifar a vida espiritual e física de Jesus caso não houvesse as petições de sua mãe.

As religiosas internalizaram os ensinamentos da Igreja Católica sob a ótica apresentada nos textos e nas imagens. Conforme a entrevista de Germana Nordete Werner, 81 anos, as religiosas incorporaram o discurso de que o anjo do mal poderia trazer doenças para as crianças que não fossem batizadas e levar até a morte.

As irmãs diziam que as mães eram as responsáveis em instruir os seus filhos. As mães é que tinham que preparar as coisas para o batizado. Era muito importante para a criança não ficar pagão e não ficar doente, (...).

O olho mau, o quebrante das pessoas não pega na criança, porque os anjos protegem. Agora se não cuidar, batizar a criança pode morrer, a bruxa mata. Elas incomodam durante a noite né. Elas diziam que se a criança fosse batizada ela não ficaria nunca doente, ficaria protegida pelos anjos e por

Maria.³⁵⁵

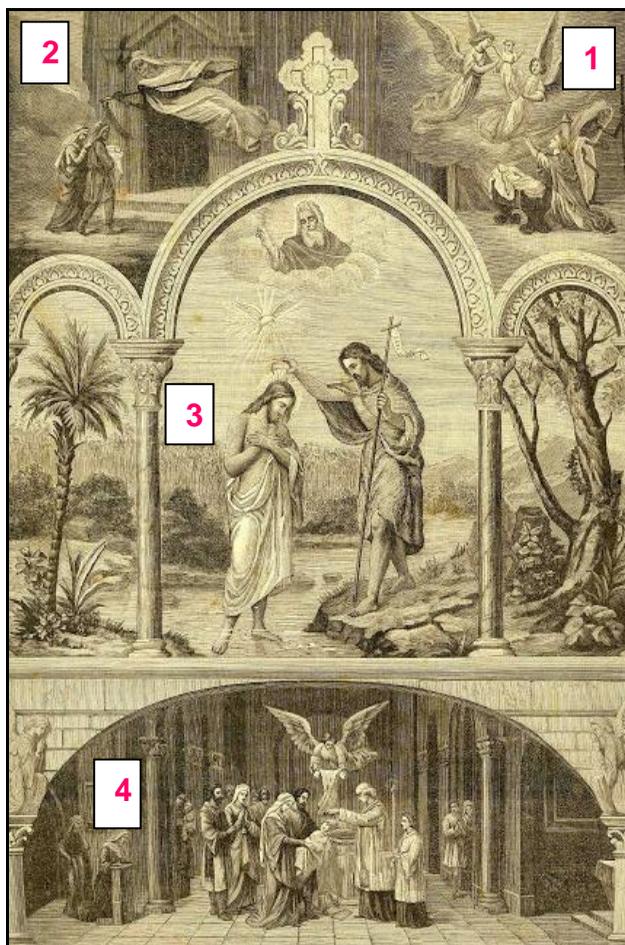


Figura 33 - Imagem que representa o batismo de Jesus no rio Jordão e o batismo de uma criança no interior de uma igreja. Nas imagens reforça-se ainda a doutrina da trindade

Fonte: Catecismo (1962)³⁵⁶

³⁵⁵ Germana Nordete Werner, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 13/10/2012.

³⁵⁶ POLL, Fr. Boaventura. *Op.cit.*, p. 120.

No item 2 da imagem, percebi momento em que os pais de Jesus, José e Maria, quarenta dias após o nascimento de Jesus, levam o menino ao templo para ser apresentado. Em obediência à lei mosaica, o ato de Maria ir ao templo remete também à sua purificação.

Jesus está coberto com mantos e é carregado no colo pelo seu pai, que demonstra proteger a criança de algum ataque. A mãe, com uma das suas mãos ao ombro de José, o acompanha com a cabeça inclinada parecendo estar olhando para a criança. Vê-se na ainda na imagem, que até na entrada do templo, o anjo da morte, voa acompanhando José e Maria.

Por meio da imagem notei a ação do tentador, o anjo da morte, que acompanha os pais de Jesus até ao templo. Concluí que, o ensino que se quer transmitir às pessoas é a importância do batismo para proteger as crianças do mau.

O item 3 representa o batismo de Jesus no Rio Jordão por João Batista. Na imagem vê-se a presença da Trindade da qual é narrada nos evangelhos sinóticos (Mateus,³⁵⁷ Marcos³⁵⁸ e Lucas³⁵⁹).

Na imagem, notei Jesus dentro do rio com água que encobre os seus pés e João Batista à margem do Rio Jordão, com uma das mãos segurando uma cruz com escritos bíblicos e com a outra derramando água sobre a cabeça de Jesus, conhecido como batismo por aspersão.

No item 4, percebi na imagem o batismo no interior de um templo da Igreja Católica, onde há a presença do pároco, dos pais, da criança e dos padrinhos. Verifiquei ainda a pia batismal usado para o batismo.

No item 3 e 4, as imagens reforçam o batismo por aspersão, que é o rito adotado pela Igreja Católica em que a água é derramada na nuca da criança dentro do templo, por um sacerdote.

Cotejando as Figuras 33 e 34, os discursos das religiosas e as entrevistas, notei que um dos conflitos teológicos que surgiram entre as religiosas, adeptos da Igreja Presbiteriana e da Assembleia de Deus era concernente ao batismo. Nas lembranças de Custódia Leandro, quando estava com seus 27,

³⁵⁷ Mateus 6.3.

³⁵⁸ Marcos 3.1.

³⁵⁹ Lucas 3.3.

28 anos de idade, foi ao hospital dar a luz ao seu primeiro filho. As religiosas ficaram sabendo que ela não era católica e tentaram de diversas maneiras convertê-la novamente à Igreja Católica. Depois de algumas tentativas das religiosas, porém, sem resultado, elas passaram a dizer que o batismo verdadeiro era o da Igreja Católica. Isso porque, conforme a entrevistada, as religiosas compreendiam que existia um único batismo, o da Igreja Católica, que seria a aspersão e, o batismo das igrejas protestantes e pentecostais que segue o ritual da imersão (conforme Figura 34), não é aceito pela Igreja Católica e por isso não é considerado verdadeiro.

Eu já era evangélica e mesmo as irmãs sabendo que eu não era católica, me trataram bem, como as outras.

Aí elas investigavam da minha vida né. Eu fui dizer que me batizei na minha igreja e uma delas, a irmã Arcângela parece, me disse que eu fiz o maior pecado, de se batizar denovo. Aí eu fui dizer que o batismo da Igreja Católica não está dentro da Bíblia. Lá o padre com um jarro de água derrama a água na cabeça da criança. Aí eu disse que o nosso batismo é o que está certo. Foi o batismo deixado como exemplo por Jesus. Eu dizia que o batismo era para sepultar os pecados das pessoas depois que se converte, né.

O nosso batismo ocorria na lagoa dos Freitas aqui em Araranguá.

Depois que eu me recuperei bem, as freiras me diziam que eu tinha que batizar o meu filho porque ele ia ficar doente, muito doente. Eu dizia assim: não é preciso eu batizar, eu vou levar o meu filho na igreja e o pastor vai apresentar ao Senhor na igreja, como foi Jesus.

Eu lembro, né, que aquelas irmãs diziam que nós éramos errados porque fazíamos a interpretação da Bíblia da forma que queria.

Não tinha um líder que ensinasse! Chegou no final que ela dizia que a nossa igreja era uma seita.

[...].

Elas perguntaram como era o nosso batismo né, e eu expliquei que a criança deve ter uns 12 anos de idade para decidir se quer ser batizado, era na água e tinha que mergulhar [imersão]. Aí elas diziam que o meu filho era um pagão.³⁶⁰



Figura 34 - Imagem que representa o batismo de protestantes, pentecostais e neopentecostais (1960)

Fonte: Álbum familiar de Valmor Teodoro Réus

De acordo com os registros do livro *Crônica* referente ao ano de 1958, as religiosas ficavam surpreendidas quando percebiam que adolescentes e jovens não haviam ainda sido batizados na Igreja Católica. Conhecedoras do que prescreve o Catecismo, elas advertiam os pais por não ensinarem os filhos a

³⁶⁰ Custódia Leandro, 79 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 19/11/2011.

seguirem as doutrinas da verdadeira Igreja Católica. Como consta no registro, as religiosas conheceram a situação de um jovem que não era batizado ao examinarem o questionário ambulatório.

Aqui em nosso nosocômio quantas mães e pais sem instrução religiosa chegam com seus filhos já avançados de idade sem levar na Igreja para receber o Santo Batismo. Nossa missão então é de interesse que ocorra a conversão dos doentes da alma. Ainda neste mês um moço de 16 anos de idade foi batizado em nossa capela. Chegou até ao hospital com um talho em um dos pés pelo trabalho na agricultura. Pelo nosso questionário descobrimos que ainda não tinha o Santo Batismo! Oh quantas Almas o Senhor tem mandado até nosso modesto Hospital!³⁶¹

Conforme esse fragmento, o recebimento do batismo representaria a soma de adeptos à Igreja Católica e também mais uma alma que estaria sendo salva. Embora o que estivesse sendo batizado fosse uma criança, por exemplo, e esta não tinha entendimento da sua incorporação ao catolicismo, o batismo, de certo modo, incentivava os pais a praticarem a fé católica e colocava-os na responsabilidade de instruir seus filhos a consumirem as mercadorias simbólicas do catolicismo. Nessa mesma linha de pensamento, os depoimentos de Judite Santos Pirolla, que professa a fé católica lembra que

as freiras do Bom Pastor eram muito queridas mesmo. Depois dos partos elas tratavam muito bem as mães. Lá eu tive os meus últimos três filhos.

Eu lembro que assim que ganhava os filhos, antes de vir para casa, as freiras já recomendavam a batizar as crianças, perguntavam se já havia escolhido os padrinhos e coisa assim, né. Elas ensinavam

³⁶¹ Livro de Crônica, 1955, p. 26. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

as mulheres que se não batizasse o filho ele ficaria pagão, no pecado né.

Elas diziam que era mandamento da mãe, do pai e da família batizar os filhos, fazer o registro e levar a criança sempre nas missas para praticar a religião. A irmã Maria Camila, dizia assim: “Mãe! Daqui para frente você é que vai ensinar o bebê ter gosto pela Religião. Batiza o seu bebezinho e leve sempre na capela para rezar. Ele vai nascendo com muita virtude, bastante saúde e ser um católico para Deus”. Isso o padre também já ensinava mesmo né!

Na capela do hospital até se batizava crianças, mas eu não gostava de batizar lá. O batizado na Igreja Católica era mais bonito né, aos domingos tinha mais pessoas e a capela era do nosso lugar.³⁶²

Extraíndo dados do livro *Crônica do período em que as religiosas administraram o hospital Bom Pastor* e do livro de batismo da Igreja Católica entre os anos de 1951 e 1966, foi possível elaborar a Tabela 3, a qual apresento o número de crianças, adolescentes e adultos batizados na capela do hospital, também o total de pessoas atendidas no referido hospital e quantidade de crianças nascidas em Araranguá. Contrastando a quantidade de crianças nascidas em Araranguá e que foram batizadas no hospital Bom Pastor, identifiquei uma porcentagem insignificante de crianças batizadas no hospital, levando-me a pensar que as religiosas dedicaram-se pouco nessa área.

Não obstante os números de batizados na capela do hospital serem baixos em relação aos batizados extraídos do livro de batismo da Igreja Católica, cumpre lembrar que muitos pacientes atendidos no hospital receberam orientações das religiosas sobre o batismo e não foram contabilizados pelas religiosas nos livros *Crônica* e, por isso, não aparecem os dados quantitativos nessa tabela.

³⁶² Judite Santos Pirola, 77 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 10/11/2011.

Tabela 3 - Quantidade de batizados no hospital Bom Pastor e na Igreja Católica (1951/1966)

ANO	Nº crianças nascidas em Araranguá	Nº batizados hospital	Nº batizados Igreja Católica	Idade	Total atendidos (Crianças e adultos)
1951	857	17	840	3 meses até 1 ano	-
1952	958	46	912	2 meses até 2 anos	-
1953	890	39	851	4 meses até 10 anos	-
1954	982	41	1023	2 meses até 6 anos	-
1955	1043	56	987	2 meses até 16 anos	871
1956	1089	37	1052	2 meses até 13 anos	1000
1957	1123	85	1038	2 meses até 8 anos	1.176
1958	986	63	923	3 meses até 5 anos	1.148

1959	1053	74	979	2 meses até 3 anos	1.191
1960	1130	49	1081	2 meses até 14 anos	1.402
1961	1059	32	1027	2 meses até 4 anos	1.498
1962	1117	46	1071	2 meses até 6 anos	1.433
1963	1463	62	1401	3 meses até 2 anos	1.317
1964	1356	72	1284	2 meses até 3 anos	1.353
1965	1231	64	1167	2 meses até 2 anos	1.277
1966	1329	69	1260	2 meses até 1ano	-

Fonte: Elaboração de Lúcio Vânio Moraes com base nos dados do livro Crônica e no livro de batismo da Igreja Católica

Conforme o registro no livro de batismo da Igreja Católica, feito pelo Cônego Paulo Hobold, colocou que “as beneméritas Irmãs têm orientado a família para o sacramento do Santo Batismo na capela. Muitas famílias estão fazendo o curso de

batismo e batizando crianças na Matriz e nas capelas interioranas”³⁶³.

Na pesquisa não consegui extrair ainda dos livros Crônica dados da quantidade de crianças que foram atendidas no hospital Bom Pastor e, nem do IBGE, o número de crianças que nasceram em Araranguá. A ausência desses números dificulta um pouco para melhor interpretar os números, pois, se tivesse os dados de crianças atendidas durante cada ano, fazia-se, então, o cálculo de porcentagem com o número de batismos no hospital.

Contudo, mesmo sem esses dados, posso ainda analisar os números da seguinte forma: se no ano de 1955 o número de pessoas atendidas no hospital foi de 871 pacientes e nasceram 1043 crianças, das quais 56 foram batizadas na capela do hospital, calculo que as religiosas contribuíram com 5% dos batismos que ocorreram naquele ano.

O baixo número de batismo ocorrido no hospital está relacionado com os costumes dos pais da época, que prefeririam realizar a cerimônia, do batismo na igreja matriz ou nas capelas da comunidade onde a criança nasceu. Outro item também que deve ser mencionado é que a capela do hospital não comportava grande quantidade de pessoas para tal cerimônia, e as religiosas sempre orientavam para que os pais batizassem as crianças em sua igreja local, não sendo então contabilizado nos livros Crônica das religiosas.³⁶⁴

Verifiquei, ainda, que um dos maiores problemas encontrados pelas religiosas nesse período para a realização do batismo era a regularização dos documentos de casamento dos pais (uniões legitimadas). Notei, porém, que até nessa área as religiosas interferiram, ajudando o casal a legalizar o casamento no civil e no religioso para poder conseguir o batizado da criança.

³⁶³ Livro de batismo, Tomo I, 1964, folhas 46. Paróquia de Araranguá.

³⁶⁴ Livro Crônica, 1963, p. 34. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

2.1.3 A missa como produto católico de “cura da alma”

Percebi por meio dos documentos escritos e orais que as religiosas incentivavam os pacientes e funcionários a participarem das missas e das orações na capela do hospital Bom Pastor para contribuir na recuperação do doente. Como se vê na Crônica abaixo, a missa era, na visão das religiosas, um produto católico que contribuiria positivamente para o tratamento da doença física e também para a cura da alma dos pacientes.

As irmãs zelaram para que os doentes e funcionários encontrasse o caminho da salvação.

A Santa Missa na capela em nosso Hospital, é o melhor remédio para a cura física e da alma dos pobres doentes que aqui chegam!

Oh bondosa nossa fundadora, que os acolhe em seus braços!³⁶⁵

Os documentos indicam, ainda, que a capela do hospital Bom Pastor não foi espaço apropriado apenas para os que frequentavam o hospital, como os enfermos, os familiares e funcionários, mas principalmente pelas religiosas e as juvenistas. Na entrevista de Virgínea Lopes Grugger, que trabalhou no hospital por um curto período de tempo, identifiquei que as religiosas não somente comercializavam os produtos da Igreja Católica como também eram consumidoras.

As irmãs tinham como sagrado rezar as ladainhas delas duas vezes ao dia; era de manhã bem cedo e a noite. Quando elas tinham tempo, todas iam juntas, ou as vezes eram em duas por vez. Elas rezavam, eu acho, uns 40 minutos. Um dia eu pedi para participar com elas, né, aí elas deixaram. Mas eu sabia que era somente para elas mesmo. Algumas mocinhas entravam com elas também, eram as filhas de católicos que

³⁶⁵ Idem, 1965, p. 42.

queriam ser freira e aprendiam com elas. Ah, essas tinham por obrigação rezar também.³⁶⁶

De acordo com a literatura produzida por religiosas da Congregação de Santa Catarina e por outros pesquisadores, elas têm por costume, por onde se instalam, a fim de exercitar a espiritualidade, construir uma capela para as suas orações, que são normas da congregação.

Existem dois momentos para efetuar a oração: na parte da manhã, às seis horas, que é a chamada “liturgia das horas”, conhecida por *Laudis*, e no final da tarde, às 18 horas, a conhecida oração *As vésperas*. Nesses momentos, as religiosas fazem leitura da Bíblia, cantam salmos e rezam.³⁶⁷

Seguindo essa linha de pensamento, por meio da entrevista de Rosa Avantino Leocádio, percebi que as religiosas compreendiam a missa como um mandamento da Igreja Católica e também como remédio, que ajudaria no tratamento físico dos pacientes, a tal ponto de imaginar que o enfermo que não participasse das missas na capela estaria cometendo um grave pecado e correndo o risco de ficar até mesmo mais enfermo, pela desobediência.

No hospital, as irmãs tratavam bem os doentes; elas rezavam segurando nossas mãos. Dizia para acompanharmos as rezas com elas, sabe, era muito bom o atendimento delas. Elas sempre diziam que a santa Regina, era uma mulher muito boa que deixou os ensinamentos para elas seguirem.

Elas passavam de quarto em quarto dizendo que era a missa na capela. Quem poderia ir caminhando sozinho ia, e quem não podia, as irmãs, as mocinhas [juvenistas] e outras

³⁶⁶ Virgínea Lopes Grugger, 76 anos. Entrevistas concedidas a Lúcio Vânio Moraes em 5/6/2010 e 4/9/2010.

³⁶⁷ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003, *Op. cit.*, p. 15 a 23. Ver também a pesquisa de: MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p.173.

enfermeiras levavam até a capela.

Naquele tempo elas diziam que participar da missa era um santo remédio para o doente e também um sinal de obediência ao mandamento da Igreja. Se o paciente pudesse caminhar e não fosse à missa, poderia ficar até mais doente. As freiras diziam que não ir à missa era um grave pecado.

[...]

A missa era um tratamento também né! Elas diziam que na missa as pessoas teriam mais fé e iriam se curar mais rápido. Elas mandavam a gente fazer promessas, pedindo cura para a madre Regina.³⁶⁸

A visão apresentada no fragmento leva-me a perceber que a base teológica das religiosas acerca da missa é proveniente do Catecismo. Tal documento utilizado pela Igreja Católica e pelas religiosas foi escrito pelo Papa São Pio X em 1905. Possui o método de perguntas e respostas com a finalidade de popularizar o ensino catequético na Igreja Católica. Ele contém o conhecimento básico teológico que orienta toda a Igreja Católica.

Tratando-se sobre mandamentos e missa, conforme apontado nos depoimentos de Rosa Avantino Leocádio, há escrito no Catecismo os cinco mandamentos da Igreja Católica,³⁶⁹ e o primeiro afirma que o adepto católico deve “ouvir a Missa inteira nos domingos e festas de guarda”.³⁷⁰

No decorrer das páginas do Catecismo, as perguntas vão sendo direcionadas e específicas acerca da missa, permitindo compreender as entrevistas.

³⁶⁸ Rosa Avantino Leocádio, 73 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 5/12/2009.

³⁶⁹ Mandamento é uma ordem da Igreja. “A Igreja pode dar Mandamentos, porque recebeu êste (sic) poder de Nosso Senhor Jesus Cristo”. POLL, Fr. Boaventura. *Op.cit.*, p. 94.

³⁷⁰ “As festas de guarda são as seguintes: Natal, circuncisão do Senhor, Epifania, Ascensão do Senhor, Corpus Christi, Imaculada Conceição, São Pedro e São Paulo Apostolo e Todos os Santos”. *Idem*, p. 95-96).

Quem é obrigado a ouvir Missa nos domingos e dias santificados?
 Todos os cristãos que têm o uso da razão e sete anos de idade, e que não estiverem impedidos por algum motivo grave”.³⁷¹

Quais são os pecados contra o primeiro mandamento da Igreja?

1º Perder a Missa, ou perdê-la em parte, por própria culpa, nos domingos e festa de guarda;

2º Profanar estes dias;

3º Estar voluntariamente distraído ou comportar-se irreverente durante a missa.³⁷²

A missa, no Catecismo, é ainda considerada um sacrifício.³⁷³ Ou seja, está relacionada com a questão do sacrifício de Jesus, sua morte na cruz do Calvário, por isso ela é considerada “santa”. “Que é a Santa Missa? A Santa Missa é o Sacrifício do corpo e sangue de Jesus Cristo, oferecido no altar, sob espécies de pão e de vinho, para renovar continuamente o Sacrifício da Cruz”.³⁷⁴

Com base no exposto, a missa era representada pelas religiosas um remédio religioso que traria um revestimento espiritual a quem participasse, pois estaria “alimentando” a alma com os bens simbólicos da Igreja Católica, como as rezas, a comunhão e os cantos. Nesses bens simbólicos, “o Cristo vivo e ressurreto se faz presente para curar os doentes em nosso nosocômio. Quantos doentes têm alcançado a cura de Cristo Pai e o consolo de Madre Regina”.³⁷⁵

Como as religiosas desejavam que todos os pacientes consumissem os bens de salvação da Igreja Católica, a superiora do hospital, ordenou para que as auxiliares de enfermagem, as juvenistas, profissionais e a equipe de leigos, levassem os pacientes que possuíssem dificuldades de locomoção para a capela a fim de assistirem a missa. Segundo senhor Francisco

³⁷¹ Idem, p. 96.

³⁷² Idem ibidem.

³⁷³ “Sacrifício é um dom visível que se oferece a Deus como nosso supremo Senhor e Criador, a fim de honrá-lo e adorá-lo”. Idem, p. 131.

³⁷⁴ Idem ibidem.

³⁷⁵ Livro de Crônica, 1964, p. 46. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

de Souza,

eu fui internado várias vezes no hospital das irmãs por causa da pressão alta, e lá elas me levavam na capela para participar das missas.

As missas as vezes era feita pelos padres, os cantos pelas irmãs e as vezes por pessoas assim da Igreja.

Sabe como eu era levado? Duas mulheres me pegavam pelos braços e eu dava pequenos passos até na capela. Naquele tempo não se tinha cadeira de roda eu acho.

Era bom participar das missas né. Eu saía de lá confiante que iria melhorar. Quando a gente tá doente tudo que a gente recebe é bom, né? Doente se lembra mais em Deus e a fé aumenta mais.³⁷⁶

Em situações quando o enfermo não poderia nem sair do quarto, rezava-se o terço juntamente com ele e era ofertado o Santíssimo Sacramento de modo que o enfermo pudesse comungar. Valdete Assis de Oliveira, que cuidou da sua mãe por uns seis dias que ficou internada, lembra que as religiosas tinham uma equipe que faziam visitas nos quartos no hospital para atender os pacientes que não poderiam levantar-se para ir à capela. Esse grupo era composto por diversas pessoas (leigos) preparadas pelo pároco para rezar pelos enfermos, dar a benção e entregar o Santíssimo Sacramento ao doente. Contudo, para ter a confissão e ter a unção dos enfermos, era preciso a presença do pároco e das religiosas.

Eu fiquei seis dias no hospital cuidando da minha mãe que ficou internada e nem podia se levantar da cama. Aí as freiras perguntavam se ela aceitava que rezassem por ela.

³⁷⁶ Francisco de Souza, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 2/7/2009.

Ali no quarto mesmo era feito uma missa.

A minha mãe queria se confessar e receber a unção dos enfermos, aí veio o padre Sprícigo e a irmã Verônica, bem novinha, para confessar e ungir a mãe.

A confissão era porque a mãe queria estar preparada para Deus né, caso ela partisse.³⁷⁷

As religiosas compreendiam também que os pacientes participando das missas na capela e no quarto teriam condições de fazer o exame de consciência e passar pelo processo de purificação da alma. Ainda com os depoimentos de Valdete Assis de Oliveira,

nos momentos mais críticos da doença da mãe no hospital, as freiras, muito queridas, durante os terços no quarto, orientavam para que a mãe lembrasse de tudo o que havia feito de errado e pedisse perdão a Deus. Se fosse preciso pedir perdão e dar o perdão para algum familiar, era para chamar que elas iriam ajudar a mãe!³⁷⁸

As missas realizadas na capela possuíam ainda a função de conscientizar o adepto que estava esfriando a fé voltar a consumir os produtos católicos. Em entrevista, Hercílio Valter Macan, residente em Maracajá, descendente de italianos, lembrou que, por volta de 1956, sofreu um acidente enquanto trabalhava na agricultura. Segundo ele, enquanto fazia o tratamento no hospital, as religiosas detectaram que ele já há algum tempo não havia mais participado de missas e outras ações da Igreja Católica. Convenceram-no, então, de que precisava participar das missas na capela para aproximar-se mais de Deus. Após a sua recuperação, as religiosas usaram o argumento de que o Senhor Deus lhe concedeu mais uma oportunidade para ser fervoroso católico. Ou seja, na visão das

³⁷⁷ Valdete Assis de Oliveira, 74 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 13/6/2008.

³⁷⁸ Idem.

religiosas, Jeová permitiu a doença no entrevistado para que ele se voltasse a Deus, “aquele que não vem por amor, vem pela dor”³⁷⁹.

Eu levei um corte profundo em minha perna e fui levado desmaiado para o hospital. Quando acordei, estava em uma sala para avaliação.

Depois de instantes veio uma freira, enfermeira, vestindo hábito branco, perguntou como eu estava me sentindo e eu respondi que estava bem. Aí ela me disse que Deus havia me dado uma perna nova, porque, eu só não perdi a perna porque os santos e Deus me protegeram. Então, naquele momento eu senti realmente como eu estava distante de Deus e passei a dizer para ela, igual uma confissão mesmo, que tinha deixado de ir aos terços, de frequentar as missas, de não rezar em casa e outras coisas. Eu senti que aquela freira pegou a minha situação e começou a dizer palavras de consolo e que ainda possuía tempo para eu recomeçar tudo.

Depois disso eu pedi para as freiras que queria participar da missa na capela, assim como elas haviam me orientado. Comecei a participar das missas e fui mesmo melhorando da perna!

O que aconteceu comigo foi um ensinamento de Deus e mais uma oportunidade para mim.

Confesso que eu passei a me sentir frágil diante da vida, que passei a reconhecer que necessitava de Deus e que deveria voltar ser um verdadeiro católico.

Naquela mesma tarde, eu pedi para uma moça que trabalhava com elas, para levar-

³⁷⁹ Hercílio Valter Macan, 79 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 5/7/2009.

me até a capela, pois desejei participar da missa e comungar.

Lá mesmo no hospital eu jurei para mim que não ficaria mais nenhum domingo sem participar das missas e procuro até os dias de hoje cumprir com o que prometi.³⁸⁰

Para a celebração das missas na capela e nos quartos do pacientes, as religiosas tiveram o apoio voluntário de adeptos católicos (leigos). Eram pessoas que participavam das missas, dos terços nas capelas, ajudavam nas palestras de noivado, casamento, eram catequistas e tinham outras funções eclesiais.

A participação efetiva dos leigos nas atividades internas da Igreja Católica é resultado de algumas mudanças provenientes do Concílio Vaticano II ocorrido entre os anos de 1962 e 1965. É fortalecida ainda no **Código de Direito Canônico** no número 766 quando coloca que

os leigos podem ser admitidos a pregar na Igreja Católica ou oratório, se em determinadas circunstâncias a necessidade o exigir, ou em casos particulares a utilidade o aconselhar, segundo as prescrições da Conferência episcopal, e salvo o cân. 767, § 1.³⁸¹

Conforme o livro Crônica de 1954, as ações de evangelização que os leigos desenvolviam voluntariamente no hospital eram muito importantes para as religiosas, ao compreenderem que, concomitantemente em que os leigos ofertavam os bens simbólicos da Igreja Católica, defendiam o *status quo* religioso e combatiam a infiltração de outras agências no mercado.³⁸²

O grupo de voluntários era composto também por pacientes que haviam se recuperado no hospital e que recebiam o convite das religiosas para prestarem um trabalho de

³⁸⁰ Idem.

³⁸¹ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-iruriscanonicali/portuguese/codex-irur>>. Acesso em: 12/1/2010.

³⁸² Livro Crônica, 1954, p. 28. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

assistência espiritual aos outros enfermos. Algumas vezes era a própria pessoa que se prontificava a realizar tais ações em virtude de sentir-se agraciada da promessa que houvera feito enquanto se encontrava enferma.

Nesse mês (junho de 1959) o vigário nos autorizou a criar um grupo de solidários para nos ajudar nos serviços espirituais na nossa capelinha no hospital. São leigos que irão levar os enfermos nas missas, rezar pelos enfermos nos quartos, ajudar nas missas com cantos e leituras litúrgicas. O grupo está sendo formado com alguns treinamentos do vigário e da Ir. Maria Arcângela, da Comunidade do Educandário Madre Regina.³⁸³

Como já dito, as equipes de leigos que atuaram no hospital, constituídas por homens e mulheres, reconhecidos pela Igreja Católica como missionários, trouxeram contribuições significativas atreladas às práticas pedagógicas das religiosas. Tais equipes, para desenvolver o ofício de missionários, deveriam receber instruções teológicas do pároco e das religiosas e se colocar à disposição da Igreja Católica. Assim, analisando o **Código de Direito Canônico**, para a comercialização dos bens de salvação, a Igreja Católica poderia contar com o apoio dos leigos que tivessem boa reputação religiosa na sociedade a fim de não causar escândalos e prejudicar os trabalhos religiosos da Igreja Católica,

cânone 785 — § 1. Para a realização da obra missionária escolham-se catequistas, isto é, cristãos leigos devidamente instruídos e notáveis pela sua vida cristã, que, sob a orientação do missionário, se dediquem à difusão da doutrina evangélica e à orientação dos actos litúrgicos e de obras de caridade.³⁸⁴

³⁸³ Caderno Rascunho de Crônica, 1959, p. 39. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

³⁸⁴ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-uriscanonic/portuguese/codex-iur>>. Acesso em: 12/1/2010.

Em 1963 o padre Paulo Hobold e as religiosas organizaram uma campanha de vacinação, e a equipe envolveu-se nessa ação social. Diversas pessoas fizeram parte da equipe de leigos, como professores, comerciantes, empresários, agricultores e outros. Assim sendo, no livro Tombo consta que entre os dias

13 a 18 de junho de 1963 promoveu-se uma grande campanha pró vacinação contra a paralisia infantil, tendo neste sentido havido a colaboração de todo o professorado da cidade e do interior. A campanha foi encabeçada pelo médico do Posto de Saúde Dr. Sabino de Barros Lemos e pelo pároco. Auxiliaram também imensamente membros do Rotary Club e os Lyons Club, principalmente no tocante às conduções. Foram, outrossim, ensaiados grupos de moças para a aplicação da vacina e demonstraram elas bastante habilidade. Toda escola e muitas sacristias de capelas se converteram por dois dias em pequenos postos de vacinação.

Cônego Paulo Hobold³⁸⁵

Como já analisado, os leigos excerceram função significativa na comercialização dos produtos católicos no hospital ao realizar as missas na capela e os terços nos quartos para os pacientes. No depoimento de Elvira Castro, verifiquei que as suas visitas aos doentes no hospital e também a alguns domicílios foram impulsionadas pela “benção” que recebera quando estava enferma no hospital. No entanto, Elvira teve de ter primeiramente as orientações do pároco Paulo e das religiosas para poder excercer a função de missionária voluntária:

Eu já confiava em Deus, sou muito católica, mas lá no hospital eu senti mesmo o amor de Deus em minha vida.

Sabe filho [referindo-se a mim], eu fui curada

³⁸⁵ Livro Tombo da Paróquia. Título: Campanha de vacinação. 13 a 18/6/1963. Tomo I.

pelos médicos, mas as mãos de Deus usou as enfermeiras para me dar os remédios certo.

[...]

Aquele hospital ali era cuidado pelas freiras e tudo muito caro. Meu Deus, elas cobravam caro mesmo o atendimento lá. Era particular, né!

No hospital, em uma capelinha que tinha no hospital, sentada, rezando, eu fiz uma promessa, não para as imagens, mas disse para Deus: “Se eu sair daqui curada, eu vou ajudar quem for, quem precisar da minha ajuda! Vou dar comida, roupa e visitar os doentes no hospital e nas casas também”.

Deus é tão bom que melhorei e no outro dia mesmo já saí. Era para eu ficar mais uns quatro dias pagando! O dinheiro que ia investir na doença, comprei comida e dei para a pobreza que vinham no hospital pedir comida e roupa.

Depois daquela doença, eu, a falecida Rosa do Carmo, a Deolina, a velha Laura, já falecida também e mais mulheres, visitamos por muito tempo o hospital Bom Pastor, rezando pelos doentes, pelas crianças, levando os doentes de cadeira de roda na capela para rezar, líamos a Bíblia para os doentes nos quartos.

E sempre contava aos enfermos a promessa que fiz e dizia para eles fazerem o mesmo que eu. Dizia para rezar com fé, para fazer uma promessa de não perder nenhuma missa na Igreja Católica.

[...]

Para fazer as visitas no hospital os padres e as freiras tinham que aceitar a gente, se não,

não podia ir. Hum, tinha que ser muito católico mesmo, tinha que até responder perguntas sobre a igreja para as irmãs. Não era qualquer um que podia visitar os doentes no quarto.

Eram muitas mulheres e até tinha que fazer reuniões com as freiras e com o padre. Eu lembro do padre Paulo e da irmã Flávia, da irmã Verônica.³⁸⁶

O depoimento de dona Elvira Castro leva-me a pensar que muitas das pessoas que trabalharam voluntariamente no hospital Bom Pastor desenvolviam as ações num simples sentido de fazer o bem ao próximo, sem maquirar interesses a fim de acumular poder simbólico para a Igreja Católica. Essas pessoas até poderiam estar próximas cotidianamente do corpo eclesiástico da Igreja Católica e das religiosas, sem contudo internalizar as preocupações internas de concorrência no mercado. Ou seja, elas até comercializavam os produtos católico aos doentes, porém a preocupação central não estava pautada no campo da competitividade, mas de possibilitar ao enfermo o alívio da sua alma. Conforme a dona Elvira,

eu visitava os doentes no hospital porque achava que estava fazendo uma coisa boa ao meu próximo e também porque eles eram pessoas que precisavam de ajuda de Deus. Até porque quando a gente está doente, a gente fica mais sensível para a vida e para Deus. Uma palavra de conforto já era uma grande ajuda para quem estava desanimado.

[...]

Nunca fiz o meu trabalho pensando para trazer mais católicos para a Igreja. Isso ninguém fazia, eu acho.³⁸⁷

Buscando conhecer melhor os trabalhos voluntários de

³⁸⁶ Elvira Castro, 76 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 23/9/2008.

³⁸⁷ Idem.

dona Elvira, verifiquei que ela teve poucos contatos com o pároco e com as religiosas, diferentemente, por exemplo, das experiências narradas por dona Alice de Jesus Gaspar. Dona Alice foi catequista por aproximadamente 10 anos, ajudou na liturgia das missas na capela do hospital e em sua comunidade, deu cursos para noivos e desenvolveu outros ofícios internos na Igreja Católica. Como se vê nos relatos, dona Alice desenvolveu suas atividades pastorais consciente de que estava comercializando os bens de salvação da Igreja Católica para manter a predominância e impedir o trânsito religioso (conforme Diagrama 6). Segundo ela,

muito do meu trabalho que fiz na igreja junto com o povo, com as crianças, jovens, era para manter eles na Igreja Católica; que não saíssem da nossa e fossem para outra seita, como era dito antigamente. Eu ouvia muito o padre Sprícigo e depois o padre Paulo, nas missas, cursos, que existia muitas seitas, né, como era dito de antigamente. Os hereges estavam roubando católicos da nossa religião.

Eu me lembro também do Catecismo. O padre Paulo deu um para cada catequista e dizia para ensinar bem as nossas criancinhas porque os espíritas, que eram do demônio, queriam engolir nossos filhos.

[...]

No hospital eu ajudava as freiras nas missas. Visitava os doentes nos quartos e dava a eucaristia. Naquele tempo a irmã Agatônia, Maria Agatônia, era a que mandava, né, no hospital, dizia para não deixar que os espíritas chegassem nos doentes. Elas diziam assim porque nós conhecíamos todo mundo. Araranguá era pequeno e a maioria eram católicos. Eram poucos evangelistas e espíritas. As irmãs pediam para a gente dizer para elas quem era de outra seita.³⁸⁸

³⁸⁸ Alice de Jesus Gaspar, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em

Diagrama 6- Ações das religiosas e dos leigos no hospital Bom Pastor (1959)



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)³⁸⁹

Além dos depoimentos de dona Alice de Jesus Gaspar sobre a presença de espíritas atuando no trabalho voluntário no hospital Bom Pastor, há também a fala do senhor Orlando Machado, que ainda professa a fé espírita e confirma alguns conflitos entre os adeptos do Espiritismo e o corpo eclesiástico da Igreja Católica na década de 1960. De acordo com o senhor Orlando, as religiosas e o pároco Paulo combateram fortemente o Espiritismo em Araranguá, impedindo a entrada de espíritas no hospital para fazer qualquer tipo de visita aos doentes. Entretanto, como forma de driblar as religiosas, o doente que se tratava no hospital, como também o acompanhante e as visitas do paciente, para poder desenvolver as práticas pedagógicas do

17/6/2011.

³⁸⁹ Elaborei o Diagrama 6 com base nos depoimentos e documentos escritos.

Espiritismo, respondia no questionário das religiosas que era pertencente à Igreja Católica.

Naquele tempo, para os padres e para as freiras ser espírita era um herege que ia para o inferno. Era inimigo da Igreja Católica e dos padres. Hoje não, né, mudou muito.

[...] até para as igrejas evangélicas também era assim. Espírita, católicos, eram tudo do diabo.

[...] O padre e muito menos as irmãs deixavam nós, espíritas, entrarmos nos quartos visitar os doentes.

Eu dizia que era espírita e da religião católica, mas as freiras não aceitaram isso. Elas não diziam que nós éramos da Igreja Católica e, por isso, não deixavam entrar. Elas tinham medo que católicos virassem espíritas.

[...]

Nós atuamos no hospital por um bom tempo. Tivemos vários tratamentos espiritual e até cirurgia espiritual sem as irmãs saberem. Tudo era feito em silêncio! Naquele questionário que elas preenchiam, eu colocava que era católico mesmo, e era, não estava mentindo. Mas se eu dissesse que era espírita, aí elas iam ficar me perseguindo até fazerem eu me tornar católico e deixar de ser espírita.

Quantos católicos no hospital foram cuidados pelos irmãos espíritas e, depois, começaram a estudar o Espiritismo!³⁹⁰

Contrastando os documentos orais com o escrito, verifiquei

³⁹⁰ Orlando Machado, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 17/10/2011.

que, embora as religiosas não pudessem impedir literalmente a presença dos adeptos do Espiritismo e de outras empresas no hospital por ser público, elas intensificaram uma campanha de evangelização no hospital com o intuito de “sufocar” as práticas educativas de outras empresas do sagrado. Como consta no Caderno Rascunho de Crônica de 1961, as religiosas possuíam pessoas de confiança no hospital cuja função era fiscalizar quartos, corredores e pátio para detectar “falsos ensinamentos” no hospital.

Há dias descobrimos pelas juvenistas e funcionárias de confiança das Irmãs, que a seita Espírita esteve semeando os dardos inflamados do nosso Inimigo aqui no nosocômio tentando enganar com os seus falsos ensinamentos as almas sofridas. Mas como temos mais católicos do que hereges visitando os doentes, sufocamos essa seita diabólica no hospital.

[...] Temos desconfianças que os doutores Sabino e Medonça são maçons ou da Seita espírita.³⁹¹

Buscamos as juvenistas para auxiliar-nos em nossa tarefa diária, nas visitas e levar os enfermos na missa na capela. Elas tem nos ajudado a cuidar das seitas.

O que mais nos chama atenção é que a seita não admitia que nossos católicos participasse das missas. Começamos uma campanha. Que Regina não nos permita perder nenhum dos nossos filhos.

[...] Parece que até os protestantes querem nos atacar também com os falsos ensinamentos.³⁹²

³⁹¹ Na pesquisa não encontrei informações a respeito dos dois médicos terem vínculos com outras agências religiosas.

³⁹² Caderno Rascunho de Crônica, 1961, p. 37. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

Percebi, por meio das Crônicas, que os adeptos de outras empresas do sagrado, ao buscarem tratamento físico no hospital Bom Pastor, eram incentivados pelas religiosas e pelos leigos a consumir os bens de salvação da Igreja Católica. Compreendi que tais orientações eram provenientes do **Código de Direito Canônico** no parágrafo primeiro do cânon de número 787. Aos missionários, compete que,

com o testemunho da vida e da palavra, estabeleçam um diálogo sincero com os que não crêem em Cristo, para que, mediante processos adaptados ao seu engenho e cultura, se lhes abram caminhos pelos quais possam ser levados ao conhecimento da mensagem evangélica.³⁹³

Conforme narrou dona Alice de Jesus Gaspar, uma das maiores preocupações das religiosas e dos leigos era converter o não católico. Como se vê, as religiosas instruíam as juvenistas, leigos e todos os funcionários a tentarem de todas as formas para que o “herege”, assim como representado, abjurasse a sua fé e se convertesse para a Igreja Católica, voltando a consumir os bens de salvação.

As freiras diziam que, se um evangelista não aceitasse que rezasse o terço no seu quarto, era para levar na capela e participar das missas. Era para nós tentar convencê-lo de que ele está em uma seita.

O problema é que a maioria das vezes, quando um evangelista ficava no hospital, alguém ficava com ele.

[...] No tempo que eu atuei no hospital, ajudando as enfermeiras, eu vi apenas um moço de uns 16 anos que se converteu à igreja. Ele era da Igreja Episcopal, parece, e abjurou, né, e voltou para a igreja. Eu lembro que as freiras ficaram muito contentes! Ele

³⁹³ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-iruriscanonic/portuguese/codex-irur>>. Acesso em: 12/1/2010.

nasceu católico e foi para aquela igreja e depois voltou a ser católico.

Ele negou a igreja em que estava, na frente das freiras, na missa, na capela. Foi na missa que as irmãs fizeram ele ir e, lá, elas o forçaram ele negar a crença dele.³⁹⁴

Entretanto, entrevistando o senhor Osni da Silva, adepto da Igreja Evangélica Assembleia de Deus, as religiosas não conseguiram fazer com que ele viesse abjurar da sua fé, pelo contrário, elas tiveram de impedi-lo para que não comercializasse os produtos evangélicos nos quartos aos doentes. Segundo o entrevistado, as religiosas tentaram intimidá-lo, mas ele buscou argumentos para se defender.

As irmãs queriam me conquistar para o catolicismo romano, aí não conseguiram, começaram a me cuidar, né.

Eu fiquei três dias internado naquele hospital. Trabalhava na roça e tirei dinheiro de onde não tinha para pagar os médicos e remédios, tudo aquilo. Era um hospital que era cobrado muito dinheiro. Era bom o atendimento, mas era caro mesmo.

Eu tava internado com problema na coluna muito sério e podia caminhar bem pouco, né. Não foi preciso de acompanhante comigo, se não ia ser mais dinheiro ainda.

Aí eu me levantava da cama bem quieto e ia nos quartos, caminhando devagar, me cuidando para as irmãs não me verem e nem as enfermeiras. Lá tinha os doentes tudo rezando, acreditando naquelas imagens tudo, e eu chegava e falava do amor do Nosso Senhor Jesus! De início, assim, eles achavam que eu era um católico igual aos outros, mas aí eu começava a dizer que

³⁹⁴ Alice de Jesus Gaspar, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 17/6/2011.

quem salva é Jesus. Ele é quem deu a vida por nós, morreu na cruz por nossos pecados. Ele é o médico dos médicos e ali ia falando de Jesus né. Daqui a pouco uma daquelas irmãs viu eu falando de Jesus e entregando um folhetinho da minha igreja. Você sabe o que é folhetinho, né? [o entrevistado fez a pergunta para o autor]. Ela chegou assim para mim e disse: “O senhor está proibido de entregar esses falsos ensinamentos aqui no hospital. Aqui só se fala o que é da Igreja Católica. Por que o senhor não vai ali na capela pedir perdão dos seus pecados que é traidor de Maria e do santo Padre?”. Aí eu respondi: “Eu estou aqui em um hospital que é da prefeitura e sei que vocês estão cobrando o trabalho de vocês, apenas! Porque que aqui só se deve falar do catolicismo? A Igreja Católica não é a única que existe aqui dentro de Araranguá, eu falei assim”.

Eu fui falando, né, e começaram a aparecer freiras cada vez mais. E aí uma delas disse que era para eu voltar ao meu quarto que seria medicado. Só escuta o que aconteceu, o que elas fizeram. Aí eu dormi, né. Tava cansado, eu acho. Quando eu acordei, em minhas mãos tinha um rosário, um crucifixo de madeira grande e uma vela acesa em cima de uma mesa e umas cinco pessoas rezando as ladainhas da Igreja Católica. Eu perguntei, o que eles estavam fazendo ali e quem pediu que eles fizessem aquilo. Aí uma delas me respondeu: “Você precisa!” “Você está doente da alma”. “Você tem uma maldição, um grande pecado”. Quando disseram isso, aí eu abri³⁹⁵ a Bíblia, né, e preguei ali, para aquelas pessoas, e mais para os que chegaram a escutar por curiosidade. Eu disse: “Eu, doente da alma?”. Quem deve se tratar são vocês que adoram

³⁹⁵ Abrir a Bíblia não no sentido literal, mas comentar alguns trechos conhecidos da Bíblia.

essas imagens que têm olhos e não vêem; têm boca e não falam; têm ouvido e não ouvem. Você ficam ensinando esses pobres doentes com essa mentirada toda aí. Eu sirvo um Jesus que tudo pode, que é verdadeiro”.

[...] depois disse que era para elas tirar tudo aquilo ali, apagar a vela que quem tá na luz não precisa de vela. “A vela é para que está nas trevas. Eu sou o filho da luz”.

Olha, depois daquilo, irmão Vânio [referindo-se ao autor], eu ainda fui em um quarto e vi aquele homem assim, de uns 45 anos. Ali ele pediu para eu rezar por ele, né, e eu orei. Para a honra de Jesus, o homem foi curado na hora! Ele estava com dor forte nos ombros e pescoço e eu aproveitei e perguntei: “Você quer aceitar a Jesus como seu salvador?” E ele aceitou naquele hospital de freiras e eu entreguei um folheto e convidei para ir em nossos cultos na igreja. Aí sabe o que aconteceu? As freiras descobriram e quiseram fazer ele negar a sua fé, e ele disse que não!

Depois daquilo, as irmãs me deram alta no mesmo dia. Eu saí e ainda disse para as enfermeirinhas: “Jesus tem planos na vida de vocês, tá”, e elas disseram: “A madre Regina traçou os nossos planos, meu senhor”. Aí eu disse: “Essa tal de Regina já tá podre, morta e não faz nada por vocês. Agora o nosso Jesus morreu e ressuscitou”. Uma delas disse: “Herege pecador”.³⁹⁶

Depois desse acontecimento, o senhor Osni da Silva frequentou mais vezes o ambiente hospitalar para desenvolver as práticas pedagógicas do pentecostalismo. Segundo ele, organizou diversos evangelismos com uma equipe constituída por obreiros, membros e congregados assembleianos. Tal equipe

³⁹⁶ Osni da Silva, 78 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 1/7/2011.

lançou no mercado religioso os seus bens de salvação, atuando com o “evangelismo corpo a corpo” no pátio e algumas vezes no interior do hospital.³⁹⁷ Além disso, os assembleianos realizaram os cultos ao ar livre e também a entrega de folhetos evangelísticos (literatura religiosa) em espaços estratégicos no município, como, por exemplo, próximo ao hospital Bom Pastor, à Prefeitura Municipal e na praça no centro do município.³⁹⁸ É perceptível que, nessa forma de comercialização dos bens de salvação pentecostal, os assembleianos transformaram a pregação da “Palavra” num produto de competitividade no mercado a fim de conquistarem legitimidade e predominância na sociedade.

Quando se tinha uma oportunidade para entrar no hospital a gente evangelizava. Mas era difícil porque nós evangélicos usamos roupas que mostra que somos crentes né e aí as freiras avistavam. Além disso as freiras passaram a cuidar mais de nós, da Igreja Presbiteriana e maçons que também começaram a usar o hospital para pregar a palavra da Deus.³⁹⁹

Convém ressaltar, nesta investigação, que os empresários da religião do catolicismo, protestantismo, pentecostalismo e do Espiritismo não eram somente agentes que comercializavam as mercadorias simbólicas, mas eram também consumidores vorazes desses produtos. Por isso, deve-se levar em conta outras questões que escapam apenas da ideia de que esses agentes estavam constantemente preocupados, tramando artimanhas e estratégias para impedir o trânsito religioso. Ou seja, deve-se levar em conta que as preocupações espirituais e sociais desses agentes, como oferecer amparo religioso e salvação da alma às pessoas, ultrapassam a simples leitura da concorrência mercadológica.

³⁹⁷ Idem.

³⁹⁸ Idem.

³⁹⁹ Idem.

2.1.4 Símbolos de poder no hospital Bom Pastor

A capela do hospital Bom Pastor permanecia aberta diariamente e poderia ser frequentada por todo público de pessoas. Nela, eram celebradas duas missas durante o dia: a primeira iniciava-se às 10h e a segunda, com início às 15h. Em algumas exceções, como momentos de festividades, ocorria missa no período noturno, com início às 19h30min. Em outros horários, como, por exemplo, 9h e 18h, ocorria na capela a reza do rosário. De forma geral, a capela sempre teve visitas, não necessariamente de pessoas enfermas ou familiares do enfermo, mas por outros visitantes. De acordo com o livro Tombo da Paróquia de Araranguá, em 1952 consta que “funcionários e doentes que podiam se levantar, participavam da Missa, na Capela do Hospital. Todos os dias, o sacerdote⁴⁰⁰ se colocava à disposição para administrar o sacramento da reconciliação aos doentes que o quisessem”.⁴⁰¹

Sobre a construção da capela no hospital, o livro Crônica de 1951 traz o registro de que ela foi concluída no mesmo momento em que se estava construindo o hospital.⁴⁰² No interior da capela, existiam as mobílias necessárias, como o altar, cadeiras, o sacrário, bancos, crucifixos, quadros de madre Regina e de Santa Catarina, da via-sacra e de outros santos. Conforme o depoimento do senhor Jorge Mateus Hercílio,

a capela no hospital era uma igreja mesmo. Lá tinha os santos, a vela, o Santíssimo Sacramento. Quando eu fiquei uns dias me tratando lá, eu participava de quase todas as missas e era diferente! Eu tinha mais fé na missa quando era rezada naquela simples capelinha das freiras. Talvez é porque estava doente né!⁴⁰³

⁴⁰⁰ No livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá, no ano de 1952, consta a “Provisão de confessor Ordinário”, que, pela provisão de fevereiro de 1952, foi nomeado o Pe. Santos Spricigo confessor ordinariamente as Irmãs de Santa Catarina do Hospital Bom Pastor de Araranguá. Livro Tombo, Tomo 1. Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens – Araranguá (SC). Ano: 1952, p. 138.

⁴⁰¹ Idem ibidem.

⁴⁰² Livro Crônica, 1951, p. 7. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴⁰³ Jorge Mateus Hercílio, 76 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em

Nesta investigação compreendi que os artefatos religiosos, bem como a materialidade do hospital, a batina do pároco e o hábito das religiosas são “símbolos de poder” do catolicismo, pois, além dos discursos proferidos pelos párocos, pelas religiosas, juvenistas e leigos, eles constituíam espaços de doutrinação para reprodução da identidade católica para os que frequentavam o hospital. Tais “símbolos de poder” que sinalizavam a pertença institucional tinham função de enaltecer e disseminar a predominância e o poder da memória católica no hospital, oferecendo, assim, legitimidade e predominância da Igreja Católica no mercado.

Entretanto, cumpre lembrar que esses “símbolos de poder” não influenciaram de forma homogênea a todos que frequentassem o hospital, induzindo-os a acreditar “de forma mecânica e formatada” na Igreja Católica, unicamente por visualizar tais “símbolos de poder”. Assim, percebi nos depoimentos orais que, para alguns católicos que já eram devotos das imagens sacras e consumidores desses bens de salvação, tais ícones eram significativos, pois reforçavam a sua devoção. Entretanto, para um adepto do pentecostalismo, do protestantismo, do Espiritismo, o ateu e até mesmo adepto católico, esses “símbolos de poder” tiveram outras funcionalidades. Nos depoimentos de dona Salvatina Silva Flor, por exemplo, os ícones religiosos do hospital já foram significativos por trazer um alívio espiritual.

Quando o meu velho (esposo) ficou internado no hospital, eu ia sempre lá.

Como era lindo o hospital, as freiras tudo de branco, com crucifixo no pescoço, nas paredes do hospital, assim, sempre os quadros do nosso Senhor, dos santos, né. A gente que é católica, aquilo tudo aliviava né, tranquilizava e fazia a gente a ter mais fé. Lá tinha uma capelinha com as imagens de Nossa Senhora e outros santos.

Como sou devota da Nossa Senhora, fiz promessas e paguei, porque o meu marido

teve saúde. Naquele momento difícil de saúde, como eu tenho costume, eu acendia velinhas para os santos e fazia as preces quase sempre.⁴⁰⁴

Na fala de dona Marta de Aguiar Silveira, 74 anos, católica, percebi que os “símbolos de poder” eram importantes porque possuíam representações espirituais e que tornava o ambiente mais “leve” espiritualmente. Contudo, segundo ela, as imagens sacras e todos os demais artefatos religiosos não a influenciaram a ter devoção às imagens sacras ou a Deus.

Aqui nesse hospital, o Bom Pastor, foi onde eu ganhei os meus últimos dois filhos. Era um hospital cuidado por freiras, com bastante imagens de santos, de padroeiras! Tinha uma capela para a pessoas rezarem, e até hoje ela ainda existe.

Tinha um grupo que iam de quarto em quarto fazer as visitas e fazer as preces né.

Era bom, porque os doentes precisavam de atenção, precisavam ouvir as coisas de Deus. É igual hoje, não tem as pessoas que fazem visitas nos hospitais? Eu fiquei nesses dias no hospital internada em São José, Criciúma, e lá todos os dias eu recebia visita de um senhor moreno, magro e baixinho; [...] bem humilde, um evangélico de outra igreja. Ele orava por mim!

Eu sou católica, vou à Igreja Católica, só que, para mim, rezar para os santos é tempo perdido. Eu faço meus pedidos direto a Deus! Desde aquele tempo eu já pensava assim. Na capela eu olhava para aqueles santos; era a Santa Bárbara, São Francisco, Nossa Senhora, e pensava comigo, só eu e Deus, porque Deus me livre se eu falasse isso para as freiras. Aí eu pensava: Bobiça,

⁴⁰⁴ Salvatina Silva Flor, 79 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 14/3/2006.

ficar rezando para um santo que não vai atender o meu pedido!

Não era porque eu fiquei doente que vou ter mais fé e me aproximar mais a Deus ou à Nossa Senhora! A mesma fé que eu tenho com saúde, eu tenho quando ficar doente.⁴⁰⁵

Ainda tratando sobre a funcionalidade dos “símbolos de poder” no hospital, dona Eliete Vieira Benicá, que pertence também à Igreja Católica e participa de alguns cultos na Igreja Congregação Cristã no Brasil em Araranguá, lembra de um acontecimento em que, ao ser acometida por uma enfermidade quando estava com 32 anos de idade, recorreu às bençãos dos santos da Igreja Católica e, ao ser agraciada, teve mais devoção às imagens e passou a frequentar mais vezes as missas.

Eu sentia muita dor em minha perna esquerda, que chegava a chorar. Era terrível aquela dor! Ela inchava toda, latejava, sendo impossível para caminhar.

Um dia a dor foi apertando e fui levada para o nosso hospital daqui, era o único, o Bom Pastor. Eu sabia que quem mandava em tudo eram as freiras e era muito bem falado. Elas tratavam muito bem os doentes, os pobres e tudo. Ali também tinha médico muito bom, o doutor Sabino.

Fui levada para um quartinho assim, com muita dor, gemendo e com medo, né, de não poder andar mais. Depois no fim mesmo, a minha perna começou a aparecer umas feridas com pus. Aí foi o meu fim, tive que ir ao hospital procurar os médicos. Relaxada, né, bicho do mato.

No quartinho, gemendo de dor, eu olhei assim para uma santa, a padroeira das freiras que estava em cima de uma mesa

⁴⁰⁵ Marta de Aguiar Silveira, 74 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 21/4/2009.

encostada na parede. Eu pensei que fosse a Nossa Senhora, mas não era. Aí eu pensei: é a mesma coisa, e fui obrigada a fazer um pedido para ser curada. Eu olhava para aquela imagem e pedia com fé, coloquei assim a mão na perna que doía e fiz o pedido para sair do hospital curada da perna, que eu queria andar, que precisava trabalhar na roça para ajudar o meu marido a cuidar dos filhos. Nossa, fui atendida no meu pedido. Elas me deram uns remédios, fiz um tratamento e estou curada até hoje.

Depois eu contei para as irmãs, né, que eu havia feito um pedido para a santa, e elas ficaram felizes pelo meu milagre.

Eu não conhecia essa santa, mas era a única que eu pude olhar e fazer o pedido naquele momento. Depois disso, eu passei a ser devota dos santos, ter fé e ir mais nas missas e terços.

Foi aquela santa do Bom Pastor que me fez ser devota de santos!⁴⁰⁶

Entretanto, para alguns protestantes, espíritas e pentecostais que frequentavam o hospital, “os símbolos de poder” não os influenciaram em nenhum momento à devoção. Nas colocações do senhor Oswaldo Martins Leffi, por exemplo, que professa a fé espírita, percebi que, embora os membros da sua comunidade fossem instruídos a não praticar a idolatria em santos, os mesmos deviam respeitar os que praticam tal devoção.

Aquelas imagens do hospital Bom Pastor não alteravam em nada na forma que nós agíamos no hospital com os irmãos. A caridade que assumimos naquele hospital ultrapassava aquelas simples imagens na capela e nas paredes.

⁴⁰⁶ Eliete Vieira Benicá, 79 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2009.

Nós espíritas orientamos os irmãos a não adotar imagens para a espiritualidade, mas nós respeitávamos os santos contidos ali no hospital, até por ser um ambiente cuidado por religiosas.

[...]

Não víamos mal nenhum naquelas imagens.⁴⁰⁷



Figura 35– Ícones religiosos presentes na atual capela na Unidade Central de Saúde do Bom Pastor - Araranguá
Fonte: Foto tirada pelo autor em 10/4/2011

⁴⁰⁷ Oswaldo Martins Leffi, 72 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 5/3/2007.

Contudo, analisando os depoimentos dos adeptos do protestantismo e do pentecostalismo, que possuíam (possuem) uma visceral recusa de imagens sacras, tais ícones da Igreja Católica eram combatidos pela maioria dos evangélicos que frequentavam o hospital. Dona Isaura Lepanto Dias, na época, já pertencia a Igreja Batista Betel e narrou que várias vezes teve de procurar os atendimentos no hospital porque o seu filho possuía problemas de respiração. Conforme a entrevistada,

todas as vezes que eu entrava no hospital, teria que “clamar o sangue de Jesus” em espírito, para impedir que a força das trevas prejudicasse os meus filhos. Era terrível aquele hospital de tanta idolatria. Era uma luta para mim. Assim, na entrada do hospital já tinha um quadro de uma santa, nos corredores e nos quartos. Na capela mesmo é que tinha aquilo tudo de santo. Meu Deus, era uma legião de demônios escondidos atrás daquelas imagens todas.

Naquele tempo até tinha aqueles católicos que faziam promessas, né, e diziam que tinham sido curadas. Mas pela Bíblia a gente sabe que o que tinha curado era o maligno, o Diabo. Eu até me sentia mal naquele hospital.

A Bíblia diz que ele se transforma em anjo de luz para enganar as pessoas.

Naquele tempo a gente era pobre, né, e não tinha dinheiro para pagar o que as freiras queriam. Mas eu lembro que era pago a metade. Era muito difícil a vida do pobre naquele tempo, e as irmãs não davam muita confiança, não. Elas enganaram muita gente, se fazendo de boazinhas, mas atendiam muito bem os que tinham dado dinheiro a elas.

Eu e o Antônio muitas vezes ficamos no corredor por não ter mais cama no quarto. E tinha muita gente assim também que ficava

sofrendo nos corredores.
[...]

Mas aqueles santos todos não abalavam a minha fé em Jesus! Sabe, eu até evangelizava lá para os outros doentes. Eu dizia o que estava escrito na Bíblia, né, que Deus condena a idolatria, a feitiçaria e que era pecado. Aí tinha alguns católicos carola que viviam na Igreja, iam lá e contavam tudo para as freiras. Elas vinham e diziam que era para eu respeitar a religião dos católicos.

Tinha uma irmã que dizia que eu estava cometendo um grave pecado, e eu dizia que os meus pecados já foram perdoados pelo Salvador, e não pelos pedaços de gessos. Essa idolatria foi condenada por Deus na Bíblia. Leiam lá no livro de Êxodo e Levítico.⁴⁰⁸

Convém analisar que a recusa das imagens sacras, como se vê no depoimento supracitado, tem como contrapartida o apego à leitura da Bíblia. Ou seja, os protestantes e os pentecostais acreditam que a Bíblia foi escrita pela inspiração do Espírito Santo⁴⁰⁹ e, por isso, deve ser aceita, lida e praticada cotidianamente, principalmente os textos que referem-se à idolatria.⁴¹⁰

Cumprir lembrar que, após a saída das religiosas do hospital Bom Pastor, alguns “símbolos de poder” foram mantidos por funcionários que desejavam manter a identidade religiosa do hospital. Como narrou dona Elzira de Bem,

depois que as freiras saíram, eu e os médicos permanecemos no quadro de funcionários e lutamos até onde pudemos cuidar da capela no hospital. Mas foi mudando de direção, de funcionários e aos

⁴⁰⁸ Isaura Lepanto Dias, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2013.

⁴⁰⁹ Obviamente os demais adeptos de outras empresas do sagrado também acreditam nessa ideia, porém, para os evangélicos esse imaginário é mais presente.

⁴¹⁰ Levítico 19.4; 1 Samuel 15.23; Salmos 115.4-8 e Êxodo 20.3-4.

poucos acabaram com a capela, transformando em um depósito de remédios. Os crucifixos e quadros também foi sendo retirados.⁴¹¹

Analisando uma matéria no jornal **Tribuna Criciunense**, publicado em 1978, verifiquei que existia entre funcionários e parte da população católica de Araranguá, o desejo da construção de uma capela no hospital. Conforme o fragmento,

Há muito que a população de Araranguá está insistindo em prol da construção de uma pequena capela no interior do Hospital Bom Pastor. A que existia anteriormente, sem ninguém saber o motivo cedeu lugar a uma farmácia. Nesse sentino (sic), foi encaminhado pedido ao prefeito Salmi Paladini que prontamente autorizou a direção daquele nosocômio a destacar um local para um oratório interno. Desta forma segundo o Diretor do hospital, Senhor Giácomo Mazzuco uma pequena sala será transformada em capela para uso dos fiéis doentes ou visitantes.⁴¹²

Atualmente, há na Unidade Central de Saúde Bom Pastor uma sala contendo cadeiras e uma mesa com flores e imagens sacras de Nossa Senhora e de São Francisco de Assis. Na mesa há ainda duas Bíblias, ambas com tradução da Igreja Católica.

Para finalizar este subtítulo, é oportuno salientar que após 57 anos da saída das religiosas do hospital Bom Pastor, há ainda em sua materialidade alguns “símbolos de poder” que remetem às práticas pedagógicas das religiosas da Congregação de Santa Catarina na área da saúde pública em Araranguá.

De certo modo, a Unidade Central de Saúde Bom Pastor, ainda continua, obviamente com outros métodos e interesses, comercializando os bens católicos aos araranguaenses, apresentando, assim, legitimidade à Igreja Católica, que atualmente trava disputas no mercado religioso principalmente

⁴¹¹ Elzira de Bem, 78 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2013.

⁴¹² Jornal **Tribuna Criciunense**. 14/10/1978. Título: “Construção de Capela no Hospital Bom Pastor, p.9. Arquivo Público do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

com as instituições pentecostais e neopentecostais.



Figura 36 – Ícones religiosos presentes na atual capela na Unidade Central de Saúde do Bom Pastor - Araranguá

Fonte: Foto tirada pelo autor em 10/4/2011

No seguinte sub-item, descreverei algumas dificuldades econômicas que as religiosas da Congregação de Santa Catarina tiveram no hospital e também discorrerei sobre a saída delas da direção do hospital Bom Pastor.

2.2 Situação financeira do hospital Bom Pastor e sombras de acusações contra as religiosas (1965)

Como já analisado no corpo desta tese, as religiosas da Congregação de Santa Catarina vieram a administrar o hospital Bom Pastor somente após a confirmação do contrato entre a Congregação e a Prefeitura Municipal de Araranguá. No contrato

havia as responsabilidades da Prefeitura e também da Congregação. Tratando-se de salários, a Prefeitura responsabilizou-se ao pagamento das religiosas, dos médicos e dos demais profissionais.

No início dos trabalhos das religiosas no hospital, a Prefeitura Municipal repassava recursos para suprir com as despesas do local. Tal verba era uma “Taxa Hospitalar” que a administração municipal descontava em talões de energia, água ou em carnês dos araranguenses. Com esses recursos, foi possível às religiosas aumentar o atendimento de pacientes ao mês, como também comprar medicamentos, adquirir aparelhos mais sofisticados e aumentar o quadro de funcionários, contratando médicos e auxiliares de enfermagem. Conforme o livro *Crônica*, a cada ano o número de enfermos aumentava no hospital, a ponto de não suportar mais pacientes nos leitos. “A capacidade de leitos havia aumentado: no ano de 1953, foram acrescentados 12 leitos para indigentes e 12 para contribuintes.”⁴¹³

Os termos usados pelas religiosas de “indigente” e “contribuinte” era uma forma de organização dos atendimentos no hospital. Para elas, o indigente seria aquele cidadão que se utilizava dos atendimentos no hospital sem pagar consultas e/ou taxas. Já o contribuinte era o que pagava as taxas hospitalares, os medicamentos, consultas e internações.

No hospital Bom Pastor o atendimento era bom, mas era caro; tudo tinha que pagar. As freiras cobravam muito bem. Lá a minha esposa e os meus filhos foram curados. [...] naquele tempo o pobre que não tinha dinheiro morria tudo. Quem mandava no hospital era as freiras.⁴¹⁴

Importa mencionar que o hospital Bom Pastor era um órgão público, pertencente à Prefeitura Municipal de Araranguá. Era administrado por uma congregação religiosa, auxiliada por uma diretoria constituída por presidente, vice-presidente, diretor, tesoureiro, secretário e contador. O presidente deveria residir em

⁴¹³ Livro *Crônica*, 1953, p. 9. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴¹⁴ Vendramino Zilli, 80 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 12/5/2013.

Araranguá e a diretora era uma religiosa da congregação. Esta possuía auxílios do presidente, secretário e contador. Toda a contabilidade financeira do hospital era acompanhada pela diretoria. Em cada mês, fechava-se o caixa do hospital Bom Pastor, contabilizando as entradas e saídas. O saldo do mês ficava no caixa do hospital, para a manutenção do mês seguinte.

Entretanto, por volta de 1960 aproximadamente, a situação financeira do hospital começou a ficar caótica. Compreendi que a razão pelos saldos negativos e prejuízo econômico do hospital deu-se pelo fato de a Prefeitura não repassar as taxas hospitalares.

Os documentos escritos desse período representam que o problema da decadência do hospital foi porque a Prefeitura de Araranguá passou a desviar alguns recursos financeiros que deveriam ser aplicados no hospital, investindo em outros setores do município. Segundo o fragmento do jornal **Correio de Araranguá**, o redator Ernesto Grechi Filho, em 4 de setembro de 1960, elaborou um discurso depreciativo sobre a administração municipal, por terem abandonado o hospital Bom Pastor. Segundo o redator, o hospital, sendo o único do município, deveria ter os melhores equipamentos modernos. Na visão do redator, o hospital estaria ainda em funcionamento unicamente pelos esforços das religiosas, que lutam diariamente para o progresso, mesmo com um salário insignificante recebido mensalmente.

É um nosocômio desaparelhado, desprevenido, desatualizado e incapaz de atender, com os recursos que a medicina moderna conta, os mais corriqueiros casos de emergência.

E isso acontece, ninguém o pode negar, porque nossos Administradores Municipais têm votado e votam o mais completo desinteresse ao nosso único hospital, deixando-o no mais completo abandono. Não apenas isso. A nossa Prefeitura, além de entrar o progresso daquele estabelecimento, causando-lhe anualmente prejuízos vultosos, chegam ao cúmulo de desviar, para outros fins, verbas especificamente destinadas àquele fim e

arrecadadas sob a rubrica de 'TAXA HOSPITALAR'.⁴¹⁵

Esses fatos todos traduzem apenas uma verdade: O Hospital Bom Pastor ainda subsiste graças ao denodo, aos esforços, à perseverança e ao sacrifício das abnegadas religiosas que o dirigem, e as quais, diga-se de passagem, recebem mensalmente o salário de DOIS MIL CRUZEIROS.⁴¹⁶

É perceptível, nas fichas de atendimentos do hospital Bom Pastor (Tabela 4), que entre os anos mais críticos, de 1959 até 1961, até houve aumento considerável de pacientes contribuintes. Entretanto, as contribuições, como já dito, não entraram para a contabilidade do hospital, acarretando problemas financeiros. Pelo livro Crônica referente ao ano de 1962, percebi que as religiosas confirmam o problema, da falta de investimentos do poder público local. "A situação financeira do hospital não permite a aquisição de aparelhos necessários e entrava o progresso e a atualização do nosocômio."⁴¹⁷

Contudo, é necessário pontuar ainda, por meio das entrevistas e dos dados extraídos das fichas de atendimentos do hospital, que, segundo o jornal **Correio de Araranguá**,⁴¹⁸ o dinheiro pago pelos cidadãos araranguaenses por meio da taxa hospitalar era insignificante em relação ao valores que entravam para o caixa do hospital pelas consultas que eram arrecadadas dos pacientes. Ou seja, os pacientes que foram atendidos no hospital lembraram que, mesmo sendo contribuintes ou não da taxa hospitalar, teriam de efetuar o pagamento para as internações, medicamentos e consultas. Nesse sentido, imagino que entrava mais dinheiro para o caixa do hospital do que a pequena taxa hospitalar que alguns araranguaenses faziam mensalmente.

Diante dessa situação, mesmo considerando o descaso da administração municipal apontado pelo jornal, de não investir em

⁴¹⁵ As letras em maiúscula é própria do documento.

⁴¹⁶ Jornal **Correio de Araranguá**. 4/9/1960, p. 3. Arquivo Casa da Cultura de Araranguá.

⁴¹⁷ Livro Crônica, 1962, p. 22. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴¹⁸ Jornal **Correio de Araranguá**. 4/9/1960, p. 3. Arquivo Casa da Cultura de Araranguá.

novos equipamentos e na base hospitalar no todo, apresento algumas reflexões⁴¹⁹ a partir dos números da ficha de atendimento do hospital. Confesso que, ao interpretá-los, tais indícios vão ao encontro dos boatos que surgiram acerca das religiosas e que se coadunam ainda com os depoimentos do senhor Osmar Nunes, uma vez que o número de atendimentos de contribuintes era maior que os não pagantes.

Assim, analisando o número de pacientes atendidos dos anos de 1959 a 1964, verifiquei um aumento significativo de pacientes pagantes o que trouxe bons rendimentos econômicos para o hospital. Ou seja, foram praticamente seis anos consecutivos em que houve aumento de pagantes e ainda a diminuição de atendimentos aos pobres. Além disso, a porcentagem de pacientes pagantes estabilizou em torno de 80% a 82%, e o de não pagantes entre 17% a 20%, o que representa um equilíbrio positivo para as finanças do hospital naquele período.

Tabela 4- Número de pacientes que frequentaram o hospital Bom Pastor (1955 a 1965)

Ano	Contribuintes		Indigentes		Total atendimentos
1955	663	76,1%	208	23,9%	871
1956	757	75,7%	243	24,3%	1000
1957	855	72,7%	321	27,3%	1.176
1958	873	76%	275	24%	1.148
1959	935	78,5%	256	21,5%	1.191
1960	1.192	85%	210	15%	1.402
1961	1.262	84,2%	236	15,8%	1.498
1962	1.126	78,5%	307	21,5%	1.433
1963	1.084	82,3%	233	17,7%	1.317
1964	1.078	79,6%	275	20,4%	1.353
1965	973	76,1%	304	23,9%	1.277

Fonte: Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ)⁴²⁰

⁴¹⁹ Confesso que faltam dados para se ter uma representação mais próxima dos dados econômicos do hospital Bom Pastor. Nesse sentido, as reflexões dessa pesquisa carecem de fontes. O que foi produzido até o momento foram por meio das poucas fontes que consegui coletar.

⁴²⁰ A somatória total de pacientes, bem como o cálculo das porcentagens é de minha

Percebi, ainda por meio dos dados da Tabela 4, que nesse período de dez anos, 10.798 pacientes efetuaram pagamentos ao utilizar o serviço hospitalar e (2.868, 27%) foi prestado serviço à população carente, contabilizando uma diferença gigantesca de 7.930, ou seja, 73% dos pacientes pagaram as despesas de hospital, contando ainda com os recursos provenientes da Prefeitura que eram repassados ao hospital.

Conforme o exposto, é oportuno mencionar que os rendimentos que teve o hospital, possibilitaram que as religiosas fizessem uma boa administração, como, por exemplo, mantendo o patrimônio com reformas, melhorias em alguns equipamentos, ampliação do prédio e outros.

Contudo, percebi, por meio dos documentos, que as religiosas não investiram o dinheiro do hospital na aquisição de equipamentos mais modernos, pelo fato de o prédio não pertencer à Congregação de Santa Catarina. Nesse sentido, como não houve a aplicação de todo o dinheiro do hospital, elas usaram, então, outros meios para render o caixa. Segundo os documentos, as religiosas emprestaram o dinheiro do hospital para a própria Prefeitura, para EEB. Manoel Gomes Baltazar⁴²¹ e para algumas empresas de Araranguá.

Sobre o processo econômico do hospital Bom Pastor, conheci que, enquanto as religiosas estiveram na administração do hospital, receberam diversos elogios pelos trabalhos prestados. O redator do jornal **Correio de Araranguá**, senhor Ernesto Grechi Filho, voltou a tecer considerações apreciativas pelos trabalhos das religiosas no hospital. Destacou a dedicação e organização das religiosas e o novo serviço de radiologia no hospital.

O Hospital Bom Pastor, dirigido pelo Dr. Edward Mendonza e administrado pela atual e competente diretora, conta com seus serviços com os préstimos inestimáveis das Irmãs de Santa Catarina.

Em rápida visita que fizemos àquele nosocômio, foi-nos dado a observar o

responsabilidade.

⁴²¹ Educandário que pertencia ao município de Maracajá e era dirigido pela Congregação de Santa Catarina.

carinho e dedicação daquelas abnegadas Irmãs no tocante a tudo o que lhes está afeto. Bem ajardinado, logo à entrada têm-se uma ótima impressão. A presteza em bem atender os serviços não foi esquecida, embora seu movimento intenso.

Entretanto, o que mais nos causou prazer foi a visita que fizemos à secção (sic) de radiologia. Dirigida pela Irmã Flávia, orientada pelo Dr. Mendonza, aquele serviço está sofrendo uma radical transformação.⁴²²

Nesse período os problemas financeiros do hospital Bom Pastor estavam também vinculados à politicagem existente em Araranguá. Ou seja, politicagem no sentido de algumas autoridades políticas buscarem seus próprios interesses no campo político e não trabalharem em prol do bem do município, abusando da sua posição e causando prejuízos para os cofres públicos de Araranguá.

Assim, em uma entrevista concedida ao padre João Leonir Dall'Alba, o senhor Artur Bertoncini em 1985, ao comentar sobre o hospital Bom Pastor, apresentou a forte influência da politicagem na direção do mesmo, o que levou a ser um hospital desorganizado e com pouco reconhecimento. Segundo ele,

infelizmente sempre foi um hospital dirigido politicamente, quando deveria ser um organismo em que a política não interferisse. Não foi com isso que está ali que nós sonhamos. Sonhamos com um hospital organizado, como tem em Criciúma, Tubarão. Tanto que um secretário da saúde, Dr. Ortízio, parece, disse na rádio: "Em Araranguá não encontrei um hospital, mas um depósito de doentes." Que não aconteça o mesmo com o hospital Regional.⁴²³

⁴²² Jornal **Correio de Araranguá**. Ano 3, n. 78. 17/5/1963. Título: "Hospital Bom Pastor dentro em breve terá serviço de Raios X." Arquivo Casa da Cultura de Araranguá.

⁴²³ Entrevista concedida à João Leonir Dall'Alba. In: DALL'ALBA, Pe. João Leonir. 1997. *Op. cit.*, p. 107.

Com base nos registros das religiosas, o ano de 1965 foi o mais atingido pelos problemas econômicos no hospital. Isso acarretou uma série de situações, como falta de medicamentos, de leitos e de funcionários. O livro Crônica no ano de 1965 informa que

O hospital estava quase sempre lotado. Muitos doentes são tratados como sendo doentes de ambulatório que aqui não existe, nem fora nem na casa, aqui por falta de lugar e fora o posto nem remédios tem para os pobres. Morrem muitas crianças por falta de orientação dos pais e chegam aqui no último ponto. Adultos morrem pouco. Estes, como também os que recuperaram a saúde, recebem além do socorro corporal, também o espiritual.⁴²⁴

Em fins de 1965, período marcado pela turbulência econômica no hospital, surgiram algumas desconfianças da administração municipal em relação aos trabalhos das religiosas. Conforme o livro Crônica, as religiosas relataram que

apesar da boa administração de Irmã M. Norberta em um período de seis anos como superiora, demonstrada pelas melhorias e reformas no Hospital, nuvens sombrias sobre a honestidade das Irmãs começaram a turvar o ambiente de caridade cristã, em que elas serviam aos doentes.⁴²⁵

2.2.1 Acusações contra as religiosas: fase angustiante para as religiosas na história do hospital Bom Pastor e saída na direção do hospital (14/6/1966)

No livro Crônica referente ao ano de 1966, há registros dos últimos momentos das religiosas da Congregação de Santa Catarina na direção do hospital Bom Pastor. Além desse

⁴²⁴ Livro Crônica, 1965, p. 39. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴²⁵ Idem ibidem.

documento que utilizei como fonte de pesquisa para escrita deste item, há também algumas entrevistas com pessoas que vivenciaram o momento de saída das religiosas e um inventário que fora solicitado pela Prefeitura Municipal na administração do prefeito da época, senhor Osmar Nunes.

De acordo com a Crônica, o clima tenso de graves acusações contra as religiosas passou a perturbar a comunidade hospitalar a partir de março de 1966.⁴²⁶ As duas primeiras religiosas, ir. Maria Agatônia Klingenberg e ir. Maria Hilária Brommerschenkel, que organizaram o hospital Bom Pastor “com tanto carinho e à custa de tantos sacrifícios”,⁴²⁷ ao ouvirem as notícias desfavoráveis a respeito do trabalho delas no hospital, procuraram conferir tais informações com uma pessoa amiga. A resposta que receberam foi o seguinte:

[...] o mais grave foi o que aconteceu com as Irmãs, pois espalharam por todo o município e circunvizinhanças que as Irmãs haviam roubado do hospital para mandar para a Ordem. Chegaram mesmo ao cúmulo de dizer que as Irmãs não faziam nada lá, a não ser COMER,⁴²⁸ DORMIR E REZAR [...].⁴²⁹

Sobre essa situação, a diretora do hospital Bom Pastor, ir. Maria Edwiges Ribeiro, escreve um telegrama para a Madre Provincial, ir. Maria Deolinda, apresentando os problemas que estavam acontecendo com as religiosas em Araranguá. Isso fez com que em 13 de abril de 1966 a Madre Provincial, ir. Maria Deolinda, acompanhada pela ir. Maria Rainildes Schaedler, Superiora do Hospital Santa Catarina e Diretora Geral da Associação Congregação de Santa Catarina (ACSC), chegassem ao hospital Bom Pastor para tomarem conhecimento da situação. Conforme a Crônica, Madre Deolinda decide pela saída das religiosas do hospital, pois

o ambiente criado no hospital, fruto da desconsideração para com o trabalho das Irmãs e da desconfiança em sua

⁴²⁶ Idem, 1966, p. 34.

⁴²⁷ Idem ibidem.

⁴²⁸ As palavras em maiúsculas são do documento.

⁴²⁹ Livro Crônica, 1966, p. 34. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

administração, fez com que a Madre Provincial e Irmã M. Rainildes decidissem pela retirada das Irmãs, antes mesmo do prazo estipulado pelo contrato, que, conforme a cláusula XXI, prescrevia um aviso prévio com 6 (seis) meses de antecedência.⁴³⁰

A entrevista com o prefeito da época, senhor Osmar Nunes, que administrou o município de Araranguá entre os anos de 1966 e 1970 pela União Democrática Nacional (UDN), ajuda a perceber outras representações desse acontecido. A decisão de ir. Deolinda pela retirada das religiosas foi pelo motivo de a Prefeitura Municipal não ter entregue a escritura do hospital à Congregação de Santa Catarina.

Veio a superiora de São Paulo com o objetivo de me forçar a entrega da escritura para a Congregação de Santa Catarina, ou seja, pediu o ultimato, se eu iria dar ou não. E eu, infelizmente, não pude nem atender naquele dia essa superiora. Nesse dia eu estava ocupado com a convenção do Lions Clube, recepcionando e apoiando os visitantes de todas as cidades do Estado de Santa Catarina. Eu nem cheguei a conversar com essa líder religiosa. O que ela fez foi o seguinte: ela mandou que uma moça estudante que ficasse de plantão o dia inteiro em frente à minha casa me esperando chegar. Quando eu cheguei, a moça entregou-me uma folha, um ultimato, perguntando se eu daria ou não a escritura do hospital Bom Pastor. Aí, eu assinalei que não, pois não poderia tomar essa decisão sozinho. Foi então que a superiora decidiu a retirada das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá.

As religiosas no hospital Bom Pastor eram terceirizadas, parecido um “comodato”, mas o patrimônio era um órgão público. Ali por

⁴³⁰ Idem, 1966, p. 35.

volta de 1965 elas passaram a exigir a escritura do órgão público para a Ordem da Congregação de Santa Catarina. Tal atitude não dependia somente do prefeito, mas também do poder legislativo. Como não foi possível eu fazer isso, elas então deixaram o hospital e foram embora.⁴³¹

Quanto às calúnias das quais as religiosas foram alvo, o senhor Osmar Nunes diz que as desconhecia e negou que a calúnia tivesse saído da sua administração.⁴³² Até porque, segundo ele, as religiosas eram elogiadas por possuírem bom controle administrativo do hospital e também trabalhavam por vocação religiosa. Tanto é que

elas desenvolviam um trabalho bem administrado a ponto de fazerem o dinheiro do hospital render ao emprestar dinheiro para algumas empresas e fábricas idôneas em Araranguá. O que eu sei é que elas também faziam investimentos no colégio Manoel Gomes Baltazar em Maracajá com o dinheiro do hospital, o que era normal, pois o dinheiro era da congregação e a prefeitura não possuía gerência no dinheiro. No meu tempo de prefeito, eu nunca pedi dinheiro emprestado para as religiosas. Se existem comentários de que elas emprestavam para a prefeitura, só se foi em outras gestões. E a prefeitura também não fazia investimentos no hospital, com ajudas para compras de equipamentos modernos na área da medicina. No meu governo, depois que as religiosas saíram, é que fiz investimentos e alterações no patrimônio do hospital com verbas do CEPCAN.

Nesse tempo o prefeito não possuía interferência no financeiro nem na administração do Hospital Bom Pastor. As

⁴³¹ Osmar Nunes, 73 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes, em 22/3/2011.

⁴³² Por meio da memória oral tal escândalo provocou a perda dos fiéis católicos para outras instituições no mercado religioso.

irmãs é que faziam as compras e pagavam os medicamentos, elas mesmas é que efetuavam o pagamento das enfermeiras religiosas e dos funcionários dos serviços gerais. Até mesmo a manutenção material do hospital era responsabilidade das freiras. O que a prefeitura possuía poder era apenas do patrimônio.

[...]

As irmãs eram abnegadas. Trabalhavam dia e noite sem preocupações com a previdência social. Naquele período, elas desenvolviam a função administrativa com muita eficiência e qualidade. Não se importavam com questões econômicas e trabalhavam profissionalmente e também espiritualmente.⁴³³



Figura 37 - Osmar Nunes (2011)⁴³⁴
Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

⁴³³ Idem.

⁴³⁴ Foto tirada por Lúcio Vânio Moraes em 22/3/2011 no município de Araranguá (SC).

Um dos motivos principais que senhor Osmar Nunes lembrou que veio ocasionar a saída das religiosas foram alguns desentendimentos entre as religiosas e o diretor clínico do hospital nesse período, pois as religiosas não investiam em equipamentos modernos no hospital, e os médicos desejavam melhorar os equipamentos e as práticas. Todavia, existia um problema maior que impedia as religiosas de investirem no hospital: o hospital não pertencia à Congregação de Santa Catarina.

Um dos motivos da saída delas no Hospital Bom Pastor foi pelo fato de que elas estavam desenvolvendo um trabalho com técnicas já um pouco ultrapassadas, e isso passou a ser motivo de não mais acerto com médicos atualizados. Por exemplo, o médico Dr. Martinho Ghizzo, que era o diretor clínico nesse período e que era nomeado pelo prefeito, não estava mais de acordo com a forma de trabalho clínico que elas desenvolviam. O Dr. Martinho veio de Santa Maria (RS), desejava aplicar outras técnicas avançadas na medicina. Agora, isso nos leva a entender também que as religiosas não investiam em tecnologia no hospital porque o patrimônio não era delas. Então o que elas começaram a fazer? Exigir que a prefeitura passasse a escritura do patrimônio do Hospital Bom Pastor para a ordem da Congregação de Santa Catarina. Só que para eu fazer isso, não faria sozinho. Teria que ter o apoio do legislativo, e como se percebia no período a maioria era da UDN, não aceitava. Mesmo vereadores do PSD diziam que o que é nosso não se dá para ninguém.

Então, não tinha como dar a escritura do hospital Bom Pastor para as religiosas, pois existia uma pressão política forte, nesse caso do legislativo, que impedia tal doação. Talvez, se elas tivessem feito investimentos no hospital, com compras de equipamentos e

outros, elas teriam apoio do legislativo.⁴³⁵

Após a decisão de saída, a superiora, ir. Maria Edwiges, do hospital, elaborou um ofício à Cúria Metropolitana e ao prefeito municipal senhor Osmar Nunes, comunicando-os da supressão da comunidade das religiosas e de suas atividades no hospital Bom Pastor.

A partir daí, aumentaram os comentários sobre as religiosas, de que haviam desviado dinheiro do hospital Bom Pastor para a Congregação em São Paulo. Em uma carta de 2 de maio de 1966, da diretora do hospital Bom Pastor, ir. Maria Edwiges Ribeiro, enviada à Madre Provincial, ir. Maria Deolinda, consta o relato da situação que as religiosas enfrentaram nos últimos momentos de trabalho no hospital.

[...]

Aqui as coisas estão se agravando sempre mais. Intensificaram a fiscalização e nos taxaram de ladras, dizendo que remetemos para São Paulo milhões de cruzeiros e muitas outras coisas que a Irmã Carista já deve ter-lhe escrito. Para não sairmos com muitas malas, o que chamaria atenção do público, despachamos umas pela Criciumense⁴³⁶ com o nosso nome secular, pondo no remetente o nome de Irmã Gisela [...].⁴³⁷

A fiscalização apontada na carta de ir. Maria Edwiges Ribeiro foi um inventário que o prefeito Osmar Nunes solicitou antes da saída das religiosas do hospital. Na Crônica de maio de 1961, consta que o inventário foi um levantamento completo de todos os móveis, utensílios, etc. que se encontravam no hospital. Contudo, para as religiosas, a comissão que o prefeito nomeou para examinar o inventário do hospital foi uma grande humilhação.⁴³⁸

⁴³⁵ Osmar Nunes, 73 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes, em 22/3/2011.

⁴³⁶ Empresa de ônibus de Criciúma (SC).

⁴³⁷ Carta de ir. Maria Edwiges Ribeiro. 2/5/1966. Arquivo da Casa Provincial, Petrópolis (RJ).

⁴³⁸ Livro Crônica, 1966, p. 35. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

O entrevistado Osmar Nunes narra que a comissão do inventário não foi solicitada como desconfiância dos trabalhos que as religiosas fizeram no hospital, mas como um controle do patrimônio público, para a nova diretoria que atuaria na direção do local. A comissão e o inventário foi uma forma de resolver as coisas do hospital com justiça, para que ninguém saísse prejudicado, muito menos as religiosas.

Eu nomeei uma comissão para fazer levantamento do patrimônio público que iriam administrar no hospital após a saída das religiosas. Quem participou dessa comissão foi o José Jovelino Costa (presidente), Antoninho da Silva (tesoureiro), o Valdemar Pacheco (secretário) e outros que não me lembro.

As religiosas nada levaram com elas de aparelhagens do Hospital Bom Pastor, até porque elas não haviam investido em aparelhos. Elas mantinham os aparelhos. O dinheiro que estava no período da administração delas, eu desconheço se foi com elas. O que sei é que o dinheiro que estava aplicado em duas grandes empresas de Araranguá voltaram para os cofres do Hospital Bom Pastor. Como eu já disse, as religiosas faziam o dinheiro render.⁴³⁹

O inventário possuía 34 páginas, trazia a data de 4 de maio de 1966 e fora assinado pelos seguintes membros da comissão: Zanoni Santos Espíndola (presidente), Antônio Caetano de Souza (membro) e Sívio Olívio da Silva (membro), que rubricaram as páginas do inventário.

Após a comissão ter finalizado o inventário, no termo de verificação, consta que a comissão examinou o hospital e nenhuma irregularidade foi encontrada. Pelo contrário, a comissão elogiou o trabalho que as religiosas desenvolveram no hospital Bom Pastor.

Nós abaixo assinado, membros da comissão,

⁴³⁹ Osmar Nunes, 73 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 22/3/2011.

nomeados pelo Sr. Prefeito Municipal desta Cidade, conforme portaria, examinamos o material constante do presente inventário o qual verificamos a sua exatidão. Quanto ao estoque (sic) de medicamentos da farmácia do hospital, nesta oportunidade os números apresentados diferem um pouco da existência atual, ocorrência lógica, uma vez que a presente relação foi efetuada há dias e trata-se de material que é usado constantemente, afim de atender as necessidades do hospital.

Antes de terminar nossos trabalhos queremos expressar nossos agradecimentos às dedicadas irmãs do Hospital Bom Pastor que nos atenderem com tãda (sic) gentileza possível, facilitando nossa missão e apresentar também nossos parabéns pela brilhante organização que impera em seus serviços.

Araranguá, 4 de maio de 1966.⁴⁴⁰

Entre os meses de abril e junho de 1966, o cotidiano das religiosas foi de correria, organização, angústias, apuros, desconfianças e desesperos. E o que mais lhe atordoavam eram as exigências do prefeito e suas palavras de ofensa. Na data do dia 25 de abril de 1966 encontra-se o seguinte registro: “Temos passado por apuros devido à nossa saída daqui, pois é uma confusão para todos os lados.”⁴⁴¹ Nos registros do dia 2 de maio de 1966, vêm-se as preocupações das religiosas em relação à administração municipal. “Irmã superiora vê-se oprimida de tantas exigências por parte do prefeito”.⁴⁴² No dia 12 de maio identifiquei o sentimento de abandono, “as irmãs estão se vendo supérfluas em Araranguá e parece que a despedida vai ser igual à recepção”.⁴⁴³ Em 14 de maio: “tem bastante doentes na casa e poucas pessoas para trabalhar, porque as empregadas já estão

⁴⁴⁰ Termo (sic) de Verificação. 4 de maio de 1966. Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ).

⁴⁴¹ Livro Crônica, 1966, p. 33. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁴⁴² Idem, 1966, p. 34.

⁴⁴³ Idem, 1966, p. 33.

se retirando por causa de nossa saída”.⁴⁴⁴ No dia 17 de maio, as religiosas descrevem a ajuda do tesoureiro, porém desconfiam pensando ser falsa ajuda. O senhor Antoninho, tesoureiro da casa, tem vindo aqui ver a nossa situação e nos ajuda em nossos embaraços. “Parece ser a única pessoa a nos proteger. Deus queira que seja lealdade da parte dele. As Irmãs não confiam mais”.⁴⁴⁵ Ainda em 25 de maio vêm-se algumas famílias convidando as religiosas às suas casas para despedidas.

O tempo cada vez mais se aproxima para a nossa partida. Algumas pessoas nos convidam à despedida em suas casas. Temos atendido a essas pessoas, para não dar escândalo. Fazemos o que nos parece ser melhor. Ainda não temos muitas pessoas que vão nos substituir. Sabemos que surgem dificuldades para eles, a diretoria e o prefeito se mexem, mas em vão.⁴⁴⁶

Quanto à despedida das religiosas do hospital Bom Pastor, o pároco da matriz de Araranguá, Cônego Paulo Hobold, em 20 de maio de 1966, elaborou um documento parecido um cartaz convidando todos os paroquianos de Araranguá para uma missa no dia 5 de junho em “Homenagem de Gratidão” aos trabalhos prestados pelas religiosas no hospital. O referido documento foi entregue em todas as capelas e, por ordem do padre, deveria ser lido primeiro na missa e, após, ser anexado no mural das capelas.

DESPEDIDA DAS REVERENDAS IRMÃS DO HOSPITAL BOM PASTOR

A realizar-se no dia 5 de junho próximo, domingo, na Igreja Matriz.

Como é de conhecimento público, estão a retirar-se do Hospital Bom Pastor até 15 de junho próximo, por efeito de um despacho da Prefeitura Municipal, datado de 16/03/1966;

⁴⁴⁴ Idem, 1966, p. 34.

⁴⁴⁵ Idem, 1966, p. 36.

⁴⁴⁶ Idem, 1966, p. 33.

as beneméritas Irmãs da Congregação de Santa Catarina.

Por um período de aproximadamente 15 anos prestaram elas naquele estabelecimento, a bem da coletividade de todo o município do Araranguá, os seus serviços imbuídos de preparo e devotamento excepcionais.

É justíssimo, assim o mandam os sentimentos cristãos, que se lhes reconheça as benemerências e se lhes preste uma homenagem oficial de gratidão.

Ainda a mais, quando se leva em consideração, que como é de praxe em tais casos, não haverá outras Religiosas que venham substituí-las.

Dia 5, junho, às 10 horas, na Igreja Matriz de Araranguá.

Pe. Cônego Paulo Hobold.⁴⁴⁷

Importa lembrar que as religiosas não deixaram registrado no livro Crônica da Congregação se o pároco de Araranguá, Cônego Paulo Hobold, articulou com o prefeito da época, Osmar Nunes, a fim de averiguar as supostas calúnias que surgiram delas no hospital Bom Pastor. Também não encontrei no livro Tombo da Paróquia registros que apresentassem negociações do pároco local com o prefeito, para amenizar e/ou procurar saber se houve realmente desvios de dinheiro do hospital.

Verifiquei no livro Tombo da Paróquia de Araranguá que Cônego Paulo Hobold registrou em 5 de junho de 1966 a saída das religiosas do hospital Bom Pastor. Ele elaborou apreciações das ações de evangelização das religiosas durante os quinze anos de trabalho na área da saúde, social e espiritual em Araranguá e também discursos depreciativos pela falta de diplomacia que teve o prefeito Osmar Nunes para com as

⁴⁴⁷ Convite “Homenagem de Gratidão”, 20/5/1966. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá.

religiosas.

Por aproximadamente 15 anos, as Irmãs da Congregação de Santa Catarina com sede em São Paulo, que tinham aos seus cuidados os serviços hospitalares do Hospital Bom Pastor, de propriedade da Prefeitura Municipal, resolveram retirar-se definitivamente, e isso por várias razões. Concomitantemente aos serviços hospitalares como as próprias Irmãs sofriam as funestas injunções da política local, acontecendo não raras vezes anormalidades verdadeiramente nocivas. Outrossim, as Irmãs recebiam salários ínfimos, completamente destacado da qualidade e grau dos serviços que exerciam. Embora as melhores gestões neste sentido, quasi (sic) nulo e sem resultados. Parecia que o próprio hospital e em precárias instalações devido uma má construção, não oferecia mais futuro.

[...]

As religiosas sentiam vexames com ameaças de má fama pelo que tinham por bem retirar-se. O prefeito municipal Osmar Nunes, destituído de diplomacia requerida a esse cargo, por diversas vezes ofendeu gravemente as Irmãs, com palavras e medidas, o que foi sendo a ocasião próxima o que a direção da Congregação ordenasse a saída de 7 Irmãs que lá exerciam seus ofícios.

Por as mesmas terem exercido, no entanto com proficiência exemplar os seus cargos e outrossim servido muito a paróquia, fez-se aos dias 5 de junho no domingo, por ensejo de missa das 10 horas a homenagem de gratidão e despedida. Além do povo em geral, todas as associações religiosas e cívicas compareceram, tendo feito com vários oradores. Bastante grande foi o número de

presentes com que foram obsequiadas. Ao final da missa, cada pessoa (sic) fes (sic) questão de dar o seu aperto de mão, para a despedida.

Vigário- Cônego Paulo Hobold⁴⁴⁸

Os Sócios
de Igreja
gãos de
St. Cate-
rina dei-
xam o
Hospital
Bom Pastor

Os aproximadamente 15 anos, os Sócios de Igreja-
gãos de St. Catearina em São Paulo, a sua
Lição, sociedade Paulista e os que tinham as
seus pridades os serviços hospitalares do Hospital
Bom Pastor, de propriedade de propriedade mun-
cipal, pediam retirar-se definitivamente, e
isso por vários motivos. - Constatamos os servi-
ços hospitalares como os próprios Sócios sofriam
as funestas consequências de política local, acen-
do nos raras vezes anomalias verdadeiramente
noivas. Constatamos os Sócios recebiam os demen-
dos infimos, completamente destituídos de qual-
quer e grande dos serviços que exerciam. Embora os
melhores gestões neste sentido que os Sócios
sultados. - Accrescia que o próprio Hospital, devido
à sua má construção e devido as suas precárias mate-
riais, não oferecia um futuro mesmo modesto-
mente promissor. Os Sócios, de maneira, para
qualquer existência mais funcional, com excepção
do mesmo, a Igreja, comunicada no setor hospitalar.

Figura 38 – Digitalização do livro Tombo da paróquia de Araranguá (1966)⁴⁴⁹

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Quanto aos discursos depreciativos que Cônego Paulo Hobold elaborou de Osmar Nunes, este confessou que era conhecedor, porque o pároco colocou a culpa nele pela saída das religiosas, “por que eu não havia entregue o hospital às

⁴⁴⁸ Livro Tombo, Tomo II. 5/6/1966. Título: Saída das religiosas do Hospital Bom Pastor, p. 18.

⁴⁴⁹ Idem.

religiosas. Ele ficou muito revoltado porque as irmãs ajudavam muito nos trabalhos da paróquia”.⁴⁵⁰ Segundo ele,

um dos fatores do meu atrito com ele já se deu pela saída das religiosas do hospital Bom Pastor, que no pensamento dele eu poderia entregar às religiosas a escritura do patrimônio do hospital. Isso não era eu somente para resolver e decidir. Teria que ter a aprovação do legislativo. E o interessante é que Padre Paulo não me procurava para até pedir para eu entregar a escritura.

Na saída das religiosas de Araranguá eu fui muito criticado pelo padre Paulo e por demais ordens religiosas de Meleiro, Turvo e de forma geral por alguns católicos de Araranguá. Isso porque o padre Paulo, enquanto um formador de opinião religiosa, em seus sermões na missa, na sua homilia, me criticava dizendo que eu era o responsável pela saída das religiosas do hospital. Isso respaldava negativamente a minha posição de prefeito na época, pois o padre falando, como possuía poder espiritual, os fiéis acreditavam nele com mais facilidade. Eu não ia nas missas, mas alguém sempre me trazia as notícias de que o padre Paulo estava me bombardeando com os seus discursos. Lógico que ele não queria perder as religiosas porque elas atuavam na sociedade muito bem e no lado espiritual também.⁴⁵¹

Retomando a escrita da saída das religiosas na direção do hospital, consta registrado ainda no livro Crônica, em 10 de junho de 1966, que as religiosas, tanto que trabalharam no hospital em prol da saúde dos pacientes, não tiravam tempo para seus exames de rotina e acabaram adoecendo.

Irmã Flávia praticamente inutilizada para qualquer serviço e o pior é que irmã Lourdes

⁴⁵⁰ Osmar Nunes, 73 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 22/3/2011.

⁴⁵¹ Idem.

também está doente do pulmão, o que foi descoberto hoje. Havia suspeitas há mais tempo, mas os trabalhos não dão tempo de se pensar em si e assim se vai até cair.⁴⁵²

Em 11 de junho de 1966, há o registro de “que as religiosas estão com os últimos preparativos para as viagens de saída e arrumações do hospital”.⁴⁵³ No dia 12 do mesmo mês às 16 horas houve missa na capela do hospital Bom Pastor, encomendada pelas funcionárias em ação de graças pelos benefícios prestados pelas religiosas. “Vieram padres do Ginásio Nossa Senhora Mãe dos Homens darem-nos o último adeus”.⁴⁵⁴

Em 14 de junho, foi o último dia de permanência no hospital. Como consta no livro Crônica: “As irmãs estão atarefadas com as últimas arrumações. Às 18 horas, as irmãs foram para o Colégio Madre Regina, onde houve uma festinha de despedida. Dormimos no colégio”.⁴⁵⁵

No dia seguinte, às 5h as religiosas assistiram à missa e, em seguida tomaram café e às 6h15min saíram de Araranguá com as duas Kombis, do colégio e do hospital com destino a São Paulo. Segundo elas,

chovia torrencialmente; parecia que a atmosfera estava sentindo a nossa saída. Às 11 horas estávamos em Porto Alegre. Às 14 horas partimos rumo a São Paulo com o ônibus “Minuano”. No dia seguinte, às 13 horas, após uma viagem boa, as Irmãs chegaram ao Hospital Santa Catarina, em São Paulo.⁴⁵⁶

Para finalizar o histórico dos trabalhos das religiosas no hospital Bom Pastor em Araranguá,⁴⁵⁷ vale trazer ainda uma

⁴⁵² Livro Crônica, 1966, p. 33. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁴⁵³ Idem ibidem.

⁴⁵⁴ Idem, 1966, p. 34.

⁴⁵⁵ Idem ibidem.

⁴⁵⁶ Idem ibidem.

⁴⁵⁷ A comunidade religiosa da Congregação de Santa Catarina que estava atuando no hospital Bom Pastor era constituída por sete religiosas. A superiora era ir. Maria Edwiges Ribeiro e as outras seis que a auxiliavam eram: ir. Maria Flávia Assmann, ir. Maria Verônica Zott, ir. Maria de Lourdes Brommerschenkel, ir. Maria Camila Hoffmann e ir. Maria Suzana Laura Benincá. Dentre as religiosas, existiam dois

matéria do jornal **Correio de Araranguá** de 21 de dezembro de 1974. Após oito anos passados, o redator evoca a saída das religiosas do hospital, tecendo considerações apreciativas pelos trabalhos delas e problematizando o envolvimento da politicagem que acabou pressionando a saída delas do hospital. Conforme o redator do jornal,

há muitos anos (desde 1951), o hospital Bom Pastor foi um recanto florido, bonito, situado à beira rio, com belíssima paisagem para alegrar o convalescente.

Era dirigido por Irmãs de caridade, que empregavam todo seu habitual carinho e responsabilidade.

Mas a madrastra política de então, achou que as freiras eram irresponsáveis e que não empregavam o dinheiro em favor do nosocômio. Naquele tempo, o hospital se dava o luxo de emprestar dinheiro à prefeitura, sua proprietária. As Irmãs foram “despachadas”. Daí então...⁴⁵⁸

A partir daquele momento, o hospital Bom Pastor passou a ser dirigido por uma diretoria que possuía vínculos com a Prefeitura Municipal.

Atualmente, o hospital é denominado Unidade Central de Saúde Bom Pastor, mantido pela Prefeitura de Araranguá. Possui uma secretária de saúde e um quadro de funcionários: 12 enfermeiras, 5 médicos, 42 serviços gerais, 4 farmacêutica e 3 nutricionistas.

O hospital Bom Pastor recebe diariamente mais de 300 pessoas. No local, funcionam diversos programas da área de saúde de Araranguá, sendo uma referência para as 17 unidades distribuídas pelo município.

A saída das religiosas do hospital Bom Pastor não significa que a Congregação de Santa Catarina saiu definitivamente de

médicos que respondiam pelo atendimento clínico dos pacientes, o doutor Sabino e o doutor Mendoza.

⁴⁵⁸ Jornal **Correio de Araranguá**. Título: “Hospital Bom Pastor”. 21/12/1974. p. 3. Arquivo do Centro Histórico Cultural de Araranguá.

Araranguá, pois, como verei no capítulo 3, outras religiosas da mesma congregação permaneceram nesse município na direção do Colégio Madre Regina, que também recebia apoio financeiro da administração municipal e convênios junto ao Estado.

Neste item, busquei apresentar as práticas pedagógicas das religiosas da Congregação de Santa Catarina no hospital Bom Pastor junto aos funcionários e enfermos. Abordei, ainda, os motivos que levaram as religiosas a deixarem a direção do hospital Bom Pastor em Araranguá. Feito isso, no próximo subitem, discorrerei sobre as práticas pedagógicas protagonizadas pelas religiosas e pela equipe de católicos voluntários (leigos) junto às famílias araranguaenses, também em uma perspectiva de concorrência no mercado religioso.

2.3 Visita domiciliar, evangelização e Igreja Católica: inserção social das religiosas no campo religioso de Araranguá (1951/1982)

Dentre diversas práticas pedagógicas no âmbito não escolar elaboradas pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina⁴⁵⁹ e pela Igreja Católica, destaquei as visitas domiciliares entre as famílias de Araranguá. Tais práticas não estavam circunscritas apenas ao hospital Bom Pastor e ao Colégio Madre Regina, mas a uma rede social muito mais ampla que atingia os indivíduos em seu domicílio. Dito de outra forma, a Igreja Católica, no contexto de concorrência religiosa, ampliou o seu campo de ação para além do âmbito ético-religioso, com vistas a responder às necessidades tanto espirituais quanto materiais da população “carente”, o que conferiu visibilidade e legitimidade social à Igreja Católica.

Para as religiosas e o pároco local, a visita domiciliar visava a prestar ações na área socioassistencial, educativa e espiritual no âmbito do domicílio, principalmente para as “famílias pobres”.⁴⁶⁰ Os pobres a que reportei são as pessoas que não

⁴⁵⁹ As práticas pedagógicas foram realizadas pelas religiosas da comunidade do hospital Bom Pastor e do Colégio Madre Regina.

⁴⁶⁰ Os trabalhos das religiosas eram também extensivos às famílias de classe média na área espiritual e também conjugal.

tinham renda suficiente para ter acesso aos bens materiais mínimos indispensáveis à sua sobrevivência, como, por exemplo, alimentação, remédios, roupas, assim como acesso aos serviços sociais, a saber: habitação, saúde, educação, lazer, transporte, assistência social e à infraestrutura básica (esgoto sanitário, água potável, coleta de lixo), o que levava homens, mulheres, crianças, idosos e adolescentes a serem dependentes de programas assistenciais mantidos pelo poder público ou por organizações mantidas pela filantropia privada.

Por meio das visitas domiciliares as religiosas faziam o levantamento e a avaliação das condições socioeconômicas em que viviam o indivíduo e seus familiares, a fim de que elas pudessem elaborar assistência específica para cada caso. Sendo assim, nas visitas que as religiosas realizavam, levavam consigo um questionário que seria preenchido enquanto conversavam com as pessoas na família. Tal questionário havia sido elaborado por elas e possuía vinte itens. Dentre eles, os mais importantes para o controle das religiosas eram: 1) dados pessoais; 4) situação socioeconômica da família; 6) grau de instrução dos indivíduos; 7) quantidade de filhos; 8) os filhos frequentam catequese; 9) alguém possuía enfermidades; 10) a qual Religião pertenciam; 11) se praticavam a Religião; 12) se já haviam recebido visitas de seitas em sua casa; 13) se desejam receber visitas do vigário e das irmãs.⁴⁶¹

Nas visitas realizadas, as religiosas usavam a técnica de deixar primeiramente a mulher e o esposo falarem dos problemas familiares. Enquanto isso, elas observavam e faziam relatórios da situação familiar, uma espécie de diagnóstico, para depois fazerem as intervenções e instruções necessárias. Ou seja, as visitas nas residências seriam como uma forma de oferecer apoio no que a família carecia de ajuda, pois a maioria das vezes os responsáveis da família, como o pai e a mãe, não sabiam lidar com os problemas, porém as religiosas detectavam a origem desses e davam-lhes instruções para combatê-los.⁴⁶²

⁴⁶¹ Questionário de Visita Domiciliar, 1955. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente em Araranguá.

⁴⁶² Idem.

Diagrama 7- Visitas das religiosas nas residências em Araranguá



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)⁴⁶³

Verificando um dos relatórios de visitas datado em 12 de abril de 1955, notei quais os principais itens observados pelas religiosas durante as visitas que realizavam. Segundo elas,

identifica-se a família bem estruturada somente ao observarmos as conversas do casal, a limpeza do pátio e do interior das casas. Tem casas que não há condições de diálogo, porque a esposa altera a voz com o esposo e, alguns casos o marido fala junto com a esposa e filhos ao mesmo tempo. Sem falar ainda da sujeira de algumas residências que precisam tomar ações urgentes por ter crianças pequenas que convivem no ambiente sem higiene (sic). Vimos muitas moradias com muitos animaes (sic) nos

⁴⁶³ Elaborei o Diagrama 7 com base nos depoimentos e documentos escritos.

pátios e até dentro das casas, como cachorros, gatos, patos, galinhas e outros animais.⁴⁶⁴

Uma série de problemas foi identificada pelas religiosas nas visitas realizadas. Para elas, a maioria deles foram consequências da falta de instruções na área econômica, religiosa, social e política. Na Tabela 5, verifiquei alguns dos problemas encontrados durante as visitas domiciliares e quais as instruções das religiosas para amenizar e/ou eliminar tais problemas.

Tabela 5– Levantamento das visitas domiciliares (1953/1963)

PROBLEMAS ENCONTRADOS	ORIGEM DO PROBLEMA/ORDEM	ORIENTAÇÕES DAS RELIGIOSAS
Péssimas condições de habitações	Econômico	Buscar recursos junto ao poder público e fazer economias na família
Consumo de alimentos de baixo valor nutritivo em qualidade e quantidade	Econômico e falta de instrução sobre preparação da horta familiar	Orientações de como preparar uma horta familiar para consumir verduras e frutas
Desentendimentos entre os casais/Problema conjugal	Enfraquecimento espiritual/deixaram de frequentar a missa e a reza do terço em família	O casal deveria participar das missas, fazer a confissão, envolver-se das atividades da Igreja Católica, como as santas missões populares, rezar em casa, estudar o Catecismo
Alto índice de	Falta de instrução de	Principalmente

⁴⁶⁴ Relatório de Visita Domiciliar, 12/4/1955. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

mortalidade infantil	puericultura e ordem econômica	as mães eram orientadas com cursos de puericultura. Recebiam instruções necessárias sobre os cuidados necessários com as crianças recém-nascidas
Uso cotidiano de água poluída	Falta de instrução sobre saneamento e higiene/ordem econômica	A família recebia instruções domésticas para não consumir água poluída
Desemprego	Falta de instrução secular/econômica	Incentivo para estudar, valorizar o serviço quando está trabalhando e submeter a qualquer emprego para o sustento da família. Fazer cursos oferecidos pelas religiosas
Consumo de álcool	Enfraquecimento espiritual/social	A pessoa era instruída a envolver-se com trabalhos em casa, distanciar-se dos amigos que usam álcool, frequentar as missas, envolver-se com trabalhos voluntários na Igreja Católica, orações em casa
Filhos desobedientes	Família desestruturada/falta de instrução sobre	Os pais eram os responsáveis pela educação

	valores/ enfraquecimento espiritual	dos filhos. Deveriam ensinar os valores sociais e envolver os filhos com as atividades da Igreja Católica. Os pais deviam levar os filhos à missa, fazer a primeira comunhão. Os pais deveriam rezar em casa junto com os filhos
Desentendimentos entre vizinhos e familiares	Enfraquecimento espiritual	A família era instruída a frequentar as missas, terços, rezar em casa, saber viver em comunidade. Como as brigas eram entre as mulheres, elas eram orientadas a cuidar dos afazeres da casa, dos filhos e envolverem-se com atividades artesaniais, como fazer tricô, crochê
Dívidas econômicas nos comércios	Falta de instrução sobre administração econômica e organização familiar/ problema espiritual	Não gastar todo o salário que recebe ao mês e comprar somente o necessário. As mulheres deveriam controlar o desperdício dos alimentos e outros

<p>Separação entre os casais</p>	<p>Família desestruturada/falta de instrução sobre valores/enfraquecimento espiritual</p>	<p>Primeiro passo: ele ou ela deveriam frequentar as missas, confissão e rezar em casa. Segundo passo: procurar o diálogo para reconciliação</p>
<p>Falta de higiene pessoal, organização e limpeza das casas</p>	<p>Falta instrução de higiene e enfraquecimento espiritual</p>	<p>As religiosas instruíam a importância do banho, da limpeza da casa e cuidados com os filhos. Elas diziam que Deus valoriza a organização e a ordem no lar. No céu, é lugar de limpeza e, no inferno, é lugar de lixo e sujeiras</p>

Fonte: Elaborada por Lúcio Vânio Moraes com base no livro Crônica referente aos anos de 1952 até 1964 e também nos questionários de visita domiciliar dos anos de 1953 até 1963

Analisando a Tabela acima, identifiquei que a maioria dos problemas vinculados ao casamento, educação dos filhos, vícios na família e outros possuíam origem espiritual, e as orientações dadas pelas religiosas eram de que a família deveria consumir os bens de salvação da Igreja Católica para amenizar e/ou eliminar os problemas familiares e pessoais.

2.3.1 Instruir as mães para a saúde da família

Pelo fato de as religiosas terem formação técnica em enfermagem, compreendiam que a visita domiciliar possuía uma grande importância na área da saúde, visto que, por meio dela, avaliavam-se as condições ambientais e físicas em que vivia o indivíduo e sua família. Servia, também, para levantar dados sobre as condições de habitação e saneamento. De modo geral, as religiosas desenvolviam em conjunto com o hospital um trabalho de prevenção junto às famílias araranguenses.

Neste mês (abril) intensificamos nossas visitas nas residências instruindo as famílias no uso correto do consumo da água, na construção de fossas e cuidados sobre os êsgotos (sic). Muitas famílias não possuem cuidados necessários de higiene (sic) nas residências, colocando lixos ao redor de casa, atraindo baratas, aranhas e camundongos.⁴⁶⁵

A fim de amenizar e/ou eliminar o alto número de crianças doentes na faixa entre dois meses a cinco anos de idade, que inclusive vinham a óbito no hospital Bom Pastor, as religiosas das comunidades que atuavam no hospital e no Colégio Madre Regina passaram a ofertar às mães o curso de puericultura gratuitamente, pois

as péssimas condições de habitações e de higiene, o consumo diário de água poluída, a alimentação de baixo valor nutritivo, tudo isso contribuía para o agravamento de doenças próprias da infância.⁴⁶⁶

As religiosas consideravam importante as mulheres fazerem o curso de puericultura porque entendiam que elas poderiam prevenir, detectar e tratar alguns sintomas nas

⁴⁶⁵ Relatório domiciliar, 1955, p.19. Arquivo da Casa do Menor e do Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

⁴⁶⁶ Idem, 1952, p. 13.

crianças, antes mesmo que chegassem a causar prejuízos irreversíveis, tais como a anemia ferropriva, o raquitismo, as verminoses, as deficiências vitamínicas, os erros nutricionais e inúmeras outras doenças próprias da infância.⁴⁶⁷

Nesse sentido, com o curso de puericultura, a mãe era o principal sujeito a ser educado, pois uma vez possuidora de um alto grau de ignorância por desconhecer os cuidados necessários para com os filhos elas recebiam orientações sobre a economia doméstica, algumas regras de higiene, orientações sobre a importância da amamentação para a criança e uso de ervas medicinais.

Conforme o exposto, percebi nos depoimentos de dona Lourdes de Castro Venâncio, que as religiosas inclusive incentivavam a família a que tivesse um quintal para o plantio de ervas, verduras, legumes e frutas para o uso familiar.

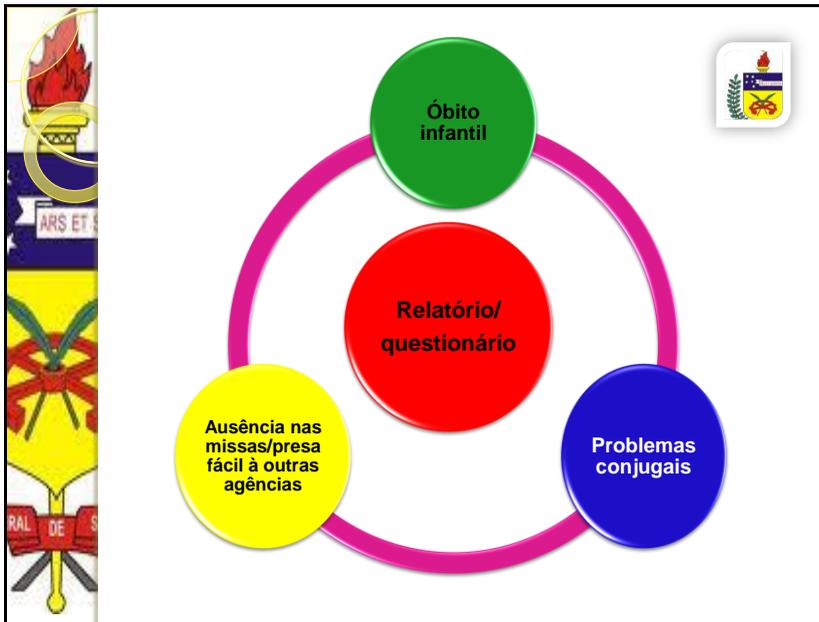
As visitas que as irmãs faziam em nossas casas era uma forma de nos ajudar em tudo, né. Elas ensinavam a mulherada toda a cuidar da saúde dos filhos. Elas ensinavam que tinha que ferver a água, lavar as mãos e as verduras. Elas até traziam mudas de verduras, como alface, cenoura, beterraba, cebolinha verde, salsinha para nós fazermos um quintal na casa. Elas davam também mudas de remédios verde, como, por exemplo, a hortelã, a cana cidreira, arruda, boldo, malva, poejo e outros. As irmãs diziam que a gente tinha que ter ferro na nossa comida, né, como o feijão. Então um dia a minha comadre Benta escutou isso das freiras e colocou um prego enferrujado na panela que estava cozinhando o feijão (risos). Aí a Benta veio assim, nesse mesmo dia, e disse assim para mim: “Comadre, eu coloquei ferro no feijão porque as irmãs disseram para mim que a fraqueza do Elizeu⁴⁶⁸ era falta de ferro nas comidas. Faz isso também!” Aí eu fiz também, né. Procurei

⁴⁶⁷ Idem, 1953, p. 18.

⁴⁶⁸ Elizeu Alves de Jesus era o filho de dona Benta que estava com seis anos de idade.

um prego bem enferrujado, lavei e coloquei na panela do feijão (risos). Comemos, né, e passou uns dias eu encontrei as freiras na nossa vila e eu ansiosa para contar para elas, né. Contei o que eu e a minha comadre fizemos. Nossa! Elas ficaram apavoradas dizendo que o ferro não está no prego enferrujado, mas estava no caldo e no grão do feijão! Depois disso as freiras vieram em nossas casas com umas tabelas e figuras ensinando as vitaminas de cada alimento. Até nisso a gente não sabia e elas nos ensinaram.⁴⁶⁹

Diagrama 8- Ações nos questionários das religiosas



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)⁴⁷⁰

⁴⁶⁹ Lourdes de Castro Venâncio, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2009.

⁴⁷⁰ Elaborei o Diagrama 8 com base nos depoimentos e documentos escritos.

De forma geral, são perceptíveis nos documentos que uma das preocupações centrais das religiosas eram as doenças de infância nas crianças, e as mães eram as pessoas para se fazer essa reversão, pois, embora as religiosas considerassem que os maiores problemas das doenças estavam vinculados à miséria econômica nas famílias,⁴⁷¹ as mães uma vez sendo instruídas com o conhecimento, teriam uma pequena base para prevenir e combater algumas enfermidades.

Sobre a questão da situação econômica das famílias e a presença de enfermidades nas crianças desse período, há no histórico de fundação do hospital Bom Pastor um acontecido que a ir. Maria Agatônia e a ir. Maria Hilária relatam sobre a visita que fizeram a um casal de nível sócio econômico baixo em situação de pobreza e que possuía três filhos. Segundo elas, um dos filhos com três anos de idade, a pedido do pai, fora encaminhado ao hospital, não andava e chorava muito, e os outros dois ficaram com a família. No hospital, a criança foi examinada pelas religiosas e estas concluíram que o que fazia a criança chorar era apenas a falta de alimentação.

“Ó Irmã, ó Irmã... tenho dois filhos para morrer, a senhora venha ver se dá um jeito”. Fomos. Entramos agachadas num rancho que era por demais ruim até para animais. Duas crianças engatinhando no chão, comendo terra e uma delas gritando sem cessar. No canto uma outra de uns quatro anos, moribunda no chão frio, em cima de uma esteira de junco e coberta com trapos de algodão. [...] Esta criança era só pele e osso. Queríamos levá-la conosco, mas o pai disse: “Não vale a pena, vai morrer. É melhor a senhora levar aquela”, apontando para outra que não parava de chorar, apesar dos carinhos da mãe. “Mas que pai!” Pensei comigo, só mesmo o extremo do desespero para salvar ao menos um filho podia decidi-lo

⁴⁷¹ “Havia miséria em muitas casas e a desnutrição provoca o elevado índice de mortalidade infantil. Havia falta de sangue para grande número de pessoas anêmicas.” Livro Crônica, 1962, p. 33. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

a falar assim. [...]

A mãe aprontou o garotinho. Fizemos parar uma caminhonete que passou; nos levou até o hospital. Que olhos grande tinha o guri! O rostinho lívido e minguado. A doença que tinha era só falta de alimentação. No hospital não tomou nenhum remédio; não andava, não falava, entretanto, já tinha três anos. Ficou seis semanas internado, refez-se completamente, começou a andar e a falar e podemos entregar o guri sadio à mãe.

Eis a história, assim é a miséria... O irmãozinho mais velho morreu na mesma noite que estivemos lá, e o menor, que parecia tão esperto e sadio, morreu um mês depois. Assim, dos três filhos que a família tinha só se salvou o pequeno Odair que esteve conosco no hospital.⁴⁷²

Em virtude de as religiosas desenvolverem diversas práticas pedagógicas na Igreja Católica, no hospital e nas visitas domiciliares, verifiquei, por meio da memória oral, o quanto o trabalho delas no âmbito social ocupou um lugar de destaque na vida das famílias araranguenses. Dessa forma, compreendi no depoimento de dona Vitória Regina Machado, o carinho que recebiam das religiosas nas visitas domiciliares e nos cursos que realizavam.

As freiras em Araranguá foram muito boas para o povo pobre. Elas davam um jeito de tratar bem, com roupas para o inverno, comida e ainda elas faziam orientações religiosas. Tem mulheres aí que consideram as freiras como santas, pois além de alimentar e dar saúde aos filhos, também ensinavam tudo sobre casamento, com conselhos. Quantos casamentos estavam se acabando e as freiras arrumaram. Um dos

⁴⁷² Histórico da fundação do Hospital Bom Pastor em Araranguá. Documento anexo ao livro Crônica 1959. Arquivo: Convento Madre Regina. Petrópolis (RJ). Esse trecho encontra-se também na íntegra no Jornaleco, em 10/6/1994, Araranguá, nº 2.

primeiros passos do casal era ir para a Igreja buscar ajuda.⁴⁷³

Conforme o fragmento, é oportuno mencionar, ainda, que as visitas das religiosas nas famílias consistiam também para os aconselhamentos familiares,⁴⁷⁴ estudos para casais⁴⁷⁵ que estavam com dificuldades no relacionamento conjugal. Algumas vezes, as religiosas aproveitavam para fazer as visitas quando o esposo estava trabalhando, no intuito de instruir as mulheres em como lidar com as dificuldades que estavam enfrentando no casamento. Havia também instruções sobre como serem boas donas de casa, ter cuidados necessários quanto à higiene corporal e limpeza da residência.⁴⁷⁶

Dona Luzia Ferminiano Custódio, moradora do bairro Barranca do município de Araranguá, narrou a importância dos aconselhamentos e instruções que as religiosas deram a ela quando estava com o seu casamento “chegando ao fim”. Segundo ela, “as freiras salvaram o meu casamento.”⁴⁷⁷

Entre tudo o que as freiras fizeram para nós aqui em Araranguá, a que marcou a minha vida, ficou na minha história, foi a salvação do meu casamento! Aquelas santas mulheres falavam sempre para a mulherada toda daqui que casamento é um presente de Deus, e o que Deus une o homem não pode separar.

Eu e o meu marido vivíamos quase sempre

⁴⁷³ Vitória Regina Machado, 82 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 12/3/2009.

⁴⁷⁴ Muitos casais, nesse período, não eram casados na Igreja Católica, e as religiosas procuravam regularizar o casamento, orientando-as por meio de passagens bíblicas que o casamento foi constituído por Deus. Por ser assim, o casal deveria estar legalmente na lei dos homens e de Deus.

⁴⁷⁵ No arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, em Araranguá, encontrei algumas apostilas datilografadas que foram produzidas pelas religiosas a fim de darem seus estudos, ora nas residências, cursos, palestras e outros. Os estudos encontrados foram os seguintes: “O casamento e o cristão católico”; “Maria: um exemplo de mãe”; “Filhos e o ensino de pais cristãos”; “A Família e a Igreja em ação.”

⁴⁷⁶ Livro Crônica, 1963, p. 35. Arquivo da Casa do Menor e do Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

⁴⁷⁷ Luzia Fermiano Custódio, 83 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 21/3/2009.

de brigas. Era trabalhador, trabalhava na estrada de ferro,⁴⁷⁸ mas ele bebia muito. O problema dele era a maldita da cachaça. Quando chegava em casa, fazia a arruaça, me chamava de tudo que era palavrão. Ele era muito ciumento dos outros homens da ferrovia também. Aí, me disseram que as irmãs eram boas conselheiras de casamentos. De primeiro eu não acreditei muito, mas, fui obrigada a buscar ajuda delas porque estava enfeando a coisa cada vez mais.

Um dia deu certo que fui até ao hospital, o do Bom Pastor, e me desabafei para uma delas lá; nem me lembro quem me atendeu. Ela me ouviu e pegou o lugar em que eu morava. Pensei comigo, né: “Se vão aparecer em minha casa? Nunca, né!”. Duvidei. Depois de uns dois a três dias, vieram uma irmã e uma jovezinha assim, mocinha novinha que estava estudando lá. Aí aquele dia eu me abri mesmo, né. Conteí tudo, pedacinho por pedacinho da minha vida com o meu velho. Depois que eu conteí tudo, elas passaram algumas regras para mim. Disseram para continuar a rezando por ele e também para eu mudar o tratamento com o meu marido quando ele chegasse. Olha! Eu teria que deixar de fazer tudo o que estava fazendo e dar atenção para ele. Pediu para eu fazer isso e depois deixaram umas orações e foram.

Eu comecei a fazer isso, então! Quando o Demétrio botava o pé na porta eu ia dar atenção para ele. No início nada mudou, mas depois com o passar dos dias eu vi pouquinho melhora.

As freiras vieram outra vez e me deram outras orientações e eu fui seguindo. Chegou num tempo que o Demétrio começou ir até

⁴⁷⁸ Estrada de Ferro Dona Tereza Cristina.

ao terço na capela a noite e nas missas. Só sei que o meu casamento mudou muito com os conselhos daquelas abençoadas freiras.⁴⁷⁹



Figuras 39 - Religiosas nas visitas em comunidades rurais (1965)

Fonte: Arquivo fotográfico do Centro Cultural de Araranguá (SC)

2.3.2 Cursos para as mulheres e predominância católica

Se por um lado, a diversidade religiosa ampliou e dinamizou o campo religioso, por outro, exigiu criatividade e iniciativas da Igreja Católica, dos pentecostais, espíritas, maçons, protestantes e outras agências, como a utilização de projetos pastorais para conquistar novos espaços e novos adeptos no mercado religioso. Assim, as novas práticas pedagógicas desenvolvidas pelas religiosas foram a realização de cursos de culinária para as mulheres casadas, corte e costura, puericultura para as mães, curso de balconista, curso de sapato, curso de pinturas e de jardinagem em parceria com o comércio, empresas e poder público local. Às vezes, os cursos eram ministrados, ainda, por voluntários, e as religiosas custeavam somente as despesas dos materiais para o curso.⁴⁸⁰

⁴⁷⁹ Luzia Fermiano Custódio, 83 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes, em 21/3/2009.

⁴⁸⁰ Livro Crônica, 1960, p. 23. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).



Figura 40- Mulheres no curso de corte e costura (1965)

Fonte: Arquivo fotográfico do Centro Cultural de Araranguá (SC)

Algumas mulheres, ao finalizarem o curso, recebiam o seu certificado emitido pelo Colégio Madre Regina e começavam a trabalhar em indústrias, nos comércios e até como autônomas, contribuindo, assim, na renda familiar (Figura 40).

Como as religiosas circulavam por vários espaços do município e possuíam contatos com o público, acabavam sendo informadas das vagas de empregos que poderiam ser preenchidas pelas mulheres que haviam feito o curso.

É perceptível nesse período que a Igreja Católica e as religiosas procuraram estar envolvidas em diversas áreas da sociedade, como uma forma de acumular reconhecimento entre as famílias. Como já dito, a Igreja Católica utilizou-se do seu capital simbólico para envolver-se com os problemas sociais, econômicos e religiosos das famílias, remetendo a ideia de uma igreja participativa e preocupada com as pessoas no âmbito religioso, político, social e cultural.

2.3.3 Envolvimento com problemas sociais e acúmulo de capital simbólico

Dentre as ações na área socioassistencial desenvolvida pelas religiosas junto às famílias economicamente “carente” em Araranguá, destacam-se as campanhas para a arrecadação de agasalhos, de colchões, alimentos, móveis, brinquedos e doces. Tais campanhas tinham parcerias dos comércios, das indústrias, poder público municipal e Igreja Católica.

Segundo o livro Crônica de 1964, as religiosas realizavam também o trabalho social em parceria com a Igreja Católica e com os padres Josefinos de Murialdo: “O sacerdote padre Nebrídio, diretor do Ginásio Masculino prontificou-se em arrecadar e desenvolver um intenso trabalho junto aos carentes”.⁴⁸¹

O “Serviço de Assistência aos pobres” era desenvolvido ainda com o apoio de estudantes do Colégio Madre Regina e das juvenistas. Em 5 de abril de 1964, duas religiosas acompanhadas de algumas normalistas fizeram as primeiras visitas às famílias pobres em Buraco Quente, lugar conhecido por Vila São José, próximo ao centro de Araranguá, e também ao bairro Barranca. Na primeira visita a uma família, encontraram um pai de família com uma enfermidade gravíssima, e as alunas na mesma noite procuraram médico para lhe dar assistência.⁴⁸²

As religiosas registraram, ainda, que a família inteira que foi assistida pelo serviço social receberam também orientações espirituais.

Visitamos uma família em grande miséria de sobrevivência, mas a maior miséria ainda é a espiritual, que já faz mais de dois anos que o pai de família não vai a missa e nem leva os cinco filhos! Oh pobres almas! Mas a Regina nos deu orientações, para as juvenistas que trouxeram uma orientação espiritual. Ele e seus filhinhos irão vir nas missas em nossa

⁴⁸¹ Relatório das doações. 1964, p. 28. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

⁴⁸² Idem, p. 29.

capela!⁴⁸³

Com o trabalho socioassistencial junto às famílias, muitas pessoas carentes procuravam o hospital, colégio e casa das religiosas para pedir alimentos ou outro tipo de ajuda. Com essa procura, as religiosas e as juvenistas passaram a controlar a distribuição dos alimentos e de roupas, pois muitas pessoas estavam pegando mais do que uma vez durante o mês. Para isso, as religiosas contaram com a organização das juvenistas para criar um fichário das pessoas que possuem mais necessidade econômica. Com esse controle, detectavam a situação econômica e espiritual da família. “Cada família tinha seu número marcado para receber os víveres”.⁴⁸⁴

Por meio do fichário, as religiosas perceberam que muitas famílias não frequentavam as missas e terços nas capelas. Como forma de incentivar que tais adeptos consumissem os produtos católico, as religiosas e juvenistas decidiram que uma vez ao mês haveria missa no Colégio Madre Regina em que ocorreria a entrega dos donativos às pessoas carentes. Esse evento ficou conhecido como “Comunhão Pascal dos Assistidos”, que foi considerado pelas religiosas empreendimento vantajoso por poder comercializar os bens de salvação.⁴⁸⁵

A participação de várias pessoas na campanha dos alimentos possibilitava que as religiosas fizessem a distribuição de duas cestas ao mês por família. A primeira entrega seria aos sábados no colégio, na missa. Para poder receber a cesta, as pessoas deveriam chegar a tempo para poder pegar o ticket e assistir toda a missa, pois “algumas famílias estão chegando ao final das missas só para receber os mantimentos, como forma de controle, só iremos entregar a cesta para quem chegar em tempo”.⁴⁸⁶

⁴⁸³ Idem *ibidem*.

⁴⁸⁴ Idem, p. 39.

⁴⁸⁵ Idem *ibidem*.

⁴⁸⁶ Idem, p. 40.



Figura 41- Comunhão Pascal dos Assistidos (1966)
Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá



Figura 42 - Comunhão Pascal dos Assistidos (1966)
Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá



Figura 43 - Comunhão Pascal dos Assistidos (1966)

Fonte: THIEL, Ir. Madre Maria Josefina⁴⁸⁷

Com o passar do tempo, as religiosas começaram a perceber que algumas famílias deixaram de ir pegar a cesta no colégio e ir somente no hospital, onde havia também um ponto de entrega. Com isso, as religiosas mudaram a forma de distribuição, exigindo que, para receber os alimentos no hospital, a pessoa deveria participar da missa na capela.

Tem famílias daqui que só querem alimento do corpo, físico, mas o da alma, não querem, deixam de vir na missa. Mudamos assim então a entrega dos donativos, deve participar da missa em nossa capela. Daqui a pouco as seitas invadem e roubam o nosso rebanho. Há quem já disse que as freiras querem forçar os adeptos a frequentar a Igreja Católica.⁴⁸⁸

A cronista ainda discorre, em maio de 1964, que o número de famílias assistidas pelo “Serviço Social de Assistência aos Pobres” aumentou para sessenta pessoas semanalmente. Além de fazer os serviços de visitas às famílias, os araranguenses ainda buscaram ajuda econômica e espiritual no Colégio e no hospital. “Nas visitas que as religiosas fazem às pessoas, elas

⁴⁸⁷ THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. 1996. *Op. cit.*, p. 232.

⁴⁸⁸ Relatório das doações. 1964, p. 41. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

sentem o calor do carisma reginiano na acolhida das irmãs e na doação de gêneros alimentícios.”⁴⁸⁹

Tais ações se intensificavam principalmente nas datas comemorativas, como Dia dos Pais, das Mães, das Crianças, Páscoa dos Pobres e Natal. Como consta no livro *Crônica*, no Natal de 1961 “as Irmãs iam aos lugares mais pobres e distribuíam donativos aos mais carentes”.⁴⁹⁰

Percebi também no livro *Crônica* de 1965 que as religiosas agregaram capital simbólico significativo, pois, ao pertencerem a uma instituição religiosa, possuem conhecimentos em diversas áreas na sociedade e, parafraseando Pierre Bourdieu, serem detentoras do “monopólio do sagrado”, somava-se a outros elementos, constituindo, assim, uma imagem positiva das religiosas.⁴⁹¹



Figura 44 - Doações de alimentos e roupas às famílias carentes (maio/1966)

Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá

Além disso, os trabalhos socioassistenciais juntamente com as famílias carentes, os aconselhamentos e outras ações pastorais possibilitaram que as religiosas tivessem credibilidade diante diversos grupos de pessoas na região. Assim,

as Irmãs eram estimadas pelo povo e particularmente pelos pobres que nelas

⁴⁸⁹ Idem, 1964, p. 32.

⁴⁹⁰ Livro *Crônica* de 1961, p. 22. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴⁹¹ BOURDIEU, Pierre. 1999, *Op. cit.*, p. 39.

confiavam. Recebiam presentes em verduras, frutas, cereais. Pela festa de Santa Catarina, receberam mais de 200 galinhas e um carneiro. Muito desses mantimentos é doado aos pobres.⁴⁹²

Ainda sobre o envolvimento das religiosas nas questões sociais, verifiquei também no livro Tombo da Paróquia de Araranguá que a Igreja Católica possuía um Serviço Paroquial de Assistência Social que distribuía gêneros alimentícios, não somente nas datas comemorativas, mas em todos os meses, aproximadamente trezentas famílias recebiam donativos. Segundo Cônego Paulo Hobold:

Serviço Paroquial de Assistência Social

Nos últimos meses, para melhor fornecimento dos gêneros alimentícios miúdos através de capitais brasileiras Dioceses, o Serviço Paroquial de Assistência Social, que na paróquia faz a distribuição destes gêneros, teve que obedecer a um método mais racional. Havia muita afluência exagerada de pobres por ocasião das distribuições, pobres vindos de todos os cantos mesmo fora do âmbito paroquial. E era difícil conhecê-los, embora se tivesse feito há dois anos passados um levantamento das famílias indigentes. Era difícil de controlar se os pedintes eram da mesma família ou de outra, ou mesmo de fora. De acordo com o delegado de polícia, faz-se um outro levantamento, até 300 famílias. Todas com provas de uma indigência deveriam extrair o atestado de pobreza, o qual eram numeradas para o controle. Aceitando só 300 famílias, embora houvesse outro tanto que se queria registrar. Estas tiveram que apresentar os seus atestados a S.P.A.S a cada qual as catalogava, e assim, cada família recebe, no

⁴⁹² Livro Crônica do ano de 1965, p. 46. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

início de cada mês [...]. Assim, normalizaram-se a situação, não há mais reclamações, nem brigas na hora dos recebimentos dos artigos.⁴⁹³



Figura 45 - Doações de alimentos e roupas às famílias carentes na “Páscoa dos Pobres” (1966)

Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá

As ações sociassistenciais protagonizadas pela Igreja Católica, pelas religiosas, juvenistas, padres Josefinos e leigos colocaram a Igreja Católica em uma situação de prestígio junto às famílias assistidas, o que contribuiu para a acúmulo de capital simbólico. Nesse caso, a campanha social viabilizou ainda aos profissionais da religião a divulgação dos bens simbólicos da Igreja Católica, contribuindo para o aumento de adeptos e reconhecimento no mercado.

2.3.4 Doutrina Cristã, evangelização e trânsito religioso

A visita domiciliar, para as religiosas, era também um método eficaz para o levantamento de informações sobre a espiritualidade que vivia cada pessoa na família. Ou seja, as religiosas conseguiam, por meio do questionário, detectar se o indivíduo estava ou não exercitando a fé na Igreja Católica, como

⁴⁹³ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Serviço Paroquial de Assistência Social, 1964.

também se estava necessitando de apoio e conforto espiritual. Segundo o livro Crônica, “as Irmãs visitavam os doentes em seus domicílios, quando eram solicitadas, ou quando eram informadas de casos de doenças, ou de situações de sofrimentos na vida das famílias para darem ajuda espiritual”.⁴⁹⁴

Como já dito, a visita domiciliar das religiosas no campo religioso era um meio para manter o monopólio da Igreja Católica no mercado. Assim, objetivando detectar primeiramente a vida espiritual dos araranguaenses, as religiosas elaboravam algumas perguntas por meio de um simples questionário, para saber, por exemplo, se frequentavam as missas, os terços, se participavam das missões populares, se rezavam o terço em família, se o filho frequentava a catequese e outros.

Sendo assim, conforme fosse o nível espiritual dos integrantes da família, elas envolviam as pessoas com questões religiosas a fim de que se sentissem fortes espiritualmente. Diante dessa situação, diversos estudos vinculados à área espiritual eram promovidos pelas religiosas durante três a quatro dias na semana.⁴⁹⁵

Compreendi, ainda, que as religiosas desejavam evitar que as famílias católicas consumissem os bens simbólicos de salvação de outras agências do sagrado. A rigor, nas visitas domiciliares, realizavam um trabalho de conversão ao catolicismo e impedindo o avanço de outras empresas do sagrado.

O trabalho das Irmãs está de acordo com a Igreja Matriz. O vigário local pede às religiosas que visitem os enfermos físicos e da alma. Estes últimos é o que mais encontramos nas residências, por não praticarem a verdadeira fé da Igreja. Muitos nem frequentam a Santa Missa, não participam de terços na comunidade, o que acabam serem presa fácil para outras religiões entrarem nos domicílios. Nosso questionário é elaborado por nós com o apoio do pároco com preocupação de conhecer a situação das famílias. Óh quanta pobreza nas famílias! Quantas famílias

⁴⁹⁴ Livro Crônica, 1960, p. 21. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁴⁹⁵ Idem, 1961, p. 22.

ignorantes na religião Católica! Reforçamos as visitas nas famílias, as vezes de sete dias e de duas vezes na semana aos domicílios. A pedido do vigário, precisamos impedir o avanço dos protestantes na cidade.⁴⁹⁶

Diversas dinamizações evangelísticas foram elaboradas na Igreja Católica cujo objetivo era instruir e envolver as famílias com saberes do catolicismo. Dentre as ações, foram selecionadas as campanhas de concentração de fiéis nas capelas, participação dos terços, palestras para crianças, jovens, adultos e casais, estudos bíblicos da Doutrina Cristã, cursos de Catecismo e outros.⁴⁹⁷

Desses empreendimentos, a Igreja Católica e as religiosas organizaram uma campanha de modo que atingisse todas as famílias da paróquia, cujo lema foi bastante sugestivo a fim de orientar os adeptos católicos não negarem suas convicções religiosas. Assim, o pároco buscou reforçar a soberania da Igreja Católica ao incentivar que cada família tivesse seu Catecismo da Doutrina Cristã. Como consta no livro Tombo do dia 25 de agosto de 1963,

Efetou-se uma campanha intensa para o Dia do Catecismo já nos domingos anteriores de 25 de agosto em que foi celebrada. O lema era: "Cada família com o seu catecismo em casa". No dia dois, durante a missa à porta central da Igreja matriz se apresentava 100 exemplares do Catecismo [...] ⁴⁹⁸ para a Arquidiocese de Porto Alegre de nome: Catecismo de Doutrina Cristã, [...] ⁴⁹⁹

Lá pelas 11 hs faltaram já exemplares. [...] ⁵⁰⁰ havia sido adquirido ao preço de 100 cruzeiros (sic) e preço de banana.

Talvez seja o melhor catecismo para as

⁴⁹⁶ Idem, 1960, p. 21.

⁴⁹⁷ Relatório de visitas, 1960. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá (SC).

⁴⁹⁸ Palavra ilegível no documento.

⁴⁹⁹ Palavra ilegível no documento.

⁵⁰⁰ Palavra ilegível no documento.

famílias por diversos fatores, a) excelente imprensa tipográfica, b) cuidados de distribuições de matéria, dando-se destaque tipográficas às mais importantes, c) [...] ⁵⁰¹

Ass. Cônego Paulo Hobold ⁵⁰²

Dia do Catecismo
25-8-63

Refletiu-se campanha intensa para o Dia do Catecismo feita em domingos anteriores ao de 25 de agosto em que foi celebrado. O lema era: cada família com o seu catecismo em casa. No dia foi ensaio dos mesmos, à porta central da Igreja (antes se apresentava por exemplares do catecismo aprovados pela Arquidiocese de Porto Alegre de nome: Catecismo do Instituto Lúcia, um único volume. Lá files 14 ks. faltaram 7 exemplares. Não havia sido adquirido ao preço de por praxeiro o preço de linaria.

Falou-se de o melhor catecismo para as famílias por diversos fatores a, excelente impressão tipográfica, b, cuidados distribuições de matéria dando-se destaque tipográfico às mais importantes e acompanhamento de um dossier único completo ao fim, de parando com os.

Ass. Cônego Paulo Hobold.

Figura 46 – Digitalização da página do livro Tombo da Paróquia de Araranguá. “Dia do Catecismo” (25/8/1963)
Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

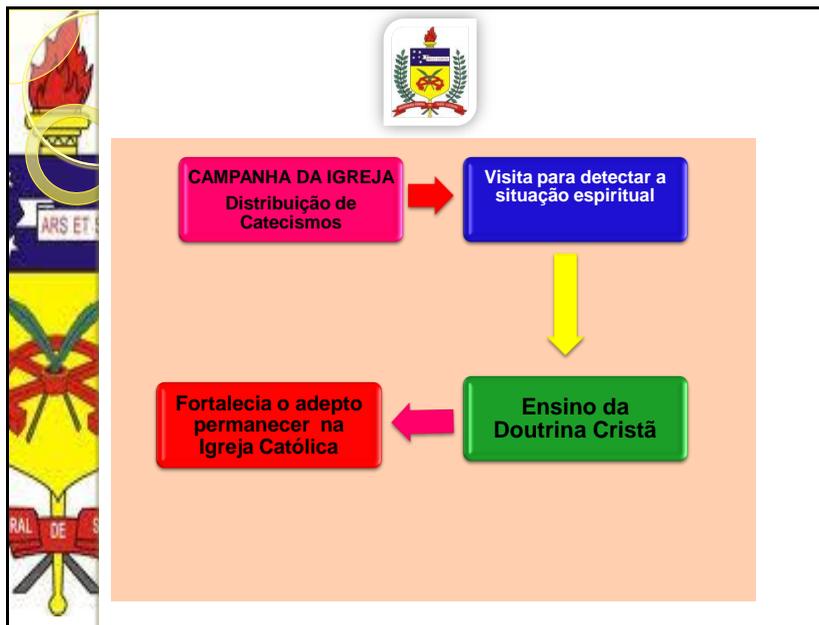
Notei que a campanha do Cônego Paulo Hobold no âmbito familiar induz a pensar em três preocupações centrais que instigaram o pároco e as religiosas: 1) por meio do Catecismo, reproduzir nos adeptos católicos o imaginário da Igreja Católica

⁵⁰¹ Palavra ilegível no documento.

⁵⁰² Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Tomo I. Título: Dia do Catecismo, 1963.

Mater e Magistra (carta publicada em 15 de maio de 1961), infalível e soberana; 2) incutir nos fiéis os saberes do catolicismo de forma homogêneo e 3) incentivar e/ou reforçar a fé dos fiéis para serem cristãos atuantes segundo as orientações das doutrinas da Igreja Católica objetivando não serem “presas” fácil de outras empresas de salvação.

Diagrama 9- Campanha de evangelização da Igreja Católica no campo religioso em Araranguá



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

Conforme o Diagrama 9, os documentos do período em estudo identificam de forma explícita a preocupação dos empresários do sagrado a respeito da concorrência religiosa, pois, antecipando-se a seus concorrentes, a Igreja Católica pretendeu neutralizar a eficácia do recrutamento das demais empresas do sagrado, desenvolvendo intensamente, entre as famílias, um programa de assistência social e também espiritual em todo o Araranguá. De modo geral, a Igreja Católica

demonstrou ser comprometida com a instrução religiosa e com as problemáticas sociais dos fiéis e, concomitantemente, buscou agregar capital simbólico, estabelecendo, assim, um campo de negociação de bens simbólicos para sair vencedora no mercado religioso.

É notável que a instrução religiosa para as famílias foi considerada um empreendimento vantajoso durante todo o período em que Cônego Paulo Hobold dirigiu a paróquia de Araranguá. Ele conseguiu criar, com o apoio das religiosas, um programa pedagógico que envolvesse os adeptos para a transmissão dos saberes do catolicismo de modo que atingisse todas as famílias católicas e não-católicas. Como já dito, eles constituíram uma rede de voluntários (leigos) para reproduzirem às pessoas os saberes do catolicismo romano. No fragmento abaixo percebi que padre Paulo expressou de forma nítida que a falta de conhecimento religioso torna-se como uma ameaça à Igreja Católica em virtude dos ensinamentos das outras empresas do sagrado.

Durante os meses de setembro e outubro organizei com o apoio das freiras uma campanha intensa de instrução do Catecismo para os Católicos formado por Homens e Mulheres, aprenderam e tiveram orientações válidas para ensinar outros Fiéis Católicos.

Muitas almas estão negando a fé por falta de conhecimento da Religião. Por isso o grupo instruído fará visitas diárias a todos os católicos da paróquia.

Como conhecimento, apresentei aos aprendizes o que o profeta Oséias disse: que o povo foi destruído por falta de conhecimento e por isso estarei reforçando essa campanha nas escolas, junto às famílias, na catequese, nas capelas da nossa Paróquia [...].⁵⁰³

É necessário trazer tais ensinamentos porque as seitas protestantes estão com os

⁵⁰³ Palavra ilegível no documento.

seus ensinamentos como um veneno para sufocar e matar o bom Cristão.

Ass. Cônego Paulo Hobold.⁵⁰⁴

Nesse fragmento o Cônego Paulo Hobold utilizou-se de textos bíblicos veterotestamentário para justificar as suas preocupações quanto aos ensinamentos aos seus paroquianos. O texto de apoio das Escrituras, o qual cita o profeta Oséias 4.6⁵⁰⁵ representa um discurso religioso com força simbólica que induz a pensar que, se os católicos não forem ensinados com a verdade da Igreja Católica, serão destruídos espiritualmente pelos falsos ensinamentos de outras empresas da religião. Nesse caso, Paulo Hobold faz uso do texto bíblico de modo a confirmar o que comenta Michel de Certeau ao dizer que o texto bíblico é um

texto sagrado, é uma voz, ensina (primeiro sentido de documentum), é a chegada de um 'querer dizer' do Deus que espera do leitor (de fato, o ouvinte) um 'querer ouvir' do qual depende o acesso à verdade.⁵⁰⁶

O estudo da doutrina católica possuía dois sentidos: 1) seria um dos fatores que contribuía para a permanência do fiel na Igreja Católica, impedindo ainda o trânsito religioso para outra agência no mercado; 2) possibilitava que fiéis de outras agências viessem a converter-se ao catolicismo, como foi, por exemplo, o caso do jovem Gustavo Becker.

Em 1959 o jornal **Tribuna do Sul** apresenta uma matéria em que o Cônego Paulo Hobold qualificou de o "bom católico" aquele fiel que estuda os ensinamentos da Igreja Católica, enquanto que o "mau católico" seria aquele filho da santa Igreja Católica que uma vez teve os princípios morais do catolicismo, mas que esfria na fé pela ausência do estudo católico. Percebi

⁵⁰⁴ Rascunhos do Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Instrução do Catecismo, 1963.

⁵⁰⁵ O texto diz: "O Meu povo foi destruído, porque lhe faltou o conhecimento; porque tu rejeitaste o conhecimento (...)." (ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: CPAD, 2012).

⁵⁰⁶ CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: artes de fazer. Trad.: Ephraim Ferreira Alves. 7. ed. Petrópolis, RJ: 2002, p. 228.

no documento como o pároco responsável apresenta a Igreja Católica como a única instituição a oferecer salvação para a humanidade, e que se considera legítima ao arrebanhar as “ovelhas”. Nesse pensamento, o que não faz parte ou não comunga com tal “rebanho” está fora do aprisco”, ou seja, no mau caminho. Estar nesse caminho é pertencer a uma outra igreja qualificada como “seita”, como a dos protestantes, que nesse caso não é nem reconhecida como uma igreja cristã. A rigor, concluí que o pároco entende a Igreja Católica como sendo a única legítima representante da religião cristã.

Enquanto filhos da Santa Igreja esfriam em sua fé, e não se dão ao trabalho dum estudo profundo da doutrina e da Igreja Católica, outros que não tiveram a dita de nascer e de serem educados pelos princípios morais do catolicismo, estudam a doutrina e ingressam no único e verdadeiro aprisco. Assim podemos aplicar aquele dito: Um mau católico acaba aderindo aos erros de seitas protestantes, ou de outras religiões, ao passo que o bom protestante acaba abraçando a religião católica. Assim sendo, foi motivo de alegria para o coração de Jesus e os fiéis desta paróquia ao ver que o jovem Gustavo Guilherme Becker, abjurou aos erros do protestantismo e, por sua livre e espontânea vontade converteu-se ao catolicismo.⁵⁰⁷

Esse texto no jornal publicado naquele período possibilitou grande contribuição para o catolicismo, pois era uma das formas de apresentar à comunidade em geral, especialmente para os leitores de outras agências religiosas, que, na situação de mercado, ao ofertar os bens de salvação para a clientela, a Igreja Católica estava saindo-se vencedora com o ato do trânsito de Becker, que abjurou ao protestantismo.⁵⁰⁸

⁵⁰⁷ Jornal **Tribuna do Sul**, ano 3, 26 de junho de 1959, p. 3, Araranguá. Título: Notícias Religiosas. Arquivo Centro Histórico Cultural de Araranguá (SC).

⁵⁰⁸ O ato de abjuração se reporta a uma das exigências da Igreja Católica que provinha da diocese de Tubarão, para que os fiéis católicos que transitassem para outras igrejas e, no caso, se arrependessem e quisessem fazer parte novamente do

Entretanto, é necessário frisar que as ações pastorais das religiosas e a mobilização do pároco desenvolvido junto às famílias, no âmbito não escolar em Araranguá, ultrapassam o sentido simples da palavra evangelização e concorrências no campo religioso. Como se vê, de mero consumidor dos bens de salvação do catolicismo, o leigo tornou-se um cidadão ativo e participativo na família, nas questões sociais, políticas e religiosa. Ou seja, com base na concepção do historiador Mauro Passos, que estudou as influências do catolicismo nos bairros Sol Nascente, Lindéia e na cidade de Ibirité, em Belo Horizonte,

evangelização não é apenas transmissão de um conteúdo doutrinário, mas um processo que conduz pessoas a transformarem as realidades históricas, atentas à justiça e às estruturas sociais, política, econômica e cultural.⁵⁰⁹

Conforme o exposto, busquei apresentar neste item que algumas famílias conseguiram superar alguns problemas e transformarem sua realidade apenas por meio das instruções de agentes do sagrado. Sendo assim, chama atenção sobremaneira que o dinamismo e as mobilizações do catolicismo não foram apenas projetos destinatários da peleja no campo religioso, mas também às questões ligadas a sobrevivência e promoção humana, à amizade, à confiança e ao amor entre as pessoas, pois “não é só de pão que vive o ser humano, mas também de amor e utopias”.⁵¹⁰

mesmo contexto de fé fizessem tal ato, que seria renunciar, retratar-se por escrito, e enviar à diocese e ao público nas missas, como forma de pedir perdão pela “traição” feita para com a “Santa Igreja”. (MORAES, Lúcio Vânio. 2010. *Op. cit.*, p. 98 e 99).

⁵⁰⁹ PASSOS, Mauro. Um catolicismo a caminho: cruzamentos e travessias do catolicismo em Belo Horizonte na década de 1970. In: PASSOS, Mauro (Org). **Diálogos cruzados: religião, história e construção social**. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010, p. 203.

⁵¹⁰ Idem ibidem.

2.4 Memória da construção da residência das religiosas da Congregação de Santa Catarina em Araranguá e a vocação ao juvenato (12/1959 - 11/3/1961)

Quando as primeiras religiosas da Congregação de Santa Catarina chegaram a Araranguá, residiram em uma parte do hospital Bom Pastor. Após a vinda das religiosas para trabalhar no Colégio Madre Regina, passaram a residir no mesmo prédio. Com o passar dos anos, esse espaço tornou-se pequeno demais, e as religiosas sentiram a necessidade da construção de uma residência. A rigor, o carisma reginiano era forte entre as religiosas na preparação de moças no juvenato. Por esse motivo a construção de uma casa seria urgente para preparar juvenistas para seguir a vocação religiosa e ampliar o corpo de empresárias da religião na Congregação de Santa Catarina.

Após algumas reuniões entre as religiosas e a superiora da congregação sobre a construção de um novo prédio, em maio de 1959 adquiriu-se um terreno e, em dezembro do mesmo, foi aprovada a planta e dado início à construção. A empresa Trichés, do município de Criciúma, fizeram a planta e trabalharam na construção.

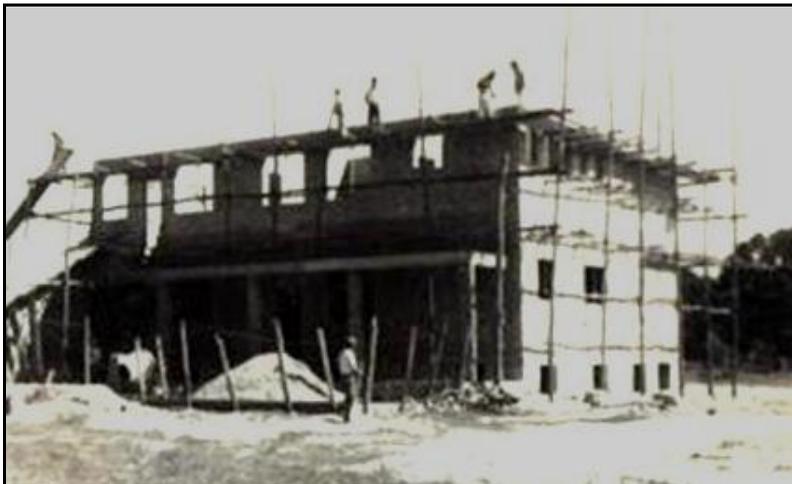


Figura 47 - Construção da casa das religiosas (1959)

Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá



Figura 48 - Casa das religiosas (1962)
Fonte: Centro Histórico Cultural de Araranguá

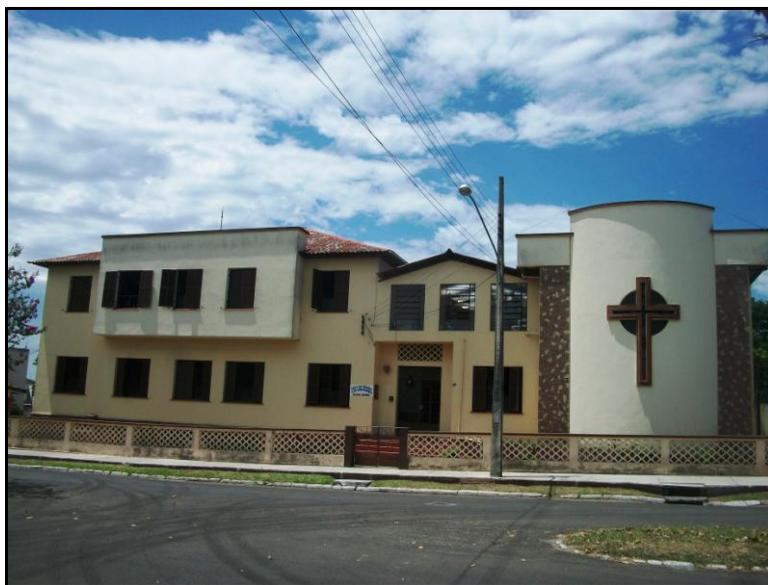


Figura 49 - Casa das religiosas (2011)
Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Na residência havia quartos, cozinha, sala e a capela para que as religiosas fizessem suas orações diárias e as missas em celebrações de formaturas. De acordo com o livro Crônica, ir. Maria Carista é quem idealizou a capela com “muito carinho”. Projetou para o fundo do altar um mosaico de pastilhas com os símbolos da eucaristia: peixes, uvas e trigo. As religiosas fizeram o desenho em papel e depois, auxiliadas por algumas juvenistas e estudantes do Colégio Madre Regina, foram colocando as pastilhas de cerâmica nos devidos lugares.⁵¹¹

O mais difícil foi cortar as pastilhas e nossas mãos chegaram a sangrar ao cortarmos as pastilhas com torqueses, pois a forma dos desenhos não se adaptavam às pastilhas quadradas. Felizmente, tivemos a satisfação de ver pronto nosso trabalho e alegramo-nos de termos contribuído um pouco para o santuário de Nosso Senhor.⁵¹²

A inauguração da nova residência ocorreu em 11 de março de 1961, com a presença do bispo do município de Tubarão (SC) Dom Anselmo Pietrulla (OFM), que benzeu a capela e toda a residência. Também se fizeram presentes, participando da solenidade, a madre geral ir. Maria Josefina Thiel e sua companheira de viagem, ir. Juliana Bensch, mestra de noviças da Província de Berlim.⁵¹³

Com a residência própria, as religiosas do Colégio Madre Regina constituíram nova comunidade com sete religiosas, como: ir. Maria Carista, superiora, ir. Maria Agnes Jansen, ir. Maria Leticia Alves Bragança, ir. Maria Libória Plentz, ir. Maria Verônica Zott, ir. Maria Lília Stöckl e ir. Maria Amata, conhecida por ir. Creusa Tereza Spalenza.

⁵¹¹ Livro Crônica de 1961, p. 66. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁵¹² Idem ibidem.

⁵¹³ Livro Crônica de 1961, p. 65. “A primeira Missa na Capela foi celebrada no dia 18 de março de 1961 e, desde então, as religiosas gozaram da presença confortadora de Jesus Eucarístico”.



Figura 50 – Interior da capela da Casa da Criança do Menor e do Adolescente Madre Regina em Araranguá (2010)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Quando em 1961 foi inaugurada a residência das religiosas, imediatamente foi aberto um pequeno juvenato, porém com muita dificuldade de as moças permanecerem para a vocação. Na Crônica de 1957, as religiosas reclamam da falta de moças que se colocam à disposição de Madre Regina. “É doloroso vermos a grande falta de vocações para a nossa congregação, e queríamos, de nosso lado, fazer alguma coisa positiva nesse sentido”.⁵¹⁴

Com muito esforço das religiosas, foi possível iniciar o juvenato com 11 juvenistas. Juntamente com esse grupos de moças, criou-se o “Grêmio Vocacional”, sob a coordenação de ir. Maria Lília Stockl. As reuniões contavam com a participação de mais de vinte alunas externas.⁵¹⁵

Em 1963 a ir. Maria Vitória Armeloni assumiu a

⁵¹⁴ Livro Crônica de 1961, p. 67. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁵¹⁵ Idem.

coordenação do juvenato, o que deu um pequeno impulso para despertar novas vocações. As moças que ficaram em experiências no juvenato achavam muito difícil, tinham de seguir muitas regras, tudo tinha de ser do jeito que as religiosas queriam. Para uma moça que vivia em sua casa com liberdade, com os pais, que não tinha o tempo cronometrado, seguir a vocação era viver presa para as religiosas. Sem falar ainda que a juvenista não poderia tirar notas baixas na escola e tinha de trabalhar muito com as religiosas.⁵¹⁶

Pela Crônica de 1963, notei o cotidiano religioso das juvenistas que estavam em experiências para a vocação religiosa. Na descrição, a cronista questiona quais os motivos de as moças não conseguirem permanecer no juvenato.

As juvenistas tomam parte da santa Missa diária, e geralmente todas comungam; participam ainda da visita ao Santíssimo que fazem a tarde da ladainha após as matinas. Fazem a mesa uma pequena leitura espiritual, e tem aos domingos uma leitura especial, dada pela irmã Maria Lília. De quinze em quinze dias convidamos também as alunas externas que se afiliaram ao Grêmio Vocacional Madre Regina. Notamos grande entusiasmo entre as alunas menores, de 12 a 15 anos, e depois, infelizmente, muitas delas abandonam o Grêmio. Será que não lhe apresentamos bastante atrativos? Ou talvez a pregação do mundo é mais atraente?⁵¹⁷

Houve muitos comentários entre as moças acerca do juvenato, o que impedia algumas delas de entrarem na vida religiosa. A imagem que as outras moças reproduziam sobre o juvenato era a de que “tinha que trabalhar muito e era muita exigência para seguir”.

Assim que foi aberto o juvenato, muitas moças entraram por curiosidade e até para ganhar bolsas de estudo no Colégio Madre Regina, porém, com o passar do tempo, elas conheciam a

⁵¹⁶ Isaura Fernandes, 63 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2010.

⁵¹⁷ Livro Crônica de 1963, p. 69. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

vida religiosa e a abandonavam. “Tem que ter mesmo o dom de ser freira”, narra dona Isaura. “Não era fácil. Eu até tentei, por causa da mãe, que queria que eu fosse freira, mas não deu. Tive que sair”.⁵¹⁸

Na Crônica de 1963, há descrição do cotidiano das juvenistas no Grêmio Vocacional. Ao relacionar a escrita da cronista com os depoimentos das moças que frequentaram o juvenato, verifiquei a disparidade de pensamentos. Ou seja, “as juvenistas não poderiam perder seu tempo com brincadeiras, jogos, risadinhas. Era estudar, trabalhar, limpar casa, quintal, rezar, participar das missas e visitar doentes nas residências”.⁵¹⁹ Já para a cronista:

As juvenistas ajudam na limpeza da casa e do jardim, e trabalham geralmente, duas horas por dia. O resto do tempo é dedicado ao estudo. Tem seus recreios em comum, jogam, brincam e se divertem bem. Custa-lhes guardar silêncio nas horas de estudo e de trabalho, mas procuramos acostumá-las a isto aos poucos.⁵²⁰

As juvenistas tiveram participação importante no processo de comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica. Elas atuavam no hospital Bom Pastor, no Colégio Madre Regina, nas visitas domiciliares, na campanha dos alimentos, na organização da liturgia, nas missas que aconteciam na capela. “Mesmo que aprendizes, deixaram sua contribuição praticando o bem para os que pedissem ajuda”.⁵²¹

⁵¹⁸ Isaura Fernandes, 63 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2010.

⁵¹⁹ Idem.

⁵²⁰ Livro Crônica de 1963, p. 69. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁵²¹ Isaura Fernandes, 63 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2010.



Figura 51– Juvenistas do Colégio Madre Regina (1963)
Fonte: Ir. Maria Cecília Alice Petry⁵²²

⁵²² PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2007. *Op. cit.*, p. 63.

CAPÍTULO 3

PRÁTICAS PEDAGÓGICAS NO CAMPO DA EDUCAÇÃO EM ARARANGUÁ (SC) (16/12/1955 a 31/12/1981)

Num lugar onde há uma escola católica, os pais são obrigados a mandar os filhos a esta escola, e não a outra, onde nem se possa pronunciar o nome de Deus. É um crime contra Deus, quando um govêrno (sic) só ajuda às escolas sem religião. O govêrno não tem direito de expulsar Deus das escolas. Isto é fazer como se não houvesse Deus. O maior crime que os governos do nosso tempo cometem é o crime contra as crianças. Escondem às crianças que há um Deus e como devemos conhecê-lo, amá-lo e obedecer-lhe. Enganam as crianças, contando-lhes muitas coisas, mas calando o principal: Deus. Vão criando um povo sem Deus, e esta geração ímpia castigará os próprios governos, que a ensinaram. A maior parte dos criminosos saiu da escola sem Deus. O povo ensinado nestas escolas fará revoluções e guerras civis.

Quando o govêrno expulsa Deus das escolas, o povo católico deve sustentar escolas católicas, em que o govêrno de Deus seja respeitado. A essas escolas os pais devem mandar seus filhos.⁵²³

É brilhante a página da história de Araranguá, em que, ao fulgor da Nova e Brilhante Estrela, as filhas de Madre Regina, atenta ao Mandato do Divino Mestre, empenham o seu tempo e as suas forças na catequese paroquial e nas escolas da Cidade. “Põe a semente na terra, não será

⁵²³ SLATER, Pe. Dr. Jacob Hudleston. **Explicação do Pequeno Catecismo**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1959, p. 33.

em vão. Não te preocupe a colheita, plantas para o irmão.”⁵²⁴

Entre os meios elegidos pelos porta-vozes autorizados da Igreja Católica e da Congregação de Santa Catarina para o inculcamento da identidade católica, estão também as escolas públicas e particulares. Nesses locais, verifiquei que as religiosas promoveram uma cultura material escolar centrada na doutrina e na moral católica. Ou seja, a escola enquanto uma instituição que se representava nesse período como a responsável por transmitir a ciência, tornou-se também local para a produção da moral cristã, dos bons costumes, da disciplina e principalmente um canal vantajoso de “evangelização para o catolicismo”. Pierre Bourdieu afirma que os sujeitos programados, “quer dizer, dotados de um programa homogêneo de percepção, de pensamento e de ação, constituem o produto mais específico de um sistema de ensino”.⁵²⁵

Destarte, esse sistema de ensino voltado para o inculcamento do catolicismo, por meio das escolas, contribuía para a constituição de sujeitos católicos disciplinados e voltados ao exercício da fé católica, como também transmitia o poder simbólico da Igreja Católica, pois, ainda com Pierre Bourdieu, dentre as soluções historicamente conhecidas quanto ao “problema de transmissão do poder e dos privilégios, sem dúvida a mais dissimulada e por isto mesmo a mais adequada [...] é aquela veiculada pelo sistema de ensino”.⁵²⁶

Particularmente, os profissionais da religião (pároco e religiosas) desejavam, por meio dos ensinamentos do catolicismo romano, que os professores e os estudantes reproduzissem e divulgassem o poder simbólico da Igreja Católica. Além disso, pretendiam ainda constituir verdades, ideias e comportamentos com o intuito de que as pessoas compreendessem o mundo de forma homogênea. Nas reflexões de Pierre Bourdieu, é possível perceber que os desejos que esses empresários da religião possuíam é entendido como *habitus* cultivado à força formadora de *habitus* da qual a escola é portadora. Ou seja, essa força

⁵²⁴ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. 2003. *Op.cit.*, p. 17.

⁵²⁵ BOURDIEU, Pierre. 1999. *Op. cit.*, p. 205-206.

⁵²⁶ Idem, p. 296.

propicia aos que se encontram direta ou indiretamente submetidos à sua influência, não tanto esquemas de pensamento particulares e particularizados, mas uma disposição geral geradora de esquemas particulares capazes de serem aplicados em campos diferentes do pensamento e da ação.⁵²⁷

Percebi, ainda, que os profissionais da religião também tentaram imprimir no corpo docente e discente as identidades da Igreja Católica, utilizando-se das diversas estratégias para asseverar a legitimidade da instituição a que pertenciam. É possível inferir que esse investimento dos empresários da religião só teria sentido se fosse assumido pelos profissionais da educação e estudantes. Diante disso, Lucian Boia afirma que

insere-se, nesse aspecto, outro elemento do imaginário em sua transformação histórica, a unidade, que procura submeter o mundo a um princípio unificador. O homem aspira viver em um universo homogêneo e inteligível. As religiões, o pensamento mágico, as filosofias, as ciências, as interpretações da história, as ideologias, se empenham, cada uma de sua maneira, em conferir um máximo de coerência à diversidade dos fenômenos. [...] A unidade se manifesta em todos os níveis, tanto no sentido cósmico (leis que regem o Universo, integração do homem na Criação, correspondência entre o microcosmos e o macrocosmos), quanto na escala das comunidades humanas das quais toda uma série de mitos e ritos devem assegurar a coerência.⁵²⁸

Ao investigar as práticas pedagógicas no âmbito escolar que foram protagonizadas pelas religiosas em Araranguá, faz-se necessário, primeiramente, abordar o processo histórico de

⁵²⁷ Idem, p. 211.

⁵²⁸ BOIA, Lucian. *Op. cit.*, p. 34.

solicitação das religiosas para atuarem no campo da educação nesse município.

3.1 História da fundação da Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens, Escola Técnica de Comércio Madre Regina e Colégio Madre Regina no município de Araranguá (1955/1959)

Para elaborar um pequeno histórico de criação da Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens (1955), do Curso Técnico em Comércio Madre Regina (1957) e do Colégio Madre Regina (1959), faz-se necessário compreender como se deu o processo de solicitação das religiosas para atuarem no campo educacional em Araranguá.

O primeiro nome que levou o Colégio Normal Madre Regina foi Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens, nome indicado pelo pároco da época, Santos Sprícigo, em homenagem à padroeira do município de Araranguá. No entanto, praticamente nesse mesmo período existia desde 1951 um outro colégio com o mesmo nome, porém dirigido pela Congregação dos padres Josefinos de Murialdo, que atendia somente rapazes. Após quatro anos, em razão das trocas de correspondências entre as escolas por ter os mesmos nomes, as religiosas quiseram trocar o nome da escola. No dia 11 de junho de 1959, pelo Decreto nº 859, assinado pelo governador do Estado Heriberto Hülse, modificou-se o nome do educandário, passando a se chamar Colégio Normal Madre Regina, em homenagem à fundadora da Congregação de Santa Catarina.

Os documentos consultados indicam que em dezembro de 1955 religiosas da Congregação de Santa Catarina foram solicitadas pelo pároco padre Santos Sprícigo⁵²⁹ e pelo prefeito municipal Afonso Ghizzo para assumirem uma escola pública de

⁵²⁹ Pe. Santos Sprícigo foi designado pelo Arcebispo Dom Joaquim Domingues de Oliveira pároco da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens em janeiro de 1952. Conforme o Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá. Tomo 1, livro 1, p. 137. Padre Santos Sprícigo nasceu em 17/2/1920. Sua ordenação foi em 21/12/1947 em Orleans (SC). Faleceu em 9/8/1992. Fora pároco de Araranguá de 1952 a 1956. Maiores informações consultar o site: <http://www.fotosefatosdeorleans.com.br>

Ensino Normal, atendendo a estudantes do sexo feminino.

O motivo de a escola atender apenas a estudantes do sexo feminino é pelo fato de que desde março de 1951, como já dito, foi criado o Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens, que atendia estudantes apenas do sexo masculino, administrado pelos padres Josefinos de Murialdo.

É notável nos documentos analisados no capítulo 2 dessa tese, que o frei Tiago M. Coccolini e o prefeito Afonso Ghizzo, já possuíam também, desde 1950, o desejo em fundar no município de Araranguá uma Escola Normal.⁵³⁰ Contudo, conseguiram trazer religiosas para atuarem somente no hospital Bom Pastor e, após quatro anos, é que outras religiosas da mesma congregação passaram a trabalhar no campo da educação.

A vinda das religiosas para atuarem no âmbito escolar em Araranguá foi confirmada com o pároco Santos Sprícigo (sucessor do frei Tiago) e com o prefeito municipal Walter Belinzone em 1955, quando houve a visita de Madre ir. Maria Josefina Thiel, vice-geral da Congregação de Santa Catarina na comunidade das religiosas do hospital Bom Pastor. Segundo o livro Crônica de 1955,

irmã M. Carista Gawronski, então Diretora do Colégio Santa Catarina, em Juiz de Fora, foi designada pelas Superiores para assumir a nova missão. Inteligente, corajosa, criativa, idealista, foi com amor e generosidade que Irmã M. Carista empenhou seus talentos à causa da educação neste novo campo.⁵³¹

⁵³⁰ Relatório produzido por ir. Maria Carista. Título: "Meio ano em Araranguá". Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ). Menciona, ainda, a carta que frei Tiago e o prefeito Afonso Ghizzo enviaram à Madre Provincial das religiosas de Santa Catarina em 16/3/1950 solicitando a instalação da congregação em Araranguá. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens de Araranguá (SC).

⁵³¹ Livro Crônica, 1955, p. 21. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).



Figura 52 - Padre Santos Sprícigo (1952)

Fonte: Arcevo Museu da Imigração de Orleans (SC)

Ainda conforme o livro *Crônica*, aos 16 de dezembro de 1955, a coordenadora provincial ir. Maria Pacífica Scherbauer acompanhou a primeira diretora do Colégio Madre Regina, ir. Maria Carista, na viagem para Araranguá. Foi-lhe dada a liberdade de escolher uma religiosa que com ela assumisse a nova missão no colégio em Araranguá. Ir. Maria Carista Gawronski acabou escolhendo a ir. Maria Lília Sötckl, que chegou a Araranguá em fevereiro de 1956. “Na falta de uma casa para morarem e instalarem a escola, as duas irmãs passaram a

residir no hospital Bom Pastor e integraram na comunidade da Congregação de Santa Catarina”.⁵³²

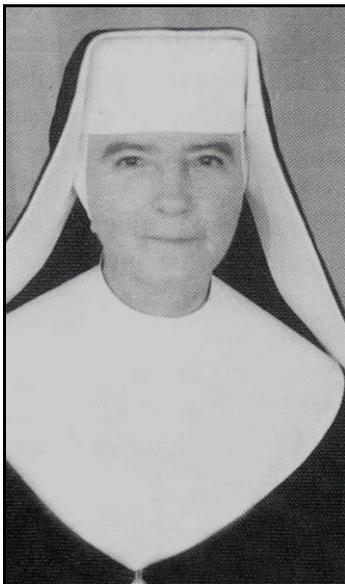


Figura 53 - Ir. Maria Carista Gawronski
Fonte: Ir. Maria Cecília Alice Petry⁵³³

Em uma declaração feita pelo prefeito municipal de Araranguá, Lino Jovelino Costa, em 24 de junho de 1957 sobre a designação de ir. Carista como diretora:

Declaro para os devidos fins, que foi designada a normalista MARIE LUZIE GAWRONSKI (Irmã Carista) da Congregação de Santa Catarina, para dirigir o Curso Ginásial “Madre Regina” desta cidade. Declaro ainda que a referida normalista está registrada como diretora do curso secundário

⁵³² Livro Crônica, 1955, p. 20. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁵³³ PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. **A Nova e brilhante estrela**. História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 2º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2004, p. 161.

no Ministério de Educação e Cultura, sob o n. 340.⁵³⁴

Sobre o processo de instalação da Escola Normal em Araranguá, um relatório elaborado por ir. Maria Carista Gawronski consta que a fundação da Escola Normal foi aprovada em 14 de janeiro de 1956 por Dr. Jorge Lacerda, governador do Estado de Santa Catarina,⁵³⁵ que outorgou à Prefeitura Municipal de Araranguá o mandato de ministrar o ensino normal de segundo ciclo.⁵³⁶ Contudo, conforme a cronista ir. Maria Lília Sötckl, não havia o necessário para o funcionamento das aulas, como prédio e mobília,

(...) não havia nada: nem prédios, nem alunas, nem professores, nem material didático, nem carteiras... Entretanto, havia uma grande confiança em Deus, e com esta foi possível tentar os primeiro passos. A Irmã M. Agatônia, superiora do Hospital Bom Pastor, cedeu, bondosamente, a sala de estar das Irmãs na clausura, e aí se instalou a primeira classe provisória”.⁵³⁷

Assim, após as religiosas organizarem todo o processo para o funcionamento da Escola Normal, em 1956 foram abertas as inscrições para os exames de admissão ao Curso Normal, para o qual apresentaram-se 35 estudantes inscritas, mas apenas 22 realizaram os exames, das quais duas foram reprovadas.

Sobre o processo de admissão do Curso Normal no

⁵³⁴ Prefeitura Municipal de Araranguá, em 24/6/1957. Lino Jovelino Costa - Prefeito Municipal em exercício. Arquivo da secretaria da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá.

⁵³⁵ No relatório intitulado “Meio Ano em Araranguá” escrito por ir. Maria Carista Gawronski lê-se que, em “25 de maio deste primeiro ano de seu funcionamento, professoras e alunas foram surpreendidas com a visita do Governador do estado Dr. Jorge Lacerda. Para alegria de todas, consignou o seguinte termo de visita: ‘Deixo aqui manifestada minha mais viva impressão relativamente à Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens. Na modéstia das instalações, pulsa um alto ideal a serviço da causa do ensino em Santa Catarina. – Jorge Lacerda, Governador.’ O Secretário do Interior e da Justiça também assinou o termo”. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁵³⁶ Relatório de ir. Maria Carista Gawronski . Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

⁵³⁷ Livro Crônica, 1956, p. 24. Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).

Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens e dos seus primeiros anos de aula, dona Maria Terezinha Nunes de Souza, lembra com detalhes como foi o início desse curso em Araranguá.

Para poder entrar no Curso Normal no Colégio Madre Regina tive que fazer um vestibular, para as professoras que eram religiosas, saberem como estava o nível de aprendizagem dos estudantes. E era um curso novo na cidade.

Tinha um homem que fez o Curso Normal conosco no Madre Regina. Passei nesse vestibular e começamos a estudar no ano de 1956. Eu fiz parte da primeira turma de normalista no Madre Regina e tinha 27 anos de idade.

A escola que nós estudamos em 1956 era próximo ao hospital Bom Pastor, em uma casa velha que antigamente foi hospital Bom Pastor. Nessa casa era o local que as irmãs ficavam e depois até foi destruída. Elas saíram dessa casa e foram para a clausura delas na parte de cima do hospital novo que existia naquele período. Depois é que fizeram uma escola de madeira com repartições das salas de aulas e em seguida construíram a residência e capela das religiosas. Como a irmã Maria Carista era engenheira, foi ela quem projetou a nova escola de madeira e a casa delas. Até o colégio Estadual quem projetou a planta foi a irmã Carista. Ela tinha pensamento que ela iria ser diretora do colégio, mas a política impediu isso. Ela contava em dirigir a escola.⁵³⁸

As candidatas que passaram no exame de admissão começaram a estudar já em início de abril de 1956 em uma pequena sala, anexo ao hospital Bom Pastor. Tiveram como

⁵³⁸ Dona Maria Tereza Nunes de Souza, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.

professoras ir. Maria Lília Sötckl e ir. Maria Carista Gawronski, ambas funcionárias do Estado de Santa Catarina, visto que a escola era pública.

Retomando a problemática do espaço físico no processo de estruturação do Colégio Normal, com o passar do tempo as religiosas e os estudantes foram buscar, junto à administração municipal de Araranguá, outro local mais apropriado para servir como escola. Para surpresa deles, o prefeito municipal Afonso Ghizzo afirmou ser impossível naquele momento a construção de um prédio, sugerindo que as religiosas encontrassem no município outro local provisório, até que viessem recursos para a construção de um novo prédio. De acordo com a Crônica de 1956, após muitas buscas pelo município, ir. Maria Carista Gawronski optou pelo Hospital Velho, um prédio pertencente à Prefeitura Municipal que se situava à Rua Cel. Apolinário, nº. 294, ao lado do hospital Bom Pastor. Esse prédio, como já estudado no capítulo 2, foi construído em 1927, seu estado de conservação era de abandono.

Já visitara mais vezes, mas seu estado era tal, que não concebia instalar ali uma escola. Porém, à medida que examinava suas dependências, cada vez me parecia menos feio e – enfim achei-o capaz de ser adaptado para nele funcionarem as aulas do curso normal. Talvez também tenha eu ficado mais modesta e diminuído as minhas exigências....⁵³⁹

Conforme a Crônica de 1956, a reforma do Hospital Velho somente foi possível porque a Congregação de Santa Catarina emprestou dinheiro para a Prefeitura Municipal, que em poucos anos retornou para o caixa da Congregação.⁵⁴⁰

A reforma perdurou até início de junho de 1956 e sofreu atrasos pelo fato de alguns pedreiros e carpinteiros iniciarem os trabalhos e desistirem na metade da empreitada. Entretanto, após a conclusão, o prédio ficou com duas salas de aula, uma pequena biblioteca, sala para material didático, secretaria, sala

⁵³⁹ Relatório “Meio ano em Araranguá” – Ir. Maria Carista Gawronski. Arquivo da Casa Madre Regina- Petrópolis (RJ).

⁵⁴⁰ Livro Crônica, 1956, p. 22. Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ).

da diretora, salinha de espera, cozinha fria e depósito.⁵⁴¹



Figura 54 – Interior da sala de aula (1956)

Fonte: Centro Cultural de Araraguá (SC)

De acordo com os registros no livro *Crônica*, a inauguração da Escola Normal ocorreu em 16 de junho de 1956. Não obstante ser uma escola pública, mas sob a administração de congregações religiosas vinculadas à Igreja Católica, o ritual de inauguração, obviamente, teria a reprodução dos símbolos católicos. Dessa forma, a solenidade de inauguração teve início com a

santa missa celebrada pelo padre Santos Sprícigo na capela do hospital Bom Pastor. As alunas rezaram e cantaram. Após à Missa, seguida da benção do SS. Sacramento, padre Santos benzeu a casa.⁵⁴²

No livro de relatórios da Escola Nossa Senhora Mãe dos Homens encontra-se o registro da solenidade de inauguração da escola. Nesse documento redigido pelo senhor Otávio Munir Bacha, que exercia na época função de Inspetor Escolar, verifiquei os discursos que padre Santos Sprícigo elaborou a fim

⁵⁴¹ Idem, 1956, p. 22.

⁵⁴² Idem, 1956, p. 21.

de enaltecer o prefeito Afonso Ghizzo pelo apoio concedido à educação e à cultura de Araranguá, e as religiosas, por optarem pela difícil missão de ensinar.

Aos dezesseis dias do mês de junho de 1956, no prédio localizado próximo ao Hospital 'Bom Pastor', nesta cidade, presentes o Sr. Afonso Ghizzo, M.D. Prefeito Municipal, Pe. Santos Sprícigo, Irmã Carista, DD. Diretora da escola Normal 'Nossa Senhora Mãe dos Homens', corpo docente da mencionada Escola, diversas senhoras e senhores convidados especiais, foi solenemente instalada a escola Normal 'Nossa Senhora Mãe dos Homens', no prédio especialmente adaptado para este fim. O presente ato revestiu-se magnificamente, dado ao bem organizado programa que teve início com uma missa em ação de graças na capela do Hospital. Em seguida, Pe. Santos Sprícigo procedeu à benção, analtecendo o esforço e abnegação do exmo. Sr. Prefeito Municipal, assim como o espírito nobre e elevado das bondosas Irmãs, no cumprimento da difícil missão de ensinar. Com cantos orfeônicos e declamações, prosseguiu a festinha, tendo uma das alunas, em nome de suas colegas, saudado as autoridades, ressaltando merecidamente, a pessoa do exmo.sr. Prefeito Municipal; e, solicitando, ao encerrar sua oração: o prédio e as demais instalações definitivas que assegurarão a escola Normal "Nossa Senhora Mãe dos Homens" um funcionamento adequado sob todos os pontos higiênicos e pedagógicos. O Sr. Prefeito, comovido, autorizou-me a fazer seu agradecimento, e, para tranqüilidade (sic) dos estudantes, prometeu todos os esforços no sentido de tornar realidade este anseio, que constitui, sem dúvida, um dos sagrados ideais de nossa juventude. Mais um passo, pois, do desenvolvimento cultural de nossa gente; graças, não só ao cidadão que

administra Araranguá, como às Reverendíssimas Irmãs que com espírito elevado e altruísta transformaram o cenário do ensino com a presente instalação.

Araranguá, em 16/06/56.

Assinado Otávio Munir Bacha, Inspetor Escolar⁵⁴³



Figura 55 – Interior da sala de aula (1956)
Fonte: Centro Cultural de Araranguá (SC)

Com o crescimento dos trabalhos das religiosas na Escola Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens, despertou-se também entre alguns moços o desejo de fazer um curso profissionalizante. Assim, conforme o livro *Crônica* do ano de 1956, identifiquei solicitações dos jovens para que as religiosas criem um curso comercial, pois eles trabalhavam como contadores no município e, por não terem diploma, viam seus salários diminuídos. Diante dessa situação, ir. Maria Carista Gawronski, percebendo tal necessidade e “sensível aos justos apelos dos jovens, cujos ordenados eram em parte embolsados pelos contadores diplomados que assinavam os balanços, conseguiu criar o curso”.⁵⁴⁴ Sendo assim, aos 5 de abril de 1957, tendo o parecer favorável do Inspetor Federal, “foi inaugurada a Escola Técnica de Comércio Madre Regina. Como a escola nesse período ainda possuía apenas duas salas, as aulas eram

⁵⁴³ Relatório “Meio ano em Araranguá”, 1957. Ir. Maria Carista Gawronski. Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ).

⁵⁴⁴ Livro *Crônica*, 1957, p. 29. Arquivo da Casa Madre Regina- Petrópolis (RJ).

ministradas em dois turnos”.⁵⁴⁵



Figura 56 – Primeira turma da Escola Técnica de Comércio Madre Regina (1957)

Fonte: Centro Cultural de Araranguá (SC)

Após a criação da Escola Técnica, as religiosas, em maio de 1957, elaboraram também as documentações para a criação do Curso Ginásial a fim de atender inicialmente aos estudantes do sexo feminino. Em junho do mesmo ano, a diretora da escola ir. Maria Carista Gawronski encaminhou o requerimento ao Ministério de Educação e Cultura (MEC), que solicitava o reconhecimento do Ginásio Madre Regina. Tal requerimento foi indeferido, pois, segundo o parecer da Inspeção Seccional de Florianópolis, o prédio se encontrava próximo ao hospital Bom Pastor e não atendia ao número suficiente de salas de aula. Analisando o telegrama de 6/2/1958 do inspetor de Florianópolis (SC) de número 224, notei também outros problemas, como, por exemplo, não ter professores qualificados.

COMUNICO VOS GINASIO MADRE
REGINA NÃO ESTAH CONDICOES SER
AUTORIZADO FUNCIONAR VIRTUDE
INCIDIR CONDICOES ELIMINATORIAS
ARTIGO 127 PORTARIA 501 VG CONTAR
APENAS DUAS SALAS DE AULAS COM
AREA SUPERIOR VINTE CINCO METROS
E NAO HAVENDO CORPO DOCENTE
HABILITADO VG POSSUINDO REGISTRO
LATIM E MATEMATICA UMA PROFESSORA

⁵⁴⁵ Livro Crônica, 1957, p. 30. Arquivo da Casa Madre Regina- Petrópolis (RJ).

E OUTRA APENAS ECONOMIA
DOMESTICA PT SAUDS PT OTAVIO DA
SILVEIRA FILHO EDINSPETOR
SECCIONAL.⁵⁴⁶

Para atender às exigências do MEC, as religiosas articularam junto à prefeitura a busca de recursos para a compra de alguns lotes de terreno. Em agosto de 1958 conseguiu-se comprar o lote e, aos 15 de dezembro de 1958, foi iniciada a construção de um prédio de madeira, com recursos financeiros da Prefeitura Municipal e da Congregação de Santa Catarina. Verificando a planta do prédio, percebi que o tamanho da escola era de 254 metros quadrados, possuindo quatro salas de aula, sala de ciências, secretaria, sala para material didático e repartições sanitárias.

A construção da nova escola de madeira se deu de forma rápida e a inauguração ocorreu aos 22 de agosto de 1959, no dia da festa do Imaculado Coração de Maria. Nessa inauguração foi distribuído a todos os alunos e empregadas um escapulário de Nossa Senhora do Carmo.⁵⁴⁷

Após a inauguração da escola, em setembro de 1959, a diretora ir. Maria Carista Gawronski organizou novos documentos e enviou o processo ao MEC para a aprovação da criação do Ginásio Madre Regina. Para surpresa da diretora, chegou a Araranguá, aos

17 de outubro de 1959, a Inspetora Federal Lucy Vina Bicca, que fora enviada pela Inspetoria Seccional do Ensino Secundário de Florianópolis, a fim de inspecionar o Colégio durante três dias.⁵⁴⁸

Ela examinou minuciosamente as salas de aula, medindo cada sala, cada janela, etc. Satisfeita com tudo, expressou sua admiração no seguinte termo de visita:

Ao concluir a verificação prévia para o futuro

⁵⁴⁶ Telegrama de 6/2/1958 do inspetor de Florianópolis (SC) de número 224. Arquivo da Secretaria Casa do Menor e do Adolescente Madre Regina Araranguá. As palavras em letras maiúsculas são do próprio documento.

⁵⁴⁷ Livro Crônica, 1959, p. 46. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁵⁴⁸ Idem, 1959, p. 48.

Ginásio “MADRE REGINA”, deixo aqui consignado o meu voto de louvor pelo bom gosto com que esta Escola foi construída e equipada; ao mesmo tempo formulo às bondosas Irmãs, Diretora e professoras e às felizes meninas que nestes bancos escolares estudarem, muita e muita felicidade, e que a benção de Deus as proteja sempre.

Araranguá, 19 de outubro de 1959

(assin.:) Lucy Vina Bicca.⁵⁴⁹



Figura 57 - Novo prédio do Colégio Madre Regina (1959)

Fonte: Arquivo da Casa Madre Regina, Araranguá

De acordo com o livro Crônica de 1959, passados alguns dias, um telegrama da Inspetoria Seccional do Ensino Secundário de Florianópolis comunicava a oficialização do Ginásio feminino Madre Regina.⁵⁵⁰

A partir da construção do novo prédio, as aulas ocorriam no período matutino, vespertino e noturno. No período matutino

⁵⁴⁹ Idem, 1959, p. 48.

⁵⁵⁰ Livro Crônica, 1959, p. 49. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

funcionavam as aulas do Ginásio Madre Regina; no vespertino, as aulas do Curso Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens; e no período noturno o Colégio Técnico em Comércio Madre Regina.

Com exceção do Colégio Técnico, todos os níveis de ensino eram públicos, o quadro de professores, merendeiras e serviços gerais eram remunerados pelo poder público estadual, inclusive as religiosas.



Figura 58 – Sala de ciências do Colégio Madre Regina (1959)
Fonte: Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá

Durante o mês de maio de 1959 as religiosas negociaram com o prefeito municipal Afonso Ghizzo para transformar o Ginásio Madre Regina de público para particular, ficando o ensino ginásial sob a responsabilidade das religiosas. O pedido das religiosas foi aceito pelo prefeito e pelo governador do Estado Heriberto Hülse, após aprovação em 11 de junho de 1959 pelo Decreto nº 859,⁵⁵¹ assinado pelo governador do Estado.

⁵⁵¹ Registros de Decretos. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente em Araranguá.

Nesse decreto houve também a modificação do nome de Colégio Normal Nossa Senhora Mãe dos Homens para Colégio Normal Madre Regina.⁵⁵²

A partir daí, a Congregação de Santa Catarina, com sede em São Paulo, passou a ser a mantenedora do Colégio Madre Regina em Araranguá, passando a cobrar dos estudantes as matrículas e algumas vezes mensalidades. Para aqueles estudantes carentes financeiramente, as religiosas conseguiam bolsas de estudo por meio dos convênios com o governo do Estado de Santa Catarina.

Os convênios deveriam ser realizados todos os anos e o Colégio Madre Regina precisava enviar à Secretaria da Educação de Santa Catarina uma série de informações do educandário, para o Estado analisar se era viável ou não enviar recursos. Verificando a Lei n. 2.232, de 19 de dezembro de 1959, notei a abertura de crédito especial aprovado pelo decreto nº 859, de 11 de junho de 1959 pela Assembleia Legislativa e sancionado pelo governo estadual, com a Associação da Congregação de Santa Catarina (ACSC), para a ministração de ensino Normal do segundo ciclo gratuitamente em Araranguá.

Procedência – Governamental
 Natureza – PL/428/59
 DO. 6.471 de 28/12/59
 Fonte – ALESC/Div. Documentação
 Autoriza abertura de crédito especial

O GOVERNADOR DO ESTADO DE SANTA CATARINA,

Faço saber a todos os habitantes deste Estado que a Assembléia Legislativa decreta e eu sanciono a seguinte lei:

Art. 1º Fica o Chefe do Poder Executivo, autorizado a abrir, por conta do excesso de arrecadação do corrente exercício, o crédito especial de Cr\$ 420.000,00 (quatrocentos e vinte mil cruzeiros), destinado ao pagamento da despesa decorrente do contrato firmado entre o Govêrno (sic) do Estado e a

⁵⁵² O Colégio Madre Regina possuía sede à rua Cel. Apolinário, nº 332, em Araranguá (SC), instalado em edifício próprio e com personalidade jurídica própria.

Associação Congregação de Santa Catarina, para ministração de ensino Normal do segundo ciclo, gratuitamente, na cidade de Araranguá e aprovado pelo decreto nº 859, de 11 de junho de 1959.

Art. 2º Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

A Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda assim a faça executar.

Palácio do Governo, em Florianópolis, 19 de dezembro de 1959

HERIBERTO HÜLSE

Governador do Estado⁵⁵³

Identifiquei, ainda, no livro Crônica de 1961, a abertura de mais um convênio entre a Congregação e o Estado, pois a Escola Madre Regina viu-se atingida por um decreto do Governador que retirava as professoras designadas pelo Estado.

Era um golpe para a Escola já carente de professores. Em audiência com o Governador, a ir. Maria Carista Gawronski recebeu a proposta de um convênio com o Estado e também o Ginásio passou a funcionar gratuitamente.⁵⁵⁴

Com o intuito de finalizar essa parte da história de fundação da Escola Madre Regina em Araranguá, em um documento produzido pela secretaria do referido educandário, verifiquei alguns dados significativos sobre as leis de autorização e decretos para funcionamento da escola. Nesse documento datado em 1968 constam as seguintes informações:

⁵⁵³ Procedência – Governamental. DO. 6.471 de 28/12/59. Fonte – ALESC/Div. Documentação. Palácio do Governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

⁵⁵⁴ Livro Crônica, 1961, p. 51. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

Nome da instituição: Educandário Madre Regina.

Endereço: Rua Cel. Apolinário, nº 332.

Cidade: Araranguá - SC.

Fundada: 14 de janeiro de 1956.

Entidade mantenedora: Associação Congregação de Santa Catarina.

Nome inicial da escola: Escola Normal Senhora Mãe dos Homens.

2º Ciclo: Autorização Lei 912 de 14/01/1956.

1º Ciclo: Portaria 1677 de 21/12/1959.

Regime: Externato-semi-internato e internato).

Frequência: Masculina-feminina.

Condições: (Pago ou gratuito)- Convênio com o Estado.

Capacidade: 188 alunos.

Turno: manhã, tarde e noite.

Outros cursos que funcionam: Datilografia.⁵⁵⁵

No item seguinte, apresentarei as práticas pedagógicas das religiosas atuando no Colégio Madre Regina e no Colégio Técnico em Comércio Madre Regina. Além dessas escolas que trabalhavam com estudantes entre as idades de 7 a 30 anos, identifiquei também as religiosas atuando no Grupo Escolar Castro Alves e no Colégio Normal de Araranguá, com aulas de Formação Religiosa para normalistas e ensino de religião para crianças com idades entre 7 a 13 anos.

3.2 Pedagogia católica no âmbito escolar: evangelização para a Igreja Católica

Neste subtítulo se concentra uma das preocupações centrais da investigação de estudo, que é compreender as práticas pedagógicas das religiosas da Congregação de Santa Catarina no âmbito escolar, atuando no Colégio Madre Regina, Grupo Escolar Castro Alves e Escola Normal em Araranguá, em

⁵⁵⁵ Histórico Escolar Madre Regina, 1968. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente em Araranguá.

uma perspectiva de concorrência no mercado, baseando-se na aceitação de Peter Ludwig Berger.⁵⁵⁶

As fontes estudadas indicaram que as práticas pedagógicas instauradas pelas religiosas nas escolas públicas e privadas calcava-se nos ensinamentos da Igreja Católica.⁵⁵⁷ Elas e também os professores leigos, nas práticas educacionais elegeram os símbolos católicos como verdade a serem reproduzidas nos ambientes escolares. Entre outras, na assertiva de Peter Ludwig Berger, as religiosas transformaram as escolas em um canal de mediação com o sagrado.⁵⁵⁸

As práticas pedagógicas protagonizadas pelas religiosas são visualizadas ao analisar a cultura escolar (conforme Diagrama 10), os depoimentos orais produzidos por estudantes e pelos professores dos colégios. A rigor, compreendi que o objetivo das religiosas era comercializar os bens de salvação da

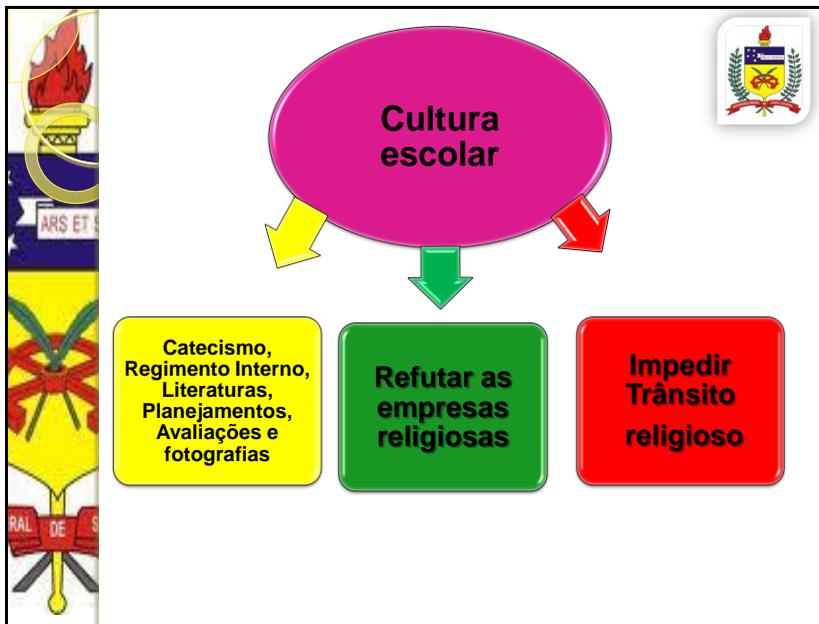
⁵⁵⁶ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op. cit.*

⁵⁵⁷ Sobre a temática devo destacar a importância ímpar das publicações de: HEERDT, Moacir. **As escolas paroquiais em Santa Catarina 1890-1930**. Florianópolis: UFSC, 1992. (Dissertação de mestrado), p.100-152. CARON, Lurdes (Org). **O Ensino Religioso na nova LDB: histórico, exigência, documentários**. Petrópolis: Vozes, 1998. CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978. CURY, Carlos Roberto Jamil. Ensino Religioso e a escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 17, p. 20-37, jun. 1993. CURY, Carlos Roberto Jamil. A Educação na primeira Constituinte Republicana. In: FÁVERO, Osmar. **A Educação nas constituintes brasileiras**. Campinas – (SP): Autores Associados, 1996, p. 69-80. FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **O Ensino Religioso no Brasil: tendências, conquistas, perspectivas**. Petrópolis: Vozes, 1996. GRUEN, Wolfgang. **O Ensino Religioso na escola**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995. JUNQUEIRA, Sergio R. Azevedo (Org). **Construção da Identidade do Ensino Religioso e da Pastoral Escolar**. Curitiba: Champagnat, 2002. JUNQUEIRA, Sergio R. Azevedo. **O Processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002b. MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história 500 anos de presença da Igreja Católica no Brasil**. Tomo 1. São Paulo: Paulinas, 2001. OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **O ensino da Filosofia no 2º Grau da escola brasileira: um percurso histórico, até a realidade mineira dos anos 80**. 1993. Dissertação (mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo. SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia**. São Paulo: EPU, 1986. DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. 6 ed. São Paulo: Ática, 2002. HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil**. 2 vol. Petrópolis: Vozes, 1992. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei 5.692/71. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 4.024/61. In: SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil**. 66. ed. Campinas: Autores Associados, 1996. p.3.

⁵⁵⁸ BERGER, Peter Ludwig. 1985. *Op.cit.*, p. 124.

Igreja Católica, a fim de conquistar mais adeptos para o catolicismo e impedir o trânsito de católicos para outras agências religiosas instaladas em Araranguá.

Diagrama 10- Cultura escolar produzida no Colégio Madre Regina (1959)



Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes (2012)

Dentre a cultura escolar selecionada para a elaboração deste item, destaquei o Catecismo Menor da Doutrina Cristã, as avaliações escritas da disciplina de Religião e Formação Moral, o currículo do Colégio Madre Regina, literaturas disponibilizadas para estudo na biblioteca do Colégio Madre Regina, relatórios, livros Crônica, diplomas de catequista, fotografias e o Regimento Interno.

O conceito de cultura escolar tem sido alvo, recentemente, de uma crescente atenção.⁵⁵⁹ É um termo moderno, usado na

⁵⁵⁹ FRAGO, Antônio Niño. **História da Educação e História Cultural:** possibilidades, problemas e questões. Tradução de Sérgio Castanho. [199-].

discussão dos problemas correntes e em temáticas escolares. A cultura escolar é, também, mencionada nas relações entre reforma escolar, inovações pedagógicas, autonomia e desenvolvimento das escolas. Conforme as reflexões de Luciano Mendes de Farias Filho (et al)

A preocupação com a problemática da cultura escolar despontou no âmbito de uma viragem dos trabalhos históricos educacionais decorrentes da aproximação cada vez mais fecunda com a história da educação, seja pelo exercício de levantamento, organização e ampliação da massa documental a ser utilizada nas análises, seja pelo acolhimento de protocolos de legitimidade da narrativa historiográfica. Assim, a cultura escolar vem sendo estudada por muitos pensadores que tomam como referência a noção de cultura escolar — seja como categoria de análise, seja como campo de investigação — têm significado, reconhecidamente, uma renovação dos estudos em história da educação brasileira.⁵⁶⁰

Quanto à cultura escolar, é mister fazer alusão às reflexões de Dominique Julia, que descreve a cultura escolar

(Digitado). SOUZA, R. F. **Um itinerário de pesquisa sobre a cultura escolar**. In: CUNHA, M. V. Ideário e imagens da educação escolar. Campinas: Autores Associados, 2000. SOUZA, R. F. **Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil**. In: SOUZA, R.F.; VALDEMARIN, V.T.; ALMEIDA, J.S. O legado educacional do século XIX. Araraquara: Unesp, 1998. VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920)**. 1999. Tese (Doutorado)– Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999. VIÑAO FRAGO, A. **Alfabetização na sociedade e na história**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993. _____. **Historia de la educación e historia cultural**. Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.0, p. 63-82, set./dez.1995. _____. **Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões**. In: VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, B. Currículo, espaço e subjetividade. Rio de Janeiro: DPA, 1998. _____. **Culturas escolares**, 2000, p.8, Mimeografado.

⁵⁶⁰ FILHO, Luciano Mendes de Farias Filho. et al. A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004, p. 139.

[...] como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). Normas e práticas não podem ser analisadas sem se levar em conta o corpo profissional dos agentes que são chamados a obedecer a essas ordens e, portanto, a utilizar dispositivos pedagógicos encarregados de facilitar sua aplicação, a saber, os professores primários e os demais professores. Mas, para além dos limites da escola, pode-se buscar identificar em um sentido mais amplo, modos de pensar e de agir largamente difundidos no interior de nossas sociedades, modos que não concebem a aquisição de conhecimentos e de habilidades senão por intermédio de processos formais de escolarização: aqui se encontra escala dos dispositivos propostos pela schooled society que seria preciso analisar; nova religião com seus mitos e ritos contra a qual Ivan Illich se levantou, com vigor, há mais de vinte anos. Enfim, por cultura escolar é conveniente compreender também, quando é possível, as culturas infantis (no sentido antropológico do termo), que se desenvolvem nos pátios de recreio e o afastamento que apresentam em relação às culturas familiares.⁵⁶¹

Percebi, no relatório elaborado por ir. Maria Carista Gawronski em 1957, que as religiosas somente conseguiram atingir o plano de evangelização em Araranguá ao lecionarem o ensino religioso nas escolas. No fragmento abaixo, verifiquei como as religiosas valorizavam o ensino religioso no âmbito

⁵⁶¹ JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, SBHE, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2005, p. 9.

escolar como uma forma de promover aos estudantes os bens de salvação da Igreja Católica.

A missão de maior alcance para nós aqui em Araranguá é o ensino religioso. Ninguém faz idéia (sic) como este povo é ignorante em questões religiosas. É a maioria filhos de agricultores e por mais incultas que sejam, que tem a alma religiosa, como se diz. Uma delicadeza para com Nosso Senhor certos costumes de profunda religiosidade que já me edificaram diversas vezes.

Outro dia, quando ia ao grupo, vinha ao meu encontro um menino de uns sete anos que levava almoço para seu pai na roça. Disse ele, olhando-me todo risonho: “Benção Padre!”

Ainda ante-ontem (sic), conversando com umas alunas e a professora de Educação Física que exaltava o proveito que as meninas do grupo das aulas de Religião, uma Normalista disse: “A sra. não faz idéia (sic) o que eu sabia de Religião: ' E que Jesus morreu na cruz em Belém'. Eu acrescentei: 'E que Jesus morreu na cruz, não sabia?' - Sim, mas mais isto só!' - E foi esta uma das alunas mais inteligentes desse ambiente social elevado.⁵⁶²

Ressalto, ainda, no fragmento supracitado, que as religiosas acreditavam que os estudantes que residiam na zona rural eram pessoas ignorantes pelo fato de desconhecerem algumas questões religiosas, porém eram católicos dóceis, voltados para a espiritualidade e não questionavam os empresários da religião, já que estes eram portadores de um capital simbólico e falavam em nome de Deus. Pierre Bourdieu problematizou essas questões em seus estudos como naturalização da ordem social. Tal ordem é expressa

⁵⁶² Relatório “Meio ano em Araranguá”, 1957, p. 1. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

no culto de todos os conservadorismos do 'povo bom' (na maioria das vezes encarnado pelo camponês) cujos eufemismos no discurso ortodoxo ('as pessoas simples', 'as classes modestas' etc.) designam bem a propriedade essencial, qual seja a submissão à ordem estabelecida.⁵⁶³

Para melhor entendimento das práticas pedagógicas negociadas pelas religiosas no âmbito escolar, faz-se necessário apresentar o Regimento Interno, elegido como cultura material escolar que norteava todo o processo pedagógico do Colégio Madre Regina.

O Regimento Interno era um documento em que constava as normas pedagógicas e administrativas que orientavam o colégio e que deveria ser elaborado anualmente pelas religiosas da congregação para análise da inspetoria seccional de Florianópolis. Ele era dividido em capítulos e artigos, apresentando a organização geral, como, por exemplo, as funções do diretor do educandário, da secretaria, tesouraria, normas para o corpo docente e discente, orientação educacional, as penalidades, a vida escolar, escrituração e arquivo, exames de admissão, dispensa de provas orais, junta escolar e demais orientações. Tais regulamentos deveriam estar de acordo com a legislação federal e ser enviados à diretoria seccional para o inspetor analisar. Caso o regimento não fosse aprovado por falta de algum item ou se não estivesse de acordo com as leis da educação, deveria ser reformulado pelo inspetor regional e pela direção do colégio.

Conforme o exposto, ao analisar o Regimento Interno de 1959, percebi que o Colégio Madre Regina defendia o cristianismo e comercializava os valores religiosos da Igreja Católica em todo o seu currículo escolar. O título I do Art. 2º demonstra claramente a orientação religiosa do Colégio Madre Regina, ao afirmar que

é um educandário sob o regime de externato, que visa ministrar não só uma sólida e eficiente educação e instrução, como

⁵⁶³ BOURDIEU, Pierre. 1998. *Op. cit.*, p. 122.

também fornecer-lhes uma esmerada educação moral, segundo as normas da pedagogia católica, ao lado de atividades complementares, na iniciação artística, e de sadia educação física que os habilite esse conduzirem com segurança e êxito em qualquer situação da vida prática e social.⁵⁶⁴

Ainda que o colégio fosse mantido pelo poder público e por lei devesse ser laico, ele pouco difere de uma escola confessional quanto à forte presença do catolicismo, veiculado principalmente na disciplina de “Religião e Formação Moral”. Nesse aspecto, é perceptível nos documentos analisados que o trabalho das religiosas nessa escola pública não dava peso valorativo à lei constitucional, o que possibilita entender seu mecanismo para disseminar a verdade católica no campo “missionário escolar”.

Identifiquei, ainda, no Regimento Interno que a diretora do Colégio Madre Regina possuía autonomia em todo o processo de ensino no educandário. Ela poderia contratar ou demitir professores e demais funcionários, como também selecionar a clientela de estudantes que desejava para preencher as vagas na escola. Isto é, a diretora tinha autoridade de aceitar ou recusar o requerimento de matrícula do estudante e, caso o estudante durante o ano letivo viesse a causar transtornos, seria transferido para outros estabelecimentos de ensino. Nas letras “e” e “f” do Art. 8º apresento o que competia ao cargo de diretora:

Art. 8º- À Diretora compete:

Velar para que regulamente se cumpra, no âmbito de sua ação, a ordem educacional vigente no país; c) firmar convênios com entidades de direito público e privado; d) contratar professores e demais membros auxiliares; e) aceitar ou recusar requerimentos de matrícula; f) transferir compulsoriamente, aqueles alunos que, por suas idéias (sic) políticas, contrárias ao regime vigente no País, e às normas da

⁵⁶⁴ Regimento Interno do Educandário Madre Regina, 1959. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente de Araranguá.

religião Católica, possam tornar-se indesejáveis à disciplina ou tranqüilidade (sic) escolar.⁵⁶⁵

Sobre a questão de matrícula de estudantes, o fragmento acima induz a refletir que nesse período não existia no Colégio Madre Regina, embora sendo escola pública, a ideia do ecumenismo. Quer dizer, se um estudante de qualquer outra instituição religiosa fosse defender ou expressar sua posição religiosa na escola, poderia talvez até ser indiciado pelas religiosas como anti-católico, ser expulso e/ou transferido para outra unidade escolar.

A direção do Colégio Madre Regina, exercida pelas religiosas, imprimia um direcionamento católico tanto em relação à escolha e à organização dos saberes escolares quanto aos dispositivos de transmissão e avaliação desses saberes. Além da formação profissional, o critério religioso era decisivo no processo de seleção de professores e também ao assumir a cátedra para ensinar no Colégio Madre Regina. No Art.13º, na letra “g”, está bem nítida qual deveria ser a posição religiosa do educador na visão da direção do colégio. Ao professor não compete: “g) servir-se da cátedra para propaganda política ou de ideologias contrárias à Religião Católica e aos interesses nacionais”⁵⁶⁶.

Diante dessa situação ressalto que, de acordo com as orientações do Regimento Interno do Colégio Madre Regina, o quadro de professores e também o preenchimento das vagas para estudantes era constituído basicamente por estudantes que professavam a fé católica; até porque o Colégio Madre Regina, em virtude das suas normas e regras institucionais, era conhecido por muitos como uma escola confessional e, por isso, estudantes e professores não católicos procuravam estudar e trabalhar em outras escolas públicas, como, por exemplo, o Grupo Escolar Castro Alves, que tinha direção laica.

⁵⁶⁵ Idem.

⁵⁶⁶ Idem.

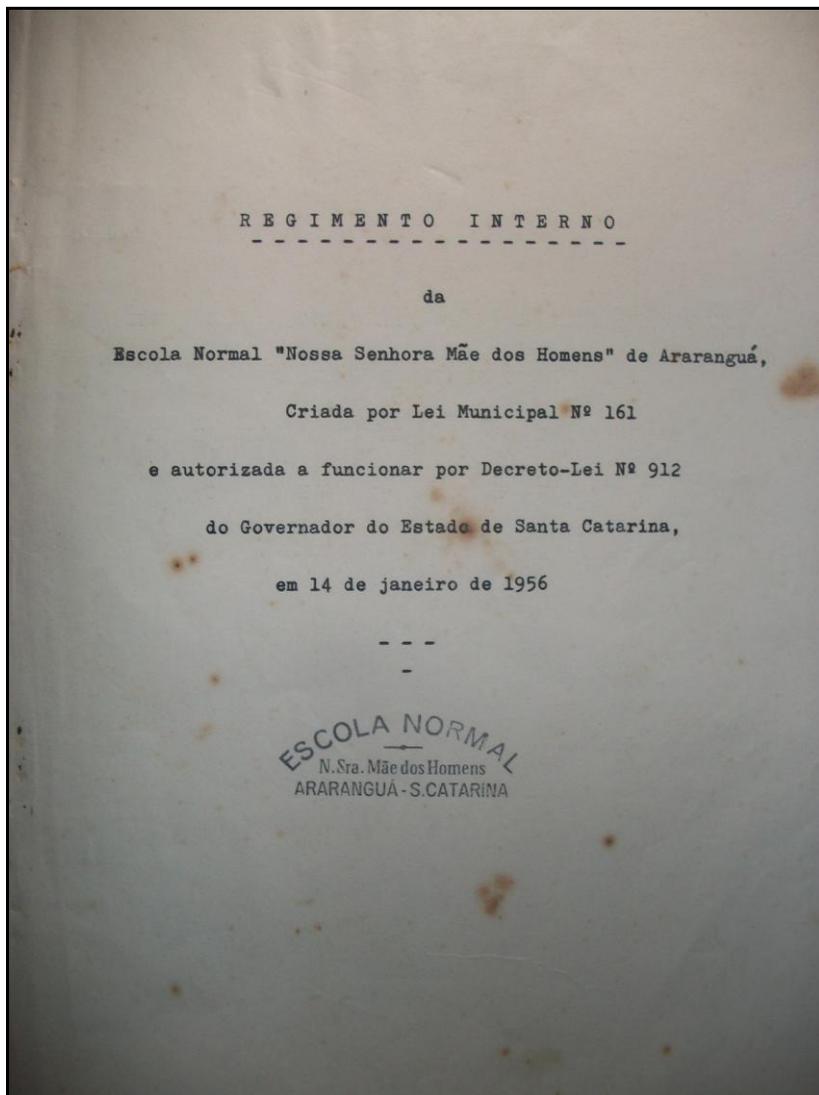


Figura 59 - Regimento Interno (1956)
Fonte: Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina -
Araranguá

Ao analisar a entrevista de dona Maria de Lourdes Borba, que estudou no Madre Regina, percebi que, além de o colégio ter uma imagem de escola religiosa, recebia ainda status de referência ímpar por ser um colégio apenas para estudantes de classe média do município de Araranguá.

Meus primeiros estudos foram no Colégio Madre Regina, e não existia naquele tempo evangélicos, alunos vindos de outra igreja. Lá existiam só alunos da Igreja Católica, até porque o educandário era comandado por freiras que defendiam o catolicismo.

[...]

Eu lembro que uma vez teve uma moça evangélica que quis entrar no Madre Regina, ou não pôde, ou não se acostumou. Eu não lembro muito bem! Depois foi estudar no Castro Alves.

[...]

Estudar nessa escola era um desejo de muitas moças de Araranguá e de outros lugares. Havia uma fama muito grande dessa escola, era particular e o corpo docente era respeitado.

Quem estudava no Madre Regina era considerado bem de vida. Vinha alguma ajuda do governo, mas as freiras já sabiam para quem iam dar. Elas é que escolhiam!

Quem quisesse ser juvenista, aí sim, ganhava a bolsa do governo. Naquele tempo até tinha muitas moças que diziam que queriam ser freiras, para ter ajuda nos estudos e, depois, não aguentavam porque era muito puxado. Tinha que estudar, trabalhar com as irmãs na escola, no quintal e rezar muito. Eu conheci uma moça que

seguiu a vocação, era a Adelaide.⁵⁶⁷

Parafraseando o historiador Cássio Pereira de Souza, que estudou no mestrado o Colégio Normal de Araranguá, é possível entender as representações positivas que faziam parte do imaginário de alguns araranguenses. Segundo ele,

a ideia de que as normalistas oriundas do Colégio Madre Regina eram mais requintadas estava em uma ordem de questão econômica. As estudantes constituíam um grupo homogêneo em que poucas destoavam economicamente e culturalmente do grupo dominante. A rigor, as normalistas que haviam estudado no Madre Regina, em sua grande parte, pertenciam à classe média. Eram filhas de funcionários públicos, pequenos comerciantes, agricultores abastados e profissionais liberais. Nesse sentido, como no município e na região havia poucas pessoas que poderiam ser consideradas ricas, as famílias das normalistas eram consideradas de posses financeiras.⁵⁶⁸

Relacionando ainda os depoimentos de dona Maria de Lourdes Borba com o Regimento Interno do colégio, seria impossível um professor que não fosse católico lecionar no Colégio Madre Regina no período em estudo. Para ela, os professores eram os maiores defensores do catolicismo por serem influenciados pelas religiosas. Eles deveriam participar de todas as atividades promovidas pela Igreja Católica. Ou seja, eles teriam que ser consumidores dos produtos religiosos da Igreja Católica para ser um empresário da religião no espaço escolar.⁵⁶⁹

Ao analisar alguns estabelecimentos de educação com

⁵⁶⁷ Maria de Lourdes Borba, 78 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 7/6/2009.

⁵⁶⁸ SOUZA, Cássio Pereira. **Educação e memória: uma análise histórica do Colégio Normal de Araranguá no período de 1964 a 1980**. 2007. Dissertação de Mestrado em Educação - UNESC, Criciúma (SC), p. 96 e 97.

⁵⁶⁹ Maria de Lourdes Borba, 78 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 7/6/2009.

base religiosa, percebi que essa mesma ideia ainda é atual na política interna da maioria das escolas confessionais. Ou seja, escolas com base protestante, por exemplo, selecionam professores evangélicos para preencher o quadro profissional, e ainda o maior número de estudantes dessa escola também são evangélicos.

3.3 Catecismo e comercialização dos bens de salvação da Igreja Católica

Como o Colégio Madre Regina tinha a função de formar professoras para atuarem no magistério, havia no currículo disciplinas cujo conteúdo era voltado para que a futura professora tivesse formação católica, pois, além de exercer o ofício de mestre, seria catequista em sala de aula.

Todas as disciplinas existentes no colégio, como o Português, Latim, Matemática, Ciências, História e outras, que eram lecionadas por leigos e por religiosas, possuíam base católica. Contudo, a disciplina “Religião e Formação Moral”, que na maioria das vezes era ministrada por religiosas, é que tratava especificamente dos conteúdos da Igreja Católica. Por meio das lembranças de dona Maria Terezinha Nunes de Souza, compreendi que as religiosas ensinavam às estudantes os conhecimentos específicos para o magistério e também conhecimentos religiosos para desenvolver o ofício de catequistas a fim de lecionarem a disciplina “Religião” quando fossem atuar no magistério.

No Normal Madre Regina as freiras davam aulas. O que elas ensinavam era Metodologia, Biologia, Inglês e Matemática. Em Português era a professora Zoê Rabello, e na aula de Religião quem lecionava era a irmã Maria Carista.

Na aula de Religião se ensinava a Bíblia, comentários dos textos que se lia. A gente não entendia nada como usar a Bíblia. Então as religiosas ensinavam a encontrar capítulos e versículos. Se estudava o Catecismo. As irmãs ensinavam até a rezar os terços, os

mistérios. Naquele tempo era o mistério gozoso, da anunciação, doloroso, glorioso, e depois o Papa João Paulo II criou o mistério luminoso. A professora de Religião dava para a gente levar para casa de tarefa apenas um mistério para fazer a prova. Irmã Carista dizia para nós ensaiarmos em casa, era para rezar em casa e já estava estudando para a prova. Era só um, mas era difícil. A aula de Religião era um curso de formação para ser catequista, as irmãs mesmas diziam para depois nós atuarmos nas escolas e lecionarmos também a religião.⁵⁷⁰

Pesquisando também no planejamento anual da disciplina de religião do Colégio Madre Regina, notei que os conteúdos trabalhados em sala de aula pela professora ir. Maria Carista Gawronski em novembro de 1956 eram reproduzir, por meio do estudo do Catecismo, a base doutrinária do catolicismo.

Catecismo: Meios de Obter a Graça; O batismo: sacramento da confissão; exame de consciência, arrependimento, acusação dos pecados, satisfação e indulgências.

História Sagrada: o Novo Testamento: Desde o nascimento de São João Batista até o fim do primeiro ano da vida pública de Jesus.⁵⁷¹

Tratando, ainda, acerca das preocupações das religiosas quanto à instrução catequética das futuras professoras normalistas, identifiquei também que elas ofertavam cursos para a formação de catequista no período noturno. No caderno de Catequese de 1957, é visível que as religiosas organizaram um programa de capacitação conhecido como “Metodologia do Catecismo”. O referido curso foi ministrado nas dependências do Colégio Madre Regina, que teve início em agosto de 1957 e finalizou em 12 de novembro do mesmo ano, concedendo às participantes o direito de lecionar Religião e ter o título de

⁵⁷⁰ Dona Maria Tereza Nunes de Souza, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.

⁵⁷¹ Planejamento anual do Colégio Normal Madre Regina, novembro de 1956. Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá.

catequista formada.⁵⁷²

Sobre esse curso ministrado pelas religiosas, lê-se em um jornal produzido pelos estudantes do Colégio Madre Regina em 1958, intitulado **O Lanterna**, que a entrega dos diplomas de catequista ocorreu na mesma solenidade de encerramento do ano letivo de 1957, com a presença do pároco local para prestigiar o evento.

DIPLOMAS DE CATEQUISTA

Com a presença de professores convidados e do Revmo. Sr. Cônego Paulo Hobold, DD. Vigário da Paróquia, verificou-se na Escola Normal ao encerramento do ano letivo de 1957, uma magnífica solenidade, durante a qual foram entregues 20 diplomas de catequistas formadas por um Curso Especial de Metodologia do Catecismo. O ato se revestiu de invulgar brilho, assumindo aspecto culminante quando o Vigário fez uso da palavra para felicitar a primeira turma de formandas.⁵⁷³

Esse curso de religião para a formação continuada de catequistas, ofertado gratuitamente pela Igreja Católica, foi um dos meios que o pároco e as religiosas aproveitaram para poder instrumentalizar os leigos, que estavam interessados em contribuir enquanto missionários voluntários na paróquia.

Quanto à formação continuada de catequistas, o **Código de Direito Canônico** orienta que o pároco, bem como instituições religiosas, tinham como obrigação promover meios para que os leigos pudessem ter os conhecimentos pedagógicos práticos e doutrinários da Igreja Católica para exercerem o ensino da catequese.

Cân. 780 — Procurem os Ordinários dos lugares que os catequistas se preparem devidamente para o bom desempenho da

⁵⁷² Caderno de Catequese, 1957. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá (RJ).

⁵⁷³ Jornal “**O Lanterna**”, n. 1, 1958, anexo no Livro de Crônica de 1958. Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ).

sua missão, recebam uma formação continuada, conheçam convenientemente a doutrina da Igreja e aprendam também na teoria e na prática os métodos próprios das disciplinas pedagógicas.⁵⁷⁴

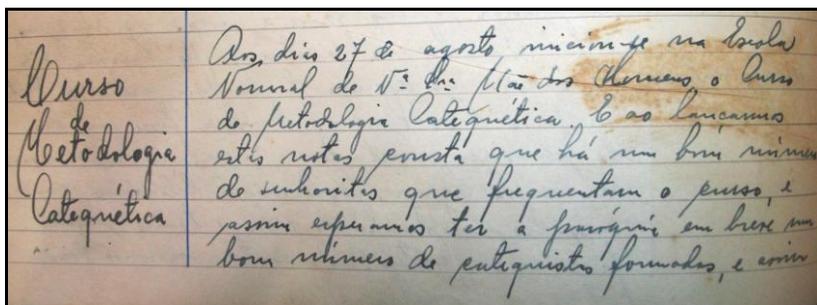


Figura 60 – Página do livro Tombo da paróquia de Araranguá (agosto de 1956)⁵⁷⁵

Fonte: Arquivo da paróquia de Araranguá

As disciplinas oferecidas no curso, eram Religião, Apologética, Noções de Moral, Canto Religioso, Pedagogia, Ensaio de Missa, Canto Profano, Liturgia Prática, Civilidade e outros. Como material didático, as religiosas usavam manuais como o Catecismo Fácil para as Crianças, do padre Gregório Dal Monte, o Pequeno Catecismo, de padre Jacob Hudleston Slater, e o Catecismo Escolar e Popular, de Spirago que servia para o curso de perseverança.⁵⁷⁶

Para a Igreja Católica que estava na situação de concorrência de mercado, o curso de Religião foi um grande empreendimento para que os católicos continuassem consumindo os bens de salvação, como também buscassem novos adeptos para o seio da Igreja Católica.

Percebi que, nesse curso de Religião, eram ensinados praticamente conteúdos do Catecismo, trabalhando com

⁵⁷⁴ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-iuriscanonici/portuguese/codex-iur>>. Acesso em: 12/1/2010.

⁵⁷⁵ Curso de Metodologia Catequética, agosto de 1956. Livro Tombo da paróquia de Araranguá. O pároco estava referindo-se ao Colégio Normal Madre Regina.

⁵⁷⁶ Planejamento do curso de religião, 1956. Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá.

questões teológicas e espirituais, com objetivos de formar professoras/catequistas apologistas da Igreja Católica, ou seja, pessoas que iriam defender os dogmas católicos e refutar os ensinamentos de outras agências religiosas.

O interessado em realizar o Curso de Formação de Catequista deveria preencher a ficha de matrícula para passar por uma análise pelas religiosas e/ou pelo pároco, com o intuito de averiguar se estava em condições de ingressarem tal curso.

Na ficha de matrícula, pedia-se o nome completo, idade, residência, nome do pai e da mãe, profissão do pai e da mãe e se precisava de hospedagem. Na ficha constavam observações de que os pais e a própria pessoa que faria o curso deveriam ser casados religiosamente.⁵⁷⁷

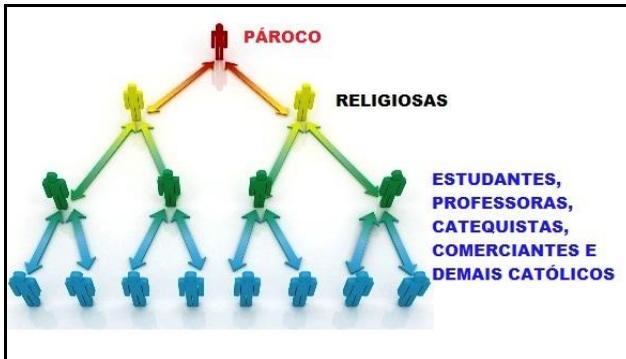


Figura 61 – Organização do projeto de mercado da Igreja Católica

Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes

De modo geral, os empresários da religião da Igreja Católica priorizaram o ensino do Catecismo no município de Araranguá, constituindo uma rede de catequistas de modo que atingisse o maior número de católicos em toda a paróquia. Eles centralizaram a atenção em dois eixos principais para a divulgação do catolicismo na sociedade: 1) formação de professoras e/ou catequistas para a reprodução do ensino religioso nas escolas e nas capelas dos distritos e, 2) instrução

⁵⁷⁷ Ficha do Curso de Metodologia em Catequese. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá (SC).

catequética entre as famílias do município de Araranguá.

De fato, ao analisar o número de distritos e escolas pertencentes ao território eclesiástico de Araranguá no período em estudo, era inviável que somente um pároco e seu coadjutor atendessem a toda a comunidade escolar para aplicar o ensino da catequese. Conforme a Tabela 6, havia em Araranguá quinze escolas, das quais treze eram dirigidas por leigos e apenas duas por religiosas. Diante dessa situação, compreendi quais os motivos que levaram o pároco e as religiosas a capacitarem alguns católicos, criando, assim, uma rede de catequistas que passaram a consumir e comercializar os bens de salvação da Igreja Católica.

Tabela 6 - Distribuição das escolas no município de Araranguá (1942/1972)⁵⁷⁸

ESCOLA	PÚBLICA OU CONFESSIONAL	DIREÇÃO	LOCAL	ESTADUAL OU MUNICIPAL
Grupo Escolar Castro Alves	Pública	Leigos	Centro	Estadual
Colégio Normal de Araranguá	Pública	Leigos	Centro	Estadual
Colégio Madre Regina	Pública/ Confessional	Congregação de Santa Catarina	Centro	Estadual
Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens	Pública/ Confessional	Josefinos de Murialdo	Centro	Estadual
Escola Municipal de Campinho	Pública	Leigos	-----	Municipal
Escola Municipal Soldado Lourival Luchina	Pública	Leigos	Distrito de Caverazinho	Municipal
Escola Municipal de Ermo	Pública	Leigos	Distrito do Ermo	Municipal
Escola Municipal de 19 de Abril	Pública	Leigos	Distrito do Itopava	Municipal
Escola Municipal de Sanga da Toca	Pública	Leigos	Distrito de Sanga da Toca	Municipal
Escola Municipal de Conventos	Pública	Leigos	Distrito Morro dos Conventos	Municipal

⁵⁷⁸ Relatório das escolas municipais de Araranguá referente ao ano de 1942 a 1972. Arquivo do Centro Histórico Cultural de Araranguá.

Escola Municipal de Sanga da D'Areia	Pública	Leigos	Distrito de Sanga da Areia	Municipal
Escola Municipal Dois Irmãos	Pública	Leigos	Distrito de Volta Grande	Municipal
Escola Municipal Sanga da Paca	Pública	Leigos	Distrito de Volta Grande	Municipal
Escola Municipal "Gustavo Capanema"	Pública	Leigos	Distrito Pinheirinho Alto	Municipal
Escola Municipal Gávea	Pública	Leigos	Distrito de Gávea	Municipal

Fonte: Tabela elaborada pelo autor com base no relatório das escolas de Araranguá

Quanto aos resultados da atuação dessa rede de empresários, há nos documentos da Igreja Católica e da Congregação de Santa Catarina números que indicam o desempenho deles e, de forma geral, dos professores e outros católicos na transformação das escolas em centros de catequese. O relatório paroquial de Araranguá referente ao ano de 1956 apresenta indícios para compreender a infiltração da Doutrina Cristã por meio de centros instalados nas capelas, nas escolas, galpões e em outros estabelecimentos de Araranguá. Nesse relatório paroquial, consta registrado, por exemplo, o número de vinte e duas mil almas, todas católicas e poucos de outras religiões. "Há na paróquia 13 centros de doutrina cristã nas capelas e 25 nas escolas com 1.500 alunos"⁵⁷⁹.

Cônego Paulo Hobold, ainda em 1956, demonstrou também interesse na manutenção de um ensino mais sistematizado da Doutrina Cristã, ou seja, o ensino especializado da catequese, principalmente nas escolas. A rigor, conforme o **Código de Direito Canônico**, era responsabilidade do pároco instruir e incentivar o ensino da Doutrina Cristã nas escolas e, de forma geral, em toda a sociedade para a preparação da primeira eucaristia. Conforme o cânon 776

O pároco, em razão do ofício, tem obrigação de procurar a formação catequética dos

⁵⁷⁹ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá, Tomo 1, p. 121v.

adultos, dos jovens e das crianças; para tanto solicite a colaboração dos clérigos adscritos à paróquia, dos membros dos institutos de vida.⁵⁸⁰

No pensamento do Cônego Paulo Hobold, a primeira eucaristia seria um meio de inculcar nas crianças os saberes do catolicismo, no sentido de instruí-los a seguir e permanecer no espírito verdadeiro da Igreja Católica.

Uma dos ápices da vida religiosa numa paróquia são as primeiras comunhões, quando estes bem preparados seguem o espírito verdadeiro da Igreja. No presente ano, iniciou-se no dia 1º de setembro, a catequese especializada para as crianças da 1ª comunhão, sendo dada todos os dias, até o dia 25 de outubro.

A doutrina já tinha sido dada durante o ano, mas agora começa-se o ensino diário e mais aprimorado. Por isso, desta vez a título de experiência, e felizmente com ótimo resultado, obedeceu-se a um sistema diferente. Em vez de sempre concentrar as crianças, todos os dias na Igreja matriz, achou-se melhor dar a doutrina em cada escola, ou salão dos arrebaldes. Destacam-se para cada lugar (sic) 2 catequistas bem orientadas e com material em abundância. A divisão foi a seguinte: Cidade Alta, no grupo escolar com, 3 salas; Urussanguinha, escola e salão do Sr. Waldomiro Matos, 2 salas; Coloninha, escola com 2 salas; Barranca, na escola e 1 sala, Eucaliptos, escola 1 sala. Depois a Igreja Matriz com 3 salas. Todos os sábados (de tarde) e domingos (de manhã) concentração na Igreja Matriz, para os ensaios de canto, procedimentos à mesa de comunhão, etc. Resultado? Ótimo. E é a melhor solução para os caos de Primeira

⁵⁸⁰ Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-iuriscanonici/portuguese/codex-iur>>. Acesso em: 12/1/2010.

Comunhão- Compareceram 308 crianças, todas elas muito bem preparadas, compenetradas e originais isso: a compenetração fez parte dos meninos.

Ass. Pe. Cônego Paulo Hobold.⁵⁸¹

As aulas do Catecismo faziam parte do calendário escolar, além das escolas confessionais, da rede pública municipal e estadual em Araranguá, pois tinham a finalidade de oferecer aos estudantes, por meio do processo da memorização, o conhecimento doutrinário e/ou teórico da Igreja Católica. Como já dito, tal conhecimento teológico do catolicismo era condição imprescindível para a recepção dos sacramentos. Assim sendo, com base no fragmento acima, a primeira comunhão passou a ser apresentada como a conclusão e o ápice das aulas de Catecismo ministradas às crianças, que passou a ser realizado em ato especial.



Figura 62 – Nesta imagem, vê-se o Cônego Paulo Hobold com as meninas que concluíram a primeira eucaristia. Na foto, aproximadamente 90 meninas entre 7 a 11 anos de idade. Esta foto foi tirada na frente da igreja matriz em Araranguá (1956)

Fonte: Arquivo Casa da Cultura de Araranguá

⁵⁸¹ Título: Primeira Comunhão. Livro Tombo da Paróquia Nossa Senhora Mãe dos Homens - Araranguá, 1956, Tomo 1, p. 124.



Figura 63 – Nesta imagem, vê-se o Cônego Paulo Hobold com os meninos que concluíram a primeira eucaristia. Na foto, aproximadamente 70 meninos e 3 meninas entre 7 a 11 anos de idade. Esta foto foi tirada na frente da igreja matriz em Araranguá (1956)

Fonte: Arquivo Casa da Cultura de Araranguá

Além disso, a realização da primeira comunhão nas capelas dos distritos de Araranguá, constituiu-se também um instrumento utilizado pela Igreja Católica, cuja finalidade era fortalecer o seu organismo institucional. Pais e parentes dos meninos e das meninas eram convidados a participar desse ato de culto, que apresentava ser revestido de peculiar caráter festivo. Conforme o livro Tombo de 1957,

após a aplicação do estudo do Catecismo nas escolas grande foi o resultado ao contabilizar o número de crianças para receber a Primeira Comunhão em início de abril. Foram ao todo 420 crianças, todas bem fundamentadas à luz das verdades da Igreja. Grande foi o número de pais, mães e familiares que participaram da celebração, oferecendo apoio aos filhos tão fundamental para a perseverança de viver o verdadeiro espírito de um bom católico, tornando assim

um membro da Igreja de Cristo.⁵⁸²

Seguindo essa linha de pensamento, verifiquei no relatório de ir. Maria Carista Gawronski que, em meados de março de 1956, as religiosas, comungando com o mesmo pensamento do pároco local, passaram a preocupar-se também com o ensino religioso. Elas constataram o atraso diário dessa disciplina, praticamente, em todas as escolas de Araranguá. Assim, fizeram um pedido à diretora do Grupo Castro Alves, órgão público, licença para lecionar ao menos uma aula por semana no curso regional e nos quartos e quintos anos. Segundo a religiosa, “a diretora, que também professava a fé católica, imediatamente marcou as aulas com a melhor boa vontade.”⁵⁸³

Conforme o relatório, compreendi que a atuação das religiosas no Grupo Castro Alves contribuiu para a estruturação das aulas de religião, preparando os estudantes para a primeira eucaristia. Foi um grande empreendimento espiritual, pois havia naquele grupo escolar aproximadamente 700 estudantes que almejavam salvação.

As crianças são muito atentas, pois tudo para elas é novidade. Ainda mais para as crianças pequenas usamos figuras do menino Deus na manjedoura, Criação de Deus, Madre Regina... Quanta gratidão sinto no coração para com Deus, quando posso falar a essas crianças de Jesus e de Nossa Senhora... Como fizeram bem suas provas mensais e nestes dias também as provas parciais!...⁵⁸⁴

No fragmento acima, percebi uma inovação na prática pedagógica das religiosas, ao apropriarem-se das imagens sacras como uma ferramenta de apoio didático em sala de aula, cujo intenção era atrair a atenção das crianças enquanto ministravam o ensino religioso. Ou seja, o uso de imagens pelas religiosas como uma técnica pedagógica, apresentou-se muito funcional, ao possibilitar que o imaginário religioso se tornasse

⁵⁸² Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Primeira Comunhão, abril de 1957. Tomo I.

⁵⁸³ Relatório “Meio ano em Araranguá”, 1956, p.1. Livro Crônica, 1956. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁵⁸⁴ Idem.

facilmente assimilável pelos estudantes. Roger Chartier ajuda a compreender a funcionalidade que a imagem possui no processo de ensino-aprendizagem, pois ela

é pensada e manuseada como um instrumento maior do conhecimento, apta a fornecer uma representação adequada de verdade das coisas. Com isso é suposto conquistar necessariamente a adesão de quem a olha e mais ou melhor do que o texto ao qual está associada, produzir persuasão e crença.⁵⁸⁵

Desde a Idade Média, a imagem sempre esteve a serviço da Igreja Católica com função pedagógica no sentido de inculcar nas pessoas os dogmas, sacramentos, a conversão, salvação e todas as normas do catolicismo. Entre as imagens que eram trabalhadas pelas religiosas no ambiente escolar em Araranguá, destaquei o “Álbum do Catecismo”. Ele era entregue gratuitamente aos estudantes a fim de ser trabalhado pelas religiosas e professoras de Religião. A entrega gratuita desse material didático foi um projeto criado pelo Cônego Paulo Hobold, com o objetivo de comercializar os produtos da Igreja Católica às crianças, e estes aos pais.⁵⁸⁶

O álbum era um material encadernado com capa fina, possuindo 20 páginas, cada qual com três quadrinhos numerados, onde todos os dias cada criança com o seu álbum colava as figuras de santinhos coloridos após as invocações da Nossa Senhora durante as aulas.

Ao analisar as Figuras 64 e 65, álbum correspondente às 57 invocações da Ladainha de Nossa Senhora, percebi que as professoras consideravam o álbum como um material didático e que aplicavam o método da memorização da ladainha. Notei, ainda, o forte incentivo dado às crianças para a devoção à Nossa Senhora. A rigor, conforme os dizeres do álbum, quem não fosse devoto da Mãe de Deus não conseguiria alcançar a salvação e herdar os céus.

⁵⁸⁵ CHARTIER, Roger. Introdução: a cultura do objeto impresso. In: CHARTIER, Roger (coord.). **As utilizações do objeto impresso**. Miraflores: Difel, 1998, p. 16.

⁵⁸⁶ Do mesmo jeito que trabalha a Escola Bíblica Dominical e a APEC (Aliança Pró Evangelização das Crianças) no meio protestante, pentecostal e neopentecostal.

Eis um lindo “Álbum de Catecismo”, todo êle (sic) dedicado a Nossa Senhora. Em 57 quadrinhos, as Crianças do Catecismo deverão ir colando, no decurso das aulas, os 57 santinhos coloridos, correspondentes às 57 invocações da Ladainha de Nossa Senhora, que rezamos todos os dias, depois do santo têrço (sic). Um lindo Álbum, com belos santinhos, para uma devoção a Nossa Senhora, nossa boa Mãe do Céu. Lembrem-se bem crianças: “quem fôr verdadeiro devoto de Nossa Senhora, certamente irá para o Céu”.⁵⁸⁷



Figura 64 - Álbum de Catecismo (1957)

Fonte: Arquivo da Casa Madre Regina - Petrópolis (RJ)

Verifiquei, ainda na Figura 65, que, além de a imagem reproduzir o imaginário católico no ambiente escolar, trabalhava com o sentimento materno e os valores morais, sensibilizando ainda os estudantes à devoção em nossa “boa Mãe do Céu”, que

⁵⁸⁷ Álbum de Catecismo, 1957. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

possui em seu coração um lugarzinho para as crianças puras, piedosas e obedientes.⁵⁸⁸



Figura 65 - Álbum de Catecismo (1957)

Fonte: Arquivo Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ)

Ao verificar os escritos do Cônego Paulo Hobold no livro Tombo da Paróquia, notei que as mobilizações empreendidas pelo pároco, quanto à distribuição de forma gratuita do Catecismo e dos álbuns para o ensino da Doutrina Cristã aos estudantes e aos professores católicos, foi um dos projetos pastorais de mercado, utilizado pelo pároco, para estruturação da catequese no âmbito escolar e no não escolar. Pelo fato do pároco ser portador de um poder simbólico, conseguiu articular a distribuição dos catecismos e criar uma rede de catequistas, constituída por professores, leigos e diretores, para a execução do ensino da Doutrina Cristã.⁵⁸⁹ Assim, em maio de 1956 o

⁵⁸⁸ Idem.

⁵⁸⁹ É oportuno mencionar que o ensino da Doutrina Cristã que foi incisivamente trabalhado por padre Paulo Hobold em Araranguá foi incentivado pelo Papa Pio X em 15 de abril de 1905 na Encíclica Acerbo Nimis. Tal documento orientava as paróquias que organizassem canonicamente a associação denominada congregação da

pároco registrou que

em meados de maio iniciou-se a organização do Ensino catequético em todos os estabelecimentos de ensino, que na paróquia se compõem de 28 escolas Isoladas, 2 grupos Escolares,⁵⁹⁰ 1 Escola Regional Normal⁵⁹¹ e 1 ginásio.⁵⁹²

No ginásio e na Escola Normal, a catequese e o Ensino da Doutrina Cristã ficará ao cuidado das diretoras do mesmos Estabelecimentos.

Nas Escolas Isoladas e Grupos escolares é administrado o ensino religioso, em sua maior parte pelos mesmos professores ou professoras, sob a orientação do Padre Vigário, devendo prestar os alunos, mensalmente e no fim do ano, os devidos exames, conforme permite a legislação civil em vigor no Estado.

Para facilitar, e uniformizar, como ainda para servir de base, foi adotado em todo o curso o Catecismo nº 2 da série Doutrina Cristã, impresso pelas Irmãs (...) ⁵⁹³ de São Paulo. E

“Doutrina Cristã”. O objetivo era que os párocos escolhessem auxiliares entre os leigos para instruir as crianças com a doutrina cristã. Assim, toda a paróquia deveria fundar a congregação da Doutrina Cristã na sede para funcionar o ensino do Catecismo uma aula semanal. Já em 12 de janeiro de 1935, o cardeal Serafina, prefeito da referida congregação, ordena que se institua ainda o “Dia Catequético”, a fim de realizar a festa da Doutrina Cristã na paróquia (Disponível em: <www.vatican.va/offices/papal_docs>. Acesso em: 14/1/2009). Ao desenvolver as pesquisas nos arquivos das paróquias de Maracajá, Araranguá, Sombrio, Criciúma, Tubarão, Cocal do Sul, Laguna e outras, identifiquei nos livros Tombo que uma das maiores preocupações dos párocos era a constituição da Congregação da Doutrina Cristã nas décadas de 1920 a 1970.

⁵⁹⁰ O pároco estava referindo-se ao Colégio Normal Madre Regina, dirigido pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina e Colégio Nossa Senhora Mãe dos Homens, dirigido pela Congregação dos padres Josefinos de Murialdo.

⁵⁹¹ Refere-se à escola pública dirigida por leigos denominado Grupo Escolar Castro Alves.

⁵⁹² Escola pública denominada Escola David do Amaral.

⁵⁹³ Os manuscritos do pároco Paulo Hobold são de difícil compreensão e, nas dúvidas de algumas palavras ilegíveis, colocarei entre parênteses.

assim foram distribuídos, num total de 1200 catecismos entre os diversos alunos, como ainda 50 exemplares do Catecismo de Explicação, próprio para as professoras.

As Irmãs também estão com o Ensino da Doutrina Cristã para as crianças nos bairros da Paróquia utilizando-se de paióis, salões e outras residências particulares.

E como em todas as escolas havia um grande número de crianças já em idade para a Primeira Comunhão, foi mais uma razão para ser adotado o Catecismo.

Ass. Cônego Paulo Hobold.⁵⁹⁴



Figura 66 – Projetos pastorais de mercado da Igreja Católica

Fonte: Elaborado por Lúcio Vânio Moraes

Conforme o fragmento, percebi que em maio de 1956 Cônego Paulo Hobold, juntamente com as religiosas, conseguiram demarcar território para a Igreja Católica, praticamente em todos os distritos que pertenciam ao município

⁵⁹⁴ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Catequese Paroquial. Maio de 1956.

de Araranguá. Como se vê, foi implantando o ensino da Doutrina Cristã nas vinte e oito escolas isoladas dos distritos e nas quatro escolas no centro do município. Em cada escola, o pároco contava com o trabalho dos adeptos da rede de empresários da qual capacitou. Assim, em cada escola colocava de duas a três catequistas, contabilizando um expressivo número de aproximadamente 96 pessoas espalhadas no território araranguaense.

Além da Igreja Católica demarcar território no espaço escolar, ela procurava estar presente em alguns bairros economicamente carentes em Araranguá. As religiosas, orientadas pelo carisma reginiano, juntamente com as juvenistas, lecionavam a aula de Religião em galpões, salões e outros estabelecimentos de propriedade particular.



Figura 67 - Religiosas lecionando catequese para crianças em um depósito de farinha no bairro Barranca - Araranguá (1961)

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá

Na imagem acima é possível visualizar faces das práticas pedagógicas desenvolvidas pelas religiosas, para as crianças no

âmbito não escolar. Como se vê, a religiosa está lecionando aula de Catecismo em um depósito que, possivelmente pode ser de farinha, feijão ou de arroz, no bairro Barranca, município de Araranguá em 1961. O paiol é de alvenaria, paredes com pequenas rachaduras revestidas com o sarapico e uma pintura branca, já apagada. O chão é de concreto sem revestimento cerâmico, com pequenos buracos, úmido e com poeira.

Mesmo que a fotografia não possua qualidades, é possível perceber ainda que a iluminação do ambiente parece ser precária, com uma janela velha de madeira já com os vidros quebrados, aberta, permitindo que entrasse o ar e a luz do sol, clareando os meninos e a religiosa. O prédio, então, representa ser um pouco velho, exalando um cheiro dos alimentos que ali estavam, mas que, naquele momento, servia para abrigar aproximadamente dezoito meninos e a religiosa.

Os meninos, com idade entre seis a oito anos, estão sentados sobre os bancos velhos de madeira, sem escoro, ouvindo atentamente os ensinamentos da religiosa. Nessa imagem, eles não seguram nada nas mãos, nem caderno, lápis e nem o Catecismo. Talvez ainda não tivessem recebido o material didático.

Na foto ainda se vê um menino, da última fileira do banco, que está em pé e de frente para a religiosa. Acredito que o menino esteja respondendo a uma pergunta que a religiosa lhe havia feito. Quem sabe se o ensino da catequese não possuía o mesmo modelo da escrita do Catecismo, com os mesmos métodos de perguntas e respostas? Vê-se ainda na imagem que, enquanto ele respondia, a maioria dos seus colegas viraram a cabeça para olhar e escutar.

Parece que o ambiente fazia frio. A maioria dos meninos estavam vestindo camisa comprida, calça e ainda calçando sapato e meia. Imagino que esses meninos não passavam por dificuldades econômicas, sendo talvez filhos de ferroviários, agricultores e quem sabe, funcionário público. Sou conhecedor, no entanto, que no período em estudo as dificuldades econômicas nas famílias eram muitas.

A religiosa vestia o seu hábito comprido de cor cinza, que as freiras usavam ao lecionar. Seu sapato preto estava empoeirado, talvez, por tanto caminhar pelas estradas do bairro, que não era calçada, havia os trilhos da ferrovia Dona Tereza Cristina.

É perceptível ainda na imagem o modelo tradicional de separação de meninos com meninas. Isso porque as religiosas possuíam o costume em lecionar as aulas de catequese para turmas separadas. Na Figura 68 visualizei também as religiosas lecionando para aproximadamente quarenta meninas com idade entre 6 a 8 anos.



Figura 68 - Religiosas lecionando catequese para meninas na localidade “Buraco Quente,” Araranguá (1961)

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá

As vestes da religiosa nas Figuras 67 e 68 despertaram o interesse em conhecer melhor os significados do uso do hábito para as religiosas. Por meio da entrevista da ir. Maria do Carmo Almirão, compreendi que o hábito tinha a função de transmitir igualdade entre as religiosas e também de fazer a diferença com o mundo.

O hábito preto era usado pelas irmãs quando estavam trabalhando na educação. Como os médicos aconselharam a não usar mais o preto por motivo dos problemas de saúde,

então foi trocado pelo hábito de cor cinza. A cor preta queima a pele, esquenta com facilidade e por isso foi trocado.

Já o hábito branco era usado pelas irmãs que trabalhavam nos hospitais.

O uso do hábito pelas religiosas da Congregação de Santa Catarina era por diversos motivos, como separação, consagração e igualdade. Isso fazia todas serem iguais, sem problemas da desigualdade. Além do hábito, usávamos também o véu e tipo uma caixa toda forrada de tecido em nossa cabeça.

O hábito era um vestido bem largo, com pregas para não retratar o corpo, um avental e quando saísse na rua teria que usar uma capa por cima do hábito.

Usava-se uma meia grossa e sapatos social tipo modelo masculino.

Nossa Congregação deixou de usar o hábito porque aqui no Brasil o clima é muito quente e, por isso, não foi mais necessário. Isso veio ordens da Congregação de Santa Catarina.

Quando nós andávamos na rua, as pessoas diziam: “Lá vem os corvos”. Porque de início usávamos tudo preto.

O uso do hábito era um sacrifício que fazíamos em nome de Jesus. Sacrificava a carne, para obedecer uma ordem pela congregação e fazer a diferença no mundo.

Agora, o mais interessante é estar no meio do povo, da necessidade do que estivesse de hábito e presos em conventos sem fazer ações de evangelizações.⁵⁹⁵

⁵⁹⁵ Maria do Carmo Almirão, 70 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.



Figura 69 - Maria do Carmo Almirão (2011)
Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Saliento que, ao trabalhar com fotografias,⁵⁹⁶ não se deve entendê-las apenas como uma “simples função de registrar momentos da história, mas como uma fonte histórica, tanto para historiadores da fotografia, como para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos”.⁵⁹⁷ Contudo, “enquanto ela estiver guardada nos álbuns familiares e/ou nos arquivos históricos, a foto não explica, não interpreta e não comenta, a

⁵⁹⁶ As leituras dos autores desta nota de rodapé foram significativas para compreender a importância da fotografia na elaboração dessa tese. BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. ROCHA JÚNIOR, Deusedith Alves. **Fotografias para falar do passado**. In: Padê: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília: UniCEUB. V. 2, n.1/07. P. 75-80. SONTAG, Susan. **Sobre fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

⁵⁹⁷ KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989, p. 69.

fotografia fica muda, nua, plana e fosca”.⁵⁹⁸ Ou seja, como qualquer outro documento ela precisa que o pesquisador venha a problematizá-la, interrogá-la,⁵⁹⁹ a fim de lhe dar voz, vida, corpo, textura, cheiros e cores, pois ela é portadora não somente do que a imagem representa, mas evocadora de outras informações que possibilitam ao historiador ir à busca de outros indícios. Nesse caso, a fotografia enquanto artefato passa a ser lida como um texto, um recorte da realidade com sua carga cultural, as emoções, vivências que podem ser entendidas no seu tempo. Nas colocações de Boris Kossoy, a fotografia “é um intrigante documento visual cujo conteúdo é a um só tempo revelador de informações e detonador de emoções”.⁶⁰⁰

Retomando o fragmento que trata da distribuição gratuita dos 50 catecismos aos professores pelo padre Paulo Hobold em 1956, a obra era intitulada **Explicação do Pequeno Catecismo**. Esse Catecismo possuía notas de rodapé explicativas, imagens e outros dados para uma melhor compreensão dos demais catecismos.

Os conteúdos abordados no livro **Explicação do Pequeno Catecismo** possuíam funções de explicar as quatro partes fundamentais do Catecismo por meio de seis métodos pedagógicos, a saber: 1) abordava a questão da história bíblica; 2) explicação teórica (teoria); 3) aplicação prática; 4) comparação por meio de imagens, parábolas; 5) um exemplo de vida e 6) uma oração jaculatória.⁶⁰¹

⁵⁹⁸ DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. Ed. Campinas: Papirus, 2003, p. 84.

⁵⁹⁹ PRIORE, Mary Del. Fazer história, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador. **Territórios e Fronteiras** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, v. 3. n.1, jan.jun/2002. Cuiabá (MT), p. 9-20.

⁶⁰⁰ KOSSOY, Boris. *Op. cit.*, p. 16.

⁶⁰¹ SLATER, Pe. Dr. Jacob Hudleston. *Op. cit.*, p. 7 e 8.

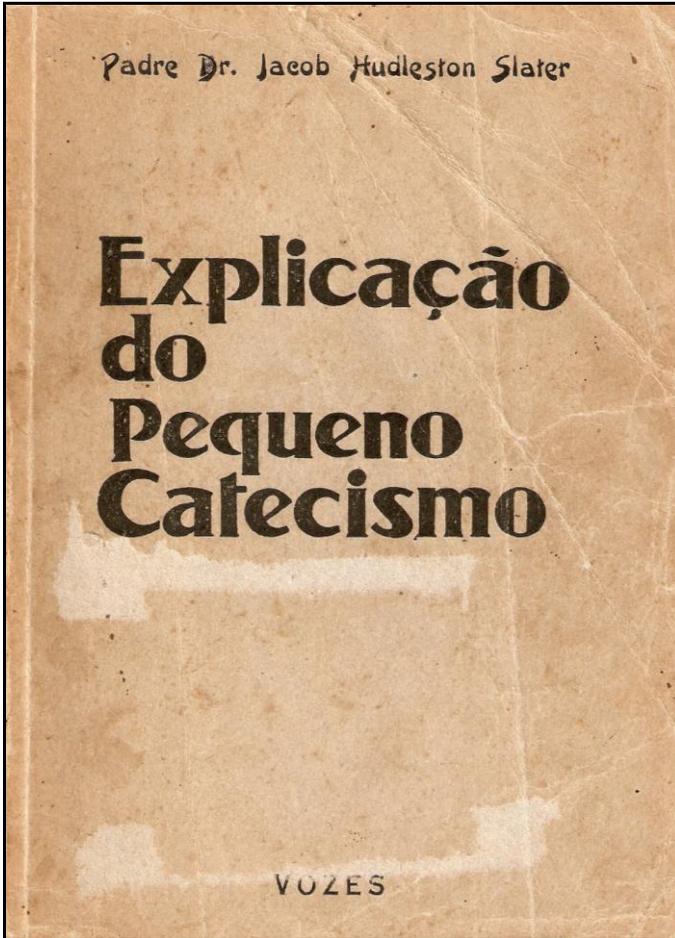


Figura 70 – Capa do Catecismo (1956)

Fonte: Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina - Araranguá

Sobre o processo de instrução catequética no Brasil, o historiador Mauro Passos, em seu livro **A pedagogia catequética e a educação na primeira república do Brasil (1889-1930)**, analisou de forma significativa que a uniformidade de ensino e o uso de catecismos fizeram parte dos projetos da Igreja Católica, cujo objetivo era possibilitar a organização interna, a disciplina eclesiástica, como também a defesa da fé

em contraposição a liberdade religiosa da República. De modo geral, Mauro Passos salientou que o estudo do Catecismo nas escolas tornou-se um instrumento pedagógico importante que contribuiu na implantação do catolicismo romanizado no Brasil e também como estrutura teológica para a Igreja Católica na situação pluralista.⁶⁰²

No próximo subtítulo estarei abordando ainda a situação de mercado em Araranguá, ao analisar os conteúdos do Catecismo, as avaliações da disciplina de “Religião e Formação Moral” e as literaturas da biblioteca do Colégio Madre Regina. Tais documentos são entendidos como cultura escolar e foram utilizados pelos professores e pelas religiosas para comercializar os bens de salvação da Igreja Católica e refutar as outras empresas do sagrado em Araranguá.

3.4 Cultura escolar e trânsito religioso

Por meio dos documentos escritos e orais, identifiquei que o Catecismo era também considerado um livro didático para ser utilizado principalmente pela professora de religião e pela catequista. A rigor, a maioria dos professores conhecia e reforçava o pensamento do Catecismo, pois, como já dito, esse era um dos instrumentos que norteava o pároco, os professores e de modo geral os adeptos católicos. Esse livro traz a explicação para questões teológicas, doutrinárias e administrativas (ordens do papado) do catolicismo como: salvação, céu, inferno, pecado (mortal, venial), purgatório, fé, infalibilidade papal, constituição da “santa Igreja”, a noção de que Igreja Católica é universal e a única que pode dar a salvação, mandamentos da Igreja, missa e outros.

O item 114 do Catecismo, por exemplo, traz a seguinte pergunta: “Quais são os sinais da verdadeira Igreja? Os sinais da verdadeira Igreja são os seguintes: ser ela: 1) una, 2) santa, 3) católica, 4) apostólica”.⁶⁰³ O item 115 questiona: “Qual a única Igreja que tem êstes (sic) sinais? A única Igreja que tem estes sinais é a Igreja, Apostólica, Romana”.⁶⁰⁴ Quanto à afirmação

⁶⁰² PASSOS, Mauro. **A pedagogia catequética e a educação na primeira república do Brasil (1889-1930)**. Roma: Universidade Pontifícia Salesiana, 1998, p. 77.

⁶⁰³ POLL, Fr. Boaventura. *Op. cit.*, p. 48.

⁶⁰⁴ Idem *ibidem*.

sobre a Igreja Católica verdadeira, o item 120 apresenta: “Qual é, portanto, a única verdadeira Igreja? A única verdadeira Igreja é a Santa Igreja, Apostólica Romana”.⁶⁰⁵ Ao justificar a concepção da Igreja Católica como sendo a única a oferecer salvação, no item 129 se lê: “Por que é a Igreja Católica a única em que podemos obter salvação? A Igreja Católica é a única em que podemos obter a salvação, porque ela só e nenhuma outra foi fundada por Jesus Cristo para levar os homens à salvação eterna”.⁶⁰⁶

Vale salientar que o uso do Catecismo como uma ferramenta principal de trabalho aos professores em sala de aula acabava influenciando em todo o processo de ensino de uma escola. Desde a escrita do Regimento Interno, planejamento escolar anual e semanal, os conteúdos, as práticas e as avaliações seguiam orientações do Catecismo.

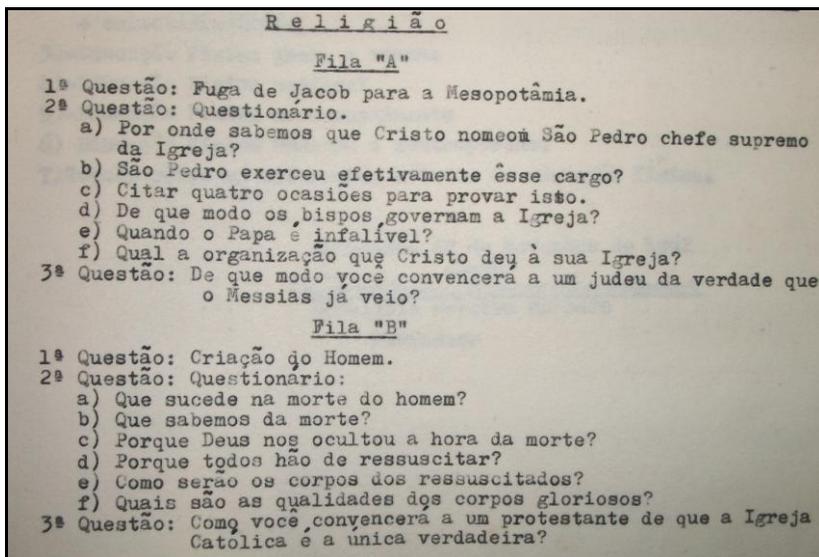


Figura 71 – Avaliação da disciplina Religião e Formação Moral do Colégio Madre Regina (1966)

Fonte: Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina - Araranguá

⁶⁰⁵ Idem ibidem.

⁶⁰⁶ Idem, p. 52.

Assim, na ata geral de exames referente ao ano de 1961,⁶⁰⁷ na avaliação da disciplina de religião no Colégio Madre Regina, há perguntas de como um fiel católico deveria se defender ao ter a visita de um espírita, maçom ou de um protestante em sua residência. Essa avaliação, elaborada pela professora ir. Maria Carista Gawronski e entregue aos estudantes de 6^a, 7^a e 8^a série, sugere ainda que o ambiente escolar foi tomado como local para que as religiosas apresentassem os produtos religiosos da Igreja Católica e fossem consumidos pelos fiéis católicos. Além disso, os conteúdos desse educandário possuíam as mesmas preocupações apontadas nos documentos paroquiais, que era desqualificar as demais agências, considerar ilegítimas no mercado e impedir o trânsito de adeptos católicos para outras agências religiosas.

Ponto 1- Quando um herege da Seita Espírita vier na sua residência para te envenenar com os seus conhecimentos e com literaturas, o que um autêntico cristão deve fazer?

Ponto 2- As Seitas Espíritas, a maçonaria e os protestantes são considerados autênticos cristãos?

Ponto 3- Como se convencerá a um protestante de que a Igreja Católica é a única verdadeira?⁶⁰⁸

A problemática de rejeição de outras agências religiosas no Colégio Madre Regina é analisada ainda por meio da memória oral. Na entrevista concedida por dona Maria Terezinha Nunes de Souza, professora aposentada e que teve um forte envolvimento com os trabalhos da Igreja Católica, ela afirma:

Fui catequista na paróquia por muitos anos e um dia o padre Paulo Hobold me convidou para dar cursos para os noivos. Fui para ficar um ou dois anos e fiquei 27 anos

⁶⁰⁷ Este documento é semelhante a um planejamento anual onde constam os conteúdos a serem trabalhados e as avaliações já elaboradas.

⁶⁰⁸ Ata geral de exames, 1961. Arquivo da Secretaria da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina. Araranguá (SC).

coordenando cursos de noivos. Depois deixei a atividade para outros.⁶⁰⁹

São relevantes as lembranças de dona Maria Terezinha Nunes de Souza para o entendimento das disputas no mercado religioso entre as instituições religiosas no âmbito escolar, pelo fato de ela ter trabalhado naquele momento na Igreja Católica com o Cônego Paulo Hobold e também com as religiosas da Congregação de Santa Catarina. Segundo ela,

o pároco Paulo Hobold era nosso compadre e quase sempre frequentava nossa casa. Ele e meu esposo eram amigos. O prato predileto do padre Paulo era papo de peru. Teve um tempo aqui em Araranguá em que começou a aparecer outras religiões, como a Igreja Episcopal e evangélica, as mais antigas de Araranguá, e o padre Paulo não aceitava. Ele, sendo muito enérgico, e a irmã Carista combatiam a maçonaria, o Espiritismo e os protestantes. Aí alguém dizia para a irmã Carista: “Mas tem até padre maçon?”. E a irmã Carista dizia que era ignorância dessa gente. O Espiritismo era muito combatido também; a reencarnação né, e a Igreja não aceitava.⁶¹⁰

⁶⁰⁹ Maria Terezinha Nunes de Souza, 82 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.

⁶¹⁰ Idem.



Figura 72 – Sr. Antônio Caetano de Souza e Maria Terezinha Nunes de Souza (2011)

Fonte: Arquivo digital de Lúcio Vânio Moraes

Em duas avaliações elaboradas pela ir. Maria Lília Stöckl, que lecionava a disciplina de “Religião e Formação Moral” para turmas de 1ª e 2ª série, há informações de que o colégio combatia, por meio dos conteúdos, o “germe” de heresias propagadas pelo Espiritismo, pela maçonaria e pelas outras instituições religiosas.

A proposta de avaliação do Colégio Madre Regina no período era a seguinte: todos os conteúdos que haviam sido estudados em sala de aula durante dois ou três meses eram especificados em uma folha por pontos. Desses pontos, dois eram sorteados para que o estudante pudesse discorrer sobre os assuntos desses conteúdos. Desse modo, na primeira avaliação que ocorreu em 14 de junho de 1963, percebi dez pontos, dos quais o estudante deveria explorar três. Verifiquei que, desses dez pontos estudados, cinco combatiam o Espiritismo e dois a maçonaria. Conforme a Tabela 7 e Figura 73, percebi quais os

assuntos explorados em sala de aula a fim de tornar ilegítimas as duas agências religiosas no mercado religioso em Araranguá.

Tabela 7- Conteúdos do Colégio Madre Regina selecionados para Exame Final (1963)

PONTO	LETRA	CONTEÚDO
3º	a	Espiritismo, introdução, definição e origens
4º	a	Espiritismo, propagação, reforma e refutação das irmãs Fox
5º	a	Espiritismo, doutrina e refutação Reencarnação
6º	a	Espiritismo, refutação pela parábola “Rico avarento e pobre Lázaro”
7º	a	O Espiritismo e a ressurreição da carne
8º	a	Maçonaria, Introdução – Vantagens - Princípios e posição da Igreja
9º	a	Maçonaria: Porque a Igreja condenou a maçonaria

Fonte: Tabela elaborada pelo autor por meio da avaliação de 14/6/1963 para turmas de 1ª e 2ª série Normal na disciplina de “Religião e Formação Moral”⁶¹¹

⁶¹¹ Arquivo da Secretaria da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina. Araranguá (SC).

COLÉGIO NORMAL MADRE REGINA

Araranguá Santa Catarina

1ª e 2ª Séries Normais- Ponto sorteado nº 12 e 15 - 31

RELIGIÃO E FORMAÇÃO MORAL

1º Ponto: a) Moral - definição- objeto e moral independente.
b) Das obras de misericórdia- 340-346.
c) Entrada de Jesus na terra prometida.

2º Ponto: a) Espiritismo- definição e origem.
b) Profanação do domingo 398-402.
c) Daniel na cova dos leões.

3º Ponto: a) Maçonaria- Vantagens- princípios e posição da Igreja.
b) Santificação do domingo-dias santos- 393-397.
c) Daniel defende a sua fé.

4º Ponto: a) A casta Suzana com interpretação do conteúdo moral e religioso.
b) Veneração nas imagens- 377-380.
c) abstinência- 511-516.

5º Ponto: a) Ressurreição da carne e o espiritismo.
b) Voto- 390- 392.
c) Jejum- 506- 510

6º Ponto: a) O profeta Balaão com interpr. do conteúdo moral e religioso.
b) Juramentos- 306-309.
c) O 2º e 3º mandamento da Igreja.-501-505.

7º Ponto: a) Últimas exortações de Moises com interpretação.
b) Profanação do 2º mandamento. 361-385.
c) O 1º mandamento da Igreja. 490- 494.

8º Ponto: a) Leis e espécies de leis.
b) Veneração e invocação dos Santos- 369-376.
c) Da palavra de Deus- 495-500.

9º Ponto: a) Castigos no deserto nº 1,2,3, com interpretação .
b) Pecados contra o culto interior e exterior. 364-368.
c) Própria honra.

10º Ponto: a) Os exploradores nº 1,2, com interpretação.
b) Culto exterior de deus- 361- 362.
c) Difamação do próximo- 476-479

11º Ponto: a) Adoração do bezerro de ouro com interpretação etc.
b) Necessidade da observância dos mandamentos. 314-318
c) Honra do próximo- 471-475.

A 12º Ponto: a) Milagres do deserto- Nº 1 e 2- interpretação .
b) Adoração interior- 355 e 360.
c) 8º Mandamento- 464- 470.

13º Ponto: a) Espiritismo- Refutação pela parábola- Rico avarento e pobre Lázaro.
b) Do amor de Deus- 319- 327.
c) Tobias e comentários práticos.

14º Ponto: a) Milagres no deserto- nº 3 e 4- interpretação.
b) Do amor dos inimigos- 334- 339
c) Mandamentos da Igreja- 484-489.

B 15º Ponto: a) Passagem do Mar Vermelho- le 2 interpretação...
b) Do amor do próximo- 328-333.
c) Furto e roubo- 455-453.

16º Ponto: a) Castigos no deserto- nº 6- interpretação...
b) Deveres dos pais com os filhos- 420- 424.
c) Pecados contra a vida corporal do próximo- 426- 431.

17º Ponto: a) Espiritismo- propagação e refutação pelas irmãs Fox.
b) Deveres para com os superiores- 413- 416.
c) Pecados contra a vida da alma - 433- 438.

18º Ponto: a) Espiritismo- reencarnação- refutação.
b) Deveres dos súditos - 410- 418.
c) Pecados contra o 6º e 9º Mandamentos- 438-444.

19º Ponto: a) Castigos no deserto- 4 e 5 - interpretação.
b) Deveres dos filhos- 423- 407.
c) Consequências da impureza- 445- 448.

20) Ponto: a) Maçonaria- porque foi condenada pela Igreja.
b) Castigos e recompensa da obediência- 408- 409- Absolção.
c) 7º Mandamento- 449- 454.

Araranguá, 16 de novembro de 1963

Professora: *Luiza Silva*

Visto: *João Maria da Silva*

Figura 73 – Avaliação da disciplina Religião e Formação Moral do Colégio Madre Regina (16/11/1963)
Fonte: Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá

A problemática de rejeição do Espiritismo, da maçonaria e do protestantismo ganhou fôlego em Araranguá a partir de um movimento organizado pela Cúria Diocesana de Florianópolis, que em parceria com o pároco Paulo Hobold enviou o conferencista frei Carlos Boaventura Klopensburg para instruir principalmente os católicos sobre tais agências religiosas. Assim, no livro Tombo em 16 de julho de 1959, o pároco Cônego Paulo Hobold não economizou recursos para a divulgação da conferência em Araranguá, convidando os católicos a adquirir conhecimento para se defenderem de tais heresias.

Frei Carlos Boaventura Klopensburg (16/7/1959). No dia 16 de julho, pena que foi um só dia, tivemos a visita de Frei Boaventura, exímio conferencista e conhecedor das seitas heréticas, especialmente o espiritismo e maçonaria. A finalidade da visita, aliás esta sob as responsabilidades da Cúria Diocesana, foi apresentar diversas conferências, por onde os fiéis poderiam aprender não só a resguardar-se contra as heresias, como ainda obter argumentos, para combater os erros das mesmas heresias.

Tinha-se feito uma boa propaganda, e assim foi notável a afluência de ouvintes.

As conferências foram realizadas na Igreja Matriz e no Salão do Ginásio Local. Diversos maçons e alguns simpatizantes do espiritismo assistiram as conferências, e pelo que se pode averiguar, o resultado foi bastante satisfatório. Um maçom, ao sair da Matriz após a conferência, dizia para o amigo: “Eu estou agora bem convencido de que o Frei também, é ou foi maçom. Porque para explicar assim, só quem é maçom e estudado isto”.⁶¹²

Sobre o movimento da Cúria Diocesana de Florianópolis

⁶¹² Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Tomo I. 16/7/1959.

em articular a vinda de frei Carlos Boaventura Kloppenburg em Araranguá, busquei apoio no historiador Renato Ortiz ao dizer que a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), objetivando oferecer esclarecimentos e orientações ao público católico, lançou uma campanha em agosto de 1953 intitulada “Campanha Nacional Contra a Heresia Espírita”⁶¹³ e contratou frei Carlos Boaventura Kloppenburg para proferir diversas palestras, conferências e publicações sobre os referidos assuntos.

Frei Carlos Boaventura Kloppenburg foi um dos principais teólogos que publicou sobre o Espiritismo e a maçonaria. Segundo Renato Ortiz,⁶¹⁴ sua primeira obra que invalida e ilegítima o Espiritismo no campo religioso brasileiro foi publicado em 1952 e é intitulada “Contra a Heresia Espírita”.⁶¹⁵ Nessa obra, a partir de dados estatísticos fornecido pelo IBGE, frei Carlos Boaventura Kloppenburg apresentou que no Rio de Janeiro o número de espíritas passa, entre 1940 e 1950, de 75.149 a 123.775.⁶¹⁶

Há, porém, outras obras de frei Carlos Boaventura Kloppenburg que se destacam, como, por exemplo, “A Cristologia do Espiritismo”, publicado na **Revista Eclesiástica Brasileira** em 1953,⁶¹⁷ “O Alarmante Crescimento do Baixo Espiritismo”,⁶¹⁸ “Ensaio de uma nova Posição Pastoral perante a Umbanda”.⁶¹⁹

Para melhor entendimento das práticas pedagógicas e da concorrência no mercado religioso em Araranguá a partir da década de 1950, é possível elaborar um esquema do trabalho organizado pelo pároco e pelas religiosas. Assim, para a Igreja Católica combater a infiltração das instituições religiosas, os empresários da religião da Igreja Católica buscavam meios com ações insidiosas a fim de mantê-la predominante no mercado e

⁶¹³ ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 205.

⁶¹⁴ Idem, p. 206.

⁶¹⁵ KLOPEENBURG, frei Carlos Boaventura. Contra a heresia Espírita. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 12, fasc.1, 1952.

⁶¹⁶ ORTIZ, Renato. *Op. cit.*, p. 203.

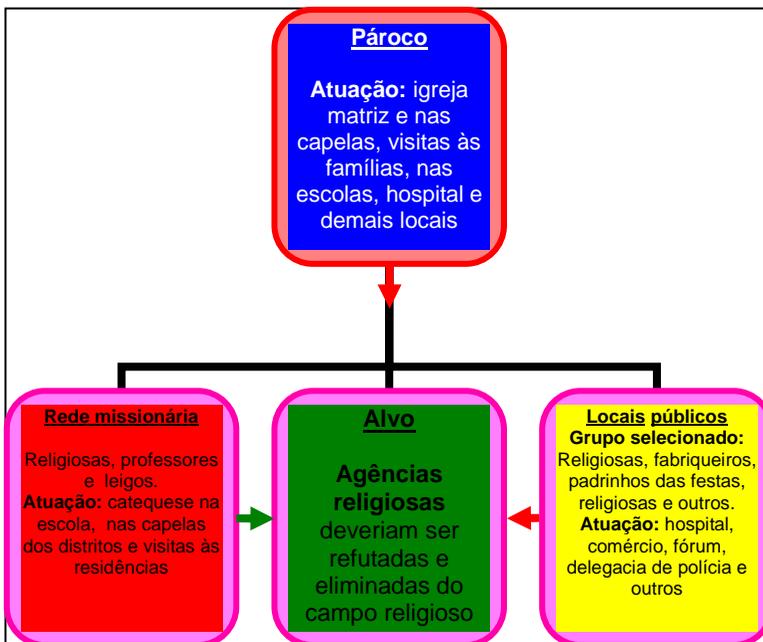
⁶¹⁷ KLOPEENBURG, frei Carlos Boaventura. A Cristologia do Espiritismo. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 13, fasc.1, 1953.

⁶¹⁸ KLOPEENBURG, frei Carlos Boaventura. O Alarmante Crescimento do Baixo Espiritismo. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 13, fasc.1, 1953.

⁶¹⁹ KLOPEENBURG, frei Carlos Boaventura. O Ensaio de uma nova Posição Pastoral perante a Umbanda. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 28, n. 2, jun. 1968.

delegavam tarefas para um grande grupo de indivíduos da sociedade, constituindo uma rede de missionários. Isto é, as instruções pastorais procediam do pároco para as religiosas e para os grupos (professores, catequistas e demais leigos), e cada qual possuía funções para atuar nas escolas, nas capelas dos distritos, nos centros comunitários, nos galpões, no hospital, nos comércios, nas famílias e de forma geral em todas as áreas da sociedade.

Diagrama 11- Atuação da Igreja Católica nos locais públicos de Araranguá (1951-1982)



Fonte: Elaboração de Lúcio Vânio Moraes

O objetivo principal dos párocos e das religiosas era comercializar os bens de salvação da Igreja Católica em diversos espaços na sociedade a fim de atingir o consumidor católico e também o não-católico com os ensinamentos da Igreja Católica. Entre outras palavras, o intuito desse vasto trabalho educativo-catequético, empreendido pelo pároco e desenvolvido pela rede

de missionários⁶²⁰ era lançar no mercado produtos embebidos dos valores católicos que, ao serem consumidos por um maior número de pessoas, traria à Igreja Católica legitimidade no mercado.

Retomando as práticas de trabalho das religiosas no Colégio Madre Regina, os documentos escritos indicam que elas combatiam de forma explícita as literaturas de outras empresas da religião. De acordo com o livro *Crônica* de 1957, em um episódio, ir. Carista Gawronski demonstrou rejeição e em tom acusatório a outra instituição ao negar literaturas religiosas de um jovem pertencente à Igreja Presbiteriana.

Um certo dia eu estava em frente ao Ginásio e aproximou-se um moço de boa aparência e me cumprimentou: “Bom dia, irmã!”. Eu respondi educadamente e imaginei ser um inspetor escolar. Perguntei a ele e o mesmo respondeu-me que era um pastor da Igreja Presbiteriana. O moço, então, disse que havia algumas literaturas religiosas e que veio somente para entregar às freiras para conhecerem sobre a religião dele. Eu nem peguei na mão aqueles venenos e disse a ele que nós temos literaturas que mostram a autêntica verdade da Igreja Cristã e que não havia necessidade de usarmos outras literaturas heréticas. Após, o moço pastor passou a atacar-me com palavras e injúrias e eu fui obrigado a sair correndo! Oh que escape deu-me Madre Regina.⁶²¹

Cumprir lembrar que existia no Colégio Madre Regina o zelo pela divulgação de materiais católicos, folhetos, livros, revistas e a dura posição contra a circulação de materiais “acatólicos” como um recurso para manter a predominância católica. Na Igreja Católica, a vigilância é expressa em várias ocasiões, principalmente durante as missas. No Caderno

⁶²⁰ Refere-se àqueles indivíduos que professam a fé católica e são ativos nas atividades da Igreja Católica. Eles participam no processo de evangelização apropriando-se do texto bíblico de Mateus quando Jesus Cristo instruiu os seus discípulos ao dizer “Ide e pregai o evangelho a toda a criatura” (Mateus 16.15).

⁶²¹ Livro *Crônica*, 1957, p. 32. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

Rascunhos Paroquiais da Igreja Católica, em julho de 1962, é perceptível o registro de que o Cônego Paulo Hobold considerava veneno mortal as literaturas de espíritas e dos protestantes.

[...]

Não aceitem em sua casa literaturas que são venenosas. Suas leituras no início parecem ser doces, mas depois acabam ficando amargas, pois tais livros e folhetos são contraditórias às verdades da Igreja Católica. Cuidado com as serpentes que tentam lhes enganar. Ontem, um grupo de hereges protestantes distribuía na paróquia⁶²² suas literaturas. O católico que recebeu que queime, não deixe esse mal em sua casa.⁶²³

Compreendi que o Cônego Paulo Hobold e as religiosas reproduziam em seus discursos alguns pensamentos do Catecismo. Assim, no fragmento acima, notei uma semelhança do pensamento do pároco para com a literatura **Explicação do Pequeno Catecismo**, onde se vêm as representações depreciativas em relação às literaturas dos protestantes.

Em tôdas (sic) as religiões falsas o demônio se disfarça em anjo de luz. Mas quem olha bem reconhece a cauda da cobra. Assim os protestantes falam lisonjeiramente de Jesus e da Sagrada Escritura. Mas quem olha bem reconhece a cauda da cobra. A cauda da cobra na religião protestante é a blasfêmia contra Maria. Nisto cada um pode ver que essa religião não é de Jesus, mas sim do demônio.⁶²⁴

Verificando um texto usado como conteúdo escolar pelas professoras e religiosas em 1962, identifiquei ainda a vigilância quanto ao ter em casa a Bíblia dos protestantes e a proibição de

⁶²² O sentido de paróquia seria no município do Araranguá.

⁶²³ Caderno Rascunho Paroquiais de Araranguá, 1962.

⁶²⁴ SLATER, Pe. Dr. Jacob Hudleston. *Op.cit.*, p. 68 e 69.

frequentar as suas reuniões. Percebi que, embora os protestantes professassem a mesma religião da Igreja Católica, não foram reconhecidos como cristãos pelo fato de não creem, honrarem e reconhecerem o poder de alguns ícones identitários da Igreja Católica, como, por exemplo, virgem Maria, a mãe de Deus. Sob o título “Cada professor do Madre Regina deve ensinar os alunos Honrar a Mãe de Deus”, lê-se:

Os protestantes dizem que querem a Jesus. Mas querem a Jesus, sem honrar sua mãe. Não crêem que Maria tenha sido concebida sem pecado original. A sagrada Escritura chama-a “Cheia de Graça”. Mas os protestantes riscam estas palavras das suas bíblias: não querem chamar Maria “cheia de Graça”. Não respeitam as imagens de Nossa Senhora, nem rezam a Ave-Maria. Os protestantes querem Jesus sem Maria.

Não queremos em nossas casas bíblias protestantes; pois, nestas bíblias se riscaram as palavras do anjo, que chama de Virgem Maria “Cheia de Graça”. Estas bíblias não são mais a Sagrada Escritura, pois estão cheios de heresias. Nunca devemos ir a conferências protestantes; pois não nos podem falar bem de Deus quem não respeita a sua Mãe de Deus.⁶²⁵

Ao ter para análise um fragmento referente ao ano de 1962 do livro Tombo da Paróquia de Araranguá, com o título “Um testemunho de reação católica”, identifiquei a forma como Cônego Paulo Hobold comportou-se quando um pastor protestante estava em Araranguá ofertando bens de salvação em um espaço público. Por meio do relato do pároco, a reação veio a esquentar, quando o pastor por nome de Eloy Brijes Peralta atacou um dos símbolos identitários de devoção do catolicismo em Araranguá. Como contra-ataque, os adeptos católicos demonstraram ações físicas de intolerância religiosa como forma

⁶²⁵ Texto “Cada professor do Madre Regina deve ensinar os alunos Honrar a Mãe de Deus”, 1962. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá (SC).

de disputas mercadológicas. Segundo o documento,

um pastor de nome Eloy Brijes Peralta, proprietário do templo Evangelizador, em Porto Alegre, misturados de religião com sugestões e hypnose (sic), tipo curandeiro, andava nesta cidade, fazendo por duas noites, sessões em praça pública. Falava bem, com nuances e histerismos. A assistência, não numerosa, era formada de curiosos, mas há sempre os “crentes” em tais coisas. Mas, na segunda noite o ambiente infesou-se (sic), o homem arriscou-se a atacar Nossa Senhora. Teria a reação.

Às 10 horas da noite, hora mais importante da sessão, choveram de todos os cantos, pedras, ovos podres etc. A luz elétrica foi desligada. Formou-se um verdadeiro pânico de correrias e gritos. – Consequências: Nenhum ferido, mas o pastor e seus dois secretários chegaram ao hotel todos lambuzados, tremendo de medo e foram aconselhados de que se retirassem da cidade para não acontecer-lhes coisas pior. E lá se foram. Mas dois dias depois vieram dois indivíduos, um advogado para mexer no processo, adusindo (sic) vários pretextos. Foi aberto inquérito por ordem do juiz (sic), cuja mulher era da mesma seita.

Muita gente foi chamada, mas deante (sic) das declarações firmes, os interessados acharam mais conveniente encerrar de qualquer maneira o inquérito. E é claro, aos dois domingos seguintes baseados na Constituição Federal e na Moral manifestei o meu apoio à ação positiva dos católicos; melhor no entanto, teria sido se não tivessem comparecido ao tal culto falso e condenável. Tenho para mim que nenhum pastor protestante ousará de público atacar a Nossa Senhora logo que tiver conhecimento do incidente daquela noite acima descrita.

Ass: Cônego Paulo Hobold.⁶²⁶

Percebi, ainda, que o pároco Paulo descreve o incidente ironizando e em tom acusatório, criminalizando tal agência no sentido de torná-la ilegítima no mercado, igualando-a às práticas de curandeirismo e histerismos. Esse fragmento, conforme propõe Pierre Bourdieu, remete à oposição entre os detentores do monopólio do sagrado e os leigos, vistos como profanos, como ignorantes da religião, e constitui a base do princípio da oposição entre o sagrado e o profano e, paralelamente, entre a manipulação legítima (religião) e a manipulação profana e profanadora (magia ou feitiçaria) do sagrado.

Uma vez que a religião, e em geral todo sistema simbólico, está predisposta a cumprir uma função de associação e de dissociação, ou melhor, de distinção, um sistema de práticas e crenças está fadado a surgir como magia ou como feitiçaria, no sentido de religião inferior, todas as vezes que ocupar uma posição dominada na estrutura das relações de força simbólica, ou seja, no sistema das relações entre os sistemas de práticas e de crenças próprias a uma formação social determinada.⁶²⁷

Nessa compreensão, posso inferir que o protestantismo era representado pelo poder religioso (Igreja Católica) como profano (equivalente a vulgar) e profanador, pelo fato de, por sua própria existência, contestar o “monopólio da gestão do sagrado e, portanto, da legitimidade dos detentores deste monopólio”.⁶²⁸

Retomando ao ocorrido descrito no livro Tombo por Cônego Paulo Hobold, os depoimentos de dona Verônica De Vechia oferecem outros indícios para melhor compreensão das disputas no campo religioso. Na época, a entrevistada pertencia à Igreja Evangélica Assembleia de Deus e até hoje exercita a fé na mesma instituição. Segundo ela, o incidente ocorreu à noite, em uma praça pública próxima ao bairro Coloninha, em uma

⁶²⁶ Livro Tombo da Paróquia de Araranguá. Título: Um testemunho de reação católica. 10 a 13 de agosto de 1962.

⁶²⁷ BOURDIEU, Pierre. 1999. *Op.cit.*, p. 43-44.

⁶²⁸ Idem ibidem.

campanha evangelística de quatro dias cujo objetivo era também ofertar bens de salvação à clientela consumidora, principalmente aos fiéis católicos.

O pastor que estava pregando na campanha era de Porto Alegre e muito usado por Deus. Ele pregou mesmo, o evangelho genuíno. Mas naquele tempo tinha um padre aí muito contra o evangelho. Esse era contra mesmo e usado pelo inimigo. Era o padre Paulo. Meus Deus! Aí o pregador aproveitou a pregar mesmo na campanha, né, era a salvação das almas. Até porque os católicos em Araranguá eram e ainda alguns são idólatras. Ficam adorando essa Nossa Senhora Mãe dos Homens. Você não encontrou nada na justiça, no fórum não? Olha! Foi grande o que aconteceu na terceira noite da campanha. O Diabo ficou furioso! Veio muito católico que estava se convertendo nos cultos pela Palavra e aí aqueles católicos mais curiosos, a mandado do padre, vinham ver e depois iam correndo contar para o padre o que acontecia. Depois, ficamos sabendo tudo. Aqueles que se converteram na campanha, todos foram visitados pelo padre; um por um. Só que aqueles que realmente se entregaram para Jesus permaneceram firmes na Igreja! Aí, né, só que o padre ficou bravo mesmo, porque ele mandava os espiões católicos e a Palavra de Deus falava com eles e acabavam aceitando a Jesus. Choravam tanto, tanto (...). Teve uma noite que o inimigo atacou os crentes. Tudo porque Jesus estava salvando gente do catolicismo e o padre, o padre Paulo mandou os católicos jogarem pedra, ovos e tomates podres, cocô (fezes) de animais, que foi um alvoroço só. Até desligaram a energia, ficando tudo no escuro. Deu até pessoas católicas e evangélicos que se feriram, fazendo sangue. Deu até Justiça. Veio advogado e tudo. Mas como o padre aí

mandava em tudo, silenciou, colocou uma pedra e abafou que depois não se falou mais em nada. O que aconteceu? Continuamos com os cultos, campanhas, tinha ataques em nossa igreja, nos cultos domésticos, mas mesmo assim a verdade era pregado. Depois os católicos até se revoltaram com isso e ficaram crentes mesmos. O padre viu que estava perdendo católicos e ficou furioso.⁶²⁹

Cotejando os depoimentos de dona Verônica com os registros do livro Tombo da Paróquia de Araranguá sobre o incidente, notei que os fiéis da Assembleia de Deus abriram um inquérito.⁶³⁰ Alguns envolvidos deram depoimentos, porém não houve punição pelo fato de os fiéis da Assembleia de Deus não terem dado continuidade no processo judicial.

A desistência veio a ocorrer pelo fato de os envolvidos haverem se intimidado pelo acúmulo de capital simbólico de Cônego Paulo Hobold, que se aliou também ao poder judiciário e passou, por meio de seus discursos, a suavizar as práticas dos fiéis católicos. Ou seja, o padre, com objetivo de evitar reações polêmicas contra os fiéis católicos e de forma geral à Igreja Católica, por intermédio de um discurso mais sereno, conseguiu suavizar o ocorrido perante o juiz e silenciar possíveis resistências dos interessados, pois, segundo Pierre Bourdieu,

em matéria de produção simbólica, o condicionamento exercido pelo mercado por intermédio da antecipação das possibilidades de lucro assume naturalmente a forma de uma censura antecipada, de uma autocensura, determinando não apenas a maneira de dizer, isto é, as escolhas de linguagem [...] ou do nível de linguagem, mas também daquilo que poderá e que não poderá ser dito.⁶³¹

⁶²⁹ Verônica De Vechia, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 15/3/2010.

⁶³⁰ Vale dizer que fui a busca desse inquérito no Fórum da Comarca de Araranguá e não o encontrei para analisar melhor o episódio.

⁶³¹ BOURDIEU, Pierre. 1998. *Op.cit.*, p. 65.

Conforme o exposto, dona Verônica reafirma a inconsistência dos fiéis da Assembleia de Deus em dar continuidade no processo pois

o padre Paulo é que começou depois a orientar os católicos de como deveriam dar os depoimentos. E ainda também o padre naquele tempo era tudo, né, era um santo. Tinha-se muito respeito pelo que o padre dizia, e tinha que se obedecer. E o padre Paulo era muito respeitado e com palavras firmes. Então, os crentes viram que não adiantava, que até o juiz puxava pelo padre, desistiram da justiça. Mas a grande justiça é de Deus.⁶³²

Convém lembrar que, nesse período de análise, a Igreja Católica era detentora de uma acumulação simbólica não desprezível e, por isso, os empresários da religião eram também portadores de uma carga de investidura reconhecida pela economia de forças simbólicas que detinham. Esse poder simbólico dava, aos agentes da religião, autoridade para remeter as demais empresas do sagrado a uma constelação de valores anti-católicos,⁶³³ representando-os como seitas, hereges e outras enunciações depreciativas. De acordo com Pierre Bourdieu, os profissionais da religião, na luta pelo poder simbólico e na busca da legitimidade para impor o seu poder sobre o outro, elaboram representações discursivas de desmerecimento para nomear e constituir o outro. Ou seja,

mexericos, calúnias, maledicências, insultos, elogios, acusações, críticas, polêmicas, louvações, são apenas a moeda cotidiana dos atos solenes e coletivos de nomeação, celebrações ou condenações de que se incumbem as autoridades universalmente reconhecidas.⁶³⁴

⁶³² Verônica De Vechia, 81 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 15/3/2010.

⁶³³ Até porque, nesse período, a desobediência à autoridade eclesiástica era representada pela hierarquia da Igreja Católica como sinônimo de anticlericalismo.

⁶³⁴ BOURDIEU, Pierre. 1998. *Op. cit.*, p. 81- 82.

Vale ressaltar também que, na perspectiva apontada por Pierre Bourdieu sobre poder simbólico, nos empresários da religião encontrava-se a auréola dos poderes sobrenaturais. Dessa maneira, suas bênçãos e maldições eram tidas, por uma parcela significativa dos fiéis, como bênçãos e maldições proferidas pelo próprio Deus, pois, o poder simbólico do enunciador do discurso legítimo encontra-se na esfera de uma delegação de poder falar em nome de alguém (de Deus) e a partir da instituição (Igreja Católica) do qual reconheciam serem transmissores de uma verdade institucional.⁶³⁵

Diante dessa situação, para a compreensão da violência simbólica que possuíam as enunciações de padre Paulo Hobold, como foi narrado por dona Verônica De Vechia, tomo como referência as reflexões de Eni Orlandi sobre o discurso religioso, que é marcado por características autoritárias.⁶³⁶ Pode-se dizer que o locutor (padre) pertence a uma hierarquia espiritual e o ouvinte a um plano temporal. Assim sendo, as representações do padre davam-lhe autoridade em seus discursos.

O padre é autorizado pela Igreja para ser a voz de Deus e proferir um discurso em nome de Deus, mas, ao mesmo tempo, é como se falasse no lugar de Deus, revelando a vontade dEle sobre o mundo. A voz do padre manifestando-se como a voz de Deus passa a ser aceita como verdadeira.⁶³⁷

Pierre Bourdieu também ajuda a compreender a eficácia que o poder da palavra que um profissional da religião possui a ponto de produzir a legitimidade da sua palavra na crença. Ou seja, o que faz o poder das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, “é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é a da competência das palavras”.⁶³⁸

⁶³⁵ Idem, p. 87.

⁶³⁶ Desejo frisar que a proposta nessa tese não é realizar uma efetiva análise do discurso, mas apropriar-se de categorias que nos foram significativas para análise na pesquisa.

⁶³⁷ ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987, p. 239-262.

⁶³⁸ BOURDIEU, Pierre. 2009. *Op.cit.*, p. 15.

Paulo Hobold foi pároco responsável da paróquia de Araranguá por um período de 21 anos, entre 30/1/1956 à 29/1/1977.⁶³⁹ Foi escritor admirado por muitos por sua sabedoria em matemática, filosofia e teologia. Organizou o ensino da Doutrina Cristã nas escolas e nos salões das comunidades, lecionou a disciplina de Ensino Religioso nas escolas da rede pública, incentivou a criação de congregações religiosas para os leigos, reformou e construiu capelas nos distritos do Araranguá. Possuía forte relação com autoridades políticas da UDN e foi também um dos párocos que mais contestou a presença da maçonaria, do Espiritismo, do protestantismo e, por fim, do pentecostalismo em Araranguá.



Figura 74 – Cônego Paulo Hobold (1961)

Fonte: Arquivo digital Casa da Cultura de Araranguá

⁶³⁹ Quando estava com 77 anos de idade, padre Paulo concedeu uma entrevista a Dalla'Alba: "Nasci em 1918, em Orleans (SC). Meus pais: Antônio Hobold e Emília Rohden Hobold. Estudei em São Ludgero-SC e no seminário de Azambuja-SC. Aos 24 anos tornei-me sacerdote e celebrei a minha primeira missa em São Ludgero. Em 1943 voltei para Orleans, agora como pároco. Posteriormente fui pároco de Imbituba-SC e tanto lá como em Orleans, trabalhei na construção das respectivas igrejas. Em 1955 fui ordenado Cônego e em 1956, em janeiro tomei posse na Igreja Matriz de Araranguá. (...). Depois comecei a trabalhar na grande paróquia. Lembro-me que faltava gente para colaborar na Igreja Católica e havia muito o que fazer. Para atender as capelas muitas vezes tive que percorrer a vasta região sozinho" (DALLA' ALBA, João Leonir. 1997. *Op. cit.*, p. 469 à 471. Entrevista concedida à João Leonir Dalla'Alba).

Cônego Paulo Hobold era um porta-voz autorizado, tanto que suas ordens e ideias, ao serem proferidas, eram acatadas pela maioria dos fiéis católicos. Eram as “enunciações do santo padre”: “O padre Paulo Hobold quem falou isso”. E, se ele falou, então está dito, não se pode questionar.⁶⁴⁰ A rigor, Cônego Paulo Hobold era representado como porta-voz da verdade e/ou do discurso legítimo e também portador de um título de nobreza, pois calcava-se no aparato institucional: o saber da Igreja Católica. Ou seja, na compreensão de Pierre Bourdieu sobre **A linguagem autorizada**, o poder do discurso do pároco não é inerente a ele: corresponde a uma delegação a priori, pois ele fala a partir da instituição que representa e em nome da coletividade e por isso

notifica a alguém sua identidade, quer no sentido de que ele a exprime e a impõe perante todos (‘Kategoriesthai’ significa, originariamente, acusar publicamente), quer notificando-lhe assim com autoridade o que esse alguém é e o que deve ser. Pode-se observar isso com a injúria, espécie de maldição (‘sacré’ também significa ‘maldito’) que tenta enredar sua vítima numa acusação que funciona como um destino.⁶⁴¹

Retomando ao ocorrido descrito no livro Tombo por Cônego Paulo Hobold e os depoimentos de dona Verônica De Vechia, compreendi que no período em estudo, era comum existir agressões físicas entre os adeptos, como um processo de reação de contra ataque da Igreja Católica. Conforme o episódio entre o pároco Paulo Hobold e o pastor, identifiquei ações de intolerância presentes nas residências e nos templos onde se realizavam os cultos dos protestantes, dos pentecostais e dos espíritas. Desligar a energia, jogar ovo nas pessoas, paus e

⁶⁴⁰ Em um trabalho desenvolvido por Luís Alberto de Boni e Rovílio Costa sobre os italianos no Rio Grande do Sul, compreendi também o poder dos discursos dos padres nas comunidades de imigração daquele estado. Percebi que isso ocorreu não somente em Araranguá, mas de forma bastante diferenciada em outras localidades do Brasil: o poder do discurso religioso na voz dos freis. Conferir a obra: DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias; Correio Riograndense, 1979, p. 116.

⁶⁴¹ BOURDIEU, Pierre. 1998. *Op.cit.*, p. 101.

pedras nos telhados e janelas de vidro dos templos e nas residências dos adeptos em que se realizavam os cultos em Araranguá eram sinais de resistência que ocorriam porque os adeptos da Igreja Católica eram instruídos e apoiados pelos padres em como proceder para acabar com os cultos dos protestantes e dos pentecostais. Até porque, nesse período, práticas de resistências a outras agências religiosas eram frequentes em diversos municípios dos Estados do Brasil e, na maioria dos depoimentos, o corpo de cleros aparecem como os instigadores das ações intolerantes.⁶⁴²

Ao analisar a Figura 75, percebi o grupo de evangélicos da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Araranguá em frente ao templo em que se congregavam. Notei na imagem que os vidros estão quebrados porque o templo havia sido apedrejado pelos adeptos da Igreja Católica como forma de não aceitação de outra igreja no campo religioso em Araranguá na década de 1960. Observei na imagem um número expressivo de pentecostais, aproximadamente 110 a 130 pessoas, contando com crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Entre eles está o pastor presidente, obreiros, músicos e o departamento de mulheres.

⁶⁴² Conferir: BERG, Daniel. **Enviado por Deus**: memórias de Daniel Berg. 9 ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001. CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000. SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé**: a história das igrejas evangélicas Assembleia de Deus em Santa Catarina e no sudoeste do Paraná. Blumenau: Letra Viva, 1996. VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro Gunnar Vingren**. Rio de Janeiro: CPAD, 1982.



Figura 75 - Assembleianos em frente ao templo apedrejado em Araranguá (1960)

Fonte: Arquivo familiar de Moisés Brasil

Conforme a entrevista do senhor Francisco Teodoro Machado, esse foi o primeiro templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Araranguá, situava-se onde está localizado o atual templo, na Rua Jornalista Durval Mattos, no bairro cidade Alta. Sr. Francisco narrou ainda que, como forma de resistência aos ataques da Igreja Católica, “o pastor da época reuniu os fiéis e realizaram um culto, mostrando ao padre que eles não se intimidaram”.⁶⁴³ Segundo o entrevistado, as pessoas da foto que estão ao lado esquerdo,

foram os pioneiros do evangelho em Araranguá e sofreram grandes perseguições, porque o Diabo não queria que a obra do Senhor Jesus crescesse. Mas o Diabo sabe que é um derrotado. Por isso, na foto nós vimos nossos amados irmãos, não se calaram e não se intimidaram com as pedradas nos vidros e nos telhados.

⁶⁴³ Francisco Teodoro Machado, 94 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 15/6/2012.

Ali, eles já tinham arrumado as telhas, mas eles haviam jogado pedras enormes também.

Pode ver óh, na foto,⁶⁴⁴ os irmãos todos aqui, como guerreiros. Os católicos pensavam que iriam colocar medo neles, né! O pastor, para mostrar para essa gente daquele tempo, reuniu todos os crentes e fez um grande culto. Tá vendo ali, é uma corneta, que ficava ali em cima. Em cada culto a Palavra de Deus era anunciada para esse Araranguá todo, que o padre ficava apavorado, com medo de perder fiéis, né.

Naquele tempo eram feitos muitos cultos, visitas nas casas, evangelismos com entrega de folhetinhos e muitos católicos carolas se converteram a Jesus. Eram catequistas, viviam na igreja, comungando e vinham aos cultos e aceitavam a Jesus!⁶⁴⁵

Algumas concorrências de mercado no campo religioso em Araranguá levam-me a compreender que o combate à literatura dos protestantes, dos espíritas e dos maçons no âmbito escolar é um reflexo das disputas que estavam ocorrendo em um contexto que abrangia à todo o Araranguá e alguns municípios brasileiros.

Assim, retomando o assunto acerca das práticas pedagógicas no Colégio Madre Regina, ressalto que os professores eram incentivados a tecer apologias aos ensinamentos da Igreja Católica, como forma de impedir a proliferação das concorrentes no mercado. Como visto, um dos meios de pôr o protestantismo em descrédito foi invalidar a Bíblia protestante, dizendo ser um livro recheado de conteúdos heréticos.

Identifiquei que trabalhar com a ideia da invalidação do livro sagrado dos protestantes foi o início da campanha que os professores acamparam no colégio, para retirar/recolher Bíblias protestantes das residências de alguns católicos que haviam recebido por um grupo de assembleianos. A rigor, essa

⁶⁴⁴ O entrevistado estava visualizando a fotografia e dando seus depoimentos.

⁶⁴⁵ Francisco Teodoro Machado, 94 anos. Entrevista concedida a Lúcio Vânio Moraes em 15/6/2012.

campanha já havia começado em julho de 1962 nas celebrações das missas em todo o Araranguá pelo Cônego Paulo Hobold. Assim, um dos meios utilizados pelas religiosas e pelo pároco foi o arranjo de um trabalho que envolveu professores, catequistas e juvenistas na articulação da campanha de combate à Bíblia protestante. No **Caderno de Anotações** das religiosas do ano de 1962, analisei o registro dessa campanha que teve a duração de um mês e cujo objetivo era eliminar do seio das famílias de Araranguá o “veneno mortal” que fora injetado pelos hereges ao distribuir sua literatura.

No mês de agosto de 1962 iniciamos no Colégio Madre Regina a campanha “Não queremos em nossas casas bíblias protestantes” para acabar com os venenos que as seitas protestantes estão jogando sobre nossas famílias. O vigário local nos deu total apoio e nos incentivou, para usar os professores do nosso educandário, catequistas e nossas juvenistas. Todos os professores irão orientar os alunos e estes os pais para retirarem urgentemente esse veneno mortal da casa dos católicos. Serão instruídos ainda para não receber tais bíblias e outras literaturas e nem frequentar as seções da seita protestante denominada evangelistas da Assembléia de Deus. As literaturas serão trazidas para o colégio e entregue ao pároco para dar o fim.⁶⁴⁶

Percebi, ainda, que a campanha de combate à Bíblia protestante não ocorreu somente no âmbito escolar, mas alastrou-se também com os trabalhos das religiosas, juvenistas e alguns católicos voluntários que desenvolviam a visita domiciliar junto às famílias de Araranguá. Ainda no **Caderno de Anotações** de 1962 notei que:

A campanha “Não queremos em nossas casas bíblias protestantes” foi repassada também às Irmãs que visitam as famílias de

⁶⁴⁶ Caderno de Anotações, 1962. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá (SC).

Araranguá. Elas estão também acompanhando as juvenistas para orientar os católicos a retirar de casa a bíblia protestante. Muitos alunos já chegaram na escola nos entregando tais livros. Ficamos sabendo das positivas notícias pela cidade dessa campanha! Mas ainda temos que continuar porque os propagadores dessa seita não descansam de visitar o aprisco do Senhor! Um grupo de católicos voluntários a pedido do pároco está também formando outros grupos nas comunidades da paróquia para impedir o crescimento dessas heresias.⁶⁴⁷

Ao verificar as relações de livros que possuía na biblioteca do Colégio Madre Regina entre os anos de 1956 até 1966, percebi literatura de procedência católica. Conforme as Tabelas 8 e 9, identifiquei literaturas que foram utilizadas como material didático pelos professores a fim de reforçar a fé do estudante, como também livros de estudos para defender a Igreja Católica e combater outras empresas da religião.

Tabela 8 - Relação de principais livros da biblioteca Madre Regina. Seção Recreativa (1960)

LIVRO	AUTOR
Orientação sobre o Espiritismo	Pe. José Batista de Lima
História Eclesiástica	São João Bosco
Figuras Femininas na Bíblia	Miguel Cardeal
Mais perto de ti, meu Cristo	Pe. José B.
A Igreja e a História	Justino Mendes
Novos Rumos da Igreja Missionária	D.L.J. Suelen
Sagrada Virgindade	Dom Antônio A. Moraes
O Apóstolo São Pedro	--
Maria Santíssima, Mãe de Deus e dos Homens	--

Fonte: Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina - Araranguá

⁶⁴⁷ Idem.

Tabela 9- Relação de principais livros da biblioteca Madre Regina. Seção Religião

LIVRO	AUTOR
Catecismo da Doutrina Cristã	Maria Marta
Caderno do Catequista	Pe. Francisco Alves
Meu caderno de Religião	--
Meu caderno de instrução religiosa	--
A Santa Missa	Coleção
Explicação do Catecismo	Dr. Jacob Slater
Exercícios práticos do Catecismo	Dom Tarcísio da Silva Ferreira
Meu Catecismo	--
Curso de Religião	Pe. J. Corrêa
A maçonaria no Brasil	Frei Carlos Boaventura Klopenburg

Fonte: Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina – Araranguá

No relatório referente ao ano de 1959 e conforme a Figura 76, constam que havia na seção “Livros Recreativos” um total de 277 livros e na seção “Religião” 121 livros. Entre os livros recreativos, a maioria reproduzia a identidade católica.⁶⁴⁸

De forma geral, percebi que a maior parte de livros que eram usados pelos professores e estudantes do Colégio Madre Regina representava o reflexo das disputas no mercado religioso em Araranguá. Ou seja, as obras combatiam intensamente as outras empresas da religião.

⁶⁴⁸ Relatório Anual do Ginásio Madre Regina, 1959. Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá.

BIBLIOTECA RECREATIVA.

1	A filha do diretor do Circo Napoleão	Terdinande Von Brackel
2	Sebastian Bach o menino da Turingia	Emil Ludwig
3	Robert Schumann	Opal Wheeler e Sybil Deucher
4	Frans Schubert e S/ alegres amigos	" " " "
5	Mozart o menino prodígio	" " " "
6	Carlos Gomes	" " " "
7	Vida de São Francisco de Assis	Guioamar R. Rinaldi
8	Orientação sobre o Espiritismo	Frei Câncio Berri, C.F.M.
9	Vamos todos a Maria Medianeira	Pe. José Batista Lima
10	História Eclesiástica	F. Inácio Valle S.J.
11	Figuras Femininas na Bíblia	São João Bosco
12	Etiqueta Social	Miguel Cardenal Fauthaber
13	A Canção de Bernadete	Iracema S. Castanho
14	Pequena história da Igreja	Franz Werfel
15	O Guarani	Zaira C. Almeida
16	Sob o olhar de Deus	José de Alencar
17	Seleções, os melhores contos	Malba Tahan
18	Mil histórias sem fim	" "
19	A sombra do Arco-Iris (1º Volume)	" "
20	A " " " " (2º ")	" "
21	A " " " " (3º ")	" "
22	O Santo Cura D'Ars	Henry Ghéon
23	Para nós dois	Angela Sorgado
24	Sonhos de amor	" "
25	Aurora Nupcial	" "
26	Mais perto de ti, Meu Cristo!	Pe. José Baetemon C.M.
27	Coleção de exemplos	Frei Benvido Destefani
28	A Igreja e a História	Justino Mendes
29	Na intimidade do Pai	D. Emily Gueny
30	Folhas esparsas	Maria Cottas
31	Novos Rumos da Igreja Missionária	D. L. J. Suenens
32	Fisionomias de jovens	Miguel Mellendres
33	Santa Terezinha de Lisieux	M. M. Philipon, O. P.
34	O que Deus uniu	Hugo West
35	O prisioneiro dos Aimarás	Franz Treller
36	Formação do caráter	Orison Swett Marden
37	A mulher e o lar	" " "
38	Convite à valsa	Rosmond Lehmann
39	Sagrada Virgindade	Santo Padre Pio XII
40	No limiar do casamento	D. Antônio A. Morais
41	Santa Isabel Rainha	Pe. Nicolau Massari
42	Violeta	Luís do Régo
43	Sarça Ardente	" "
44	Rosa Mística	" "
45	Lírio	" "

Figura 76 – Digitalização do documento “Livros Recreativos” da biblioteca Colégio Madre Regina (1959)

Fonte: Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina

No próximo subtítulo estarei apresentando a saída das religiosas da província de Petrópolis do município de Araranguá em 3 de janeiro de 1982 e a chegada de novas religiosas da mesma Congregação, porém da província de Novo Hamburgo (RS).

3.5 Saída das religiosas do Colégio Madre Regina (31/12/1981)

Conforme o livro Crônica, 1981 foi o último ano em que as religiosas da Província de Petrópolis desenvolveram suas práticas pedagógicas em Araranguá. O livro Crônica consta os seguintes dados de atuação das religiosas no ano de 1981.

Em todo o ano as atividades docentes e pastorais continuaram em seu ritmo normal.

[...]

Irmãs Maria Nazareth, ir. Maria. Lina e ir. Maria Gaudete continuaram a colaborar na catequese da paróquia e a orientar as catequistas.

No dia 22 de novembro realizou-se na paróquia, a primeira Eucaristia da 320 crianças, preparadas por um grupo de catequistas ajudadas por ir. Maria Gaudete.

Na festa de Santa Catarina, foi celebrado o jubileu de prata do Colégio: Foi um dia para nós que celebramos com os professores e benfeitores o jubileu de prata da fundação do Educandário Madre Regina. Celebramos com muito carinho a vida das 26 Irmãs que por aqui passaram e conviveram com o povo desta Cidade. Celebramos a dedicação das pessoas da comunidade que ajudaram para que este estabelecimento fosse atendendo as necessidades de cada época. Celebramos a caminhada dos Padres Josefinos na vida

de nossa Escola. Estavam presentes a esta celebração os Padres Josefinos e os Servitas. Após a missa, houve um almoço feito e servido no Colégio.

No dia 12 de dezembro, realizou-se a formatura dos alunos do 3º magistério e dos Auxiliares de laboratório e contabilidade. Na parte da manhã, houve uma reflexão sobre o acontecimento e a vida nova que os formandos iam começar. A Celebração Eucarística realizou-se às 19 horas. A seguir, entrega dos diplomas.⁶⁴⁹

Analisando o ofício do dia 5 de março de 1982, que fora enviado pela diretora do Colégio Madre Regina ir. Alzira Lydia Schmitd à Secretaria do Estado da Educação, consta o pedido da supressão dos trabalhos da Congregação no âmbito escolar em Araranguá.⁶⁵⁰ Nesse ofício, não constam os motivos da saída das religiosas. Contudo, ao analisar as Crônicas, identifiquei que a saída se deu pela falta de religiosas para atuar no campo da educação. As religiosas acharam por bem atuar em outras áreas necessitadas em outros municípios do Brasil.⁶⁵¹

A saída das religiosas que atuaram na educação por vinte e sete anos em Araranguá ocorreu no dia 3 de janeiro de 1982. Conforme o livro Crônica, a comunidade paroquial preparou uma grande festa de agradecimento e reconhecimento pelos trabalhos prestados que as religiosas fizeram em Araranguá.⁶⁵²

A posse das religiosas da província de Novo Hamburgo

⁶⁴⁹ Livro Crônica, 1981, p. 69 a 78. Arquivo da Casa Madre Regina- Petrópolis (RJ).

⁶⁵⁰ Ofício à Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina, Florianópolis. Petrópolis, 5/3/1982. Arquivo da Casa do Menor e Adolescente Madre Regina, Araranguá. "Prezado Sr. Secretário. Na qualidade de Diretora da Associação de Santa Catarina, com sede e foro à Av. Paulista, São Paulo (SP), Entidade Mantenedora do Educandário Madre Regina, sito à Rua Coronel Apolinário, 332, Araranguá, SC, venho por meio deste comunicar à V.S. que, por motivos de força maior, decidimos encerrar as atividades de Ensino no Educandário citado, no dia 31 de dezembro de 1981. Quero, nesta oportunidade, em nome de todas as irmãs da Congregação de Santa Catarina, VM, que trabalharam durante 25 anos na educação da juventude araranguense, agradecer o apoio, ajuda e estímulo recebidos através desta Secretaria. No ensejo, nossos votos de Bênçãos de Deus para todo o vosso trabalho. Ass: Alzira Lydia Schmitd, Diretora Geral."

⁶⁵¹ Livro Crônica, 1982, p. 81. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

⁶⁵² Idem ibidem.

ocorreu em 15 de fevereiro de 1982. Elas se estabeleceram no Colégio Madre Regina e assumiram os trabalhos de pastoral e assistência social. Receberam em doação o prédio e sete lotes do terreno. Os quatro lotes restantes foram vendidos”⁶⁵³.

Após a posse das religiosas de Novo Hamburgo, o educandário Madre Regina, que atendia estudantes nos três turnos parou de funcionar, passando a atender então menores, com projetos de inclusão social, com o nome de Casa do Menor e Adolescente Madre Regina.

Atualmente, a Casa do Menor e Adolescente possui cinco religiosas atuando nos trabalhos sociais e nos projetos artísticos culturais da Casa. Atende aproximadamente 150 crianças e adolescentes, com projetos educativos, buscando ainda trabalhar os valores sociais com base na religião cristã e com os ensinamentos da Igreja Católica.

⁶⁵³ Livro Crônica, 1982, p. 82. Arquivo da Casa Madre Regina – Petrópolis (RJ).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever a última parte do trabalho, após alguns anos de análises teóricas e documentais, levou-me a retomar quais as inquietações iniciais do estudo e analisar os avanços, as delimitações, as descobertas e as novas dúvidas que surgiram no desenvolvimento da pesquisa.

Nesse sentido, convém mencionar que o foco central do objeto de estudo, desde o início da investigação, foi compreender como que se deu a situação de mercado na região da AMESC, debruçando na análise da presença da Congregação de Santa Catarina no município de Araranguá, com intuito de visualizar suas práticas pedagógicas, entre os anos de 1951 e 1982.

Particularmente, uma das razões que me levou à elaboração inicial do projeto de pesquisa foi a ausência de estudos nas regiões da AMREC e da AMESC que analisassem a realidade empírica sob o prisma do campo religioso. Pelo fato de ambas as regiões terem presenciado a situação de mercado desde a década 1940, há carência de estudos voltados para esse fenômeno. Agindo nesse sentido, penso, com a execução deste trabalho, contribuir para a consolidação de estudos voltados a questões que envolvam, de forma mais direta, a religião e a educação.

Nesse aspecto, posso afirmar que a situação de mercado, em ambas as regiões, deu origem à essa investigação e que orientou, em grande medida, o levantamento bibliográfico no trabalho de campo e nas leituras teóricas.

A princípio, tal proposta de estudo não era senão uma pista, uma direção de pesquisa que precisava ser analisada com acuidade, pelo fato de ser tema ainda não explorado nas regiões da AMESC e da AMREC. No entanto, aos poucos a pesquisa foi ganhando corpo, definindo os limites, apreciando a importância e tomando direções sem o interesse de esgotá-la.

A presença das congregações religiosas europeias masculinas e femininas acerca das quais tratei na primeira parte deste estudo encontrou-se em solo brasileiro e catarinense no século XIX e XX, unicamente por falta de profissionais da religião para suprir a carência de padres. A Igreja Católica, no referido período, esteve em uma posição defensiva para combater as propostas republicanas e, também, a situação de mercado que, paulatinamente, a levou a perder influência, prestígio e poder na

sociedade.

Na região da AMREC, as religiosas da Congregação de Santa Catarina desenvolveram suas práticas pedagógicas no distrito de Cocal do Sul, município de Urussanga de 1950 até 1975. As religiosas atuaram na direção de escolas públicas, saúde e inserção social. A formação de moças para a vocação religiosa foi o foco central na fundação do juvenato para a perpetuação da congregação.

As religiosas imprimiram ainda na região da AMESC suas práticas pedagógicas no hospital Bom Pastor e no Colégio Madre Regina, no município de Araranguá, entre os anos de 1951 e 1982. O cuidado delas para com a cura da alma dos doentes e o ensino catequético desenvolvido pela Igreja Católica e por elas próprias tornou-se um canal vantajoso de “evangelização para o catolicismo”. Da mesma forma, as ações sociais e culturais marcaram profundamente a vida dos indivíduos assistidos pelas religiosas.

Nesta pesquisa, a intenção não foi esgotar o estudo sobre o trabalho das religiosas da Congregação de Santa Catarina no período de três décadas de atuação em Araranguá, porém entender uma face da atuação da Igreja Católica e dessas religiosas no campo da saúde e social nos anos de 1951 até 1966 e no campo da educação de 1955 até 1982. Concomitantemente, foi possível tornar visível as ações de algumas agências religiosas, como, por exemplo, o Espiritismo, maçonaria, Umbanda e a Igreja Evangélica Assembleia de Deus, ao oferecer luz às disputas no mercado religioso que se efetivaram ao existir a dinamização no campo religioso.

Para finalizar, durante a pesquisa, apresentei os meios de evangelização da Igreja Católica, das religiosas e de outros profissionais da religião na perspectiva da situação de mercado. Entretanto, a pesquisa foi capaz de apontar para diversos outros assuntos intrigantes que merecem nossa atenção. As práticas pedagógicas das religiosas não devem ser analisadas, nesta tese, apenas como projetos tramados para a competitividade no campo religioso, para o acúmulo de capital simbólico e concorrência mercadológica; mas também como questões ligadas à sobrevivência e promoção humana, ao amor à vocação, à amizade, à confiança, e ao afeto e amor entre as pessoas.

Ao “dar por encerrada” esta pesquisa, continuo com muitas

inquietações surgidas ao longo do doutoramento, nas reflexões teóricas, em contato com os documentos, o que parece apontar para novas possibilidades de estudo e novos questionamentos ainda abertos. De qualquer modo, eis aqui a contribuição para a compreensão desta importante página da história, envolvendo a saúde e o ensino sob o prisma do fenômeno religioso no extremo sul de Santa Catarina.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCAZAR I GARRIDO, João. As fontes orais na pesquisa histórica: uma contribuição ao debate. **Revista Brasileira de História**. São Paulo: Marco Zero/FAPE SP/ ANPUH/CNPq, v. 13, n. 25/26, p. 38-56, set. 1992/ago. 1993.

ALVES, Ismael Gonçalves. **As faces da Assistência social no setor carbonífero catarinense (Criciúma 1930-1960)**. 2009. Universidade do Estado de Santa Catarina. (Dissertação em História). Florianópolis.

ALMEIDA, João Ferreira de. **Bíblia Sagrada**. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.

ALGRANTI, Leila Mezan. **Honradas e devotas: mulheres da colônia: condição feminina nos conventos e recolhimentos do Sudeste do Brasil, 1750 - 1822**. Rio de Janeiro: J. Olympio; Brasília: Edunb, 1993.

ANDERSON, Jacob. **As constituições de Anderson**. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/7304299/Constituicao-de-anderson>>. Acesso em: 30/3/2012.

ARNS, Otilia (coordenação). **Criciúma 1880-1980. "A Semente deu Bons Frutos"**. Florianópolis: Governo do Estado de Santa Catarina, 1985.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

ARAÚJO, José Carlos Souza. **Igreja Católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica**. São Paulo: Paulinas, 1986.

AZZI, Riolando. **O estado leigo e o projeto ultramontano**. São Paulo: Paulus, 1994. v. 4. (História do pensamento católico no Brasil).

_____. O movimento brasileiro de Reforma Católica durante o século XIX. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 34, n. 135, set./1974.

_____. Presença da Igreja na sociedade brasileira e a formação das dioceses no período republicano. In: OTTO, Clárcia; SOUZA, Rogério Luiz de Souza (Org.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008.

BACZKO, Bronislaw. Imaginação Social. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. I. (Memória-História). Lisboa: Imprensa Nacional e casa da Moeda, 1984.

_____. **Imaginação social**. Enciclopedia Einaudi. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1985.

BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade: história da imigração italiana no Brasil: os Vênetsos em Santa Catarina**. Florianópolis: Insular, Ed. da UFSC, 1999.

BARTHES, Roland. **A câmara clara: nota sobre a fotografia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BELLOLI, Mário; QUADROS, Joice; GHIDI, Ayser. **A História do Carvão em Santa Catarina**. Imprensa Oficial do Estado de Santa Catarina, 2002.

_____. A colonização italiana na região de Criciúma (1880-1925). In: PIAZZA, Walter F. et al. **Italianos em Santa Catarina**. Florianópolis: Lunardelli, 2001.

BERGER, Peter Ludwig. **O dossel sagrado. Elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

_____; LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Tradução: Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 1985.

BERG, Daniel. **Enviado por Deus**: memórias de Daniel Berg. 9. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2001.

BESEN, José Artulino. **Duas formas de catolicismo**: o processo de romanização. 1992. (Mimeografado).

_____. Igreja e política em Santa Catarina. In: **Revista Encontros Teológicos**. Florianópolis, n. 19, 1995.

BEOZZO, Oscar. História dos religiosos no Brasil. In: AZZI, Riolando (Org.). **A vida Religiosa no Brasil**: enfoques históricos.

São Paulo: Ed. Paulinas, 1983.

BORTOLOTTI, Zulmar Hélio. **História de Nova Veneza**. Nova Veneza: Prefeitura Municipal, 1992.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 12. ed. Tradução Fernando Tomaz. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **A dominação masculina**. Tradução: Maria Helena Kühner. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.

_____. **Coisas Ditas**. Tradução de Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 9. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

BOIA, Lucian. **Pour une Histoire de l'imaginaire**. Paris: Les Belles Lettres, 1998.

CARON, Lurdes (Org). **O Ensino Religioso na nova LDB: histórico, exigência, documentários**. Petrópolis: Vozes, 1998.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade: a linguagem da sedução**. São Paulo: Ática, 1998.

CASALI, Alípio. **Elite intelectual e restauração da Igreja**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

CAMPOS, Bernardino de Senna. **Memórias do Araranguá**. Seleção e coordenação do Padre João Leonir Dall'Alba. Florianópolis: Ed. Lunardelli, 1987.

CAROLA, Carlos Renato. **Dos Subterrâneos da história: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)**. Florianópolis: UFSC, 2002.

_____. **Assistência médica, saúde pública e o processo modernizador da região carbonífera de Santa Catarina (1930/1964)**. (Doutorado em História). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

CHARTIER, Roger. Introdução: a cultura do objeto impresso. In: CHARTIER, Roger (coord.). **As utilizações do objeto impresso**. Miraflores: Difel, 1998.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**. 1. Artes de fazer. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

CONDE, Emílio. **História das Assembléias de Deus no Brasil**. Rio de Janeiro: CPAD, 2000.

CORREA, Roberto Lobato (Org.). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1995.

COSTA, Marli de Oliveira. **“Artes de Fazer”. Recriando e Reiventando Espaços – Memórias das Famílias da Vila Operária Mineira Próspera - Criciúma (1945-1961)**. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, 1992.

_____. **O Tempo Atravessou a Vila. Memórias dos Moradores do Bairro Primeira Linha – Criciúma – SC/1892-2000**. Criciúma: Prefeitura Municipal/ Secretaria da Educação, 2001.

_____. **Infâncias e "artes" das crianças: memórias, discursos e fazeres** (sul de Santa Catarina - 1920 a 1950). 2009. Tese (Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

COUTROT, Aline. Religião e Política. In: RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política**. Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Ideologia e educação brasileira**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

_____. Ensino Religioso e a escola pública: o curso histórico de uma polêmica entre Igreja e Estado no Brasil. **Educação em revista**, Belo Horizonte, n. 17, p. 20-37, jun. 1993.

_____. A Educação na primeira Constituinte Republicana. In: FÁVERO, Osmar. **A Educação nas constituintes brasileiras**. Campinas – (SP): Autores Associados, 1996.

CUNHA, Diogo. Violência sob a máscara de cuidado: o caso do

Padre Henrique em Recife (1969). In: PASSOS, Mauro (Org.). **Diálogos Cruzados**: religião, história e construção social. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2010.

CUNHA, M. V. **Ideário e imagens da educação escolar**. Campinas: Autores Associados, 2000.

DALL'ALBA, João Leonir. **Laguna antes de 1880**. Florianópolis: Lunardelli/UEDESC, 1979.

_____. **Histórias do Grande Araranguá**. Gráfica Orion Editora. Araranguá 1997.

_____. **Memórias do Araranguá**. Florianópolis: Lunardelli. 1987.

DALLABRIDA, Norberto. **A fabricação escolar das elites**: o Ginásio catarinense na Primeira República. Florianópolis: Cidade Futura, 2001.

DAMAZIO, Ademir. **O desenvolvimento de conceitos matemáticos no contexto do processo extrativo do carvão**. 2000. Tese. (Doutorado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

DE BONI, Luís Alberto; COSTA, Rovílio. **Os italianos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes; Caxias do Sul: Universidade de Caxias; Correio Riograndense, 1979.

DE DECCA, Edgar Salvadori. Memória e cidadania. In: DEPARTAMENTO do Patrimônio Histórico de São Paulo. Secretaria Municipal de Cultura. **O direito à memória**: patrimônio histórico e cidadania. São Paulo: DPH, 1992.

DEL PRIORE, Mary. **Religião e religiosidade no Brasil colonial**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 7. ed. Campinas: Papirus, 2003.

FARIAS, Cristina. **O Poder da Igreja Católica sobre a População Maracajaense e a Influência de Frei Eusébio**

Ferreto (1956 a 1973). 2005. Monografia de Pós-Graduação em História – UNESC, Criciúma (SC).

FARIAS, Vilson Francisco. **Sombrio. 85 anos. Natureza, história e cultura.** Sombrio: ed. do Autor, 2000.

FERREIRA, José Juventino. **Sombrio: sua origem, seu povo e tradições.** Canoas: La Salle, 1972.

FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaina (Org.). **Usos e abusos da História Oral.** Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996.

FILHO, Luciano Mendes de Farias Filho. et al. **A cultura escolar como categoria de análise e como campo de investigação na história da educação brasileira.** *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 139-159, jan./abr. 2004.

FIGUEIREDO, Anísia de Paulo. **O Ensino Religioso no Brasil: tendências, conquistas, perspectivas.** Petrópolis: Vozes, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Tradução: Roberto Machado. 9. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão.** Petrópolis (RJ): Vozes, 1996.

FUNARI, Pedro de Abreu. Memória histórica e cultura material. **Revista Brasileira de História: memória, história e historiografia.** São Paulo: ANPUH/ Marco Zero, 1993.

FRESTON, Paul. Religião e política, sim; Igreja e Estado, não: os evangélicos e a participação política. Viçosa, MG: **Ultimato**, 2006.

GONÇALVES, Gesiel S. **O vento sopra onde quer. Primeiros anos da Igreja Assembléia de Deus em Criciúma.** Criciúma: Ed. do Autor, 2000.

GROSSI, Mirian Pillar. **Conventos e celibato feminino entre camponesas do sul do Brasil.** Horizontes Antropológicos, n. 1, 1995.

_____. Jeito de freira: estudo antropológico sobre a vocação religiosa feminina. **Cadernos de Pesquisa**. Fundação Carlos Chagas, n. 73, maio de 1990.

GRUEN, Wolfgang. **O Ensino Religioso na escola**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HEERDT, Moacir. **As escolas paroquiais em Santa Catarina 1890-1930**. Florianópolis : UFSC, 1992. (Dissertação de mestrado).

HEIDEMANN, Eugencia Exterkoetter. **O carvão em Santa Catarina (1918-1954)**. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1981.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá**: reminiscências desde os primórdios até o ano de 1930. Porto Alegre: Palmarinca, 1994.

HOBOLD, Paulo. **A história de Araranguá**. Complementada e atualizada por Alexandre Rocha. Araranguá: Ed. Do autor, 2005.

HOORNAERT, Eduardo et al. **História da Igreja no Brasil**. 2 vol. Petrópolis: Vozes, 1992. ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da educação no Brasil (1930-1973)**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ISAIA, Artur Cesar. **O cajado da ordem** – Catolicismo e projeto político no Rio Grande do Sul: D. João Becker e o autoritarismo. 1992. Tese Doutorado em História – USP, São Paulo.

_____. **Catolicismo e autoritarismo no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1998.

JUNQUEIRA, Sergio R. Azevedo (Org). **Construção da Identidade do Ensino Religioso e da Pastoral Escolar**. Curitiba: Champagnat, 2002.

_____. **O Processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, SBHE, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jun. 2005.

KOSSOY, Boris. **Fotografia e história**. São Paulo: Ática, 1989.

KLOPEENBURG, frei Carlos Boaventura. Contra a heresia Espírita. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 12, fasc.1, 1952.

_____. A Cristologia do Espiritismo. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 13, fasc.1, 1953.

_____. O Alarmante Crescimento do Baixo Espiritismo. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 13, fasc.1, 1953.

_____. O Ensaio de uma nova Posição Pastoral perante a Umbanda. In: **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 28, n. 2, jun. 1968.

KLUG, João. **Imigração e luteranismo em Santa Catarina**. Florianópolis: Papa-Livro, 1984.

KREUTZ, Lúcio. **O professor paroquial: magistério e imigração alemã**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS; Florianópolis: Ed. da UFSC; Caxias do Sul: EDUCS, 1991.

LENHARO, Alcir. **A sacralização da política**. São Paulo: Papyrus, 1986.

LIMA, Maurílio César de. **Breve história da Igreja no Brasil**. Rio de Janeiro: Restauro, 2001.

LOPES, Eliana Marta Teixeira; GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **História da Educação**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LUSTOSA, Oscar de Figueiredo. **A Igreja Católica no Brasil-República: cem anos de compromisso: 1889-1989**. São Paulo: Paulinas, 1991.

MANOEL, Ivan A. **O pêndulo da História: tempo e eternidade no pensamento católico (1800-1960)**. Maringá: Eduem, 2004.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Nossa história 500 anos de**

presença da Igreja Católica no Brasil. Tomo 1. São Paulo: Paulinas, 2001.

MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga.** Prefeitura Municipal, 1980.

MARIN, Jérri Roberto. História e historiografia da romanização: reflexões provisórias. **Revista de Ciências Humanas**, n. 30, out. 2001.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** 2. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

MEZZONO, Antônio Frank. **Religião, nomos e utopia: o catolicismo na colonização da região de Toledo (Paraná, 1940-1970).** 2000. Dissertação de Mestrado em História – UFSC, Florianópolis (SC).

MICELI, Sérgio. **A elite eclesiástica brasileira.** Rio de Janeiro: Bertrand, 1988.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. Lei 5.692/71. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – 4.024/61. In: SAVIANI, Dermeval. **Política e educação no Brasil.** 66. ed. Campinas: Autores Associados, 1996.

MONTERO, Paula; ALMEIDA, Ronaldo de. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva.** v. 15, 3, 2001, p. 93. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/spp/v15n3/a12v15n3.pdf>> Acesso em: 3/2/2010.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória.** São Paulo: Contexto, 1994.

_____. História Oral: caminhos e descaminhos. **Revista Brasileira de História.** São Paulo: Marco Zero/FAPESP/ANPUH/CNPq, v. 13, n. 25/26, p. 7-15, set. 1992/ago. 1993.

MORAES, Lúcio Vânio. **Estradas retilíneas: A presença da estrada de Ferro Dona Tereza Cristina em Maracajá (1920/1967).** **Memória, Cidade e Vida urbana.** Monografia de

História. Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC) – Criciúma/SC, 2004.

_____.; COSTA, Marli de Oliveira. Histórias e silêncios: lembranças dos evangélicos da cidade de Maracajá – SC (1947-1963). **Revista de Iniciação Científica**, Criciúma, v. 2, n. 2, p. 199-230, UNESC: Criciúma, 2004.

_____. Resistências e Perseguições no Cotidiano da Fé: O Ataque ao Templo da Igreja Evangélica Assembleia de Deus de Maracajá (SC) (1947/1948). *Mídia e Cidadania*, 2006, Florianópolis. XI Encontro Estadual de História: Mídia e Cidadania (Anpuh), **Anais...** Florianópolis: UFSC, 2006.

_____. **História e Memória religiosa: Paróquia Nossa Senhora da Conceição de Maracajá-SC (1956/2006)**. Maracajá: Ed. do Autor, 2008.

_____. ; SOUZA, Odécia Almeida de. **Maracajá: outras memórias, novas histórias**. Florianópolis: Samec, 2009.

_____. **Memória escolar e campo religioso: identidade e imaginário católico na escola de Educação Básica Manoel Gomes Baltazar-Maracajá-SC (1959/1976)**. Florianópolis: Insular, 2010.

NASCIMENTO, Dorval do. **Formação Histórica de Criciúma (1880-1930) – A Elite Dominante e a Formação da Cidade**. Monografia (Especialização em História). Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, 1993.

_____. **As Curvas do Trem: A Presença da Estrada de Ferro em Criciúma (1919-1975) - Cidade, Modernidade e Vida Urbana**. Criciúma: UNESC, 2004.

_____. **Faces da Urbe: Processo identitário e transformações urbanas em Criciúma SC (1945/1980)**. Tese. (Doutorado em História). Porto Alegre: UFRGS, 2006.

NORA, Pierre. Entre Memória e História. A Problemática dos Lugares. Tradução de Yara Aun Khoury. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo: PUC/SP, Projeto História, n. 10, dez./1993.

_____. **História: novas abordagens**. 2. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: DEL PRIORI,

Mary (Org.). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1997.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro. Catolicismo Popular e Romanização do Catolicismo Brasileiro, **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 36, fasc. 141, março de 1976.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro. **O ensino da Filosofia no 2º Grau da escola brasileira**: um percurso histórico, até a realidade mineira dos anos 80. 1993. Dissertação (mestrado em Educação). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **A linguagem e o seu funcionamento: as formas do discurso**. 2. ed. Campinas: Pontes, 1987.

ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OTTO, Clárcia; SOUZA, Rogério Luiz de Souza (Org.). **Faces do catolicismo**. Florianópolis: Insular, 2008.

PASSOS, Mauro. **A pedagogia catequética e a educação na primeira república do Brasil (1889-1930)**. Roma: Universidade Pontifícia Salesiana, 1998.

_____. Um catolicismo a caminho: cruzamentos e travessias do catolicismo em Belo Horizonte na década de 1970. In: PASSOS, Mauro (Org). **Diálogos cruzados: religião, história e construção social**. Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2010.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

POLL, Fr. Boaventura. **Catecismo Maior da Doutrina Cristã**. 9. ed. Bahia: Mensageiro da Fé, 1962.

PETRY, Ir. Maria Cecília Alice. **A Nova e brilhante estrela**. História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 1º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
_____. **A Nova e brilhante estrela**. História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 2º

Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.

_____. **A Nova e brilhante estrela.** História da Congregação das Irmãs de Santa Catarina, VM, no Brasil de 1897 a 1997. 3º Tomo. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

POULAT, Emile. Compreensão histórica da Igreja e compreensão eclesiástica da História. **Revista Concilium**, Rio de Janeiro, n. 67, p. 811-824, 1971.

PRIORE, Mary Del. Fazer história, interrogar documentos e fundar a memória: a importância dos arquivos no cotidiano do historiador. **Territórios e Fronteiras** - Revista do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Mato Grosso, v. 3. n.1, jan.jun/2002. Cuibá (MT).

PROUST, Marcel. **No caminho de Swann.** Tradução de Mário Quintana. 9. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 2000.

RABELO, Giani. **Entre o hábito e o carvão: pedagogias missionárias no Sul de Santa Catarina na segunda metade do século XX.** 2007. Tese de Doutorado em Educação – UFRGS, Porto Alegre (RS).

RABUSKE, Arthur. **Os inícios da república brasileira e a Igreja Católica.** São Leopoldo: UNISINOS, 1989.

REITZ, Raulino. **Paróquia de Sombrio.** Edição comemorativa do 10º aniversário da paróquia de Sombrio. Brusque. ed. do Autor: 1948.

RÉMOND, René (Org.). **Por uma história política.** Trad. Dora Rocha. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

RIBEIRO, Emanuela Souza. **Igreja e modernidade no Maranhão (1889-1922).** 2003. Dissertação (Mestrado em História). Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003).

RICHARD, Pablo. **Morte das cristandades e nascimento da Igreja.** São Paulo: Paulinas, 1984.

RODRIGUES, Olinda Custódio. **A Instalação da CSN em Nova**

Belluno e “os respingos” da política do Estado Novo - décadas de 40 a 60. 2001. (Monografia). (Especialização em História). Programa de Pós-Graduação, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2001.

ROCHA JÚNIOR, Deusdedith Alves. **Fotografias para falar do passado.** In: Padê: estudos em filosofia, raça, gênero e direitos humanos. Brasília: UniCEUB. V. 2, n.1/07.

RONSANI, Gilberto. **Praia Grande: cidade dos canyons – 180 anos de história.** Ed. do Autor. Praia Grande. 1999.

SLATER, Pe. Dr. Jacob Hudleston. **Explicação do Pequeno Catecismo.** 10. ed. Petrópolis: Vozes, 1959.

SANTOS, Ismael dos. **Raízes da nossa fé:** a história das igrejas evangélicas Assembléia de Deus em Santa Catarina e no sudoeste do Paraná. Blumenau: Letra Viva, 1996.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANE, Stella; NAXARA, Márcia (Org). **Memória e (re)sentimento: indagações sobre uma questão sensível.** Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

SERPA, Élio Cantalício. **Igreja e poder em Santa Catarina.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1997.

SEVERINO, Antonio Joaquim. **Educação, Ideologia e Contra-ideologia.** São Paulo: EPU, 1986.

SOUZA, Cássio Pereira. **Educação e memória: uma análise histórica do Colégio Normal de Araranguá no período de 1964 a 1980.** 2007. Dissertação de Mestrado em Educação - UNESC, Criciúma (SC).

SOUZA, R. F. **Espaço da educação e da civilização: origens dos Grupos Escolares no Brasil.** In: SOUZA, R.F.; VALDEMARIN, V.T.; ALMEIDA, J.S. O legado educacional do século XIX. Araraquara: Unesp, 1998.

SOUZA, Odécia Almeida de. **Conflitos e mudanças- Os**

Xokleng e os imigrantes europeus no Vale do Rio Araranguá durante a segunda metade do século XIX. 2005. Monografia de Pós-Graduação em História – UNESC, Criciúma (SC).

SONTAG, Susan. **Sobre fotografia.** São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SPRÍCIGO, Antônio Cesar. **Sujeitos esquecidos, sujeitos lembrados- entre fatos e números: a escravidão registrada na freguesia do Araranguá no século XIX.** 2003. Dissertação. (Mestrado em História). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

TEVES, Nilda. O imaginário na configuração da realidade social. In: TEVES, Nilda (Coord.). **Imaginário social e educação.** Rio de Janeiro: Gryphus/Faculdade de Educação da UFRJ, 1992.

THIEL, Ir. Madre Maria Josefina. **Na força da semente...** Tradução de Irmã Maria Amanda Luft e Irmã M. Áurea Endlich. Petrópolis: Vozes, 1966.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

THOMPSON, Alistair. Reconstituo a Memória: Questões sobre a relação entre a História Oral e as memórias. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História,** PUC – Projeto História, São Paulo, n. 15, p. 1-29, abril 1997.

VAGO, T. M. **Cultura escolar, cultivo de corpos: educação física e gymnastica como práticas dos corpos de crianças no ensino público primário de Belo Horizonte (1897-1920).** 1999. Tese (Doutorado)– Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

VALERIM, Vera Regina Alves. **A cura das almas: Padre João Reitz e a comunidade da paróquia de Sombrio (1938/1963).** Mestrado em História. UFSC: Florianópolis, 1996. Programa de Pós-Graduação em História.

VIÑAO FRAGO, A. **Alfabetização na sociedade e na história.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

_____. **Historia de la educación e historia cultural.** Revista Brasileira de Educação, São Paulo, n.1, p. 63-82, set./dez.1995.

_____. **Do espaço escolar e da escola como lugar: propostas e questões.** In: VIÑAO FRAGO, A.; ESCOLANO, B. Currículo, espaço e subjetividade. Rio de Janeiro: DPA, 1998.

VINGREN, Ivar. **O diário do pioneiro Gunnar Vingren.** Rio de Janeiro: CPAD, 1982.

WERNET, Augustin. **A Igreja Paulista no século XIX:** a reforma de Dom Antônio Joaquim de Melo (1851-1861). São Paulo: Ática, 1987. (Ensaio, 120).

ZANOTTO, Gizele. **Tradição, família e propriedade (TFP):** as idiossincrasias de um movimento católico (1960-1995). Florianópolis: UFSC, 2007. Tese (Doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Programa de Pós-Graduação em História.

ZIVIANE, Ir. Maria Berenice. **Regina conta sua História.** 4. ed. Petrópolis- (RJ): Éditions du Signe, 1997.

FONTES CONSULTADAS

1. Consultas em sites:

Disponível em:

<<http://madreregina.sites.uol.com.br/carisma.html>>. Acesso em: 15/1/2010.

Disponível em:

<<http://acsc.com.br/historia-de-madre-regina>>
Acesso em: 18/1/2010.

Disponível em: < <http://acsc.com.br/>>.

Acesso em: 16/1/2009.

Disponível em: <<http://www.movendomontanhas.com.br>>.

Acesso em: 12/1/2008.

Disponível em: <<http://www.vatican.va/archive/cod-iuriscanonici/portuguese/codex-iur>>.

Acesso em: 12/1/2010.

Disponível em: <<http://paroquiasaoroque-mf.blogspot.com.br/>>.

Acesso em: 12/1/2009.

2. Escritas e iconográficas:

Maracajá (SC).

a) Paróquia Imaculada Nossa Senhora da Conceição.

Livro Tombo, Tomo 1 e 2 (1956-1989).

Relatórios da Paróquia à Diocese de Tubarão (1956-1968).

Decreto da Criação da Paróquia.

Caderno de Cartografia.

Jornais (Correio Rio Grandense, 1958).

Ofícios (1956-1966).

b) Centro Histórico Avetti Paladini Zilli.

Mapa dos 15 municípios que pertencem à Associação dos

Municípios do Extremo Sul de Santa Catarina - AMESC.

c) Arquivo particular de Lúcio Vânio Moraes.

Fotografias

Loja maçônica em Araranguá (2013).

Unidade Central de Saúde Bom Pastor (2013).

Crucifixo na Unidade Central de Saúde Bom Pastor (2011).

Ícones religiosos na atual capela do Bom Pastor (2011).

Sr. Osmar Nunes (2011).

Interior da capela da casa do Menor e Adolescente (2010).

Representação da Igreja Evangélica Assembleia de Deus em Maracajá sendo queimada (1948).

d) Arquivo particular de Valmor Teodoro Réus.

Imagem que representa o batismo dos protestantes (1960).

Araranguá (SC).

a) Paróquia Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens.

Livro Tombo, Tomos I e II (1894 a 1985).

Caderno Meus Rascunhos (1930 a 1950).

Livro de Batismo (1951 a 1965).

b) Fundação Municipal de Cultura.

Jornais.

A Verdade (1928-1929).

Campinas (1929 a 1938).

Tribuna do Sul (1955, 1959).

O Sul (1964, 1977, 1978).

Tribuna Criciumense (1978).

Correio de Araranguá (1960 a 1974).

Fotografias.

Primeira igreja matriz de Araranguá inaugurada em 1864.
 Vista aérea da cidade de Araranguá (2009).
 Segunda igreja matriz de Araranguá inaugurada em 1º de janeiro de 1909.
 Procissão em frente a segunda igreja matriz de Araranguá (1916).
 Antiga sede do hospital Bom hospital.
 Pe. Antônio Luiz Dias.
 Imagem da Imaculada Nossa Senhora Mãe dos Homens.
 Afonso Ghizzo (Prefeito Municipal de Araranguá).
 Imagem do dia da inauguração do hospital Bom Pastor.
 Hospital Bom Pastor.
 Religiosas nas visitas em comunidades rurais (1965).
 Mulheres no curso (1965).
 Comunhão Pascal dos Assistidos (1966).
 Doação de alimentos (1966).
 Construção das casas das religiosas (1959).
 Interior da sala de aula (1956).
 Primeira turma da escola técnica de comércio Madre Regina (1957).
 Novo prédio do Colégio Madre Regina (1959).
 Sala de ciências do Colégio Madre Regina (1959).
 Regimento Interno (1956).
 Primeira Comunhão para meninas (1956).
 Álbum de Catecismo (1957).
 Religiosas lecionando catequese para crianças dos distritos de Araranguá (1961).
 Cônego Paulo Hobold (1961).

c) Arquivo particular de Moisés Brasil.

Assembleianos em frente ao templo apedrejado em Araranguá (1960).

d) Arquivo Casa do Menor e Adolescente Madre Regina.

Crônicas (1951-1982).
 Histórico da Congregação de Santa Catarina em Araranguá (Brochura, 1955-1966).

Declaração do Prefeito Lino Jovelino Costa (1954).
Telegrama de 6/2/1958 do inspetor de Florianópolis (SC) de número 224.
Decretos (1951 a 1970).
Histórico Escolar Madre Regina, 1968.
Regimento Interno.
Caderno de Anotações Gerais.
Avaliações Escritas.
Fotografias.

e) Prefeitura Municipal.

Contrato da Congregação de Santa Catarina com o hospital Bom Pastor (1951).
Questionário Ambulatório do hospital Bom Pastor de Araranguá, 16/2/1952.

Florianópolis (SC).

a) Cúria Metropolitana.

Ofício da Cúria Metropolitana de Florianópolis, 11 de janeiro de 1951.
Carta da Cúria Metropolitana de Florianópolis, 22 de junho de 1951.

b) Arquivo da Assembleia Legislativa de Florianópolis (AALF).

Procedência – Governamental. DO. 6.471 de 28/12/59. Fonte – ALESC/Div. Documentação. Palácio do Governador do Estado de Santa Catarina. Florianópolis (SC).

Criciúma (SC)

a) Paróquia São José.

Livro Tombo (1897-1955).

b) IBGE (Instituto Brasileiro Geográfico e Estatística). Livros (1950, 1960, 1970, 1980, 1991, 1990, 2000)

Tubarão (SC).**a) Paróquia Nossa Senhora da Piedade.**

Livro Tombo 2, (1895-1975).

b) Arquivo Histórico Cultural.**Jornais.**

A Imprensa (1913, 1922, 1925, 1934, 1936, 1941, 1967, 1968).

Correio do Sul (1936).

Correio Sulino (1963, 1964, 1966).

Novo Hamburgo (RS).**a) Província Santa Catarina Sul-Brasileira.**

Carta solicitação da Congregação de Santa Catarina, 24/4/1900.

Carta aprovação da instalação da Congregação de Santa Catarina, 10/7/1900.

Relatório dos primeiros anos em Hamburgo Velho. 15/8/1902.

Livro Crônica, 3/2/1908. Criação da Província Santa Catarina Sul-Brasileira.

Rio de Janeiro (RJ).**a) Arquivo da Casa Madre Regina, Petrópolis (RJ).**

Ata da Reunião do Conselho Provincial. 16/3/1949.

Carta enviada à coordenadora da congregação de Santa Catarina em 15 de abril de 1949.

Ata da Reunião do Conselho Provincial. 15/1/1950.

Histórico da Presença das Irmãs de Santa Catarina em Cocal (SC). 29 de março de 1950.

“Breve Histórico das Irmãs em Cocal”.

Histórico da Fundação do hospital Bom Pastor em Araranguá, 1951.

Panfleto: REGINA. Publicado por Convento Madre Regina.

3. Entrevistas.

Alice de Jesus Gaspar, 82 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 17/6/2011.

Elvira Castro, 76 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 23/9/2008.

Elzira de Bem, 78 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2013.

Eliete Vieira Benicá, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2009.

Custódia Leandro, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 19/11/2011.

Francisco de Souza, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 2/7/2009.

Francisco Teodoro Machado, 89 anos. Entrevistas concedidas à Lúcio Vânio Moraes em 11/7/2002; 15/6/2012.

Germana Nordete Werner, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 13/10/2012.

Hercílio Valter Macan, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 5/7/2009.

H. L. P, 75 anos. Entrevista não gravada concedida à Lúcio Vânio Moraes em 3/10/2011.

Isaura Lepanto Dias, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 7/2/2013.

Isaura Fernandes, 63 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2010.

Jorge Mateus Hercílio, 76 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 5/9/2009.

Judite Santos Pirola, 77 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 10/11/2011.

Lourdes de Castro Venâncio, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 14/2/2009.

Luzia Fermiano Custódio, 83 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 21/3/2009.

Maria Albino Machado, 82 anos. Entrevistas concedidas à Lúcio Vânio Moraes em 15/3/2002; 19/4/2008; 21/7/2011.

Maria de Souza da Silva, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 19/3/2010.

Maria Tereza Nunes de Souza, 82 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.

Maria de Lourdes Borba, 78 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 7/6/2009.

Maria do Carmo Almirão, 70 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 24/3/2011.

Marta de Aguiar Silveira, 74 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 21/4/2009.

Orlando Machado, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 17/10/2011.

Osni da Silva, 78 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 1/7/2011.

Osmar Nunes, 73 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 22/3/2011.

Oswaldo Martins Leffi, 72 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 5/3/2007.

Rosa Avantino Leocádio, 73 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 5/12/2009.

Salvatina Silva Flor, 79 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 14/3/2007.

Valdete Assis de Oliveira, 74 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 13/6/2008.

Vendramino Zilli, 80 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 12/5/2013.

Verônica De Vechia, 81 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 15/3/2010.

Virgínea Lopes Grugger, 76 anos. Entrevistas concedidas à Lúcio Vânio Moraes em 5/6/2010 e 4/9/2010.

Vitória Regina Machado, 82 anos. Entrevista concedida à Lúcio Vânio Moraes em 12/3/2009.